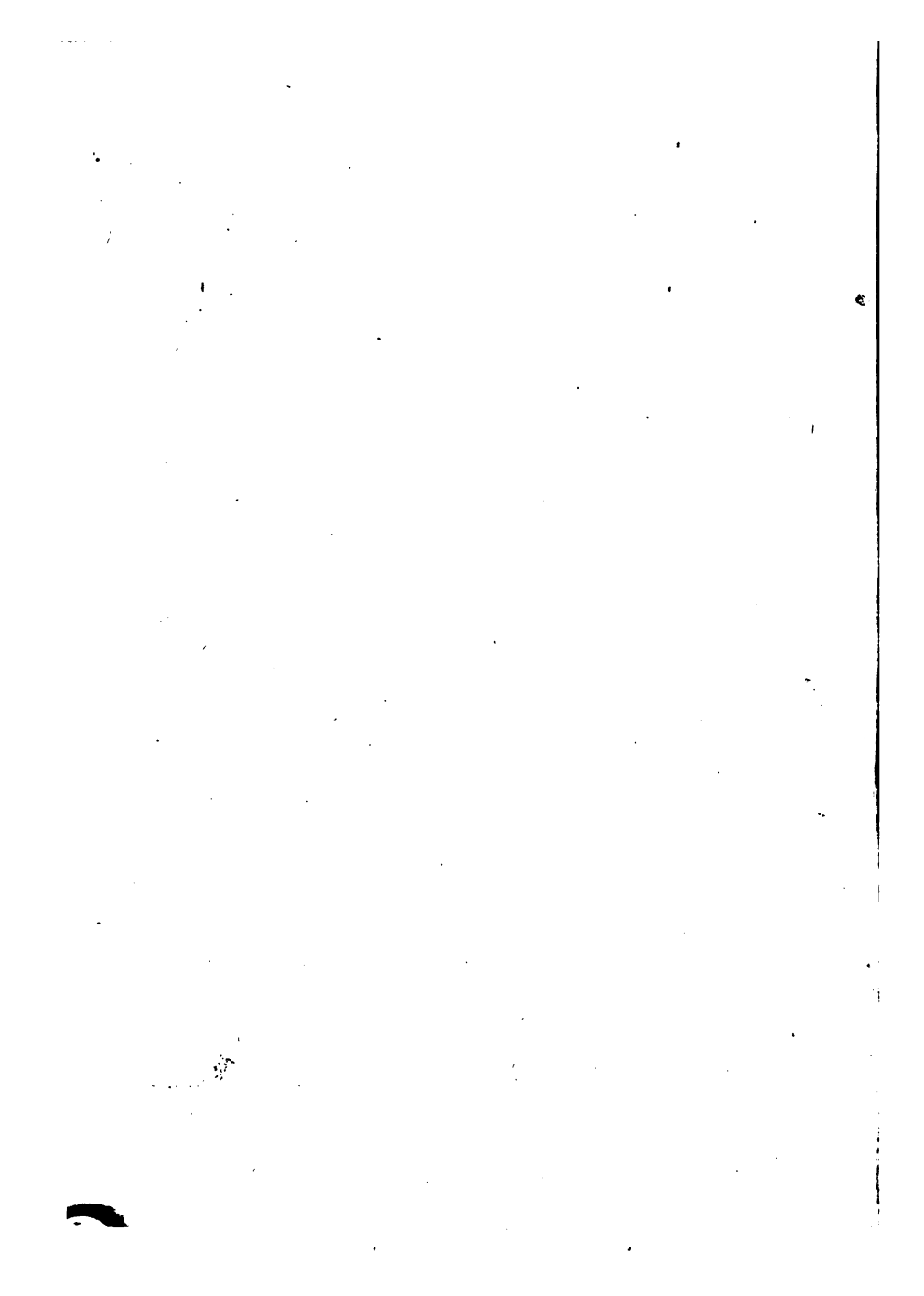
Diogo de Vasconcellos

HISTORIA ANTIGA DAS MINAS GERAES

OURO PRETO

Beltrão & C. — Livreiros editores

1901

HISTORIA ANTIGA

DAS

MINAS GERAES

POR

Diogo de Vasconcellos

OURO PRETO

Beltrão & C. — Livreiros editores

1901

ADVERTENCIA

Em 1898, no dia de S. João, tendo na fórma do antigo costume, ouvido a Missa na Capella do Morro, por ahi me conservei algumas horas em meditáção depois que o povo retirou-se. Fazia no acto dous seculos que a Bandeira de Antonio Dias alli chegou para descobrir o Ouro Preto.

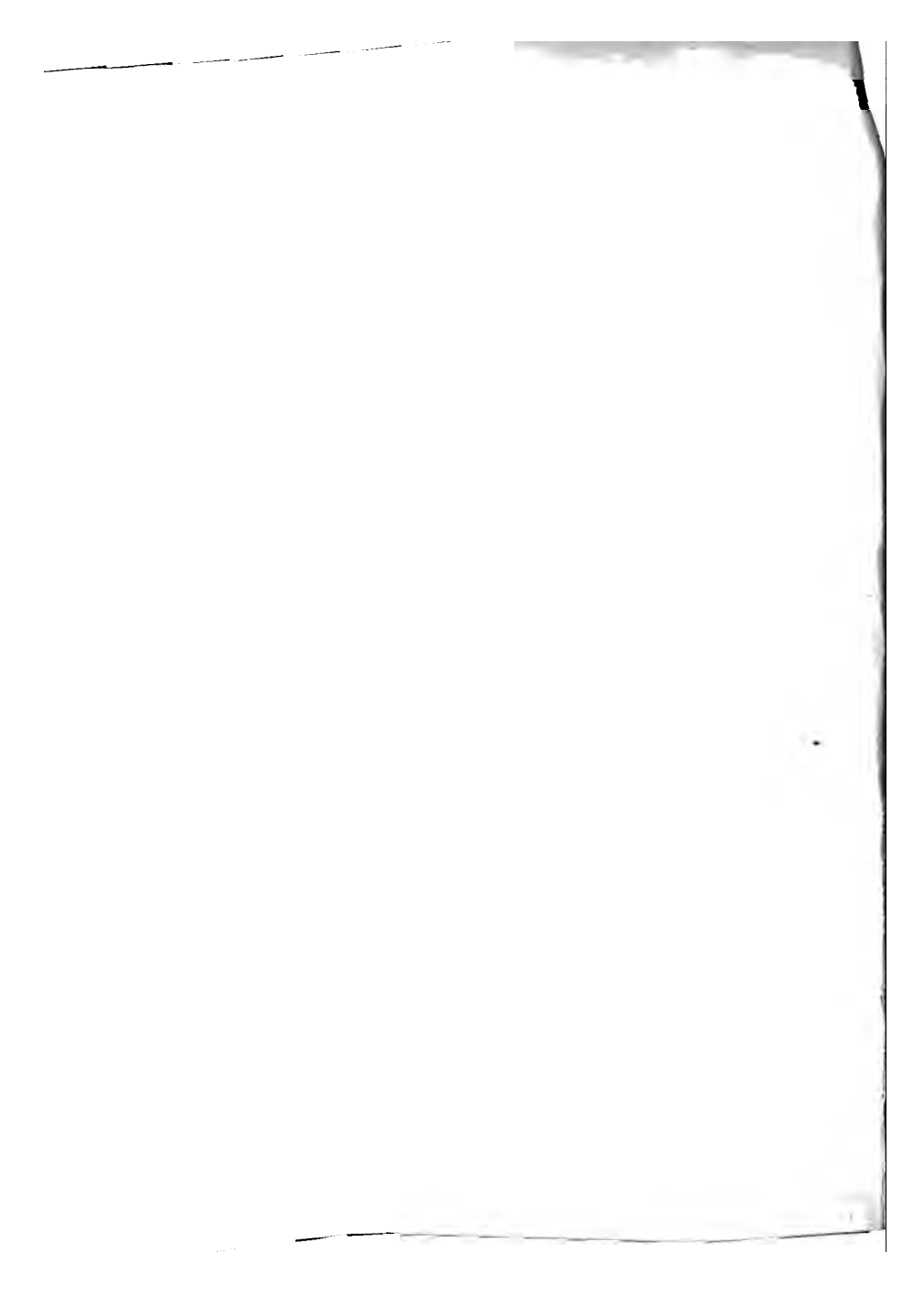
Concebi então o projecto de reunir as memorias, que tinha, dos factos succedidos n'essa epocha remota, pouco estudada, e muito mal dirigida pelos Escriptores até hoje acceitos, como depositarios da tradicção. O meu projecto, apenas começado, vi que não era tão simples como suppuz. A historia não se póde decernir aos pedaços. Assim o que aqui apresento não está bem nas condições como desejei; e apenas poderá despertar algum gosto pelas cousas antigas, a quem as quizer colligir com elementos melhores de successo.

Accresce que, precisando eu de cuidar constantemente das necessidades da vida, só pude empregar as horas vagas e os dias de ferias, alternativas, que o leitor facilmente observará na desigualdade das paginas escriptas; e assim desculpará os muitos defeitos, que infelizmente encerram.

O contacto, em que andei com o passado, deu-me de lucro recolher algumas outras notas, que farei todo o possivel de concertar para a publicidade, como são as referentes ao conflicto dos *Emboabas*, e aos *Limites de Minas*, historia ultima esta, que ainda não foi publicada e nem escripta.

Offerecendo, pois, este meu trabalho aos leitores, espero compensar em outros as faltas, que não pude agora evitar. Inspirado no dia do 2.º Centenario de Ouro Preto, bem é que o ponha sob os auspicios de tantos corações, que prezam a esta nossa amada Cidade. « *Procerum generosa propago; armorum legumque parens.* »

Agua Limpa, 31 de Dezembro de 1900.

Diogo L. A. P. de Vasconcellos

ORIGEM HISTORICA DAS MINAS GERAES

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES

CAPITULO PRIMEIRO

I

THOMÉ DE SOUZA

O Brazil, como se sabe, foi tido e havido á primeira vista por simples ilha, perdida no Oceano, sem utilidade immediata. Solo abafado em florestas, praias solitarias, golfos silenciosos, incolas nús, á semelhança de bestas, nada em verdade aqui houve para attrahir a cobiça dos nautas enlevados, como vinham, pela miragem das Indias.

Na epocha do descobrimento, a propria obra de Colombo esmava-se de inferior á do Gama ; e, pois, não foi para se extranhar, que nossos antepassados preferissem o Oriente, si afinal desabrochava para

elles em realidade o sonho, que entretinha a Europa desd'os tempos de Alexandre. Alli, nações e imperios opulentos, cidades immensas, povos industriosos, civilisação antiquissima, principes decadentes, um mundo, emfim, dobradiço á todos os jugos, á espera sempre de novos donos: eis o prospecto da conquista, que tinham a peito, dilatando ao mesmo tempo, que o da patria, o recinto christão. Não podiam, consequentemente, achar nas aguas merencorias do monte Paschoal a sereia, que os encantasse, a elles, que encetavam o mais sublime episodio de sua portentosa epopéa.

Não dispunha, em tanto, o pequeno reino de forças, nem de cabedaes ao nivel do proprio heroismo; e por isso cahiu logo em tanta penuria financeira, que seu Rei, Dom João III, tendo tudo gasto, e tudo empenhado, para sustentàr as armadas, foi considerado na conta de soberano o mais pobre da Europa. « Portugal, advertia a Curia Romana ao Nuncio em Lisbôa, tem chegado á tal limitação, que é de pouquissimas forças; e seu Rei, alem de pobrissimo, com grandes dividas dentro e fora do Reino, e pesadissimos juros, que tem de satisfazer, é mal visto do povo, e muito mais ainda da nobreza. » Foi nestas circumstancias, que o Brasil entrou a figurar no equilibrio da Metropole.

*

Noticias vagas, mas insistentes, começavam então a girar, de grandes riquezas mineraes, jacentes no sertão, a sudoeste da Bahia, 200 leguas a dentro; onde, posto que difficil, seria possivel penetrar; e taes bóatos tanto mais vinham para se crer, quanto o exemplo das maravilhosas jazidas do Perú os ani-

mava. E, com effeito, a natureza não seria tão parcial de se suppôr, que negasse a este lado do continente o que ao outro havia prodigalizado a mancheias. Alem disso, como se vê das instrucções, que traziam os aventureiros de Porto Seguro, o Rei com todo o cuidado recommendava-lhes, não se adiantassem muito contra o interior; afim de não invadirem as possessões hespanholas: tal era a suspeita da visinhança, que mais fortificava aquella persuasão.

Quanto aos boatos, que assim se incorporavam, de dia em dia mais calorosos, tinham effectivamente uma força de razão indiscutivel; pois nasciam dos proprios aborigenes. Diogo Alvares Corrêa, o chamado Caramurú, tendo longos annos vivido em meio d'elles, colheu e mandou para Portugal os primeiros informes d'aquellas riquezas; e, não ha duvidar, proveio d'essa moção o relatorio, que o embaixador em Paris enviou a El-Rei Dom João III. (1)

(1) Personagem positivamente historico, o Caramurú tornou-se todavia figura de legenda. Nunca disse e nem se soube em que náo, e em que tempo naufragou. Elle, e o bacharel Chaves encontrado em Cananéa, mais crivel é que fossem os dous degradados postos em abandono por ordem de Cabral; e que mudaram de nome por conveniencias manifestas. A viagem de Caramurú com a mulher indigena, com quem se casou, filha do cacique Cunãbebe, é puro romance anachronico; porque Henrique II e Catharina de Medicis subiram ao throno em 1547, anno justo, em que o Caramurú naufragou, voltando dos Ilheus, com o Donatario Coutinho, na Itaparica, e d'esse anno em deante o romance não teria logar. O nome de Catharina, dado á Paraguassú, mais provavel é que se tirasse da Rainha de Portugal, tambem Catharina, mulher de D. João. Mas, pela Bahia desde 1503 começaram a passar muitos navios dos armadores de Dieppe; e será por meio de um d'elles, que o Caramurú enviou o seu relatorio ao Embaxador Portuguez em França.

Não menos imaginario é o nome tirado ao espanto da arma de fogo, episodio alias bem certo. Caramurú significa *moreia*, peixe que se apanhava entre as pedras do mar. Chamaram-no Caramurú-guassú (moreia grande), por apparecer entre as pedras.

De posse das informações, e, querendo o Rei acabar com os entrelopos extrangeiros, que frequentavam o Brasil e commerciavam com os indios, alem de ser conveniente encetar a obra dos descobrimentos, determinou se colonizasse a costa; mas, não tendo recursos proprios, serviu-se da iniciativa individual; e neste pensamento dividiu a nova terra em doze provincias, dadas em senhoriagem a pessôas, que as quizeram acceitar, sob a condição de proverem ao governo e ao povoamento d'ellas.

*

Coube a Bahia em sorte a Francisco Pereira Coitinho, que installou a capitania em 1537, achando em Caramurú o seu mais dedicado servidor. Vivia este no sitio da Villa Velha, onde hospedou o donatario; e ahi deram ambos começo á projectada colonia. Convem observar como esses titulares, dispostos a se embarcarem para a America, vendiam o que tinham, sacrificavam cabedaes e credito e abandonavam o regaço da terra natal por uma outra desconhecida e bravia; passo que não se poderia explicar senão pela esperança de grossas riquezas. Pensavam que o Rei, como fazia o de Hespanha, repartiria com elles as minas e os indios, conduzidos á escravidão ou á regimen equivalente. (2)

O systema de relações com os indios foi, como sabemos, o da senhoriagem exercida, em crescente

(2) Effectivamente, vindo o Reino a pertencer ao Rei de Hespanha, foi o que depois succedeu, como se vê do art. 10 do Regimento das Terras Mineraes do Brasil de 8 de Agosto de 1618 mandando repartir os Indios pelos senhorios das minas com a clausula de serem sustentados, não trabalharem de mais e de serem pagos a salario. Imagine-se que sophisma! O mesmo dispunha o Regimento das Minas de Prata de Itabaiana de 28 de Junho de 1673, e com maior hypocrisia.

crueldade, á proporção que os infelizes desconfiados começaram a fugir e a odiar os colonos. (3)

Na Bahia principalmente os europeos opprimiram e vexaram os naturaes de modo, que não passou muito tempo até que rebentou o conflicto, fundindo-se a colonia no mais estrondoso desastre, que nunca se viu. Com effeito, dando-se alli uma rixa, em que foi morto por um novato o filho de certo indio principal, a guerra soltou-se com a furia dos rancores condensados; e, após oito annos sem treguas, finalisou pelo desbarato inteiro dos dominadores. O donatario, para escapar á morte, e bem assim o Caramurú, accusado por cumplice de seus compatriotas, tiveram de embarcar para a capitania proxima dos Ilheos, pertencente a Jorge de Figueiredo Corrêa, acaso mais feliz por te-la povoado com os *tupinaki*, tribu benevola, que recebeu em 1500 a visita de Pedro Alvares Cabral.

Eram os *tupinaki* profugos do sertão das esmeraldas, de onde os expulsou, annos antes, a nação ferocissima dos *Aymoré*, formidaveis canibaes. Os vencidos, derramando-se por isso em todo o littoral, desde Camamú ao Cricaré (S. Matheus), não somente povoaram os Ilheos, mas tambem o Porto Seguro, capitania esta que sobre todas floreceu, graças á prudencia e tino de seu donatario, Pero de Campos Tourinho. Nobre cidadão de Vianna do Minho, o mais morigerado districto do Reino, aportou com toda a sua familia, parentes e adherentes em grande numero, trazendo o necessario para um bom estabelecimento; e logo fundou tres villas, que prosperaram na melhor ordem, como se viu, com o concurso d'aquelles indios facilmente amolgados á vida civil.

(3) Chamavam aos brancos *Caraiba*, ou *Carib*, que queria significar *animal voraz e ruim*. *Car* e *iba*, raizes que trazem a idea de dilaceração e maldade. (Couto Magalhães— *O Selvagem*.)

Não lhe foi, porem, de somenos importancia deparar em Porto Seguro com a velha Feitoria, que D. Manoel mandara erigir a bem do commercio do pao-brasil (ibirapitanga); na qual, apesar de arruinada, viviam alguns portuguezes, que serviram de guia e de interpretes aos recemchegados compatriotas.

Entretanto, com o commercio dos Europeos, e a boa administração, a principio introduzida, a Bahia tinha avançado o sufficiente para não retroceder á vida selvagem; e pois, decorrido algum tempo, serenando-se os animos, que se inclinaram a crer foi excessivo o castigo imposto ao donatario, mandaram emissarios aos Ilheos, afim de o convidarem a que voltasse á sua capitania, onde lhe promettiam paz e obediencia Temiam os bahianos, alem disso, que o Rei mandasse arrasar a colonia revoltada.

Como quer que fosse, Coitinho, apenas recebeu a deputação, por demais enojado com a vida ingloria de exilado, em terra alheia, deliberou partir sem demora; mas com tão calamitosa estrella, que, contrastado por furiosos temporaes, deu com a náo sobre os cachopos da Itaparica e cahio prisioneiro, com todos os seus, sendo todos devorados pelos gentios, menos Caramurú, a quem a mulher salvou, commovendo lacrimosa os barbaros de sua raça.

Considerada em consequencia a capitania acephala, o Rei deliberou incorpora-la á Corôa, afim de que se erigisse na Bahia a séde de um governo forte, palpitante necessidade da colonia, quer para se reprimir a guerra dos indios, generalisada por toda a costa, quer para se impedir o trafico dos corsarios, que salteavam as nascentes povoações littoraneas e as saqueavam.

Situada em posição feliz, dispondo de insigne ancoradouro e de terrenos gratos a toda sorte de ge-

neros tropicaes, a Bahia, elevada á capital do Brasil, recebeu festejante o primeiro Governador Geral, Thomé de Souza, a 29 de Março de 1549, cuja administração começou immediatamente com o applauso de todos; mas com o especial concurso do Caramurú, bemfazejo vulto, que assistiu á iniciação de nossa patria, desde os mais remotos tempos historicos.

II

EXPEDIÇÃO DE SPINOSA

Na frota do Governador Geral, composta de cinco náos, alem do pessoal administrativo, transportaram-se 600 voluntarios, 400 degradados, colonos e operarios, destinados ao povoamento da nova cidade, que vinham edificar para substituir a Villa Velha, cujo local demonstrou-se, pelas vezes que foi assaltado, muito facil ao accesso dos selvagens. O que, porem, devemos mencionar, como de maior conta, foi a chegada tambem dos primeiros Jesuitas, que vinham á catechese, então confiada á padres incompetentes e desmoralisados. Os Jesuitas foram, Manoel da Nobrega (superior), João de Aspicuelta Navarro, Antonio Perez e Leonardo Nunes (Presbyteros). Vicente Rodrigues e Diogo Jacomo (irmãos).

Escusado é lembrar a situação, que o primeiro Governador veio encontar. Alem da construcção da cidade, e da machina administrativa, que tinha de montar, a subversão dos costumes, a anarchia, e toda a caterva de vicios, formavam os peiores inimigos, que tinha a debellar (4).

(4) A carta de Agosto de 1549, escripta pelo Padre Nobrega ao Provincial da Companhia de Jesus, é uma acta d'essa epocha. . polygamia e a devassidão campeavam em absoluto. É nessa cara que o Padre pedia que lhe mandassem mulheres do Reino, ainda que ossem *erradas*, si não tivessem de todo perdido o pudor, para casa-las.

Logo, porem, que se desafogou dos principaes trabalhos e mais urgentes, acertou o Governador de se entender com o negocio dos descobrimentos, tão instantemente recommendado pelo Rei, querendo mesmo levar a gloria, quando voltasse, de os haver iniciado.

Como alludimos, foi o Caramurú o primeiro informante a respeito dos sertões, e, na vez que esteve refugiado na Capitania dos Ilheos, teve tempo de conferir com os *Tupinaki* as noticias, que já os *tupinā-bá* lhe haviam dado na Bahia; pois estes outr'ora perambularam tambem o sertão, de onde foram expulsos pelos *tupinaên*, sendo que pricipalmente do Sincorá tratavam, por onde haviam descido em busca do Paraguassú (5).

Por toda a costa era, por tanto, corrente a tradição das esmeraldas, que os indios, pela observação das vestimentas e do apreço, que os brancos devotavam ás pedras e metaes preciosos, entenderam noticiar como existentes, exagerando mesmo a possança das jazidas.

Em Porto Seguro, civilizando-se elles de prompto, e se congraçando com os portuguezes, não somente fixaram conhecimentos mais amplos, senão tambem indicaram por onde os caminhos dariam mais certo.

Neste particular, Thomé de Sousa, correspondendo-se então com Pero de Campos Tourinho, habilitou-se a pôr hombros á empresa; e principalmente se alegrou, sabendo que em Porto Seguro havia um castelhano, Francisco Braza Spinosa, egresso do Pe-

(5) Os *tupis* dividiram-se em *tupi-na-bá* (tupi parentes legitimos), em *tupi-na-ên* (tupi-parentes novos), e em *tupi-na-ki* (tupi parentes máos). Os *nabá* foram expulsos do Paraguassú pelos *naên* para a Bahia; e os *naki* pelos Aymoré para os Ilheos e Porto Seguro.

rú, com pratica especial de procurar os metaes, onde quer que os houvesse; e aventureiro que se offerecia, mediante clausulas vantajosas, a sahir em busca das esmeraldas, quando ao Governador bem parecesse. Assim, no intento de visitar as capitanias do Sul, e d'ellas dar contas ao Rei, tanto como de instruir e ordenar a diligencia de Spinosa, partiu Thomé de Souza para Porto Seguro nos ultimos tempos de sua administração (6).

Em companhia do Governador, alem dos officiaes e funccionarios civis, embarcou tambem o Padre Nobrega em serviço de seu ministerio, inspeccionando as Missões, que já então se haviam distribuido. Ao Padre Navarro confiou-se a de Porto Seguro; e como Thomé de Souza se entendesse com o Superior Nobrega para que o mesmo Navarro entrasse de Capellão na comitiva, concordou tal pedido com os desejos deste, manifestados a Pero de Campos Tourinho; e foi effectivamente nomeado.

(6) Na Thesouraria da Bahia ha os seguintes documentos:

« N. 1262. Aos 8 de Março de 1553 passou o Provedor Mor André Cardoso de Barros dous mandados para Pero de Pina, Feitor da Capitania de Porto Seguro, que désse a Spinosa Castelhano, na dita Capitania morador, todo resgate, que hovesse mister para ir ao Sertão a descobrir por mandado de Thomè de Souza ».

« Aos 12 de Março de 1552 passou o provedor Mor mandado ao dito Thesoureiro João de Araujo, que entregasse a Pero de Pina, Feitor e Almoxarife de Porto Seguro, os resgates seguintes: 45 covados e 3 quartos de panno vermelho de 35 reis o covado: 40 tesouras de 240 reis cada uma: 20 maços de matamundo de 100 reis o maço: 30 duzias de pentes de 10 a real: 30 maços de 4 a real: 12 chapeos de 140 cada um: 3 barris de pao para ir ao resgate.

Entre as duas éras —1553 e 1552— acima inscriptas, deve prevalecer a de 52, sendo a outra um erro evidente, de copia talvez. A relação dos objectos deve ter sido feita depois dos dous mandados. Thomé de Souza largou o Governo a 3 de Março de 53. Os mandados devem ter a data anterior á sua viagem ao Sul.

As difficuldades, emtanto, apostadas á organização da empresa, illudiram a esperança de Thomé de Souza, deixando elle de ver, quão desejava, a partida de sua expedição; mas as cousas ficaram em tal pé, que ella effectivamente se poz em marcha nos primeiros dias do governo de Duarte da Costa (13 de Junho de 1553).

Historiando esta primeira investida ao Sertão, diz o Padre Navarro, em uma das Cartas Avulsas da Companhia de Jesus:.....internaram-se os sertanistas, como convinha a um paiz inteiramente desconhecido, com todas as cautelas; e, depois de muito andarem, chegaram ao Rio Grande (Jequitinhonha), de onde subiram e perlongaram uma dilatada serra, até onde nasce o rio das Ourinas (Rio Pardo)... D'ahi seguiram a um rio caudalosissimo (o S. Francisco), do qual retrocederam exhaustos; e tambem porque, apesar do numero de indios, a comitiva só podia contar com 12 companheiros seguros.

« Eram, descreve o Padre, aquelles sertões ainda virgens, intractaveis a pés portuguezes. difficultosissimos de penetrar, sendo necessario abrir caminhos á força de braços, atravessar innumeras alagoas e rios, caminhar sempre a pé, e pela maior parte sempre descalços; os montes fragosissimos, os mattos espessissimos, que chegavam a impedir-lhes o dia. Entre estes trabalhos muitos desfalleciam, muitos perdiam a vida ». Tal foi a primeira expedição que devassou o nosso territorio. Si seus fructos foram nullos, quanto ao proprio objecto, serviu ella ao menos para dar a conhecer o Sertão, do qual Spinosa tomou as latitudes, examinou os terrenos, e colheu informações, encontrando indicios geologicos de ouro e de outros metaes sobre certificados tambem mais positivos da região diamantina, como de facto mais tarde se descobriu A dila-

tada serra, que perlongaram, foi a do Grão Mogol, da Itacambira, das Almas, nomes diversos, serra por onde se vae do Serro aos Montes Altos do sertão bahiano, formando o districto que os indios annunciavam, quer os que haviam descido a fio dos rios mineiros para a costa de Porto Seguro, quer os que pelo Paraguassú levaram para a Bahia as informações, de que se instruiu o Caramurú.

A historia, guardando em suas cavas memorias preciosas, sente-se no dever de restituir á luz das tradições o nome deste aventureiro celebre, a cujo respeito Mem de Sá se exprimiu, na Carta de mercê que lhe concedeu em 1560 «.....castelhano, grande lingoa, homem de bem, de verdade e de grandes espiritos».

Entretanto, os fructos colhidos pelo Padre Navarro foram copiosos; porque arrebanhou grande numero de indios para os aldeamentos da Companhia de Jesus em Porto Seguro. Spinosa por tanto foi o primeiro conquistador que pisou em nossa terra; e o Padre Navarro o primeiro Apostolo que n'ella proclamou a nossa religião.

III

EXPEDIÇÃO DE D. VASCO

Dom Vasco Rodrigues Caldas, sendo vereador na Bahia, mui dedicado á causa publica, animado com as noticias do sertão, colhidas por Spinosa, e sempre confirmadas pelos indios que chegavam, acertou de emprehender uma entrada no sentido de concluir a diligencia. Como já notamos, o districto das pedras preciosas, cousa que depois se verificou, era extenso e denunciado pelos indios segundo a posição de que sahiam para o littoral. Mas na mente dos aventureiros figurava-se, como limitado a um só ponto,

para onde corriam os varios roteiros. A noticia agora, que animava a Dom Vasco, sendo especialmente relativa ás riquezas do Sincorá, pensou elle que, subindo pelo Paraguassú, encontraria o mesmo cantão reconhecido por Spinosa, cujo mau exito, se dizia, proveio da insignificante companhia, com que se aventurou. Querendo por tanto Dom Vasco emendar-lhe a mão, partiu com 100 homens, em 1562, caminho do Paraguassú, pelo qual se entranhou 70 leguas acima; com a infelicidade, porem, de encontrar os *Tupinaên*, ferozes dominadores do rio; pelo que teve de retroceder, completamente desbaratado deante dos barbaros, segundo o Padre Leonardo do Valle, a quem se deve a menção desta tentativa. Tanto, porem, era a fé de Dom Vasco Rodrigues, que na occasião, que se lhe offereceu, partiu para Lisbôa a effeito de organisar uma outra expedição; mas de lá não voltou.

IV

EXPEDIÇÃO DE CARVALHO

O mallogro destas diligencias teria por muito mais tempo desanimado o espirito dos aventureiros, si um novo incidente suggestivo não viesse a tempo de inflammar as ambições. Em 1570, occorreu que alguns indios, descendo do Arassuahy, e, sabendo como os europeos estimavam as pedras brilhantes, trouxeram para Porto Seguro grande quantidade das que suppunham ser esmeraldas. Submettidas a exame, verificou-se que effectivamente o eram; mas de nenhum valor, visto se acharem estragadas pelo sol, indicativas emtanto que nas camadas inferiores da jazida se deveriam encontrar das mais finas e bellas. Deante disto, Martim de Carvalho, á frente de 50

companheiros, tomou o caminho do sertão, por onde penetrou 200 leguas, e colheu varias amostras de pedras e metaes; mas teve de retroceder diante das contrariedades, que as molestias e os barbaros lhe oppozeram. Descendo porem pelo S. Matheus, a canôa, em que transportava as amostras, cahiu de uma cachoeira, ficando assim completamente perdidos os sacrificios desta comitiva. Pero de Magalhães Gandavo, que nos conservou a memoria desta aventura, segundo o novo itinerario, tendo d'ella feito parte, concorreu para elucidar a posição do districto para onde então convergiam todas as esperanças; e n'isto resumiu-se o esforço de Martim de Carvalho.

Entrementes, sabemos que tambem por estes tempos, do Maranhão e da Bahia empregavam-se esforços para a catechese no interior dos sertões. Em carta dirigida ao Rei sobre as Missões, datada de 1660, 11 de Fevereiro, o Padre Antonio Vieira diz que com o Padre Manoel Nunes sahiu em diligencias de seu ministerio 250 leguas a dentro do sertão, e foi ter á confluencia do Araguaya com o Tocantins, e neste a 6 graos arrebanharam 300 indios *Inhanguera* (Anhangueras); e decidiram a ser catechizados os Poquiguari e os Tupinambá. Não havendo, porem, relação entre a nossa historia e estas outras expedições, d'ellas não faremos particular indicação.

V

EXPEDIÇÃO DE TOURINHO

A certeza inabalavel dos thesouros mineraes, progressivamente augmentada por estas expedições, suggeriu a famosa exploração de Sebastião Fernan-

des Tourinho, sobrinho do donatario de Porto Seguro, moço de grandes espiritos. Tomando conhecimento mais completo, e combinando as indicações communs dos roteiros, deliberou resolver o problema pela directriz do Rio Doce, evitando assim o paiz dos Aymorés, que dominavam a serra e as passagens de Porto Seguro. Com os elementos de que dispunha, organizou uma tropa de 400 sequazes, bem municiados, e, vindo para a foz do Rio Doce, tentou invadi-lo; mas a força da correnteza, em lucta com o mar, não só o repelliu, mas causou-lhe avarias e damnos irreparaveis; pelo que dirigiu a comitiva para a villa do Espirito Santo, no interesse de augmentar os aprestos, e tambem de esperar em bom pouso que voltasse a estação favoravel. Effectivamente, no outomno do anno seguinte (1673), tornou a caminho, mas agora em linha horisontal ao Guandú, pòr cuja costa desceu até onde podia atravessar, buscando as aguas navegaveis do Manhuassú; e desde então passsou-se para o Rio Doce, encontrando por ahi o seu leito apaziguado acima das cachoeiras. Pelo Rio Doce assomou para a barra do Coaraceci (rio do sol), no qual sulcou 40 leguas; e neste ponto, que as cachoeiras interceptavam, saltou em terra, andou 30 leguas, e colheu bellissimos exemplares de pedras azues. Mais adiante 6 leguas, colheu saphyras, esmeraldas, e crystaes de primeira qualidade, alem de boas amostras de minerio aurifero, jazidas todas que ficavam junto a uma serra fragosa e coberta de mattas espessas, cuja altura da base ao pico se calculava no tamanho de uma legua, e que se suppõe ser o *Itambé* (pedra aspera). D'ahi transpondo a serra, a comitiva seguiu e se achou no *Jequitinhonha,* pelo qual fez caminho ao littoral e foi ter á

Bahia. O exito feliz desta jornada, como soe acontecer sempre, deferiu a Tourinho a palma de primeiro descobridor de nosso territorio, sem embargo de ser apenas o afortunado continuador dos precedentes.

VI

EXPEDIÇÃO DE ADORNO

O successo de Tourinho determinou o governo, já de si muito instigado pelo Rei, a cuidar mais seriamente das cousas relativas ao Sertão; e pois, Luiz de Britto, Capitão Governador da Bahia, apparelhou uma nova expedição, composta de 150 brancos e 400 indios; a qual fez seguir sob a conducta de Antonio Dias Adorno, sertanista famoso. (7) Tomando a si a empresa, escolheu Adorno a directriz do rio das Caravellas, como atalho para a Serra dos Aymorés, circumstancia esta que serve para demonstrar como activamente se estudavam as veréas do Sertão. Alem da Serra, e entrando francamente no districto das Esmeraldas, colheu-as em grande numero tão bem como tormalinas verdes e azues, reconhecendo positivamente os indicios de ouro e de outros metaes. Deste ponto, em obediencia ás instrucções do Governador, alargou-se, quanto convinha, a dentro do sertão, no intuito de fazer uma viagem redonda para a Bahia, e verificar o aspecto

(7) Era filho do italiano Paulo Adorno e de Philippa Dias, casados na Capellinha da Graça em 1534 por Frei Diogo de Borba, quando passou pela Bahia na frota de Martim Affonso de 'ouza, vindo para sua capitania de S. Vicente. Philippa era filha e Paraguassú e de Diogo Alvares. O sobrenome *Dias* signica filho de Diogo, do latim Didacus, Didaces, Diaces, Dias. Os antigos alhavam a pronuncia das consoantes no meio das palavras, como le Pedro fizeram Pero; de Rodrigues Roriz etc.

do paiz comprehendido n'esse vasto circuito. As forças porem lhe foram desfalecendo e cahiu doente no Jequiriçá em casa de Gaspar Soares, onde foi generosamente agasalhado. A curiosidade dos ouvintes, despertada pelo aventureiro, não cansava de lhe pedir cada vez mais particularisada a descripção da viagem; senão quando, maravilhado e acceso de ambição, a nada mais attendeu João Coelho de Souza, cunhado de Soares, e partiu na trilha de Adorno. Alcançando facilmente o districto indicado, colheu preciosas amostras; mas viu tambem que, sem uma exploração regular, era impossivel obter-se o proveito das jazidas. Pelo que, voltando na intenção de apparelhar o serviço, foi subitamente salteado pela morte, á pouca distancia do Jequiriçá. Antes, porem, de morrer mandou entregar a seu sobrinho Gabriel Soares um roteiro com instantes recommendações, que fosse á Europa solicitar do Rei auxilios e mercês tendentes ao bom exito do descobrimento. As riquezas que viu, dizia-lhe, para que se transmittisse ao Soberano, eram por si capazes de restaurar os thesouros da corôa e faze-la a mais rica do mundo.

CAPITULO SEGUNDO

PERIODO HESPANHOL

I

GABRIEL SOARES

Quando Gabriel Soares apresentou-se na Europa, já reinava sobre Portugal o Rei Philippe II de Hespanha (1586).

Absorvido quasi que exclusivamente pelos negocios da politica externa, um rei apenas haveria mais assoberbado na epocha. Desabava para o sul da Europa a borrasca protestante, bellicosa, conquistadora; e Philippe II, successor de Carlos V, era o chefe militar do catholicismo. Seu vasto imperio, que o sol nunca deixava de allumiar, esboroava-se e combalia de lado a lado.

Os Estados Flamengos insurgiam-se. As possessões da Italia sofriam o contraste dos interesses dynasticos.

E na propria peninsula, Portugal, consideran-o-se presa da usurpação, dos inimigos era o ais perigoso. Colonia então o Brasil, onde in-resses de nobres não transigiam com o jugo ex-

trangeiro, ardia sem tregoas nem disfarces o espirito da independencia. Não se deve, pois, arguir a Philippe II não ter o tempo preciso para ouvir e despachar as propostas de Soares.

A principio figurou-se que o Rei de proposito procrastinava o assumpto, não querendo promover o engrandecimento da parte lusitana da monarchia; mas depois se viu que os Ministros, temendo sempre as suspeitas do soberano, foram os mais culpados; pois logo que perceberam o agrado deste, liberalisaram os maiores favores ao pretendente.

As provisões passadas a favor de Soares foram amplas, e de mais, munificentes, quanto podia desejar. Mandou o Rei que o Governador Geral do Brasil puzesse á sua disposição 200 indios sagittarios das Aldêas reaes; e concedeu-lhe o titulo de Governador da Conquista até o S. Francisco e alem se o transpuzesse. Poderia designar quem lhe succedesse nos mesmos privilegios e nomear a quem quizesse para os cargos de Fasenda e de Justiça no seu districto. Concedeu-lhe para quatro cunhados, que iam acompanha-lo, e para dous primos, habito de Christo com 50$000 de tença e o fôro de fidalgos com residencia. Aos dous Capitães, que mais se distinguissem, habito de Christo. Aos cem mais esforçados companheiros o fôro de fidalgos cavalleiros; alem de outras graças e mercês, que Soares ficava no direito de conferir, conforme as circumstancias e o merecimento de cada um. Poderia tirar das prisões os officiaes mechanicos e mineiros que se achassem cumprindo pena de degredo, na qual se levaria em conta o tempo de serviço. O Governador Geral dar-lhe-ia, a mais, 50 quintaes de algodão, manti-

mentos, embarcações e armas, tudo emfim que exigisse tendente á diligencia.

Alem disso, na espectativa dos resultados, o Rei promulgou a Provisão das terras mineraes de 18 de Dezembro de 1590.

Satisfeito com estas ordens, embarcou Soares em Lisbôa em fins do anno de 1591, trazendo comsigo 364 pessôas, inclusive 4 frades carmelitas; mas, apezar de prospera viagem e avistando já as terras da Bahia, naufragou na costa do Vasa-barris, perdendo tudo, menos a tripolação, que se salvou, graças a uma Colonia alli recentemente fundada.

Entretanto, com o mesmo animo obstinado, logo que melhorou dos soffrimentos causados pelo desastre, passou-se para a Bahia, e se apresentou a D. Francisco de Souza, empenhado em satisfazer a vontade do Rei; e ahi concertando o plano da diligencia, deixou o Governador a cuidar do que lhe competia e seguiu para a sua Fazenda afim de preparar os recrutas e as munições de bocca, tendentes á prompta sahida da expedição, que effectivamente se moveu, em meados de 1592, tomando o rumo do Paraguassú, em direitura ao Boqueirão.

Entre as diversas ordens recebidas, segundo as instrucções regias, primava a dos chefes fundarem arraiaes (8) de espaço em espaço, de 50

(8) Os bandeirantes alojavam-se á maneira de milicias em marcha e por isso chamavam *arraial* o sitio do acampamento. Alguns consvertiam-se em povoados e conservavam o titulo para os distinguir das *Aldêas*. Um *arraial* conscideravа-se orgulhoso d'esse titulo; porque as aldêas pertenciam a indios, governados por leis excepcionaes e humilhantes, O arraial gozava dos direitos communs e entrava no regimen civil geral do Reino.

leguas pelo menos, a effeito de servirem de apoio á conquista e de viveiros á civilisação. Eram focos que se creavam, de commercio e de animação aos incolas, guarnecendo ao mesmo tempo a segurança dos caminhos. Neste sentido, Gaspar Soares estabeleceu o arraial que depois se chamou de *João Amaro*, por ser onde este famoso paulista alojou-se quando foi combater os indios insurrectos do Rio Grande do Ceará (1595).

No momento, em que Soares dispunha-se para diante e fundava o segundo arraial, exgottado de fadigas, cahiu doente, e finalisou a sua carreira com a vida, que a mania das conquistas tão agitada havia gasto. Assumiu, consequentemente, o commando da expedição o Mestre de Campo Julião da Costa, que levou o triste desenlace ao conhecimento de D. Francisco, pedindo-lhe reforços tendentes a proseguir nas diligencias. Ao mesmo tempo communicava a morte do fiel Araci, guia da comitiva, lastimando esta perda irreparavel, do melhor dos indios que então se conheciam.

Diante de todos estes contratempos, D. Francisco entendeu por mais prudente cortar com sacrificios novos; e como pretendia elle mesmo se collocar á frente de uma grande expedição, despachou que o Mestre de Campo dissolvesse a tropa e regressasse logo á Bahia.

E assim se frustrou mais esta tentativa. De Gabriel Soares, emtanto, mais perduravel nomeada nos resta na obra que escreveu—*Noticia Descriptiva do Brasil*—, fructo que concebeu no meio dos dissabores soffridos na Europa, e que lhe compensa ainda com as nossas recordações o desventurado destino.

II

D. FRANCISCO DE SOUZA

Entretanto, o periodo governamental de D. Francisco de Souza terminando em 1593, retirou-se elle para a Europa; mas a confiança, que soube inspirar ao Rei, quer pelo talento de o bem servir, quer pelo de a todos agradar, foi tanta que, passado algum tempo, voltou ao Brasil no caracter de Governador Geral das Capitanias do Sul (Espirito Santo. Rio de Janeiro e S. Vicente). A estas delegações o Rei lhe addicionou o titulo de Administrador Geral das Minas, que já então se iam descobrindo na região meridional de S. Paulo, e das que provavelmente seriam a seu esforço descobertas. Afiançou-lhe tambem o Rei, que do momento. em que as minas produzissem renda equivalente a 500 mil cruzados, teria uma pensão de 30 mil annuaes; e lhe faria a mercê de Marquez das Minas. Animado com estas recompensas, veio D. Francisco de Souza resolvido a metter hombros nos emprehendimentos, quaesquer que fossem, os mais arduos, á exploração dos Sertões.

Aconteceu então com elle o caso de Roberio Dias, que constitue uma das lendas mais carateristicas d'aquella antiguidade. Descendia Roberio do casal de Paraguassú e Diogo Alvares, progenie que o Rei afidalgou e que, dadas as condições do tempo, tornou-se opulenta. Nenhum porem destes descendentes excedeu em brilho ao que deu lugar a este episodio. Possuia vastos latifundios, numerosa escravatura, e palacios mobi-

lados com fasto principesco. O que, porem, enchia de pasmo aos contemporaneos era a enorme quantidade de prata. de que se servia em baixelas de subido lavor. A sua Capella em alfaias offuscaria as mais ricas de todo o Portugal. Não contente ainda com tanta fortuna, ou, si quizerem, pelo fogo mesmo, que ella soprava, metteu-se na mania de ser nomeado Marquez das Minas; e com este intento partiu para a Europa a se entender com o Rei, propondo-lhe o titulo em troca do segredo, em que tinha as jazidas. E era com este mysterio que mais inflammava a imaginação do povo.

Na Côrte estadeou feito um nababo, atordoando a phantasia dos aulicos; fazia presentes de principe; e deslumbrava as mulheres; mas, pensando com isto chegar a seus fins, envenenou-se a si mesmo da inveja e do despeito. Os fidalgos irritavam-se quando viam o mestiço fazendo rasgos quaes o proprio Rei não conseguiria; e quando souberam qual era a sua pretenção, oppozeram-se enfurecidos, allegando que o titulo em questão só poderia ser deferido á pessoa da mais fina linhagem do Reino. Na difficuldade em que se collocou o Soberano entre o desagrado da nobreza portugueza e o desejo das minas, acertou de conciliar as cousas: fez e prometteu outras graças e privilegios a Roberio Dias; e afiançou a D. Francisco, homem nobre de sangue, o titulo de Marquez para tirar aos fidalgos toda suspeita da transacção. O Rei teve medo.

Roberio, tendo promettido emtanto mostrar as minas de prata a quem as viesse procurar, pai tiu para a Bahia; e pouco depois chegou tamber D. Francisco para com elle demandar o Sertã

n'aquella diligencia Não se sabe o que se passou na mente de Roberio; o certo porem é que, arrependido da promessa, ou despeitado, quando soube que o seu titulo estava antecipadamente dado, sahiu com D. Francisco para o interior, onde, sem nada adiantar, fez que o rival perdesse 200 leguas de inutil caminhada. Este, afinal, cahindo na certeza do logro, retrocedeu e lançou mão de violencias, mandando encarcerar o illusor e tortural-o para lhe arrancar o segredo; mas em pura perda, porque Roberio quiz antes morrrer do que indicar as jazidas; e como para nunca mais se encontraram, a lenda adquiriu o seu maior encanto.

Outros, emtanto, dizem que Roberio Dias morreu · antes de qualquer desenlace, deixando as minas sepultadas no mysterio e a D. Francisco desalentado no exame a que procedia. Como fosse, o que parece é que a lenda de Roberio Dias pertence á casta das que se contam em todos os paizes no mesmo sentido. Faz lembrar o episodio commovente do principe mexicano, morrendo nas torturas do fogo, mas firme em não indicar aos algozes o sitio dos thesouros paternos ; episodio historico de que nasceram taes lendas. D. Francisco desenganado deu por finda a sua missão na Bahia, e partiu para o sul a tomar posse de seu governo, chegando a S. Paulo na occasião em que mais se falava das minas descobertas da Vuturema e de Biraçoiaba, já estando tambem conhecidas as de Jeraguá e Parnaguá.

A esse tempo, igualmente, Affonso Sardinha avia descoberto as minas de Jaguamimbaba (9)

(9) Jaguamimbaba quer dizer Serra das Vertentes, Por se hamar Arnántiquira a região defronte á Guaratinguetá, que se rnou mais conhecida, o primeiro nome desappareceu e o se-

pelos annos de 1597, alargando-se portanto o campo de actividade, em que ardia o Administrador Geral, que procurava empregar-se entabolando as explorações e promovendo a descoberta de outras jazidas. De facto, sahindo corajosamente neste proposito, passou por Jaguamimbaba e d'ahi desceu á região do Sapucahy, acompanhado do naturalista allemão Grûnmer, que foi o primeiro homem de sciencia que penetrou em nosso territorio. Emtanto, quando mais lhe parecia sorrir a fortuna; eis que a morte o sorprendeu em S. Paulo aos 11 de Junho de 1611, pondo fim á sua carreira aventurosa, tão cheia de serviços e trabalhos.

Seu filho D. Luiz de Souza assumiu as redeas do governo como seu sebstituto; e seu neto D. João foi quem, annos depois, gozou do titulo de Marquez das Minas.

III

MARCOS DE AZEREDO

Alguns annos depois, renovaram-se as tentativas pelo Espirito Santo, iniciando-as Diogo Martins Cam, denominado o Magnata; mas sem resultado algum; ao passo que de S. Paulo, por essa mesma epocha mais ou menos, sahiam Diogo Gonçalves Laço e Francisco Proença, moço fidalgo da Camara do Infante D. Luiz, os quaes, tomando o rumo do Araraguara e Mugi, vieram alcançar o leito

gundo generalisou-se á toda serra, alterado pelos portuguezes em Mantiqueira. Muitos têm pensado que o nome de Mantiqueira vem da quadrilha de ladrões que lá houve; mas foi o inverso. O nome da Serra vem dos primeiros tempos e a quadrilha existiu em meados do seculo passado,

do Sapucahy, por onde subiram, perlustraram o Rio Grande, e voltaram pelo Embahú. As aventuras porem destes e de outros, que se esvairam no rio do esquecimento, não attingiram a gloria de Marcos de Aseredo Coitinho (o velho), cujas façanhas igualaram senão excederam as de seus predecessores.

Querendo de preferencia deslindar o negocio das esmeraldas, tomou por norma o itinerario de Tourinho, sahiu do Espirito Santo, navegou o Rio Doce até á barra do Coaracimirim (rio pequeno do Sol) hoje chamado Suassuhy (rio do Veado) e, por este assomando, passou-se para as margens de uma lagoa, que sulcou de canôas, no outro lado da qual saltou em terra para ir á Serra e penetrar na região das esmeraldas.

As pedras que colheu, enviadas ao Rei, produziram estrepitoso resultado, pois no meio d'ellas, que eram finissimas, achou-se tambem o primeiro diamante que o Brasil exhibiu. Cessava, á vista destas peças preciosas, a duvida, que ainda annuviava o sertão, e se firmou a crença de riquezas superiores ás da America hespanhola.

De Marcos Aseredo conta-se, que morreu encarcerado por não querer desvendar o roteiro das esmeraldas; mas é novella em duplicata á de Roberio Dias. Muito pelo contrario, o Rei procedeu galhardamente com este aventureiro, concedendo-lhe o habito de Christo e o premio de 2 mil cruzados, mercês de que não poude gozar por ter fallecido antes de lhe serem notificadas (10).

Foi Marcos Aseredo quem deixou do Sertão das Esmeraldas roteiro, planta, e alturas definidas com certa clareza e precisão.

(10) O Conselho Ultramarino, em 11 de Novembro de 1644, consultado sobre os negocios do Sertão, diz que havia uns 30 annos

IV

OS JESUITAS

O descobrimento das pedras preciosas parecia questão resolvida por Marcos de Aseredo. Quando elle morreu, preparava-se para sahir de novo ao districto, no intuito de entabolar as minas e aproveita-las, como convinha; circumstancia que então se divulgou, chegando aos ouvidos dos Padres Jesuitas de Porto Seguro e do Espirito Santo. O Padre Ignacio de Siqueira, então Superior, teve a idea de tomar sobre a Companhia as obrigações da empresa, afim de, explorando as minas, colher o necessario, com que pagasse a enorme divida de 150 mil cruzados e juros, que oberava a Provincia do Brasil; e neste presupposto dirigio-se ao Rei, pedindo-lhe permissão. O Concelho Ultramarino, consultado, opinou, em parecer de 11 de Novembro de 1644, que se deferisse a proposta dos Padres, allegando como estavam no caso de resolver o problema. Dispunham elles, dizia o Concelho, de pessoal idoneo em seus aldeamentos, indios habituados ao sertão; e, de mais, juxtaposto ao odio, que os selvagens mostravam aos seculares, prevalecia o respeito que votavam aos padres, havidos como seus amigos e protectores. Eram condi-

um certo Antonio de Aseredo entrara no paiz das esmeraldas; mas é um erro evidente de nome. Alguns querem crer que Aseredo Coitinho se chamava Antonio Marcos ou Marcos Antonio São hypotheses, que não alteram a verdade do facto; e nós preferimos adoptar a opinião dos que attribuem a esquecimento ou erro, o parecer do Conselho nesta parte, cousa tanto m facil, quanto, passados 30 annos, sobre factos longiquos da lonia, podiam os Consultores dar um nome por outro, confu dindo Marcos com seu filho Antonio, que tambem andou na e pedição.

ções para que pudessem manter no interior do paiz um estabelecimento duravel e proveitoso, sobre tudo a serviço então principal do mesmo Rei.

Os factos, porem, vieram demonstrar o contrario. Preparada, com effeito, a comitiva e posta em movimento, havia-se internado 50 leguas a dentro do sertão; eis que appareceram signaes e indicios de por alli andar uma horda, que se reconheceu era dos *Aymorés*, o terror dos *Tupinaki*, companheiros dos Padres. Amedrontados estes, começaram então a desertar; e os mais reclamaram a volta, ao que os Padres annuiram com a mesma pressa, não querendo entrar em contas com aquelles ferozes antropophagos (11). E assim dissolvida ficou a ultima expedição, tentada no periodo hespanhol,

(11) Os *Aymorés*, que haviam expulsado os tupinaki, vinham até á costa persegui-los. Em tempo de Mem de Sá, colligada toda a tribu, desceram e assolaram as Capitanias dos Ilheos e de Porto Seguro, sendo necessario que o dito Capitão fosse do Rio em soccorro d'ellas. Debellou e exterminou os inimigos, é certo; mas as Capitanias, como que então cortadas em flor, nunca mais ganharam alento, principalmente a do Ilheos, que por final foi reincorporada á Corôa, visto ter decahido tanto que já não era possivel ser restaurada por esforços de particular.

CAPITULO TERCEIRO

EXPEDIÇÃO DO SUL

I

SALVADOR CORRÊA

A restauração de Portugal, em 1640, fazendo renascer a patria, incitou melhores sentimentos a bem da causa publica. Já não era a uma corôa estrangeira, que se tinha de servir. O espirito da Colonia, sempre fiel, inimiga acerrima de todo o jugo de extranhos, reanimou-se; e deu provas de lealdade inconcussa. como se viu no caso de Amador Bueno, que o partido hespanhol quiz por intrigas elevar a Rei de S. Paulo (12).

Nestas condições, D. João IV, ao tempo de sua coroação, e mesmo em todo o reinado, achou-se tão baldo de recursos, como por ventura o

(12) Amador Bueno era riquissimo e homem de muito bom senso, que gosou do maior prestigio. Era filho de Bartholomeu Bueno da Rivera (Sevilhano) e D. Maria Pires, esta filha de Salvador Pires e D. Mecia Fernandes, que era filha de Antonio Fernandes e Antonia Rodrigues; esta filha de outra Antonia Rodrigues filha, do Cacique Piquiroby (de S. Vicente) e de Antonio Rodrigues, um dos dous portuguezes que foram encontrado

seu antecessor D. João III; e tambem concentrou as mais vivas esperanças no sertão do Brasil. No empenho, pois, dos descobrimentos, dirigiu-se o Rei a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, Almirante do Sul, que dispunha de poderes e faculdades como de Vice-Rei, exercendo em todas as Capitanias *desta repartição* do sul delegações especiaes, provado no merito proprio e no de seus maiores, que foram no Brasil o braço direito de Portugal.

Alem disto, escreveu o Rei ás Camaras de Santos e de S. Paulo; e tambem aos potentados paulistas.

Era então Capitão Mor Governador do Rio D. Francisco de Souto Maior, que por sua parte recebeu a terminante Ordem de 7 de Dezembro de 1644, para se entender com affinco e promptidão no serviço dos descobrimentos, pondo-se em communicação com Salvador Corrêa; e ambos, por intermedio do Padre Francisco de Moraes, deram principio á materia, em accordo com os filhos de Marcos de Aseredo (Antonio e Domingos), que andaram com o pae na expedição e possuiam o roteiro.

Estes dous moços, ao passo que faziam tal proposta ao Almirante, dirigiam-se directamente ao Rei por carta de 16 de Abril de 1644, no intento de assegurarem o seu direito de preferencia, diziam, como filhos e parceiros de Marcos de Aseredo na feliz jornada, que já mencionamos; carta aquella, que o Rei contestou pela de 8 de Março

por Martim Affonso de Souza. e não se sabe como vieram para o Brasil. Salvador Pires era filho de Salvador Pires, casado com D. Maria Rodrigues, que era filha de Garcia Rodrigues e de Izabel Velho, troncos de primeira linhagem em Portugal. A acclamação de Amador Bueno teve logar no dia 1.º de Abril de 1641.

de 1647, aceitando-lhes o offerecimento; carta, porem, que ao tempo, em que chegou ao Brasil, não os alcançou por já estarem em viagem. Em 1646, portanto, Vasqueanes (Duarte Corrêa), sobrinho de Salvador Corrêa, então Governador do Rio, tendo recebido a Carta Regia, approvando as provisoes expedidas por D. Francisco de Souto Maior, foi solicito em apressar a sahida dos Aseredos, tanto mais que estes concorreram com todos os aprestos e materiaes, sem dispendio algum da Fazenda Real. Composta de 25 canôas com 17 brancos e 150 indios, a expedição partiu do Espirito Santo em 1647, tão cheia de esperanças quão de infelicidades. Romperam o sertão direito ás esmeraldas, colheram por elle muitas e voltaram; mas a sorte os illudiu de modo, que apresentadas foram as pedras reconhecidas por falsas. Os Aseredos com tudo, como acertaram no roteiro, trouxeram informações tão completas, que Salvador Corrêa deliberou formar uma segunda tropa, munida de todos os elementos de exito, como os poderia reunir com os recursos officiaes, de que dispunha; e deu-lhe por chefe o seu propio filho, João Corrêa de Sá, especialmente indicado pelo Conselho Ultramarino. Mas esta foi a comitiva que mais infeliz succedeu; porque a meio caminho ficou inteiramente desbaratada pelos barbaros.

II

AGOSTINHO BARBALHO

A Bahia, assim como as Capitanias do norte, em consequencia das guerras hollandezas, nada mais podiam fazer, sinão viver na maior penuria, e, alem d'isso, profundo era ainda o desgosto, que

lhes causava o tratado dos Pyreneus (12). O Rei voltou-se neste caso para S. Paulo, onde então primava o genio dos bandeirantes.

Na epocha, em que estas cousas decorriam, S. Vicente havia bracejado pelo littoral, desde Angra até Laguna; e em serra acima S. Paulo havia a seu turno creado tres focos de irradiação: Itú, que pelo Tieté apontava para os sertões do Paraná e Paraguay; Sorocaba para a Lagoa dos Patos (indios assim chamados) e Rio da Prata; e Taubaté, finalmente, que tendia para as terras altas da Mantiqueira, o sertão dos Cataguá.

Pelos annos de 1636, Felix Jacques, morador opulento de S. Paulo, obtendo de Francisco da Rocha, Capitão Mor e Governador Geral da Capitania de Itanhaên pela Donataria Condessa de Vimieiro, D. Marianna de Souza Guerra, a provisão de 20 de Janeiro d'aquelle anno, veio a conquistar as terras dos indios Jerominis e Puris, em augmento da dita Capitania; e de facto, entrando com o seu corpo de armas, apoderou-se do paiz e fundou o arraial de Taubaté (13), para onde removeu toda sua familia, escravos, camaradas, e todas as especies de animaes domesticos, que pos-

(12) Por esse tratado, o Rei de Portugal D. João IV, sendo sacrificado á Hespanha, viu-se no apuro de sacrificar o norte do Brasil á Hollanda, ainda que vencida pelos naturaes. Felizmente a politica européa baralhou-se de novo e melhor aviso prevaleceu. D. João IV, n'aquella emergencia, ou tinha de largar o reino e passar a Côrte para o Maranhão, ou tinha de entregar á Hollanda aquellas Capitanias. A Hespanha na outra hypothese offerecia-lhe ceder o Perú para que fizesse o imperio America.

(13) O signal de plural entre os indios era—eté, aita, ou tá. Assim *Tabua-eté* significa *Tabua-muita*, ou Tabuas. Era uma nna das typhacéas (typha-minor), com que se faziam esteiras. ertão de Tabuaté, pois, qneria dizer Sertão das Tabuas.

suia Constituido assim procurador da Condessa, desenvolveu a Colonia, que prosperou; e erigiu n'ella a Villa de S. Francisco das Chagas de Tabuaté (1645), cujo fôro installou-se solemnemente em 2 de Janeiro de 1646.

Neste mesmo anno de 1646, Duarte Corrêa Vasqueanes, Governador do Rio, dando cumprimento ás Ordens do Rei, encarregou ao mesmo Capitão, Felix Jacques, de penetrar o sertão de Guaratinguetá (sertão dos passaros brancos), em busca de minas, façanha que o mesmo não se demorou a executar, transpondo a serra da Mantiqueira pela garganta do Embahú, e perlustrando o planalto até o Rio Verde.

Descoberta por este modo a passagem da Serra pelo Embahú (hoje Cruzeiro), e franqueada aos aventureiros, começavam os Cataguá a temer maiores incommodos, tendo, a mais, noticias do vigor com que Felix Jacques atacava e reduzia os indios do Parahyba. Resolveram então se concentrar nas mattas a oeste do Rio Grande, e recuaram o seu dominio para os paizes do Piumhy e do Tamanduá, de onde cessaram mesmo as suas correrias, logo que Lourenço Castanho os foi debellar e poz em debandada. Livre, conscequentemente, a entrada do sertão, começaram os aventureiros a subir até o Rio das Velhas e cabeceiras do Rio Doce.

Entretanto, Diogo Gonçalves Laço e Francisco Proença haviam perlustrado a bacia do Sapucahy; e o allemão Grünmer, pelo volume das aguas d'esse rio e do Paraná, havia calculado a extensão do territorio desconhecido conceito que, unido agora aos factos de observação, nenhuma duvida deixava sobre a continuidade do paiz até ás nascentes

do S. Francisco. O que bastava ser visto ; para se demonstrar com certeza a possibilidade physica de se passar de S. Paulo ao sertão das esmeraldas. Conhecidas as latitudes, tomadas pelos antigos expedicionarios de Porto Seguro, a audacia dos paulistas saberia fazer o restante, que a bussola (agulhão) indigitasse.

Nestas condições, D. Affonso VI, então reinante, mandou Agostinho Barbalho Bezerra a S. Paulo, com Cartas ás Camaras Municipaes e aos potentados, afim de organisar uma expedição, que fizesse o caminho e descobrisse por ahi o districto das esmeraldas, cuja situação orographica ficara descripta por Marcos de Aseredo e tinha já nas cattas por este lavradas um positivo signal para serem encontradas.

As Camaras de Santos e de S. Paulo, recebendo as Cartas Regias, puzeram-se á disposição de Barbalho; e dos potentados, que lograram a honra das lettras do Rei, figurou no auge do enthusiasmo o velho Fernão Dias Paes Leme, vulto eminente da Colonia, que para logo enviou a Barbalho 100 negros carregadores, cem arrobas de carne de porco, mil varas de algodão tecido, e muitos outros generos proprios da occasião, como tudo se viu do termo assignado em 9 de Agosto de 1666 (14).

A Carta Regia de 27 de Setembro de 1664, dirigida a Fernão Dias, de igual ás outras diri-

(14) Era filho de Pedro Dias Paes e de D. Maria Leite da Silva, aquelle de Fernão Dias Paes e D. Lucrecia Leme, esta de Paschoal Leite Furtado (dos Açores) e D. Izabel do Prado; genealogia que sobe até D. Maria Alves Cabral, irmã do descobridor do Brasil. Paschoal Leite é igualmente oriundo dos antigos condes de Portugal. O nome Leme é alteração de Lems, que no Brabante significa terra. Vem de um antigo nobre militar, que serviu aos reis de Portugal.

gidas aos potentados e ás camaras, declarava como o Rei, pela primeira vez, despertando sentimentos nativistas, confiava nos auxilios por ser Barbalho natural do Brasil; e tambem porque o emprehendimento seria utilissimo a S. Paulo. O Rei, alem disso, para mostrar como seriam valiosos os serviços prestados, insinuava que queria a gloria de ver no seu reinado afinal resolvido este grande problema.

Era Barbalho, com effeito. de Pernambuco, filho de João Barbalho Bezerra, que com denodo inexcedivel combateu os hollandezes, circumstancia que muito o recommendava em todo o Brasil, cujo odio aos invasores misturava-se de fanatismo contra os hereticos, quaes eram os hollandezes.

Mas, como a fatalidade parecia disposta a pesar sobre taes aventuras, o mesmo foi a comitiva promptificar-se que morrer Agostinho Barbalho, deixando em grande consternação os paulistas, que sinceramente desejavam reunir de facto á sua patria o famoso sertão.

CAPITULO QUARTO

OS PAULISTAS

I

FERNÃO DIAS

Regorgitava então S. Paulo de sertanistas, sendo a paixão da epocha as grandes jornadas pelo interior do Continente. Arrebatado, pois, de enthusiasmo pelo commettimento das esmeraldas, propoz-se Fernão Dias a tomar sobre si a tarefa confiada ao mallogrado Barbalho; e neste sentido escreveu ao Senhor de Barbacena, Affonso Furtado de Castro do Rio Mendonça, Governador Geral do Brasil.

Chefe de illustre familia, senhor de vastos latifundios e de milhares de escravos, alem de muitas aldeias de indios seus administrados, dispunha de grossos cabedaes; com um corpo de armas numeroso; nada pois lhe faltava para o desempenho da empresa. Mas os parentes e amigos, consultados,

unanimes oppozeram-se ao temerario projecto, allegando a idade em que se achava para tão formidavel aventura. Fernão Dias, porem, como sempre, ficou inabalavel. (15)

Na Carta que o Rei dirigiu-lhe, elogiava-lhe os grandes serviços, o zelo e a dedicação, com que sempre se houve nas incumbencias mais arduas ; e insinuava a conquista dos Goianá, como prova de sua grandeza de alma. A respeito desta façanha, que elevou á alturas o nome de Fernão Dias, não deixaremos de dizer alguma cousa, posto não tenha ligação directa com o presente assumpto.

Como já temos visto, os indios, aterrados com a deslealdade e cobiça dos brancos, refugiaram-se para o interior, e assim, a parte da nação goianá, que se não submetteu, foi parar alem da Serrra da Apucarana, onde se formaram tres reinos, irmãos, que, dentro em pouco, brigaram e começaram a se guerrear cruamente, como os selvagens nunca deixaram de o fazer. Dos indios, eram os goianá que melhor indole mostravam em sociedade. Praticavam a monogamia, não eram antropophagos por habito, cultivavam a terra, viviam em aldeias, e mostravam algumas noções de governo acima do commum Entanto, os tres reinos exterminavam-se uns aos outros ; e os prisioneiros, como os outros indios o faziam, trazidos á praça no meio de orgias infernaes, eram sacrificados e comidos. A occasião sendo asada, d'ella aproveitou-se Fernão Dias e, penetrando o

(15) D. Lucrecia Leme, avó de Fernão Dias, viuva de Fernão Dias (avô), no termo de inventario (12 de Maio de 1606), declarou que Pedro Dias (5° filho), pae do dito Fernão Dias, governador das esmeraldas, tinha na occasião 22 annos. Fernão Dias, portanto, 1.º filho de Pedro Dias, deve ter nascido algum tempo depois que este casou-se ; e pois teria uns 60 annos e não 80, como todos têm dito.

sertão, cercou os tres reinos com todo o peso de suas armas; e, depois da resistencia, que durou annos, chegou a conquistal-os. A morte inesperada de um dos Regulos, o de nome Gravatahy, dando em resultado o esmorecimento de um dos lados, enfraqueceu a todos, e pois capitularam desde que Fernão Dias parlamentou que não os queria nem matar e nem escravisar, senão porem apresental-os ao gremio da Igreja. Pozeram-se consequentemente ás ordens do conquistador; e este os conduziu em numero superior a cinco mil para as terras uberrimas do Tieté, junto á villa do Parnahyba, de sua propriedade. Estando ainda em viagem, o segundo Regulo, de nome Sondá, falleceu tambem; e neste caso toda a nação, que já havia se esquecido das discordias ante o inimigo commum, fundiu-se n'uma só e seguiu sob as ordens de Tombú, o Regulo sobrevivente. Empregados no cultivo dos cereaes, prosperavam na melhor ordem; e viviam satisfeitos, senão quando a vez de Tombú chegou e falleceu. Já então, menos Tombú, haviam todos recebido o baptismo, e elle não o quiz, porque, dizia, não lhe era possivel crer n'uma lei, cujo senhor não castigava de prompto os infractores. Referia-se o bugre aos escandalos e abusos dos christãos, com a pungente ironia digna de Julião o Apostata. Cahindo entanto enfermo e desenganado, chamou quem o baptizasse, e tomou o nome de Antonio, santo de sua inclinação. E nunca, digamos, idea mais pathetica houve para uma conversão. Todos os seus subditos, dizia, companheiros de infortunio, na terra estranha, haviam entrado para a Igreja, e depois da morte iriam para o ceo dos christãos, onde não podia entrar quem não fosse baptizado Elle, porem, não queria separar-se; e sim, unido a seus amigos, ter antes

o mesmo destino. Eis, como dissemos; nunca uma razão mais commovente se deu para correr ás aguas do baptismo. Desterrado em vida, captivo em terra alheia, quiz prolongar o proprio exilio no ceo do estrangeiro para se não apartar de seus companheiros de infortunio. E assim, este selvagem obscuro finou-se na mais decorosa catastrophe que se ha de assistir na tragedia dos reis.

Sua morte, sentida em excesso pelos goianá, que se viram desamparados de seu melhor amigo, levou-os ao desespero; e quizeram voltar ao sertão; mas n'isto foram atalhados por Fernão Dias, que tratou de enfraquecel-os, dividindo-os por seus parentes, embora em condições favoraveis. Reservou entretanto para si os subditos antigos de Tombú, que em particular o estimavam, e foi com elles que compoz a principal columna da leva com que marchou para o Sertão.

II

PRIMEIROS ARRAIAES

O Governador Affonso Furtado, aceitando com alvoroço o offerecimento de Fernão Dias, enviou-lhe na forma dos Alvarás a Provisão ou Carta Patente de 20 de outubro de 1672, concedendo-lhe todos os poderes do estylo, e nomeando-o por chefe e Governador de sua leva e terra das Esmeraldas; de onde lhe provém o titulo de Governador das Esmeraldas, como é conhecido na historia.

Recebendo os documentos, convocou Fernão Dias os parentes e amigos; e estes, como não conseguis-

sem demovel-o do proposito, conciliaram-se, entrando em combinação e muitos alistando-se na bandeira, que para logo se começou a preparar. (16)

Os escriptores, seguindo a Pedro Taques em um de seus muitos erros, affirmam que Fernão Dias contava cerca de 80 annos; mas, si seu pae em 1606 tinha 22 e era solteiro, estaria na casa dos sexagenarios, idade que, comtudo, a não ser a tempera d'aquelles paulistas, já não era propria de tão desabalados commetimentos.

Erram tambem sem discrepancia os mesmos escriptores, assignalando a era, de 1673 para a partida de Fernão Dias para o sertão; mas na Carta do principe D. Pedro, então Regente do Reino, a elle dirigida em 30 de Novembro de 1674 lemos o seguinte: « Pela copia de vossa Carta de 21 de Julho d'este anno, que remetteu o governador Affonso Furtado de Mendonça, me foi presente como n'aquelle dia partias ao descobrimento das minas do sertão de S. Paulo e terras das esmeraldas ». Nada pois pode haver de mais averiguado que esta data.

Offerecendo-se a sahir com a sua *bandeira*, impoz Fernão Dias ao governador Affonso Furtado, que o capitão Mathias Cardoso de Almeida, potentado tambem de valor, fosse nomeado por seu Adjunto e successor. (17) Alem deste, que se unia á expedição com um terço de sua propria dependencia, armado á

(16) Cada potentado, Conquistador, tinha sua bandeira de guerra distinctiva, como os senhores da Idade Média. Era esta um symbolo de poder proprio reconhecido pelo Governador. Os que se alistavam chamavam-se bandeirantes d'este ou d'aquelle dono, que exercia poder soberano e absoluto de caracter marcial sobre a tropa em diligencia e no recinto de seu latifundio. Havia bandeirantes só em nome, e eram os que seguiam bandeiras não reconhecidas nem legalisadas, aventureiros que andavam á caça de indios, o que aliás era prohibido e apenas tolerado por abuso das autoridades.

sua custa (18), outros homens notaveis seguiram a Fernão Dias, acompanhados de escravos e de sequazes, formando subcommandos, como foram Antonio Gonçalves Figueira, Antonio do Prado da Cunha, Francisco Pires Ribeiro (seu sobrinho, filho de Bento Pires e de sua irmã D. Sebastiana Dias Leite); alem de Garcia Rodrigues, seu filho; de Manoel Borba Gato, casado com sua filha D. Maria Leite; e ainda é preciso mencionar José Dias Paes, mameluco (19), seu filho natural.

A comitiva, assim composta de indios mamelucos e escravos, formava um verdadeiro exercito, cujo numero excessivo deu a primeira causa de suas contrariedades n'um sertão nem sempre bastecido para tantos consumidores.

Postos em caminho, a marcha nenhuma difficuldade offereceu até Guaratinguetá, região aberta e frequentada, havia annos; mas d'ahi em diante começaram a cahir pela serra as brumas das terras ermas. Não eram, como já se disse, de todo ignotas as paragens da Mantiqueira. As mesmas regiões do hoje dito Sul de Minas haviam sido penetradas desde que Felix Jacques deixou entrada franca a Francisco Dias Avila, a Calabar e a outros já mencionados aventureiros. E', porem, para se imaginar

(18) Quando as expedições não eram empresas particulares de algum potentado, e sim dirigidas a um objecto de caracter publico, quem as recrutava e organisava era o Governo, como se fosse para uma guerra. O chefe e os officiaes sahiam com patentes assignadas pelo Governador; e se chamava adjunto o que como substituto no commando reunia tembem o caracter de successor do chefe no caso que este morresse ou abandonasse a comitiva. Esta patente dava o posto de Tenente General da leva. Nestas a bandeir era do Rei, entregue solemnemente ao Chefe ou Governador, qu ficava armado *jus vitœ et necis* sobre a comitiva.

(19) Cada chefe sustentava e governava sua gente, que embora submettida ao Commando Geral, tinha o caracter de alliador.

com espanto a passagem destes novos Alpes por veréas, que o matto cegára, e que só a bussola indicava nas caligens do Embahú (20); e não menos com emoção contemplar o painel que avistavam do alto da serra e que atirava sobre a immensa e triste solidão do continente. D'esse cume, que o tunel hoje corta pela base, desceram á região dos Pinheiraes, pouco adiante passaram o rio Passa-Trinta (hoje Passa-Quatro), e vieram a Capivary, de onde, chegando a um sitio ameno, descansaram algum tempo, dando-lhe o bello nome de Albáépendy (rio do bom agasalho). Do Baependy seguiram para o Rio Verde, transpuzeram o Rio Grande, e vieram estabelecer o primeiro arraial na Ibitiruna (Serra Negra), o mais antigo lar da patria mineira. Situada em posição felicissima, nem perto nem longe das grandes aguas, no centro de mattas ferteis de caça e mel, foi a Ibitiruna propicia a desporto de todos os viandantes no periodo do povoamento.

Passada a estação das chuvas, em Março do anno seguinte, dirigiram-se os bandeirantes em direitura á serra da Borda e atravessaram a região do Campo, entrando na do Paraopeba (Pirahypéba, rio do Peixe chato), onde fundaram o segundo arraial (Sant'Anna) (21). Em seguida marcharam para o Anhonhecanhuva (agua que some), onde eregiram o terceiro arraial, de S João do Sumidouro, destinado aos mais commoventes episodios desta jornada.

(19) *Membir-uc*, filho tirado. Os indios chamavam *membi-ruc* aos netos. Os portuguezes, alterando o termo, chamavam *mamelucos* aos filhos com indias.

(20) Facto curioso é que a *Minas* e *Rio* passa mais ou menos esta garganta. A *Central* tambem passa pela Garganta de João Ayres, Mathias Barbosa, Parahyba, Barra do Pirahy e Belém, pontos por onde Garcia Rodrigues traçou a primeira picada de Minas para o Rio, em 1704—8.

(21) Municipio hoje do Bomfim.

III

SUCCESSOS DO SUMIDOURO

No Sumidouro effectivamente se apuraram as consequencias do enthusiasmo irreflectido com todas as calamidades possiveis. A longa trajectoria crivou-se de sepulturas, cortou-se de combates e de miserias. Fernão Dias achou-se abandonado e quasi só. Mathias Cardoso, o seu fiel amigo e adjunto, depois de perder quasi toda a sua tropa, viu-se na contingencia de retroceder do Paraopéba, e chegou a S. Paulo dous annos após, com mil soffrimentos pelo sertão; e a exemplo d'elle, Antonio Gonçalves, Antonio do Prado e outros.

Nestas emergencias, viu-se o velho caudilho na alternativa, ou de voltar tambem, cedendo á pressão dos companheiros, que o exigiam, ou de se manter no arraial, mandando pedir novos bastecimentos a S. Paulo. A primeira pareceu-lhe de revez á propria dignidade; porque não era digno de seu caracter comparecer vencido a meio caminho, tendo gasto o melhor de sua fazenda, sacrificando amigos e parentes, vendo morrer a maioria de seus indios e escravos, para depois sujeitar-se ao ridiculo, no theatro de sua magnificencia passada! Não podia ser; e pois preferia a morte na solidão do *Uaimii.* (22)

Despachou em resultado para S. Paulo dous indios, caminheiros da sua estimada nação *Goian*' com cartas ao Governador, ao Principe Regente

(22) *Uaimi-i* — rio das Velhas — A pronuncia indigena d deu *Uaimii*: e a portugueza ***Guaìnícuhy***, de que nasceu Guaicu

á sua esposa (23), a quem recommendava com instancia não o deixasse perecer em tão doloroso transe d'aquelle desamparo.

Pela Carta Regia de 4 de Dezembro de 1677 contestando a de Fernão Dias, podemos acertar a epocha em que estas cousas passaram, e alem d'isso verificar como o nome de Sabará-buçú (24) abrangia todo o paiz, e não somente a serra; engano em que muitos cahiram.

Porque, si Fernão Dias enviou ao Principe amostras do sertão, claro é que a serra teria sido nominativamente indicada como jazigo de algumas, pelo menos, e sobretudo das de ouro, cousa que não se remetteu, ao passo que muito havia, e mais tarde se descobriu em portentosa quantidade.

Emquanto aguardava os portadores mandados a S. Paulo, proseguia o chefe em pesquizas, ora pessoalmente, outr'ora por seus camaradas, no intuito de chegar ao mais largo conhecimento das plagas.

(23) D. Maria Garcia Betim, notabilissima senhora d'aquelle tempo. Era filha de Garcia Rodrigues Velho e de D. Maria Betim, aquelle filho de Garcia Rodrigues (natural do Porto) e de D. Catharina Dias; a qual era filha de Domingos Dias e D. Maria Chaves; e Garcia Rodrigues de outro Garcia Rodrigues e D. Izabel Velho. D. Maria Betim era filha de Geraldo Betim (Allemão) e de D. Custodia Dias, que era filha de Manoel Fernandes Ramos e de D. Suzana Dias. D. Suzana era filha de João Ramalho e D. Izabel Dias, filha do Cacique Tibiriçá, o qual foi baptizado com o nome do padrinho Martim Affonso. O sobrenome Betim é alteração do nome Bentink, da familia dos Condes de Bentink, que são ainda até hoje senhores mediatisados do Reino de Wustemberg; oriundos a provincia de Gueldres nos Paizes Baixos. Os progenitores de D. laria Betim vieram para o Brasil com a invasão hollandeza; e ;eraldo Betim passou-se para S. Paulo, onde se casou com a des- endente do principe indigena. D. Izabel Velho provinha da linha- em de Fernão Paes Velho e D. Maria Alvares Cabral, seus 5.º avós; sta filha do senhor de Belmonte e irmã de Pedro Alvares, desco-

No Serrote de Sette Lagoas descobriram o minerio argentifero, que deixou até hoje a toarda das minas de prata do Sabará-buçú. mas preteridas e retrogradadas ao olvido pelas de ouro, que tudo offuscaram, deixando de rasto as outras especies.

Deparando-se então nas alluviões do Rio das Velhas indicios positivos de ouro, o Coronel Borba Gato, genro de Fernão Dias, foi destacado a seguil-os; e neste intento subiu pela costa em mira ás abas da serra, em que figurava ter as nascentes, de onde rolavam os cascalhos auspiciosos; e nesta diligencia descobriu effectivamente as ricas jazidas.

Entrementes, aconteciam no Sumidouro cousas gravissimas. Conhecido o animo do velho caudilho, que obstinava em não ceder á imposição, os poucos companheiros, que lhe restavam, não podendo voltar ao povoado sem armas. nem provisões, entraram a conspirar contra sua vida, como unico desenlace da aventura em que se haviam embrenhado. Dia a dia o sertão dobrava de terror; nenhuma noticia d'elle corria. Era, pois, um pégo tenebroso o que tinham de sulcar até o paiz das esmeraldas. Uma nuvem caligionosa assim desabava d'ahi para diante, um ceo absoluto, qne o astrolabio punha em distancia sobre florestas, serras e rios ignotos, povoados de feras e nações medonhas, quaes nem

bridor do Brasil. Eis o tronco dos Leme, dos Furtado, dos Horta, dos Leite e outras familias de Minas.

(24) A tradição *matto felpúdo* é um erro. Os indigenas, fingindo que os rios grandes eram paes dos pequenos e seus affluentes, chamavam o rio das Velhas, que era da Barra para baixo, pae *(Çùbá)* e da Barra para cima Çubará (pae partido). E assim chamavam *çubará-buçù* ao braço maior (pae partido grande); e ao menor *çubará*-mirim. Era o que vae da Itabira. Posteriormente, por abreviatura, este ficou se chamando Rio das Velhas, e aquelle simplesmente Sabará.

sequer os indios do Uaimii particularisavam, salvo para exagerarem o perigo de as enfrentar. O conhecimento que tinham d'essas paragens os bandeirantes provinha ainda das expedições desbaratadas de Porto Seguro e do Espirito Santo

Concebido aquelle plano scelerado, confabulavam os sediciosos certa noite, dando a ultima demão nos preparos, quando uma india goianá casada, sahindo fóra da choupana, avistou luz na casa de José Dias e ouviu vozes alteradas, dando-lhe na curiosidade de ir á espreita do que alli se passava. Ficou aterrada. E, voltando, chamou o marido, com o qual partiu ás carreiras para a casa do amo, a quem os *Goianá* ternamente amavam.

Achava-se então o Velho em sua residencia na Quinta, a meia legua do Arraial. Tendo deliberado permanecer no sertão, emquanto não lhe chegavam os soccorros pedidos de S. Paulo, Fernão Dias, previdente, como todos os chefes bandeirantes em iguaes circumstancias, escolheu nos arredores um tracto de terra mais fertil, e estabeleceu a sua roça de cereaes nas abas do serrote do Anhonhecanha, onde fez plantações extensas, logar que por isso ficou se chamando a Quinta do Sumidouro. Para alli morava elle, de ordinario occupado na lavoura, em companhia de seu filho Garcia Rodrigues, e deixava o governo do arraial entregue a José Dias

Assim, logo que sorprehendido pela chegada dos indios conheceu o perigo, para não duvidar da enormidade, mandou que seu filho chamasse ás armas toda a gente disponivel na Quinta e marchasse, emquanto elle mesmo sem estrepito fosse comprovar de facto a denuncia recebida. E, na verdade, tudo viu e ouviu, chegando no momento justo, em que José Dias animava o conclave. Ca-

hiu-lhe aos pés o triste coração. Era aquelle mameluco o fructo de seus desvarios de moço. Era o filho que primeiro creára. Quando se casou com D. Maria Garcia Betim, esta generosa matrona recebeu José com carinho, e d'elle cuidou, prelibando doçuras de um proprio primogenito; ao qual por seu lado o pae amava tanto, que muitos arguiam ser mais que ao mesmo Garcia Rodrigues.

Contando os insurgentes com esta paixão, vivissima, afoitaram-se no plano; pois julgavam que o Velho não teria coragem de os punir atravessando o filho, e assim ficariam incolumes no caso de falhar o crime.

Entretanto, dispostas as cousas, Garcia Rodrigues deu de subito no arraial antes de amanhecer o dia, marcado justamente para o nefando attentado; e, apenas despertaram os cabeças, cahiram em poder do Velho. Instaurado o summario para se verificar o grao de culpa, em que incorria cada um dos conjurados, foi o mameluco reconhecido por cabeça da conspiração. Surdo á vòz do sangue, cerrou-se o coração do pae, que procedeu em forma de juiz impassivel. A todos perdoou. Mas, apagando as lagrimas dos olhos, mandou enforcar o filho! Não sabemos si a historia o absolverá.

Em seguida convocou os amigos e determinou que lhe trouxessem os presos, aos quaes mostrou o cadaver, dizendo como tinha para com aquelle infeliz o direito de não ser clemente; mas o era para com elles outros, porque os havia animado a tão perigosa aventura. Perdoava-lhes portanto a culpa mas com a condição de se afastarem de sua comitiva, para nunca mais o verem. E esta pena foi cumprida, cada qual tomando o seu destino pelo sertã desconhecido, sem que nenhum pudesse voltar c

medonho exilio. Sem recursos e sem armas, o caminho de S Paulo era-lhes de todo impraticavel.

Dista o Sumidouro uma legua da margem esquerda do Rio das Velhas e demora na fralda de uma collina á direita do Anhonhecanha. Si aquelle se enche, tapa a foz do confluente, e as aguas deste represadas formam um lago com duas leguas de circuito. Cercado de coqueiros e de velhas arvores, respirando a melancolia de sua vetustez andrajosa, este arraial, quando o visitamos em Junho, parecia ainda cheio de phantasma dolentes. Conserva-se alli o typo dos primeiros habitantes; e a tragedia do filho surge a cada momento e accorda a nossa piedade.

IV

AS ESMERALDAS

Passado ainda algum tempo, chegaram emfim os emissarios de S. Paulo. Mais de tres annos havia, que a comitiva estacionava no Sumidouro, onde, apezar de tantos e tão tristes acontecimentos, o arraial tomou certo alento em contacto com os naturaes. Eram estes oriundos dos *Goiá*, deslocados do Araguaya e estabelecidos no S. Francisco, por onde desceram ao Rio das Velhas; parentes portanto dos *Goianá* de Piratininga, com os quaes se fundiram facilmente e se confraternisaram. Dedicados os *Goianá* a Fernão Dias, fizeram com os parentes que se chegassem a elle de animo seguro e se alistassem na nova comitiva, que devia partir para o sertão das esmeraldas.

Alem de Garcia Rodrigues e de Borba Gato, logrou Fernão Dias reter comsigo a Francisco Pires Ribeiro, seu sobrinho amantissimo; e entre outros,

o cabo José de Castilhos, companheiro de grande valor. Assim renovada a expedição, metteu-se a caminho em meados de 1680.

Em S. Paulo, porem, ninguem houvera, que quizesse prestar ouvidos ás reclamações de Fernão Dias. O proprio governo interessado no descobrimento, que redundaria em beneficio da corôa, exhausta de recursos. ou não teve que mandar, ou não quiz mover-se. O Principe Regente achava-se mui longe para acudir de prompto ao velho e leal servidor ; mas de sua citada carta de 4 de Dezembro de 1677 se infere a perplexidade em que ficou ao saber da posição angustiosa d'elle, a quem devia de soccorrer. Entretanto, o que resalta da correspondencia é que o Principe entendeu, como devia, providenciar na duvida, quer aproveitasse ou não a Fernão Dias.

N'aquella carta exprimiu-se:

« Pelas cartas que me escrevestes, fiquei entendendo o zelo, que tendes do meu serviço ; e como tratavas do descobrimento da serra do Sabará-buçú e outras minas d'esse sertão, de que enviastes amostras de crystal e outras pedras ; e porque fio de vosso zelo, que *ora novamente* continues esse serviço com assistencia do Administrador Geral D. Rodrigo Castello Branco e do Thesoureiro Geral Jorge Soares de Macedo, a quem ordeno, que, desvanecido o negocio, a que os mando, das minas de prata e ouro de Parnaguá, passem a Sabará-buçú, por ultima diligencia das minas d'essa repartição, em qne ha tanto tempo se continúa sem effeito, espero que com a vossa industria e advertencia, que fizerdes ao mesmo Administrador, tenha o bom successo, qne se procura ; e vós a mercê, que podeis esperar de mim, quando se consiga ». (25)

Por esta carta patenteam-se os acontecimentos do Sumidouro, e a situação de Fernão Dias. O Principe, temendo não o encontrar no sertão, enviou D. Rodrigo a emendar os descobrimentos encetados; mas no caso de o encontrar, D. Rodrigo não o deveria exautorar, e sim ouvil-o seguindo a sua direcção. Tanta era a confiança do Principe, que ainda vemos como remettia para o Sabará-buçú os funccionarios proprios para entabolarem as minas acaso descobertas.

Não era porem isso o que Fernão Dias esperava; e sim elementos com que pudesse concluir a sua tarefa; pelo que, reorganizada a Bandeira, em chegando o Administrador Geral, não o encontrou mais no Sumidouro.

Neste particular, quem de todo o comprehendeu foi a sua illustre fiel consorte, D. Maria Garcia, que sem hesitar, não querendo vel-o perdido no sertão, nada poupou em obediencia ás recommendações, que Diogo Garção celebrou nos seguintes versos:

> Determinou á fiel consorte amada
> Que á nada do que pede ponha embargo,
> Inda que sejam por tal fim vendidas
> Das filhinhas as joias mais queridas.

Fez ella consequentemente quanto lhe cumpria para salval-o. Converteu em dinheiro todo o ouro e prata de sua casa; vendeu o mais que foi possivel; e mandou recrutar nas suas Fazendas e aldeamentos uma nova leva; e tudo remetteu para o Sumidouro.

Relativamente a comestiveis, os tinha Fernão Dias, de sobra. As roças da Quinta, a caça e a pesca, suppriram fartamente a expedição. Munido,

(25) Conservamos a grammatica do Principe.

alem de tudo, de armas novas, de polvora e balas, levantou-se e partiu do Anhonhecanha em rumo certo á cordilheira central, que de sul a norte obedece ao meridiano de Minas. Perlongando-a em toda a extensão, chegou ao Itambé (Pedra aspera), que era a serra do *tamanho de uma legua*, já mencionada na expedição de Tourinho.

Transposta ahi esta serra, para o nascente, ganharam o fio do Itamirimtiba (rio das pedrinhas soltas, cascalho) ; pelo qual fizeram viagem até á foz deste no Arassuahy (rio grande do Oriente); por cujo valle andaram até que em logar proprio indicado pelo agulhão passaram á margem direita. Os aventureiros antigos haviam deixado, como já se disse, a relação orographica do districto das esmeraldas ; e, sabendo manejar o astrolabio, designaram a posição das latitudes. Os bandeirantes, como os cavalleiros andantes, liam a historia e conheciam as proezas de seus predecessores. Os roteiros do sertão eram, pois, familiares pela leitura ou pela tradição aos novos expedicionarios Assim, Fernão Dias, vemos, de sul a norte cortou a directriz tão certa, que os seus arraiaes collocaram-se mais ou menos sob o mesmo meridiano da Garganta do Embahú, por onde penetrou na Mantiqueira. Encontrava-se agora com a geographia dos antigos, nos trilhos justos de Marcos de Aseredo, embora viesse de rumo totalmente invertido, de sul a norte, á rotina que se havia feito da Bahia e outros pontos Do Arassuahy portanto os novos invasores apontaram a conhecida serra dilatada, de onde nasce o rio das Ourinas, chamado agora Rio Pardo, a qual com varios nomes encerra o anhelado e fertil jazigo das pedras preciosas, que foram mais tarde exploradas Neste ponto, devassando as cercanias em busca d

noticias da Lagoa Vapabuçú, em cuja margem encontrariam os socavões de Marcos de Aseredo, a fortuna deparou-lhes uma horda de selvagens, que amedrontados puzeram-se em fuga, menos um moço, que, aprisionado, foi conduzido á presença de Fernão Dias. Tratado ahi com carinho, acalmou-se de receios e se offereceu por guia ao sitio desejado. A lagoa ficava alem da Itacambira e o indio conhecia os socavões. (26) Alegres com o incidente, os bandeirantes proseguiram e mais adeante da serra chegaram emfim ao suspirado destino. A encantada lagoa a tinham á vista e pisavam a termo na terra das esmeraldas !

V

O REGRESSO

Disposta, porem, a laboração, apenas tocavam o amago da jazida, sentiram a influencia deleteria do clima, Miasmas de horrivel podridão carregavam o ambiente. Parece que a morte assanhou-se contra os que affrontavam o seu domicilio. Accedendo em consequencia ao pedido dos companheiros, o chefe, logo que colheu pedras em numero

(26) *Ita* pedra-caã matto-bir... pontuda.
Pedra pontuda que sahe do matto.
Pedro Taques e o Dr. Claudio Manoel, dando o itinerario, antecipam a Itacambira ; mas basta a simples inspecção do mappa e se corrige este itinerario inverosimil, que faz Fernão Dias ir primeiro ao norte para depois voltar ao sul cerca de 60 leguas ; elle que tão certo andou em toda jornada. Ahi fundou elle o arraial da Itacambira para servir de celleiro e de guarnição ao districto das esmeraldas. A visinhança, logo, era necessaria. Como do arraial da Itacambira guardar-se-iam as minas no Itamarandiba ? A nossa correcção, portanto, é irrecusavel a bem da historia. No Itamarandiba reinavam os Aymorés, na Itacambira os Tapajó. O prisioneiro, sendo destes, não poderia saber e nem guiar para Vapabuçú.

vantajoso e de bons quilates, annuiu ao regresso e, tornando aos ares livres da serra, ahi fundou o arraial da Itacambira, que servisse de centro ao povoamento e de guarda ao cantão das esmeraldas, n'elle deixando por chefe estacionario o cabo José de Castilhos.

D'ahi, pondo em regresso a bandeira, vinha o intemerato caudilho, quando nas chãs do Guaicuhy (Uaimii) os miasmas das *carneiradas* (27) o assaltaram; e, cada dia aggravando-se os padecimentos, succumbiu á vista do Sumidouro. Como os velhos duros troncos, que em balde os raios tentam abater, mas insectos infimos matam roendo as fibras; assim tombou para sempre o Hercules do sertão, fundador de nossa patria (Maio de 1681).

Generoso e liberal desd'os mais verdes annos, senhor de grandes cabedaes, herdados e augmentados, havia mandado construir á sua custa o Mosteiro e a Capella de S. Bento, onde os frades concederam-lhe um jazigo perpetuo e privilegiado para si e sua familia, junto do Altar-Mór. Seu filho Garcia Rodrigues, em cujos braços expirou, fez embalsamar o cadaver e o conduziu para ser alli sepultado, com exequias regias, em que todo o povo de S. Paulo manifestou-se cheio de dó, sendo a oração funebre recitada pelo Padre Antonio Rodrigues da Companhia de Jesus, á qual tambem protegeu sempre com rasgos de liberalidade, em agradecimento pelos meninos indios, que mandava educar.

No que toca á Minas, é a este homem, sobre todos notavel, que devemos o vasto diametro da circumferencia, como se traçou a nosso territorio, e os primeiros lares da nossa civilisação.

(27) Nome que dão ás febres palustres no sertão.

Entretanto, tendo Dom Rodrigo de Castel-Branco partido de S. Paulo a 9 de Março d'esse anno (1681), achava-se alojado no arraial de S. Anna do Paraopeba, quando ahi de regresso veio ter Garcia Rodrigues com o resto da Bandeira, a bem dizer dissolvida no Sumidouro. Havia Fernão Dias disposto, por ultima vontade, que voltasse elle para S. Paulo a effeito de entregar á Camara Municipal as esmeraldas, pois por esta seriam enviadas ao Rei; e demais, como era o primogenito, tinha Garcia Rodrigues o dever de se collocar como o cabeça da Familia em ordem a presidir os negocios da casa (28).

Ao genro, coronel Borba Gatto, na mesma occasião determinou que do Sumidouro sahisse em continuação aos descobrimentos do Sabará-buçú, para cuja diligencia Garcia Rodrigues lhe entregaria os instrumentos, armas e munições da Bandeira, como de facto se cumpriu.

Consequentemente, havia o cunhado partido emquanto ficava elle em aprestos para a diligencia, que havia repentinamente interrompido quando, chamado

(28) Alem de Garcia Rodrigues, casado com sua prima D. Maria Antonia Pinheiro da Fonseca, o Governador das Esmeraldas tinha os seguintes filhos legitimos: 2.º—Pedro Dias Leite, casado com D. Maria de Lima e Moraes; 3.º—D. Custodia Paes, mulher de Gaspar Gonçalves Moreira; 4.º—D. Izabel Paes, mulher de Jorge Moreira; 5.º—D. Marianna Paes, mulher de Francisco Paes de Oliveira (casal de que nasceram muitas familias mineiras); 6.º—D. Catharina Paes, mulher de Luiz Soares Ferreira; 7.º—D. Maria Leite, mulher de Manoel de Borba Gatto; 8.º—D. Anna Maria Leite, mulher de João Henrique de Siqueira Baruel.

De D. Marianna Paes nasceu o Coronel Maximiano de Oliveira Leite, casado com D. Ignacia Pires de Arruda, que entrou para o Ribeirão do Carmo nos primeiros annos do povoamento e se estabeleceu na Fazenda dos *Horta*, ao pé de S. Sebastião. Da mesma D. Marianna Paes nasceu D. Francisca Paes, que em 1715 veiu se casar no Ribeirão do Carmo com o Coronel Caetano Alvares Rodrigues d'Horta, natural de Lisboa e filho de João Alvares d'Horta, progenitores dos Horta.

pelo sogro, voltou para o Sumidouro, no momento critico da conspiração de José Dias. (29)

Pela demora em tudo n'aquelles tempos, Garcia Rodrigues não tinha conhecimento da Carta do Principe de 4 de Dezembro de 1677, que só neste encontro foi-lhe communicada.

Alegrando-se por ter noticias de S. Paulo e ver amigos intimos, quaes muitos eram os que seguiam ao Administrador Geral, Garcia Rodrigues fez o relatorio da jornada, communicou ao mesmo Administrador as disposições finaes de Fernão Dias referentes á Bandeira, deu-lhe posse dos arraiaes, celleiros e descobrimentos, e lhe entregou parte das esmeraldas colhidas em Vapabuçú, afim de serem enviadas ao Rei. Foi D. Rodrigo o primeiro que conduziu ao sertão uma leva, trazendo cavallos. Garcia Rodrigues andava a pé e guiava seus indios atacados de febres. Acertou pois de dividir com D Rodrigo as esmeraldas, conservando metade, afim de melhor

(29) Muitos dizem, e entre outros o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, que Borba Gatto ficara no Sabará-buçú emquanto Fernão Dias seguiu para o sertão das Esmeraldas. Esta versão é uma das muitas duplicatas contradictorias de Pedro Taques na «Nobliarchia Paulistana». (1.º) Si Fernão Dias, abandonado e sem armas, recebeu de S Paulo apenas o necessario para affrontar sertões infamados como os do *Tapajó*, é claro que não podia dispensar o auxilio particular de seu genro e nem com elle repartir munições e instrumentos. (2.º) Si o Borba tivesse ficado no Sabará, cujos depositos, á flor da margem do rio, foram mais tarde tão facilmente encontrados, o ouro seria manifestado com as esmeraldas, ou antes, e não em 1700, tão demoradamente, depois de outros acontecimentos, como se sabe e não se contesta. (3.º) Si o Borba ficasse no Sabará-buçú, não se conciliaria a historia como se narra no texto.

Tambem dizem que Garcia Rodrigues, tendo conhecimento da chegada de D. Rodrigo, veiu ao Paraopeba dar-lhe contas. Neste caso tel-o-ia esperado no Sumidouro, onde era o centro da conquista, e evitaria as viagens de ida e volta para depois partir para S. Paulo, e tudo isto a pé!

segurar o bom exito, por duas vias, e chegarem ao Rei A sua viagem deveria ser mais demorada; pelo que D. Rodrigo despachou para S. Paulo o seu Ajudante Francisco José da Cunha, que as apresentou á Camara no dia 1.º de Setembro d'esse anno corrente de 1681. Tendo de tudo lavrado um termo em 26 de Junho, que foi o primeiro documento publico assignado em Minas, Garcia Rodrigues, depois de algum descanso, proseguiu em viagem para S. Paulo, e ahi chegando apresentou a sua parte de esmeraldas á Camara no dia 1.º de Dezembro do dito anno.

D. Rodrigo de Castel Branco, levantando á sua vez acampamento, seguiu para o Sumidouro com pressa de ver si ahi ainda encontrava o coronel Borba Gatto.

CAPITULO QUINTO

D. RODRIGO DE CASTEL-BRANCO

I

A COMITIVA

Era D. Rodrigo castelhano de nascimento. Depois de andar pelo Perú, recolheu-se á Europa com os conhecimentos adquiridos, e como soube que o Rei de Portugal carecia de um especialista, apresentou-se para se encarregar dos descobrimentos. A habilidade com que se houve na Côrte grangeou-lhe a plena confiança do Soberano, que o nomeou fidalgo de sua casa e Administrador Geral das Minas, com amplas faculdades e pingues vencimentos, sendo logo mandado a entabolar no Sergipe as minas de prata da Itabaiana, que se presumia serem as famosas de Roberio Dias. Esta crença arraigou-se tanto que o Principe Regente (D. Pedro) fez baixar o Regimento especial de 28 de Junho de 1673, pelo qual se instruisse D. Rodrigo e se desempenhasse da commissão, armado de poderes e jurisdicções em toda parte onde chegasse e houvesse mister.

Pelo artigo 8.º d'esse Regimento extendia o Principe a autoridade de D. Rodrigo a todas as demais minas, que constava haver nos sertões e que convinha logo entrasse a descobrir.

Nada, porem, se achando do que se esperava na Itabaiana, e, começando a correr noticia dos descobrimentos do sul, mandou o Principe Regente que o Administrador se passasse a esta parte com o pessoal administrativo, sendo Jorge Soares de Macedo o Thesoureiro Mór, e João Alvares Coitinho o mineiro pratico da expedição.

Em chegando a Santos, dividiu o Administrador Geral o serviço com Jorge Soares, indo este com 200 indios sagittarios ao reconhecimento das galerias argentiferas, no sertão do sul até o Rio da Prata e as ilhas de S. Gabriel, emquanto D. Rodrigo seguia para o sertão de Paranaguá, em diligencia igual a respeito do ouro.

Em cumprimento d'essa partilha, subiu Jorge Soares a S. Paulo, cuja Camara forneceu-lhe, conforme as ordens regias, quanto exigiu : 2 contos de réis em dinheiro, 3 mil alqueires de farinha de trigo, 300 arrobas de carne de porco, 100 alqueires de feijão, 98 arrobas de fio de algodão de 3 linhas, e 2 de fio singelo, 19 espingardas, 12 catanas, 15 arrobas de tabaco de rolo, e 8 mil varas de algodão tecido. Mencionamos toda esta lista do fornecimento para termos idea do que eram aquellas expedições, em que se fazia a guerra com um punhado de armas de fogo e o mais á maneira selvagem de arco e flecha. O algodão em fio representava elemento indispensavel ao preparo de cordas, e ao tecido dos pannos de que se vestia o sequito, todos, menos os

portuguezes, andando semi-nús com um simples resguardo tanga da cintura aos joelhos (30)

Para acompanharem a Jorge Soares, foram escolhidos sertanistas de nomeada. capazes de tão serio emprehendimento, quaes, com a patente de Capitão Mór da infantaria, Braz Rodrigues Arzão, e com a de Sargento-Mór Antonio Affonso Vidal.

Do porto de Santos largou a flota (Março de 1679), composta de seis sumacas e um patacho, sob o commando do Capitão de mar, Manoel Fernandes; mas com tal infelicidade, que em poucos dias a contrastavam desmedidos temporaes; pelo que foi obrigada a voltar tres vezes ao porto, até que da ultima sossobrou uma sumaca e as demais foram arrojadas para Santa Catharina, excepto a que de novo tornou a Santos, trazendo o Tenente General Macedo, o Sargento Mór Vidal, o Capitão de infantaria Manoel de Souza Pereira, e o Alferes Mauricio Pacheco Tavares com os soldados infantes.

Resolvidos neste caso a marchar por terra, guiaram-se por Paranaguá ao sertão de S. Francisco, e foram ter á ilha de Santa Catharina, onde encontraram emissarios de D. Manoel de Lobos, que pediam instantes soccorros contra os castelhanos; os quaes moviam-se para o lançarem fóra da nova cidade do Sacramento, emquanto construiam alli a forteleza da colonia. Deixando então 200 indios em Santa Catharina, sob o commando de Manoel da Costa Duarte, embarcaram elles e navegavam, quando todos em misero naufragio pereceram no Cabo de Santa Maria, menos Arzão, Vidal, Macedo, e poucos mais companheiros.

(30) Ainda no principio das Minas os portuguezes, por andarem de calças, eram chacoteados com o apellido de pintos calçudc emboabas).

Os castelhanos entrementes haviam-se apoderado da Ilha de S. Gabriel e da nova cidade (6 de Agosto de 1680); e como os naufragos, rompendo o sertão, procuraram ganhar aquellas paragens, foram aprisionados, e com o Governador D. Manoel de Lobos conduzidos para Buenos Ayres, onde governava o General D. José Garro.

De Paranaguá, onde se achava, quando recebeu a ordem Regia para ir ao Sabará-buçú, D. Rodrigo embarcou para Santos em viagem para S. Paulo, trazendo o mineiro João Alvares Coitinho, que, como já se disse, a instancias do Rei, tinha vindo para o sul generosamente assalariado por ser bom conhecedor da mineração; o que tudo se vê da Carta Regia a elle Coitinho dirigida com data de 7 de Dezembro de 1677 para que acompanhasse o Administrador Geral aonde fosse. Por esta Carta tambem se deprehende o interesse que o Rei tomava pelos descobrimentos; o que mais ainda se revela pela de 29 de Novembro d'esse mesmo anno, dirigida ás Camaras de Santos e de S. Paulo, afim que estas applicassem a tal mister o producto das taxas lançadas n'esses Municipios e destinadas a satisfazer o donativo da Hollanda e paz com a Inglaterra. (31) O Erario Regio fazendo essa despeza, o espirito dos Paulistas levantar-se-ia, por verem elles os seus sacrificios applicados a materia mais proxima de seus interesses; pois eram os descobrimentos problema, entendido com as vivas aspirações da

(31) Contra o tratado dos Pyreneos, que voltava Portugal ao jugo da Hespanha, interveio a Inglaterra, que tambem negociou com a Hollanda a definitiva renuncia do Brasil. Por este motivo Portugal obrigou-se a um *donativo* á Hollanda; e a Inglaterra pelo seu *procuratorio* exigiu tambem a sua gratificação. Não ha ponto sem nó.

colonia, que em tudo o mais se mostrava decadente e empobrecida.

Recebendo as Cartas Regias os officiaes da Camara Lourenço Castanho Taques (Juiz Ordinario Vitalicio), Gaspar Cubas Ferreira, Manoel da Rosa e Manoel de Goes (Vereadores) e o Procurador Manoel Leão, reuniram-se em Junta (20 de Junho de 1680), á qual assistiram em consulta sertanistas abalisados; e estes foram, entre outros, Jeronymo de Camargos, Mathias Cardoso, Manoel Cardoso, Antonio de Siqueira, Pedro da Rocha Pimentel; os quaes opinaram que, já estando livres e conhecidos os caminhos do sertão até o Rio das Velhas, fosse despachada n'esse mesmo instante uma leva, que distribuida plantasse em varios pontos adequados roças necessarias ao mantimento da expedição. O que de facto se executou.

Mas, como acima se dizia, tendo Jorge Soares e seus companheiros cahido em poder dos castelhanos, esta noticia correu dolorosamente por S. Paulo, poucos mezes depois, consternando a todos, e de maneira para enlouquecer ao mineiro João Coitinho. amigo intimo e dedicado do prisioneiro. E tão desalentado cahiu o pobre velho, que acertou de fugir ao compromisso tomado de acompanhar a D. Rodrigo ao Sabará-buçú, allegando agora a sua idade avançada, os seus achaques, e a falta de dentes para se nutrir no sertão, onde as carnes duras e as fructas sylvestres serviam de generos ordinarios.

Por seu lado o Administrador-Mór era Hespanhol, e sentia-se abalado, receiando que o fizessem de inimigo. Julgava-se mesmo, e com alguma razão, enfraquecido moralmente para commandar portuguezes, cujo rancor não se disfarçava, senão rompia francamente em hostilidades.

Embrenhado pelos sertões (considerava D. Rodrigo), os embaraços bem se podiam prever ; porque ao menor mandamento seria desobedecido, sem poder castigar a ninguem ; e neste caso ou a disciplina seria sacrificada ou a lucta rebentaria

Entretanto, por parte dos chefes paulistas o clamor crescia contra a inercia do Administrador Geral ; e Mathias Cardoso, o mais prepotente e energico dos chefes, convocou ousadamente uma Junta na Casa do Senado, e se collocou á frente dos reclamantes, lançando em rosto a D. Rodrigo, alli presente, o seu procedimento desidioso. O Rei lhe havia confiado o posto mais honroso, consignado pingues vencimentos e mercês excepcionaes ; e no emtanto retardava por negligencia o desempenho dos deveres, ao passo que elles paulistas, que serviam sem remuneração e com prejuizo da propria fazenda, achavam-se promptos e em ordem de marcha ! Allegava, ainda, Mathias Cardoso, em tom vehemente os seus sacrificios quando acompanhou Fernão Dias dous annos pelo sertão, de onde regressou somente á força das calamidades. que desbaratavam o seu terço. Intimava portanto ao Administrador e Provedor Mór D. Rodrigo a se pôr em movimento, sob pena de o representar ao Governo Regio, como convinha, para ser advertido.

Pela carta de 29 de Novembro, citada, o Principe Regente havia declarado ser essa a ultima tentativa a praticar ; porque, frustrada mais uma vez, [illegible]laria de rosto ás miragens do sertão. Ora, tal ameaça [illegible]balava a paixão dominante dos paulistas. Quanto [illegible]o Mineiro Coitinho, acabou Mathias Cardoso por [illegible]brigal-o a cumprir o seu dever, cortando-lhe as

objecções. Dar-lhe-ia sessenta negros para o conduzirem em rêde; bem como todo o alimento apropriado, durante a jornada.

Em vista destas arguições, aliás procedentes, D. Rodrigo determinou-se a partir e de facto no dia 7 de Março de 1681 a comitiva se poz em movimento. Militar distincto, foi o primeiro chefe que deu á tropa uma organização regular, como de milicias, formando-a por companhias, e conferindo patentes de commando, que tocaram :

A Mathias Cardoso de Almeida, a de Tenente General Adjunto ;

A Estevão Sanches de Portes, a de Sargento Mór ;

A Manoel Cardoso de Almeida (irmão do Tenente General), a João Saraiva de Moraes, a Domingos do Prado, a Jeronymo Cardoso (filho deste), a Francisco Cardoso (pae de Salvador Cardoso), a João Dias Mendes, a André Furtado de Mendonça, e a outros, a de Capitães de Companhia.

Havia D. Rodrigo feito chamar de Santa Catharina os soldados e indios alli estacionados desd'a partida de Jorge Soares para o sul ; e com cabos fieis distribuiu esta gente pelas companhias, reservando para si um piquete de confiança ; medidas estas que demonstram precauções de um homem pratico e sagaz.

As providencias tomadas para a provisão de viveres pelo caminho, alem dos subsidios levados de S. Paulo, bastavam para não se pensar em fome no sertão ; a comitiva pois se moveu com opportunidades nunca proporcionadas a iguaes emprehendimentos, sendo a principal o transporte em animaes de cargas e de montaria, os primeiros que entraram em Minas. Alem d'isso, como vinha o Administrador

no intento de consolidar os nucleos fundados por Fernão Dias, e de fundar outros, trouxe não poucos casaes de animalia domestica, e sementes novas de fructas e cereaes, si bem que no Baependy, cujo arraial reforçou, e na Ibitiruna já alguma criação houvesse, oriunda das Fazendas acima falladas de Felix Jacques. Não menos para animar esta bandeira correu a certeza de estarem os caminhos limpos de inimigos, desde que Lourenço Castanho fez recuar os Cataguá para o centro. Estes barbaros, ainda mesmo depois da entrada de Felix Jacques e de Fernão Dias, não deixaram de fazer o corso nas regiões do Rio Grande; Lourenço Castanho, porem, tendo encontrado uma horda, exterminou-a no logar que por isso recebeu o nome de Conquista; e desd'então jamais appareceram; porque em seguida o conquistador, atravessando-lhes o reino, os anniquilou inteiramente.

Já então pelos arraiaes vogavam tambem as noticias do Sabará-buçú trazidas pelos desertores de Fernão Dias; e estas exageradas, como era de costume ou prazer dos sertanistas, que sem outro divertimento inventavam maravilhas, cujos actores se vangloriavam.

Em taes condições a comitiva de D. Rodrigo, sem incidente algum desagradavel, chegou a Paraopeba no dia 20 de Junho, logar em que se deu o encontro de Garcia Rodrigues voltando para S. Paulo.

II

O CONFLICTO

Quando D. Rodrigo chegou ao Sumidouro, já o Borba em cumprimento das ordens do sogro, havia partido para o Sabará-buçú e se achava acampado a legua e meia de distancia. Sabendo, porem, da

boa nova, retrocedeu em visita aos recemchegados, todos seus conhecidos ou amigos, e a maior parte parentes seus ou da mulher (32). E' facil imaginar o transporte de alegria que então a todos suspendeu n'quelle sitio, remoto da patria, em meio de sertões calamitosos, confraternisados pela mesma causa e pelos mesmos perigos e azares. Sette annos havia que o Borba deixara S. Paulo, ausente da mulher e das filhas ; e outros tantos em que soffria os rigores da adversidade, testemunha e parte da pavorosa tragedia em que se desenvolveu a jornada do sogro. Não fosse a mania dos descobrimentos, a esperança das riquezas, que faceis agora se antolhavam, o seu caminho seria tambem o de S. Paulo.

Recebido por D. Rodrigo, que era, á parte os pequenos defeitos, um homem fino e amavel, com benevolencia, inteirou-se da missão em que vinha, sendo-lhe apresentados os titulos, que o caracterisavam como Delegado Regio no governo das minas e das povoações, onde entrasse, conforme o mais que expresso Regimento promulgara a respeito (33).

(32) E' notavel que todos os bandeirantes fossem consanguineos.

(33) « Hei por bem... que vos dê o Governador Geral, Affonso Furtado de Mendonça, todo o poder e jurisdicção, que para este beneficio (das minas) pertenderdes e for mister. E no tocante as cousas e diligencias que ordenardes... guardarão vossas ordens os Capitães mores e Officiaes da minha Fazenda, de Justiça e Guerra, do districto das ditas minas, sem contradicção alguma assim de palavras, como por escripto. E tereis jurisdicção sobre todos os naturaes moradores existentes n'ellas, os quaes todos para o dito effeito (entabolamento das minas) serão obrigados a guardar vossas ordens e mandados, confiando que vós usareis d' maneira que, fazendo-se o que convem a bem das ditas minas meu serviço não haja causas, como espero de vossa prudenc (art. 1º).

« E porque se tem noticia que, alem das minas, a que id (de Itabaiana), ha outras nos sertões. Hei por bem que, depois

Entretanto, ao Borba pareceu especial o caso, em que se collocou. Sem embargo do Regimento, feito propositalmente para D. Rodrigo, Fernão Dias, por uma Provisão anterior e tambem legitima, havia sido nomeado Governador de sua leva e do districto de seus descobrimentos e conquistas, poder em que havia elle Borba succedido, como os Alvarás permittiam. E pois, a maneira de alli se conciliarem as cousas era entender-se a jurisdicção de D. Rodrigo á lettra do Regimento, que a prorogava somente para as minas existentes no sertão, que elle em pessoa descobrisse. Ora, as do Sabará-buçú já estavam descobertas; o governo d'ellas portanto pertencia ao chefe da Bandeira, legalmente investido por quem podia investil-o. E tanto assim era que na Ordem Regia, pela qual D. Rodrigo vinha ao Sabará, o Soberano terminantemente declarou que não seria exautorado Fernão Dias, mas, pelo contrario, fosse attendido e respeitado.

Desta discussão, dizem os autores, os animos sahiram já espesinhados e mordidos; mas nem por isso a discordia rebentaria, si lhe faltasse o sopro da intriga; porque da propria comitiva do fidalgo sahiu o fermento incubado desd'as questões de S. Paulo.

Alem de estrangeiro, no caso de irritar os espiritos, despeitados pelo commando, que aliás se mantinha com disciplina, apoiada nas forças cautelosamente escolhidas, mostrava-se D. Rodrigo intoleravel aos olhos dos paulistas pelas gabolices e fanfarronadas. Blasonava-se elle de familiar do Prin-

rdes averiguado e entabolado as do districto, a que agora vos ando, fareis toda diligencia para averiguação d'ellas (art. 8º). Ou..o sim: Hei por bem que sejaes Administrador Geral das ditas ιinas... e n'ellas tereis poder e jurisdicção para seguir o que ιais conveniente fôr a meu serviço (art. 9º).

cipe Regente e de gozar de toda influencia na Côrte; ao passo que os outros, homens de tantos serviços, vendo-se inferiores na estima do Soberano, remoiam-se de inveja e creavam aborrecimento. Eis a origem de tudo. Ao compatriota ferido no mesmo ciume persuadiram, que assim como o Fidalgo, colhendo as esmeraldas de Garcia Rodrigues as havia remettido em seu proprio nome para usurpar a gloria alheia; assim tambem queria agora ir ao descoberto do Sabará no interesse de figurar como descobridor das minas perante o Rei. Neste caso, o Borba convencido protestou que não obedeceria á investidura indefinida do Administrador, quando elle Borba representava tambem a especial e certa de Fernão Dias; e nem respeitaria a posse, que seu cunhado havia dado ao mesmo D. Rodrigo na Paraopeba. Quanto ao descobrimento do Sabará-buçú absolutamente que não o entregaria; estava resolvido.

Em taes desintelligencias D. Rodrigo no empenho de se fazer respeitado, acertou de procrastinar, usando de toda a prudencia; já em observancia ás instrucções do Regimento, já pelo temor de um conflicto, para o qual sentia-se fraco em presença de inimigos e desaffectos em grande numero. Passavam-se então os mezes propicios ás jornadas. Sob este protesto, o Borba propoz que D. Rodrigo se occupasse em outros descobrimentos e diligencias, emquanto elle continuasse a fazer o descortino do Sabará. Percebeu D. Rodrigo o intento do adversario, qual o de impellir para sertões desconhecidos, em tempo máo, a sua comitiva, desastre certo, quando pela impugnação dos chefes subalternos n lhe redundasse em desordem formal.

Insistindo n'isto sem resultado, o Borba exa perou-se e rompeu em vociferações francas, dizer

de rosto a D. Rodrigo, que era elle um perdulario da Fazenda Real, infiel mandatario do Rei, pois que em vez de proseguir nos descobrimentos procrastinava no arraial o serviço em regalos e banquetes, entregue á libertinagem. O arraial n'esse tempo era em verdade abastecido de viveres, farto de peixe finissimo e de caça delicada; e sobre tudo não lhe faltavam as provisões de vinho e conservas transportadas de S. Paulo em costas de animaes. A soldadesca de D. Rodrigo vivia á toda redia na licença ; e os potentados d'aquella quadra relapsa não primavam de escrupulos n'uma sociedade apenas emersa do materialismo pagão. Os dias passavam-se em jogos e caçadas ; as noites em orgias, ao som de guitarras e violas. As dansas mais sensuaes succediam, em que a nudez quasi completa das mulheres dava o sainete. Eram as indias do Guaixii da raça Goianá, as andaluzas da gentilidade.

Havendo nas imprecações do Borba um certo cunho de verdade, não tocante á perda do tempo, mas ao relaxamento da disciplina. D. Rodrigo acovardou-se quando soube, que o rival havia dirigido uma denuncia compendiosa de seu procedimento a despacho do Rei. Mas homem sagaz, fingia-se disposto a proseguir; ordenou os preparativos; e reclamou do Borba lhe entregasse as munições de polvora e balas, de que carecia, para affrontar o sertão dos Tapajó, caminho em transito ao paiz das esmeraldas, cujo entabolamento era o seu intuito, já que desistia de ir ao Sabará. O Borba, ·rem, se mostrou muito mais avisado em negar ·remptoriamente a entrega das munições; e con·stou que, embora inventariadas na bandeira, não ·ertenciam á Fazenda Real, senão a Fernão Dias, ·mpradas á custa deste, e d'elle proprio seu genro ;

quanto mais que, sendo successor do mesmo Fernão Dias, governava a bandeira, que não estava dissolvida e sim em continuação de diligencias, autorisadas e legalisadas pelo Governador Geral Affonso Furtado, em nome e poder do Rei. A hypothese, pois, era de um Governador desobedecendo a outro, e no exercicio ambos de sua jurisdicção. Esta resposta, acabrunhando a D. Rodrigo, irritou a seus sequazes, soldados e indios do padroado regio, que tomaram por insupportavel o insulto da recusa; mormente na persuasão, em que discutiam o acto, de evidente insurreição contra o Superior hyerarchico, revestido de poder absoluto e militar. Conluiaramse, por conseguinte, em tomar pela força as munições; e nisto os dous campos se puzeram em armas

D. Rodrigo, porem, que pelo menos dissimulava ignorar a deliberação e mostrando ser sorprendido pelo facto, interveio, sustando o conflicto; e mandou pedir ao Borba uma entrevista, que fosse em logar neutro, para o qual ambos chegariam sem armas e acompanhados cada um por dous pagens somente. Os chefes paulistas, arrependidos talvez dos ventos que haviam serenado, intercederam com o Borba; e este annuiu, por seu lado, meditando nas consequencias funestas de tal conflicto no sertão. Além disto, percebendo que lhe não sahiriam em auxilio os chefes da leva opposta, temeu que a sua gente fosse aniquilada, inferior em numero e em armas aos soldados e indios do Administrador Geral.

Marcada pois a entrevista, começaram os doı a se conciliar, e discutiam urbanamente, senã quando, por estulta exigencia do Borba, que I Rodrigo se retirasse do districto do Rio das Velha visto a elle pertencer a sua jurisdicção como p

meiro descobridor, devidamente constituido, que era na forma dos Alvarás, perderam ambos a calma, e em tom de imperio proferiu D. Rodrigo palavras de ameaça. Foi o bastante Os dous pagens do Borba, assentando ser caso, levaram os trabucos á mira e vararam o fidalgo, alli morto instantaneamente. (Outubro de 1681). Não satisfeitos, passaram a matar os pagens; no que foram a tempo contidos pelo Borba. O sitio, em que este funesto acontecimento consummou-se, até hoje se chama o Alto do Fidalgo, perpetuando a memoria, por ventura, mais lugubre do sertão, pelas consequencias incomparaveis, que se desenvolveram na historia do Rio das Velhas.

Em Dezembro o Rei, em Lisboa, cedendo á queixa dos Paulistas, que desejavam fazer por si sós os descobrimentos, e tambem, ingrato como se mostram os Principes, comparando as despesas com os resultados, destituiu o desditoso hespanhol de todos os cargos e commissões, amargura que todavia não provou, porque já dormia em descanso no chão do deserto. D. Rodrigo, como vimos, foi um lutador imperterrito nos sertões de Sergipe a S. Paulo, de Paranaguá ao Rio das Velhas; mas a sorte denegou-lhe a ventura dos descobrimentos, cousa aliás que nem todos lograram conseguir. (34)

(34) O Dr. Diogo de Vasconcellos, seguindo ao Dr. Claudio, e este a uma versão em duplicata de Pedro Tacques, diz — que o Borba em pessoa matou a D Rodrigo, dando-lhe um empurrão que o precipitou de cima de umas catas ». E' inverosimil (1.º) porque n esse tempo não havia ainda cata alguma aberta; (2.º) porque o Borba justificou mais tarde a sua innocencia; (3.º) finalmente, si o facto succedeu, como dizem, no Sabará-buçú, a cata ficaria aberta e á vista de todos, não sendo possivel que o descoberto do Borba cahisse em esquecimento, como cahiu, apesar da sede de ouro, que a todos devorava; (4.º) e, mais, a logica dos acontecimentos seria invertida.

III

A DISPERSÃO

Em consequencia da catastrophe, que a todos commoveu, o exercito de D. Rodrigo agitou-se em brados de vingança. O crime perpetrado em fidalgo representante do Rei era de lesa-magestade, que as leis puniam com supplicios, com a infamia da memoria, e o confisco dos bens, confundindo cumplices e autores no mesmo rigor. Os mesmos chefes paulistas desaffeiçoados á victima, no terror das primeiras impressões, não querendo se comprometter envolvidos em suspeitas, abandonaram o Borba e fizeram causa commum com a leva de soldados e indios regios, que aliás amavam a D. Rodrigo. O Borba, porem, homem de energia e decidido, compulsando o perigo, entrincheirou-se no Alto do Fidalgo e preparou a resistencia. Não tendo forças sufficientes, conseguiu da astucia o que não lhe dariam as armas, e seguro contra o ataque no seu baluarte ganhou tempo, fazendo correr no arraial inimigo que não offereceria batalha emquanto lhe não chegassem auxilios de tribus alliadas, que havia convocado; e não chegasse tambem um terço da expedição de Fernão Dias, que se havia retardado na jornada sob o commando de D. José de Castilhos.

Por occasião do levante de José Dias, os companheiros expulsos do arraial haviam effectivamente se dispersado pelos arredores, uns para Sette Lagoas, outros para cima, ou abaixo do Rio das Velhas. convivendo com os indios mausuetas da região, e go zando de estima entre elles. Não obstante os su cessos do Sumidouro, o Borba não se fez odiado, agora, que, por força de camaradagem, poderiam

congraçar com auxilios apenas souberam do aperto vieram ao acampamento, e combinaram prestal-os. Em certa noite, pois, mandou Borba, que ás occultas sahissem do campo muitos do seu sequito; e de facto, reunindo-se aos que aquelles amigos conseguiram ajuntar, pela madrugada, ainda escuro, entraram de novo com grande estrepito, ao som de cornetas e alaridos, figurando o advento de phalanges promptas a combate. (35)

Emtanto, mandando o Borba por outros emissarios aos chefes paulistas, seus velhos amigos e parentes, justificou-se da imputação; e os arrefeceu. Compenetrados da injustiça, que faziam; e mais ainda do risco, em que estavam, de uma lucta fratricida, que, aliás, fomentaram, sem utilidade, no sertão, acertaram de tomar alvedrio mais cordato, voltando para S. Paulo, onde tinham familia e riquezas a proteger. Em vista d'isto os soldados e indios de D. Rodrigo, reduzidos aos proprios braços, consideraram-se fracos; e na madrugada do estrepito, quão de effeito se derramou o terror entre elles, que trataram de fugir, antes que o inimigo os atacasse.

Os escriptores, sem descrepancia, dizem que estes sequazes, envergonhados por não poderem vingar a morte do chefe, não querendo chegar a S. Paulo desmoralisados, assentaram de se entranhar pelos sertões. A frivolidade é manifesta de um tal motivo, que aliás todos os escriptores repetem; e

(35) Os mesmos autores citados dizem que o Borba fingiu a entrada de Fernão Dias voltando do norte. Um disparate. Si D. drigo havia se encontrado com Garcia, conduzindo o cadaver, to historico provado. seria ridiculo o embuste do Borba, fingindo sogro ainda vivo. Os termos lavrados de entrega das esmeral-s. e o jazigo de Fernão Dias em S. Bento não deixam duvida e morreu no sertão, e foi levado para S. Paulo.

rigiu ao Rei, em Carta de 2 de Novembro de 1682, uma denuncia formal contra o foragido. Vingavam-se os Deoses

O Borba considerou-se então perdido pàra sempre.

CAPITULO SEXTO

OUTRAS EXPEDIÇÕES

I

LOURENÇO CASTANHO

Já temos dito assaz para se não confundirem os conquistadores com os simples aventureiros caçadores de indios. A' aquelles cabia de propriamente o titulo de bandeirantes. Cada potentado desta classe contrahia obrigações em troca de direitos. Defendiam a civilisação contra os barbaros ; e acudiam aos Governadores com o seu corpo de armas disciplinado· Senhores de vastos latifundios, suas Fazendas eram immensas officinas de trabalho. Cultivavam toda especie de cereaes, e criavam toda casta de gado. Tinham em casa officinas de misteres mechanicos, e tecelagens completas de algodão de linho e de lã, graças aos milheiros de escravos e de indios, sujeitos como servos da gleba nos seus aldeamentos (reducções). As Fazendas eram de facto Villas, em que

tinham o «jus necis et vitœ» sobre os subalternos; praça de armas em que se armazenavam materiaes de guerra.

Numerosa clientela os bajulava e lhes fazia a côrte. O luxo era immenso; as copas brilhntes e profusas; os moveis apparatosos; soberbas as cavallariças. Nas Capellas da Fazenda o culto exorbitava de esplendor, Padres e Frades revezavam-se pregando a obediencia, santificando os senhores, e ferindo a imaginação da plebe com festas deslumbrantes. Casa que se prezasse nunca deixava de ter cem camas para hospedes. Tinham voto consultivo no Governo, e pleiteavam o majorato das Villas. Mas, por isso mesmo, eram os que sustentavam a machina da colonia, supprindo de viveres as povoações, construindo os templos e conventos, como tambem os edificios publicos, os caminhos e as pontes, obras estas que se faziam por *croveas*, se bem que raramente houvesse quem os obrigasse a cousa alguma, a elles, os Ricos-Homens, contra os quaes não se moviam causas. Nas grandes commemorações da Igreja, misturando festas sagradas com profanas, alem dos gastos internos, forcejavam por exceder uns aos outros com espectaculos ruidosos, que duravam dias e semanas.

Na epocha dos acontecimentos que narramos, apenas um potentado igualaria em cabedaes e forças a Lourenço Castanho Tacques, que desde 1640 exercia, sem rival, o majorato da villa de S. Paulo, de antes exercido por Amador Bueno (37). Era

(37) Amador era riquissimo, prudente e sensato. Quando o partido hespanhol, por elle ser o major da Villa, o acclamou Rei de S. Paulo (1.º de Abril de 1640), fugiu da turba e encerrou-se no Mosteiro de S. Bento, chamando a Lourenço Castanho para serenar e despersuadir o povo. Neste caso o partido hespanhol despeitado retirou-se da influencia de Amador e se uniu a Castanho, que ficou senhor da popularidade. Amador era filho do nobre Sevilhano Bartholomeu Bueno de R iv éra.

filho de Pedro Tacques (portuguez) e de D. Anna de Proença (paulista), neto de Francisco Tacceu Pompeo (do Brabante) e de D. Ignez Rodrigues (de Setubal). D. Anna de Proença era filha de D. Maria Castanho (de Monte Mór o Novo) e de Antonio de Proença (de Belmonte). Blasonavam-se pois os Tacques (antigos) da genuidade do sangue europeu, em justaposição aos das mais nobres e ricas familias da America, como a dos Buenos, que descendiam da filha do Cacique de Ururary (Piquiriboy), casada com Antonio Rodrigues, ou da filha do cacique de Piratininga (Tibiriçá), casada com João Ramalho, os dous celebres portuguezes que precederam em Turriamú a posse de Martim Affonso de Sousa. (38).

Opulento; generoso e valente, Lourenço Castanho sustentava, com todo poder de que dispunha, os Padres da Companhia de Jesus contra o partido escravagista, que lhes movia activa guerra. Os Padres queriam civilisar os indios por meio de aldeamentos; mas os seculares queriam a escravisação franca.

Consequentemente, sendo protegidos tambem á toda força por Salvador Corrêa de Sá e Benevides, Almirante, Governador do Sul, desta conformidade nasceu a recommendação, que fez dos dous os melho-

(38) A estada destes homens no paiz é um mysterio, que se não desvendou. Ramalho no seu testamento feito em 1536 diz que havia 30 annos morava em Piratininga; mas isto daria que entrou antes de Cabral descobrir o Brasil. Suppondo-se engano de algum tempo, tem-se por certo que foram os dous grumetes evadidos da frota, e que costeando o mar, chegaram a S. Paulo Martim Affonso de Sousa foi recebido no Porto de Tumiarú (S. Vicente) por Antonio Rodrigues, e avisado Ramalho, ambos negociaram entrada dos portuguezes em paz com Cayuby, Tibiriçá e Piqui boy, que eram os tres regulos da confederação goyaná, dominan do paiz. Ramalho veiu, ao encontro de Martim Affonso, com 2(indios sagittarios, que o conduziram em guarda para serra-acim

res amigos. Vindo em 1659 para o Brasil com empenhos do Rei, tendentes aos descobrimentos do sertão, o Governador seguiu com pouca demora para S. Paulo, a entender-se neste negocio com os potentados; e ahi n'essa occasião entregou a Castanho uma carta de D. João IV, pedindo-lhe que auxiliasse os projectos do mesmo Governador em tal assumpto.

« Annos depois (diz Pedro Tacques, seu descendente), achando-se com disciplina militar na guerra contra os indios, e tendo pratico conhecimento dos sertões, recebeu uma carta do Principe Regente o Infante D. Pedro, datada de 23 de Fevereiro de 1674, sobre o descobrimento das minas de ouro e prata, para cuja diligencia havia já partido Fernão Dias Paes, com patente de Governador de sua leva ou tropa (39); e pois Lourenço Castanho tomou a si, pelos seus cabedaes e força do corpo de armas, penetrar o sertão dos barbaros indios Cataguazes, e entrou para esta conquista com patente de Governador com jurisdicção e poder correspondentes ao caracter de sua patente, largando a serventia vitalicia do officio de Juiz de Orphãos, que occupava por provisão de mercê vitalicia, como tinha tido seu pae Pedro Tacques. E conseguiu o primeiro conhecimento, que depois veio a produzir a fertilidade das minas de ouro, chamadas ao principio de seu descobrimento — Cataguazes, e depois extendendo-se em muitos logares, mas no mesmo sertão, os no-

(39) Desta expressão — *havia partido* — é que se tem inferido o anno de 73 para a partida de Fernão Dias; mas deve-se entender: havia partido, *quando* Tacques recebeu a carta do Infante.

vos descobrimentos, vieram estas minas a ficar conhecidas com a nomenclatura de Geraes, em que se conservam ». (40)

Em consequencia, movido pela carta do Principe, Lourenço Castanho se poz em marcha, no anno de 1675, data esta apontada por Pedro Tacques e em perfeita harmonia com os demais acontecimentos.

Tendo Fernão Dias por objectivo as esmeraldas, especialmente, inclinou-se Castanho aos descobrimentos de ouro; sobre os quaes corria em S. Paulo, cousa admiravel, a versão de as haver em Goyaz abundantissimas á beira de rios numerosos Ou tradição dos indios, que de lá desceram e se lembraram das folhetas então á flor da terra, ou dos aventureiros audazes que lá penetraram em busca de indios, a verdade é que as denuncias mais antigas de ouro nasceram da Meia Ponte. E. pois, neste encalço, já de S. Paulo, antes de Castanho, haviam partido, ora por Mugy ora por Araraquara, aventureiros do tomo de Antonio Pedroso de Alvarenga e de Paschoal Paes de Araujo, este que, primeiro, descortinou as nascentes do Parnahyba e do Araguaia; de onde, arrebanhando indios, passou a fundar Fazendas no sertão de Pernambuco.

Lourenço Castanho, porem, affeito á lucta com os indios, não temeu o embaraço, que persuadia aos outros o itinerario do Paraná, e já tendo á sua disposição caminho aberto até a Ibitiruna, affrontou-a no reino dos Cataguá, o espantalho, que tanto retardou o conhecimento das Geraes. Dobrando a Mantiqueira, bateu-os na Conquista, como já se disse, e, os perseguindo, invadiu-lhes todo o distri-

(40) Deve-se entender — o primeiro conhecimento — porque foi Tacques quem voltou primeiro do que Fernão Dias a S. Paulo; o contrario é um absurdo, como se demonstra pelo texto.

cto até o Araxá (41); por onde foi ter á serra, além do Paracatú (rio bom), cujo arraial iniciou, serra que até hoje conserva o seu nome, perpetuo monumento da estupenda façanha.

Falleceu Castanho em S. Paulo aos 7 de Março de 1677 (42), data que define a duração de 2 annos para estes acontecimentos.

A respeito deste notavel conquistador, a historia enreda-se em confusões, havendo quem lhe attribua o primeiro descobrimento de ouro, proposição que não adoptamos, pois que, sendo o talisman da epocha, esse ouro não ficaria sem manifesto e sem memorias. A gloria de Castanho foi sem a menor duvida o aniquilamento dos *cataguá*, principio que determinou a definitiva conquista do territorio central das Minas Geraes.

Nas *Ephemerides Mineiras*, obra que só a paciencia de um erudito e o gosto de um litterato poderiam concluir sem desdouros, encontramos todavia um engano na *Ephemeride de* 23 *de Março*, 1664, seguinte :

« Uma Carta Regia louva a Lourenço Castanho
« Tacques pelos serviços prestados como um dos
« descobridores do sertão dos Cataguás e Caheté,
« facto que occorreu portanto pelo menos no começo
« do anno anterior, ou mais provavelmente em 1662 »

Nada mais improcedente.

Em primeiro logar, nenhuma descoberta se fez jamais no começo dos annos, tempo improprio das diligencias; em segundo é que, sendo facto incon-

(41) *Ara* dia *xá* ver. Assim os indios chamavam as bandas orientaes do ponto em que moravam.

(42) Em 20 de Junho de 1680 achamos reunido em Camara com outros officiaes Lourenço Castanho Tacques, Juiz Ordinario. Deve-se entender com o Moço, filho do Conquistador dos Cataguá. Os castanho exerceram em S. Paulo o officio de Juiz hereditario.

cusso ter Castanho partido em 1675, não podia em 64 ter descoberto o Caheté, região aliás cujo nome não se conhecia então.

Pelos annos de 60 a 64, ligou-se o nome de Castanho, sim, mas a Salvador Corrêa, já favorecendo em virtude da Carta de D. João IV a expedição de João Corrêa, desbaratada em direcção das Esmeraldas, nunca dos *cataguá* ; já soccorrendo ao Almirante para debellar a revolta memoravel do Rio de Janeiro, quando o povo depoz violentamente o Governador da praça Thomé Corrêa de Alvarenga e mais autoridades. A Carta, pois, de 23 de Março de 64, quando existisse, seria para agradecer os serviços acima referidos, nunca descobrimentos proprios e nos sertões mencionados ; tanto mais, que, attribuindo Azevedo Marques, cujo erro maculou as *Ephemerides*, ao Principe D. Pedro tal Carta, reinava ainda Affonso VI, e não era Regente o mesmo D. Pedro.

As Cartas Regias dirigidas a Castanho foram: (1ª) a de D. João IV entregue por Salvador Corrêa; (2ª) a de Affonso VI de 24 de Setembro de 1664, solicitando auxilios para a expedição de Agostinho Barbalho; (3ª) finalmente a de 23 de Fevereiro de 1674, que o incitava a sahir pessoalmente em descobrimentos, pela qual de facto emprehendeu a sua famosa jornada até á Serra de seu nome. Quanto á materia, nenhuma outra mais a historia registra.

Sobre descobrimentos no sertão dos Cataguá e Caheté, houve uma Carta Regia, sim, mas dirigida a Lourenço Castanho Tacques, o Moço, que effectivamente esteve nas diligencias, ou efficazment as auxiliou prestando serviços a Arthur de Sá e Menezes, Governador do Rio de Janeiro. Carta qu trouxe a data de 20 de Outubro de 1698, epoch

justa em que se empenhava o Governador nestas diligencias pelo sertão dos Cataguá e Caheté já conhecido.

Restabelecido assim este ponto, deixaremos o mais á historia, sem attenuar em uma linha, siquer, a justa nomeada do inolvidavel Castanho Velho. (43)

II

ANTONIO PEDROSO DE ALVARENGA

Da nobilissima geração de Alvarenga Monteiro, era filho de Antonio Rodrigues de Alvarenga e D. Anna Ribeira, potentado em arcos, como então se dizia antigamente, e fez varias entradas no sertão. Por fallecimento de D. Francisco de Sousa a 20 de Junho de 1611, assumiu a regencia da Capitania o seu filho D. Luiz de Sousa, que continuou na mesma diligencia de seu pae, animando os sertanistas ao descobrimento de ouro e prata. Antonio Pedroso de Alvarenga, convencido destas instancias, formou uma grande tropa á sua custa e penetrou distante de S. Paulo 300 leguas em 1616, e se achou, diz Pedro Tacques, no *centro do grande rio Paraupava ao norte na Capitania que hoje é de Goyaz* e *encaminha suas aguas a sepultal-as no caudaloso rio do Maranhão.*

Segundo os conhecimentos da epocha (1616), é de crer que se tratasse do rio Paraopeba, cujo curso para o norte suppunham dirigir-se para o Amasonas, que era então chamado Maranhão.

Assim sendo, como por outra a distancia de 300 leguas parece comprovar, temos que Antonio

(43) A respeito dos felizes descobrimentos d'essa epocha, o Principe escreveu muitas cartas, em numero de 25, a varios potentados em agradecimento, por indicação de Arthur de Sá.

Pedroso foi o primeiro conquistador que penetrou em nossos sertões. Em todo o caso o que fica averiguado é que os paulistas desd'os mais remotos tempos adquiriram noticias de minas de ouro e prata jacentes no interier do continente, sendo as de Goyaz as que mais cedo se fizeram notar.

III

MATHIAS CARDOSO E ANTONIO GONÇALVES FIGUEIRA

Na ordem dos potentados paulistas a nenhum outro foi segundo Mathias Cardoso de Almeida, filho de Mathias Cardoso de Almeida (da Ilha Terceira) e de D. Izabel Furtado, e neto par esta de Luiz Furtado (de Monsanto) e de D. Philippa Vicente do Prado (paulista dos velhos troncos). Dous annos andou com Fernão Dias, como seu Adjunto; subiu novamente para o sertão com D. Rodrigo de Castel-Branco; e afinal o vimos no commando da tropa, que sahiu de S. Paulo em 1692 para debellar os indios insurrectos do sertão do Rio Grande e Ceará.

Como já temos dito, o sertão do S. Francisco, verdadeiro mediterraneo do continente, com a invasão dos portuguezes do littoral, e com a pressão das tribus bellicosas da bacia amasonica, povoou-se de numerosas nações, que, unidas ahi deante dos mesmos perigos, alliaram-se e fizeram uma guerra pertinaz e sem tregoas, atacando e saqueando os povoados centraes das Capitanias do norte.

Em balde o Governador Geral Francisco Barreto procurou subjugal-os, confiando poderosas levas a Estevão Ribeiro Parente, a Domingos do Prado e a outros denodados chefes paulistas, assim como ao portuguez famoso por sua energia, Domin-

gos Affonso Mafrense, que de S. Paulo para aquellas paragens entraram por Goyaz, onde andavam captivando indios. Na rude campanha de 1658 os selvagens do S. Francisco soffreram de maneira para se crer que nunca mais se levantariam ,mas as causas continuadas renovavam sem espaço as correrias e as invasões, pela injuncção de successivas tribus; até que, se dicidindo a conquista do Maranhão, todo aquelle districto innundou-se de barbaros refugiarios, que deram caracter geral á guerra contra os povoados.

Por fallecimento de Mathias da Cunha, o Governo Geral ficou entregue a D. Manoel da Resurreição, Arcebispo da Bahia, homem energico, que tratou de restaurar a segurança dos sertões ; e para isso entendeu-se com Thomé Fernandes de Oliveira, Capitão Mór e Governador de S. Paulo, pedindo-lhe gente, e que a esta commandasse o Mestre de Campo Mathias Cardoso de Almeida, reputado em todo o Brasil o primeiro em capacidade e valentia.

Effectivamente; acceitando este a commissão, formou um corpo de armas escolhido; e á frente de 600 homens se poz em movimento para o sertão, onde em chegando ás margens do S. Francisco, acamparia esperando uma segunda leva, de igual numero, que seria conduzida por João Amaro Maciel Parente, filho do Capitão Mór Estevão Ribeiro Parente.

Pela Carta do Conde de Assumar, dirigida ao Rei, em 19 de Junho de 1719, sobre a questão de limites de Minas perturbados por Manoel Nunes Vianna, de mãos dadas com o Padre Antonio Curvello d'Avila, sabemos que o arraial de Mathias Cardoso, onde se aquartelou n'aquella espera, ficava a dous dias de viagem do Jequitahy, Fazenda de

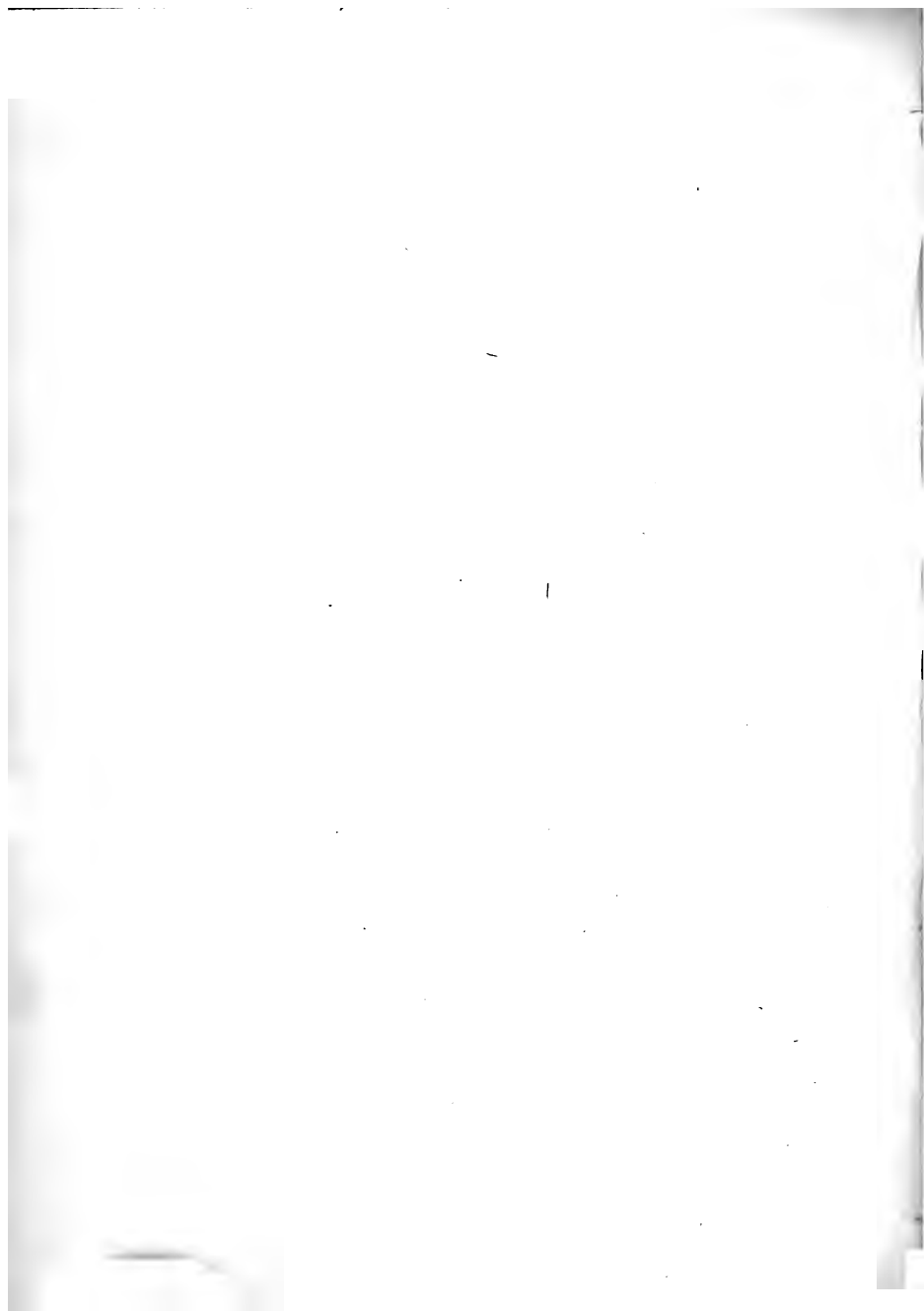
Vianna; e pois nenhum dos arraiaes hoje indicados serve para o local d'aquelle cujo nome perdeu-se. Dos arraiaes proximos ao Jequitahy n'aquella distancia, parece-nos que o da Extrema, abaixo de Guaicuhy (Barra), seria o de Mathias Cardoso. (44)

Chegando no anno seguinte o segundo corpo de armas, composto de dous troços, um sob o commando de João Amaro, outro sob o do Capitão Mór João Pires de Brito, de gente sua propria, o exercito ficou elevado a 1200 homens, paulistas, fora os recrutas feitos em caminho, como auxiliares e carregadores; e neste vulto marchou a expedição rio-abaixo até o logar de Morrinhos, onde novamente acampou, fundando este arraial, que ainda é hoje a nossa ultima Thule. De Morrinhos deliberaram os chefes em conselho despachar uma leva de batedores a effeito de fundarem outro arraial na barra do Jaguaribe, de modo que no outomno seguinte podessem contar com as provisões necessarias n'esse ponto escolhido para base das operações.

A guerra durou sete annos, sem tregoas, até que os infelizes selvagens foram exterminados na maioria, e o resto, que foi de milhares, como rebanho, partilhado entre os vencedores. O Mestre de Campo, com o seu irmão e fiel companheiro Manoel Cardoso, arrecadando a multidão, que lhes coube, fundaram ricas Fazendas de criar no sertão. e nunca mais voltaram á patria.

(44) O proprio nome, presuppondo uma porteira, indica que antes desta o logar teve outro. Este arraial está situado no Delta do Paraopeba com o Rio das Velhas, insinuando como se fundou pc gente que ia de cá; alem de ser o sitio proprio ao mister dos Bar deirantes, farto de peixe e de outros recursos. As necessidades c navegação teriam levado o povoamento para o Guaicuhy e não ı lá para o Delta.

A estas expedições acompanhou tambem o Capitão Antonio Gonçalves Figueira, que já conhecemos na comitiva de Fernão Dias, sempre fiel a Mathias Cardoso, e homem de valor. Acabada a guerra, em Abril de 1694, Figueira, com os seus 700 escravos feitos na partilha, estabeleceu-se no Brejo Grande, onde arranjou o primeiro engenho de canna que se viu n'aquellas paragens. Por ultimo, impellido na miragem das pedras preciosas, cujo districto parecia perto para aquelles homens intemeratos, passou-se para o sertão do Rio Verde, onde fundou as Fazendas de criar denominadas—Jahyba, Olhos d'Agua e Montes Claros, hoje cidade. Afim de se communicar com o exterior d'esse districto, abriu estrada para o Rio S. Francisco, extensa quarenta leguas; e quando se descobriram as Minas Geraes, abriu a que veio sahir no Pitanguy, com o interesse de vender os seus gados.

E assim temos narrado o que por emquanto conseguimos saber da primeira epocha. Vimos quaes foram os primeiros aventureiros; e assistimos á fundação dos primeiros arraiaes, a Ibituruna, Sant'Anna do Paraopeba, Sumidouro, Itacambira e Baependy; Mathias Cardoso (Porteira) e Morrinhos; Olhos d'Agua e Montes Claros; Conquista e Paracatú Na profunda noite, que se tinha por eterna, dos sertões, foram estes os focos espalhados como que a proposito, afim de deixar entreluzir os albores da madrugada que precedeu o grande dia verdadeiro e historico das Minas Geraes.

ORIGEM HISTORICA DAS MINAS GERAES

SEGUNDA PARTE

AS MINAS GERAES

I

OS INDIOS

A historia de Minas, como a de todos os povos, sahindo da noite dos tempos, alvorece á custa de incertezas e fabulas. Os mesmos conquistadores, que atravessaram o sertão, passariam por mythos, si não fôra tão recente e tão conhecida a existencia de cada um, suas origens e façanhas.

A presença, porem, dos indigenas encerra um problema insondavel, e tem mysterios que a propria imaginação desiste de perscrutar.

A serra de S. Thomé das Lettras, por exemplo, os colonos assim a denominaram por encontrarem n'ella uma pedra cheia de cifras e tão perfeitas, que

se attribuiram ao Apostolo, graças á lenda espalhada entre os mesmos indios, que em tempos remotos um varão extraordinario andou pelos sertões pregando doutrinas e praticando virtudes.

Na região de Sette Lagoas uma outra pedra contém inscripções á tinta vermelha indelevel, e a posição de quem a traçou é como se estivera de pé sobre uma canôa pojada no lago quaternario, que cobria o territorio, e cujo nivel deixou signaes evidentes no panno do rochedo. Além d'isso, nos paizes do Jequitinhonha e outros, tem-se encontrado desenhos figurados de perfeição relativa a um estado mais adeantado que o dos indios em geral. São factos que nunca saberemos explicar como, no espantoso cahos do mundo selvagem puderam succeder.

O lago interior tendo-se exgottado mui antes de ser Popayan originada, faz-se mister contar com a velha civilisação da America Central, para se lhe attribuir a gloria de ter enviado tão longe os nuncios de sua admiravel cultura; menos que se não queira revocar os dias da fabulosa Atlantide.

Como quer, porem, que seja, o facto é que esses germens não conseguiram forçar o meio, e foram lampejos ephemeros de intelligencias naufragadas no pégo enorme da barbaria primitiva. A massa indigena embrutecida pela propria natureza; e esta natureza tambem, a mais gigante do mundo, que resistiu á toda iniciativa, foram obstaculos, que só uma civilisação apparelhada em ponto conseguiria debellar. Antes, pois, de se ter a Europa preparado, nem sequer deixaria signaes uma iniciação formal e completa.

2.º
OS TUPI

Outro problema é a epocha em que se começou a povoar o territorio.

A ser verdade que se encontraram nos cascalhos virgens do Jequitinhonha, leito dos diamantes, (*diluvium gris*), indicios da especie, o phenomeno humano remonta em Minas aos primeiros tempos da epocha quaternaria, tal qual em outros continentes. (1)

Alem d'isso, as nossas montanhas e planaltos, sendo os mais velhos sublevamentos do planeta, em concurso com aquelles indicios, fizeram, senão as primeiras, a primeira vivenda, que interrompeu as 'solidões do diluvio,' acolhendo os profugos de uma patria primitiva, quaes foram os *tupi*. Mas em Minas, não se encontrando por emquanto os fragmentos da pedra Lascada (*paleolytho*), ao passo que são numerosos os da pedra polida (*neolytho*), suscita-se a hypothese tambem, que o homem para aqui entrasse em grao superior ao seu contemporaneo europeu. Entretanto, como a pedra aqui usada não foi o silex, e sim a obesediana, podemos inferir tambem que o tempo tenha apagado as formas, senão outros agentes naturaes as corrompido, fazendo desapparecer aquelles testemunhos: o que indicaria á sua vez milhares de annos.

(1) A presença do homem quaternario, sendo universal, deu logar á theoria polygenista; mas as descobertas do Perigord em 1856 attestaram o phenomeno para a idade terciaria, isto é, para antes do cataclisma, que ha cinco mil annos mais ou menos teve logar e coincinde com o diluvio de Moysés. Rareando, pois, o phenomeno, quanto mais antiga é a historia natural, fica mais provavel tambem a procedencia de um só casal. O homem do *Perigord*, afastando-se do Europeu actual e approximando-se de nossos indios, faz crer na primogenese do homem americano

Vieram os *tupi*, como se diz, das ilhas, ou do continente, cujos restos são a Polynesia; e bem pode ser que a nossa America, as ilhas até á Australia, representem o que ficou d'aquelle mundo submergido, caso em que os profugos viriam a pé, e não a remos. As terras esparsas em visiveis fragmentos por tódo o Pacifico, com serem povoadas da mesma raça vetusta, induzem a esta hypothese mais do que a de navegações inconcebiveis por distancias de mar tão largo, que ainda hoje apavoram os pilotos.

Fosse o que fosse, a verdade é que os *tupi* chegaram pelo sul, e achando o *meio* propicio multiplicaram-se até o extremo norte, e, semelhantemente aos Eskuaras ou Bascos na Europa, serviram cá no Brasil de massa ancestral aos povos que dominaram o nosso territorio.

A linguagem dos indios toda unida em origem, e admiravelmente expressiva, assenta a firmeza d'esta precedencia no nome que adoptaram *Typi* (cabeça de geração), ou *Ti-pi* (raiz mãe). Por outra chamavam-se tambem os *Tapuia*, que significa os *avós*: o que dá no mesmo synonimo.

*
* *

A guerra, sendo principal e unica industria selvagem, deu causa a se graduarem e a si dividirem as nações. Vencer a natureza, procurar alimento, segurar a vida, foi sempre o exercicio da intelligencia, o instincto das artes, o fim do progresso.

Invadindo e conquistando os paizes, tinham os selvagens tambem por lei exterminarem os varõ e conservarem as mulheres e as crianças; pois r presentavam estas a força militar futura, e aquell o poder economico activo da tribu. A escravidão c

mulher é facto anterior a todos os costumes, condição inseparavel da vida barbara, que a propria natureza, immoral por indole, justifica no pantheismo cruel, que enseiva as religiões primitivas, inspiradas na força e na guerra. Entrando escravas as mulheres prisioneiras, ou raptadas, encontravam na tribu as nacionaes na mesma condição de escravas, e não faziam differença nos serviços pesados, a que eram votadas, incompativeis com o orgulho do homem caçador e heroe. Em chegando á puberdade as mulheres, soffriam a operação estupida para se lhes dilatarem as tetas no interesse, que em viagens, ou trabalhos da terra, as dessem aos filhos carregados ás costas. Desta brutal utilidade, que muitas tribus ainda praticam, bem se pode julgar do materialismo grosseiro, com que eram tratadas.

Consequentemente, não havendo que fazer dos homens aprisionados, cuja conservação redundava na imprudencia de nutrir inimigos internos e consumidores inuteis, por policia e por economia justificava-se a matança. Contra os sentimentos da piedade espontanea, que por ventura se desenvolveram, imaginou-se a gloria militar; e, em festins orgiacos e pavorosos, em que eram devorados os inimigos, lei de que se ufanavam as tribus por muito doceis e humanas, que ahi existiram, como a dos *Goianá*, o heroismo exaltava-se.

Nutrindo-se de fructas silvestres e de caça, tanto quanto de pescado, pois que as regiões empobreciam-se, toda a questão era de novas e mais fartas. Aos amigos chamavam os indios *irumauára* (o que come comigo): ao estrangeiro *amutetauara* (o que come na outra terra): ao compatriota *rctamauara* (o que come na minha terra). Por estes termos já se vê qual a idea dominante pela qual a guerra tomava

um caracter de voracidade brutal, de vida ou de morte, nunca apaziguada Os paizes ferteis foram sempre os pomos da discordia.

3.•

OS GOIA

E' de se saber emtanto que nenhum paiz foi em toda a extensão conquistado. Por muito numerosa que fosse a horda invasora, jamais chegou a occupar de todo o districto atacado, e menos por completo a região do povo vencido. Evadindo-se, pois, a maioria deste, recomeçava a existencia em novas plagas, de uma expulsando á sua vez os habitantes, de outra sendo primeiros occupadores. Neste ultimo caso a natureza compensava o exilio, conservando e até engrandecendo ás vezes a raça genuina dos immigrantes; ao passo que nos paizes de onde sahiam, e ficavam os vencedores, a raça destes nem sempre melhorava pelo cruzamento desigual da tribu mais fraca, representada nas mulheres adjudicadas. Os romanos tambem melhoravam, emquanto venciam os celtas e os germanicos, mas decahiram nas provincias berbericas, produzindo as raças bastardas, que o Islam facilmente assimilou.

Si na America do Sul os *tupi* dispuzeram em paz dos longos e tristes seculos da Idade quaternaria para se desenvolverem, sem competidores, ficando paralisados no estado rude e animalesco de sua origem, o mesmo não succedeu a seus contemporaneos do Norte, oriundos da velha raça melhor, que povoou a China e o Japão dos tempos idos. Enxames samoyedas do Hymalaia, derramando-se contra o norte da Asia, transbordaram no Alaska, e d'ahi nas regiões boreaes, possuidas até o presente pelos Es-

quimáos, seus primogenitos. Em seguida, avançando para o sul, submetteram os antigos habitantes, e pelo cruzamento produziram com estes a primeira raça mestiça de Aryanos, que se viu na America. De outro lado, escalando a Groelandia e as costas do Lavrador, os Scandinavos formaram colonias; e pelos mesmos processos da guerra deram nascimento á outra familia mestiça, que avançou para a Florida e se derramou pelas ilhas. Ora, estes dous ramos mestiços, encontrando-se no centro, nas regiões do Miscissipi, constituiram depois um terceiro, que ainda se representa nos *Pelles-Vermelhas*.

Os Samoyedas (*Tolstecas*), adiantando-se contra o sul, possuiram todo o Occidente até o Isthmo do Panamá; e fundaram os famosos reinos da civilisação Maya, que floreceu, seculos antes da nossa éra, centralisada no Chiapas, cuja grandeza attesta-se nas ruinas portentosas de Palenque, Capuan e Guatemala. Os mestiços do Mississipi, a seu turno, penetraram no Chiapas e fundaram os reinos do Yucatan, assimilados facilmente á velha civilisação. Estes *Pelles-Vermelhas* foram os que, transpondo o Isthmo, ou o braço do mar, fundaram Popayan, que se tornou o primeiro foco de luz irradiado na America do Sul (VI Seculo D. C.). Aberto que foi este caminho de quantas convulsões foi theatro o velho imperio central, tantos povos e tribus passaram-se, e não ha duvidar que d'essa procedencia sahiram os Aymaras; os quaes, afastando-se do poder dos Quichuas de Popayan, vieram crear nos planaltos da Bolivia, nas margens e ilhas deliciosas do lago, a vida pstoril e agricola, da qual desabrochou a mais pacifica e benevola civilisação, que um dia espontou da natureza e preparou o advento mysterioso dos Incas.

Entretanto, os scandinavos, partindo da Florida e das Ilhas, saltaram no Yucatan, levaram de vencida os Estados Maya, e centralizaram a conquista no Anahuac. Ahi fundaram a sua capital Tinochtillan (Mexico), pelo seculo XII mais ou menos de nossa éra. Como, porem, succede em todas as vastas dominações militares, emquanto ruem por terra as instituições politicas, as sociaes resistem; nenhuma assimilação já foi mais difficil na historia. Achava-se ella ainda em tentativas, quando surgiram os hespanhoes em 1516. Alliados habilmente aos vencidos, explorando os velhos rancores, apoiaram-se na republica aristocratica de Tlascala contra os *Aztlecas*, e afinal conquistaram o Mexico (1519, 12 de novembro).

Com a invasão dos mestiços da Florida, os *Yunças* do Nicaragua, passaram o Isthmo e se installaram no Equador. Confinando com os Quichúas e com os Aymaras, fundaram um reino de pouca duração.

Sem falarmos, por ora, dos *Antes*, que dominaram e denominaram a grande cordilheira, e nem dos *australoides*, irmãos dos *tupi*, que viviam no Chile, mencionaremos os *Goia*, que expulsos pelos *Yunços* das nascentes do Orenoco, desceram a fio, e vieram se installar nas terras que se extendem do Amazonas ao mar das Antilhas, chamadas por isso as Goianas. Foram estes os primeiros povos do norte que se encontraram com os *tupi* no Occidente, emquanto os *Antes*, expulsos do Perú, vieram para as regiões do Madeira (*Cayrari*) e produziram com os mesmos *tupi* do Oriente a raça *Guarani*.

Pacatos, iniciados na agricultura, na ceramic e nas demais artes do segundo estadio, os *goia* teriam francamente attingido a posição imitativa dos

Maya, sob cuja influencia remota despertaram, se em meio da evolução, não fossem bruscamente interrompidos pela invasão dos *Carib* (Filhos de Branco). Senhores da Jamaica, e de outras terras do golpho, oriundos do sangue hyperboreo, os *Carib* foram os mais audazes e adiantados dos povos americanos, e passaram por ferocissimos, porque repelliram e guerrearam os hespanhoes, sendo tambem o terror dos mais insulares.

Atterrados os *Goia*, largaram então em grandes massas a terra do Orenoco, e transpozeram o Amazonas, vindo se installar no Araguaya, onde prolificaram e possuiram victoriosamente a região, que de seu nome ficou tambem se chamando Goyaz.

Ahi tendo em parte cruzado com os antigos *tupi*, deram origem á raça *goianá* (*goia-parente*), que foi a primeira introduzida no amalgama do povo mineiro.

*
* *

Entretanto, uma outra poderosa familia creou-se do cruzamento dos *Carib* e dos *Goia*, além do Amazonas os cariocas ou *Carijó*. Encontraram-se as duas familias, *Carijo* e *Goianá*, no Tocantins, e como nascidos para eterna discordia, d'ahi logo se travou a guerra de hegemonia, que nunca mais cessou, extendeu-se a todo o Brasil, e ainda mesmo depois da invasão portugueza figurou nas allianças e luctas com os Europeus.

4.º

GUARANI E TUPINA'

Convertido o valle Amazonico em vasto viveiro de povos, convem observar a circumstancia que os graduava em mais ou menos adeantados, segundo a epocha em que immigravam. Os mais modernos, sa-

hindo mais tarde do contacto com os imperios civilisados do Occidente, por cujas guerras, embora vencidos, aprendiam as artes e progrediam, foram necessariamente os mais aproveitados. E, como as invasões succediam-se umas sobre outras, em progressão recuavam para o occidente e o sul as tribus e nações menos preparadas. Os *Guarani*, passando do Aporé ao Jaurú, fizeram caminho a fio do Paraguay, e se internaram, derramando-se por todo o territorio actual de S. Paulo, onde muitos annos dominaram, até que as revoluções do norte viessem alterar a paz relativa de que gozavam.

Vencidos os *Carijó* pelos *Goianá* no Tocantins, a nação dilacerou-se, entrando uma parte para o Maranhão : mas outra, alcançando o Parnahyba, desceu e se espalhou, perseguida sempre pelos *Goianá*, que afinal entraram no Tieté e os impelliram para o sul, assim como aos *Guarani*, que foram obrigados a transpor de novo o Paraná, ficando senhores então de toda a margem occidental. Em 1533 Martim Affonso de Sousa encontrou os *Carijó* no littoral de Santa Catharina e no Rio da Prata. Encarnando a maior fracção de sangue hyperboreo, Ayres do Casal descreve estes indios: « tinham formas regulares, delicadas, bellas, pés e mãos pequenas, olhos azues, cabellos finos e lisos ». As mulheres especialmente foram as mais esbeltas do gentilismo; e Diogo Garcia, que com esses indios praticou, affirma: « eram doceis, intelligentes e amigos dos christãos ».

Além dos *goianá*, propriamente ditos, que tambem se chamavam *tupinaki* (tupi parente espinho, isto é, maus), dos *tupi* com outras raças nasceram os *tupinabá* (tupi-parente-legitimos), cruzamento com os *Carijó*; e os *tupinaé* (tupi-parentes-velhos) originaes do cruzamento dos dous ramos aucestraes, que

se dividiram, e se encontraram mais tarde os *tapuia* e os *tupi* no sertão do S. Francisco e do Ceará.

Dada esta idéa, posto que imperfeita, das primeiras raças, chegamos ao ponto em que segundas, deslocadas do valle Amazonico, produziram a dispersão dos *tupiná* sobre todo o littoral, e de modo fragmentado em consequencia das guerras. Os *tupinabá* possuiram a costa do Maranhão e de Pernambuco até o Camamú na Bahia; os *tupinaki* possuiram de Camamú até o S. Matheos, e neste trecho a esquadra de Cabral os encontrou nas praias de Porto Seguro; os *tupinae*, menos numerosos, occuparam o valle do Paraguassú e outros sertões do interior mais proximos ao mar.

5.º

TAPAJO' E CATAGUA'

Antes porem de se evadirem para o littoral, os *tupinaki* habitaram o sertão do Arassuahy e do Jequitinhonha, famoso pelas esmeraldas, de onde foram expulsos pelos *Aymoré*, oriundos dos Mamoré (Guaimuré). Por ahi reinaram estes mais fortes e mais adeantados que os povos antigos, durante todo o tempo, até que soffreram a seu turno a invasão dos *Tapajó*.

Nação esta das ultimas que transpozeram a fronteira e se deslocaram para o Occidente, foi por ventura a mais civilisada de nossos indios, tendo longos annos dominado o affluente amazonico de seu nome derivado de *Taba* e *uoc*, significando *nascidos em aldeias* (taba), o que val o mesmo que se recommendar pelos que em maior sodalicio ou communhão se educaram. Como de *Cariuoca* fez-se *Carijó* d'aquellas duas raizes *Tabauoc*, da velha pronuncia fez-se *Tapajó*.

Além destes indios, reinou no sul de Minas outra nação organizada, e foi a dos *Cataguá*, a que mais terror incutiu aos velhos paulistas, e por isso a mais famosa, que se tornou, da nossa historia.

A respeito d'elles conta-se que os *Teremembé*, deslocando-se do Jaguaribe, dividiram-se em duas hordas ; uma, que subiu o S. Francisco até ás nascentes, outra que desceu o Parnahyba até á foz ; encontrando-se ambas já desirmanadas no val do Rio Grande ou Paraná (mar-parente). Travada ahi a luta pela posse do rio, decidiu-se na barra do Sapucahy (rio que grita). Os vencidos, transpondo então a Mantiqueira, foram-se installar na chã do Parahyba, cerca de Taubaté, e os vencedores ficaram na terra conquistada, de onde se extenderam até o Rio das Mortes, com o nome emphatico de «Catu-auá» (gente boa). Na guerra os indios chamavam-se a si «catu-auá», e aos inimigos «puxiauá» (gente ruim. D'ahi, os *Cataguá*,

Quando Jacques Felix, fundando Taubaté, uniu-se aos *Teremembé*, e com estes transpoz a Mantiqueira em guerra aos «Catu-auá», foram estes repellidos para os sertões do Piumhy e do Tamanduá, dando tempo a Lourenço Castanho, que de proposito entrou contra elles, desbaratou-os no logar por isso chamado—Conquista, e deixou então livre e desembaraçada a entrada do Rio Grande e dos Campos Geraes (1675).

Os *Catagná*, bem como os *Aymoré*, debandaram-se em outras tribus, já degeneradas, em consequenci da guerra.

6.º

ASSALTO A S. PAULO

Com o advento dos europeus, difficil é descrever o abalo que soffreu a população gentilica. Em que pese aos que dizem foram os indios de todo ignaros e boçaes, o provado é que das antigas lutas entre elles proveio a origem das novas, em que intervieram os europeus no Continente. As grandes nações indigenas passaram, como estavam divididas ao novo campo das batalhas, seguindo cada uma a parte européa que lhe convinha, Os «tupinaki» e os «tapuia», inimigos dos «carijó» e dos «tupinabá», uniram-se aos portuguezes inimigos dos hespanhoes e dos francezes. Os *carijó* foram por isso amigos dos hespanhoes, e os *tupinabá* dos francezes. Já se póde ver, portanto, que a luta pela hegemonia veio de todos os tempos, e foi a razão dominante das guerras, salvo a briga eterna e parcial, que é propria de selvagens de aldeia em aldeia, especie de anarchia universal, que se viu tambem entre os barbaros da Germania, e ainda nos paizes barbaros. Entrementes, factos dicisivos determinram o retrocesso das populações littoraneas para os sertões do centro, como passamos a expor, e repovoaram os rios de nosso territorio, os quaes, por serem mais remotos, por isso mesmo foram os primeiros que chegaram á noticia dos antigos.

E' claro que, traçando em geral a feição do mundo indigena, não queremos dizer que só aquellas grandes nações existiam. Pelo contrario, tão dividido e subdividido foi o continente, que seria innumeravel o rol das tribus que o habitavam. As guerras, dispersando-as, faziam com as distancias que se des-

aggregassem; e, por decurso do tempo, em progressão afastavam-se do tronco, formando como que corpos distinctos e novos.

Quando Martim Affonso aportou em S. Vicente (Turiamú), os «Goianá» constituiam uma confederação vastissima de tribus autonomas por todo o territorio do Estado de S. Paulo, nação adeantada que vivia em aldeias, praticando a lei natural e cultivando a terra; e d'essas tribus tres principalmente se distinguiram desde logo na historia da catechese: a de *Geribatiba* governada por Cayubi; a de *Ururay* por Piqueriboi; e a de *Piratininga* por Tibiriçá. Ao donatario appareceram então os dous portuguezes mysteriosos, Antonio Rodrigues e João Ramalho, aquelle, temperamento brando, casado com uma filha de Piqueriboi, ao depois chamada Antonia Rodrigues; este, homem astuto e violento, casado com a filha de Tibiriçá, ao depois com o nome de Isabel. Predispondo os animos a favor dos patricios, os dous relegados prestaram serviços; mas Ramalho foi causa das primeiras discordias.

Perseveraram as duas tribus de *Geribatiba* e *Piratininga* na fé; mas a de *Ururahy* voltou ao gentilismo, despeitado talvez o seu chefe da preferencia que os jesuitas deram a Tibiriçá, considerado por elles o maior dos caciques. O partido pagão cresceu de numero e, apoiado no tradicionalismo, ganhou incremento na luta, que rebentou entre os colonos, querendo os Padres Jesuitas catechezar os naturaes em aldeamentos sob sua tutela, e os seculares, com João Ramalho á frente, querendo a escravização sem disfarces.

Os indios, apavorados com a perspectiva da escravidão, uniram-se a Arary, acclamado chefe de Ururay por morte de Piquiriboi, e, congraçando os

inimigos da vespera, *tupi*, Carijó e Tamoio vieram assaltar a villa nascente de S. Paulo na madrugada de 10 de Julho de 1662. Baptizado com o nome do Padrinho, Martim Affonso de Souza, Tibiriçá, devotado em extremo aos Jesuitas, poz-se á frente das hostes christãs. A batalha foi teimosa e cruenta; mas a villa foi salva; e tamanha foi a multidão dos sitiantes, que a victoria julgou-se milagre. Ferido gravemente, morreu Tibiriçá como um santo e foi sepultado como um rei. Os dous irmãos renovaram n'um canto da America o pleito de «Subiacum»; porque, embora servido por obscuros selvagens, o «labarum» de Constantino não decidiu menos a sorte das cousas. Não é justo recusar-se entretanto a Arary vencido as honras da historia. Viu deante dos olhos o exicio do imperio gentilico, sua terra votada e sua raça á escravidão do extrangeiro; armou-se, combateu e, si succumbiu, foi ao menos fiel á patria moribunda. Honra ao valor desditoso!

Os europeus, enfurecidos pelo ataque de 10 de Julho, desenfrearam a razão escravagista. Rota a concordia dos dous elementos, o que se seguiu foi logico: a conquista mudou de face. A rivalidade dos francezes contra os portuguezes, pondo a colonia em pé de guerra, enculpe-se das tristes consequencias que levaram ao exterminio a raça aborigene.

Por muito que se queira estigmatizar o procedimento de nossos maiores, forçoso é se confesse, praticaram a lei historica de todos os tempos, e de todos os paizes, em que é mister coexistirem raças desiguaes. A menos que se queira de preferencia o exterminio, usado nos Estados Unidos, a eliminação a ferro e fogo dos indios, a escravização foi relativamente humana. Ou ella, ou o abandono da colo-

nia, e tal é a forma das cousas, LACRIMŒ VERUM, que foi a escravidão o primeiro passo da ordem civil, instrumento necessario da grandeza expansiva do mundo antigo.

A guerra de 62, declarando por inimigo o mundo selvagem, generalizou-se e não houve mais como retroagir. A conquista mascarou-se emtanto de mais urgente que foi na verdade ; e pois o movimento para os sertões mais remotos não teve limite. « Os portuguezs, disse o chronista, não contentes de senhorearem a terra, passaram a senhorear as pessoas; e còmo em caso de liberdade natural todo o homem, por muito tosco que seja, acuda por si, houveram de tornar a rompimento muitas destas nações ».

Por todo o littoral a perseguição extendeu-se com a guerra ; pelo que o terrirorio de Minas converteu-se em refugio dos infelizes.

7.º

OS TAMOIO

Além destes factos, outros succederam no mesmo effeito ; e sobretudo a guerra chamada dos *Tamoios*.

Ainda que os *Tapuia* foram amigos dos portuguezes, a tribu d'elles, que tinham o Rio de Janeiro, declarava-se por inimiga encarniçada. Confinavam os *Tamoio* com os *Tupinaki* (Goianá) em Angra dos Reis, paragem rica de productos de mar e de terra, motivo portanto de lutas eternas. Os *Tamoio* por ultimo queixavam-se dos *Goianá* por tere voltado os Jesuitas contra elles, intrigantes dizen que estavam de mãos dadas com os francezes ; e e a verdade

Occuparam effectivamente os francezes a bahia do Rio de Janeiro, desde 1556, fortificados na Ilha, que tomou o nome do chefe Villegaignon. Para os desalojar veio em 1559 Mem de Sá, nomeado Governador do Brasil; e em 1560 apresentou-se fóra da Barra com 10 naos combatentes. Os Padres Nobrega e Anchieta, que vinham a bordo, mandaram a S. Vicente buscar maiores reforços e embarcações pequenas; e apenas chegados, o Governador atacou a fortaleza a todo folego, repelliu os francezes, que não poude matar, para terra firme, e fundou a cidade na praia Vermelha.

Experimentando os francezes então o mal que lhes vinha de Piratininga e S. Vicente, logo que se retirou Mem de Sá, começaram a reorganizar a campanha. Affoitaram os indigenas para o ataque de 10 de Julho; e, disciplinando os selvagens, fornecendo-lhes armas, conciliando-os, formaram a poderosa alliança dos «Tamoio» e «Tupinambá», que assaltaram a cidade, composta então de palhoças cercadas de madeira ao pé do Pão d'Assucar.

Com a noticia destes successos, Mem de Sá enviou o seu sobrinho Estacio de Sá á frente da esquadra, o qual no dia 20 de Janeiro de 1567 forçou a barra e rompeu o fogo, ficando elle mesmo ferido gravemente, de que morreu um mez depois.

Desbaratada, porem, a confederação dos «Tamoio» e «Tupinambá», aquelles subiram para serra acima, e estes, costeando o littoral, foram ter ao Maranhão em auxilio aos compatriotas de lá, que se entregaram aos francezes, seus amigos.

Todos estes factos, que rapidamente revistamos, dirigem-se a provar, que a luta de nossos antepassados com os indios não foi, como se tem dito, uma estupida carnificina e atroz. Sem embargo das cruel-

dades inuteis, que foram muitas e sem justificação, o caracter geral foi defensivo. Renovava-se na America, ou antes prolongava-se aqui a discordia da Europa ; e a crise religiosa do seculo repercutiu com os huguenotes que vieram assaltar os dominios de Portugal. Venceram os portuguezes; mas não é bom que se esqueça em que caracter. Não fossem os Jesuitas, que estimulavam o espirito catholico das nações amigas, o Brasil não seria nosso Tibiriçá salvou S. Paulo ; Arariboia assumiu o commando dos *goianá* e dos portuguezes no Rio, depois de ferido Estacio de Sá, e derrotou o inimigo ; Poty (Henrique Camarão) em Pernambuco foi o *Cid* que não descansou contra os hollandezes ; e Amanajú conquistou o Maranhão e deu a Portugal o imperio do Amazonas !

São homens e factos que falam mais alto que as declamações contra a nossa Mãe-Patria. Nação colonisadora por excellencia, Portugal deixou-nos a sua religião, a sua lingua, o seu caracter dominante ; e o sangue que nos aquece é o mesmo sangue que as tradições e a historia proclamam pelo mais generoso do recinto christão.

II

ORGANISAÇÃO

Agglomerando-se no territorio povos de todas as procedencias e matizes, desd'os *tupi* originaes até os *tapajó*, que viviam em communas, aprendizes da civilisação, que tinha Cuzco por *Urbs*, é facil admirar a gradatividade de estadios, em que foram achados: uns vivendo em *tabas* e alliados em confederação, como pequenos Estados no velho *Latium*, tendo com os primordios de Roma a semelhança ainda nas re-

lações com o extrangeiro: quem não era *civis* era *hostis*. Os de origem amazonica e recente, mais adiantados, trouxeram utensilios, principios de artes, vestuarios e armas mais perfeitas, podendo-se dizer que as figuras graphicas encontradas no paiz em que dominaram são imitações da escriptura dos *Quichuas*, que infelizmente foi destruida, e cujo sentido perdeu-se para sempre.

Moravam estes indios em *Ocas*, que eram casas oblongas, bastante espaçosas para abrigarem todas as familias consanguineas de avós a netos, cousa bem diversa da promiscuidade bestial, que irreflectidamente se lhes tem attribuido, pois essa cohabitação não foi menos que a espontaneidade do principio patriarchal, primeira forma da ordem civil. As *Ocas* eram dispostas em circulo, cercadas de palancas fortissimas, obra admiravel da cooperatividade voluntaria, primeiro phenomeno da associação municipal. No centro das *Ocas*, um largo representava a praça, tendo no meio a *Ocaracára*, casa do Governo, e sendo o logar, em que o povo reunia-se em conselho (*taba-polé*) ou para as festas. As *Ocas* juntas formavam a *taba*; e as *tabas* confederadas a tribu ou nação, aquellas governadas pelo *muruxaúara*, autoridade electiva á maioria de vozes, e a tribu pelo *Cacique*, soberano militar imposto pelo proprio valor e capacidade na guerra. Nomades e guerreiros, os indios não constituiam dynastias; porque a força e a coragem sobrepujavam a todas as mais partes proprias para o governo.

Era, como se vê, a organisação primitiva de todos os povos que nasceram na historia: as tres tribus de Roma, os *clan* da Escossia, as *kaza* hellenicas, os *Gaël* germanicos, as federações antigas. Nas vitrinas dos Museus da Europa não é raro en-

contrar-se tambem o testemunho material da antropophagia entre os ancestres de nossos actuaes civilisadores. E pois, não accusem tanto os nossos aborigenes.

Outras nações, em vez de *ocas*, dispunham de *aiupas*, casas para uma sò familia. Si n'aquellas o sentimento já subia a relações mais abstractas do parentesco, é bom nas aiupas observar-se o embryão juridico do poder-patrio. As *ocas* puxaram a civilisação de Quito, as *aiupas* a de Cuzco. As *tabas* representam ao vivo as curacas do imperio dos Incas. E' assim que a influencia exercida pelos Estados civilisados traduz-se primeiro pelas cousas materiaes e sensiveis, que pelas idéas e costumes. A influencia dos *Quichuas* no continente foi tal, que os *Carijó* sendo brancos tingiam-se de vermelho, por lhes parecer a côr nobre do homem.

Entretanto, na massa commum da população indigena, a mais numerosa e espalhada era a primitiva dos *tupi*, ou de seus mais proximos descendentes. Viviam no isolamento, sem casas, sem hortas, dormindo no chão, não tendo mais que as relações animaes de paes a filhos. Fraquissimos pelo isolamento, causa tambem da estupidez, não podiam fazer senão o que coubesse em suas forças individuaes. Eram estes os bons indios para os paulistas aventureiros, massa propria para o trafico. Approximando-se-lhes uma partida de aventureiros, face a face, entregavam-se tomados de medo, humilhavam-se ao jugo; e d'ahi a reputação de doceis e mansos. As *tribus*, porem, quanto mais organisadas, mais fortes e mais bellicosas; e por isso então ganhavam a fama de barbaros ferocissimos, intractaveis; taes foram os Cataguá, os Tapajó e os Tamoio, taes tambem ainda os *Goianá*, que fugiram, e os *Carijó*, sen

embargo que estes sobre todos foram os indios mais amolgaveis á vida civil, como se viu no Rio da Prata.

Não devemos esquecer um ponto relativo aos *Aymoré*, que elucidaria em muito o problema dos indios. Eram elles emigrantes do Occidente, e a principio formaram uma nação temivel, a que mais impedia a exploração do Jequitinhonha e do Arassuahy, senhores, que ficaram, do Mucury e da serra das Esmeraldas. Depois da occupação portugueza no littoral de Porto Seguro e dos Ilhéos, desceram e saquearam a colonia, destruiram o que puderam, até que Mem de Sá os accommetteu com dura guerra, os desbaratou e, os atirando contra o reino dos *Tapajó*, acabaram estes de fazer o que foi necessario para os debandar e destruir. Separados em pequenas hordas degradaram-se, e d'elles fala o chronista nestes termos: « Por occasião das guerras que houve entre elles, succedeu que certos bandos, fugindo a seus inimigos, se recolheram ao interior dos sertões, a logares fragosos e montanhas estereis, onde não pudessem ser achados, e como alli viviam separados do commercio de toda a gente, por decurso do tempo, vieram seus filhos e netos a perdar a noticia da propria linguagem ».

Perderam além d'isso o proprio nome nacional; e são os famosos botocudos, cujo bando mais genuino é o dos *Pochichá* do Mucury, terror da colonia; e a estes necessariamente se refere o mesmo chronista da Companhia de Jesus: « descendentes dos antigos *Tapuias*, gente agigantada, robusta, forçosa, arcos immensamente grandes, destrissimos frecheiros, grandes corredores, sem casas, sem roças nem aldeias, dormem na terra, sustentam-se de fructas e caças, comem crú... Accommettem á traição, nunca a des-

coberto — andam aos poucos..., sem lealdade de uns para os outros, nem mesmo de pais para filhos».

Esta pintura, como se deve suppor, é a dos *Aymoré*, depois vencidos. Atacando as colonias do littoral vieram disciplinados ainda e leaes de uns para os outros, é claro, porque sem isto nada teriam conseguido. D'essa mesma pintura, emtanto, resalta a dos *Tapajó*, vencedores de gente tão brava e pratica no manejo das armas; e assim ficamos ao facto de como facilmente retrogradavam os indios e tornavam ao typo ancestral mais grosseiro e rudimentario.

III

OS CONQUISTADORES

1

Os *conquistadores* formavam uma classe poderosissima, destinada á defesa do povoado, e tinham por dever alargal-o quanto pudessem á custa do sertão.

E' bom não estarmos fazendo um juizo ainda opposto á realidade das cousas n'aquelles tempos. Ninguem pense que os indios formavam então um elemento fraquissimo comparado aos europeus. Como já temos demonstrado, a guerra n'aquellas éras se fazia á flecha com rarissimas armas de fogo, petrechos rarissimos, que só os ricos podiam adquirir em pequena escala. O Coronel Furtado, por exemplo, apaixonado de boas armas, rico, e á beira de um sertão povoado de botocudos, quando morreu em 1725, não deixou mais de 14 espingardas, entre boas e más

Os *Carib*, invadindo as Goianas, foram os que trouxeram o uso do arco e flecha. As tribus amazonicas, espalhando-se, completaram esta revolução na

arte da guerra ; e custa bem se imaginar a perfeição a que attingiram os instrumentos e o manejo d'elles.

Os conquistadores tinham espadas e armas de fogo, mas para uma só pequena companhia de sua directa confiança, servindo para conter o resto dos governados em obediencia e disciplina. As forças e milicias do proprio Governo compunham-se em grosso de combatentes, archeiros e sagetarios. Imagine-se, pois, no começo logo das cousas, na guerra dos Tamoio, e na de 1662, tanto quanto nas expedições avulsas pelo sertão, e se verá que em verdade não se exagera o elogio á coragem dos conquistadores.

Elles tinham, como tiveram as mais vezes, de combater com armas iguaes ao inimigo,e este em maior numero, e mais desesperado. Por muito superior portanto que fosse o uso das armas de fogo, exerceram-se mais pelo terror, que causavam aos indios, que pela força directa e decisiva dos combates. A prova é que os chefes da colonia em muitos casos foram feridos e morreram ás mãos dos selvagens, sem se contarem as batalhas que perderam.

Não poupando ensejos de atacar as povoações e fazendas, implacaveis contra os colonos, e muito mais contra os indios domesticados, dos quaes já eram inimigos antes de tudo, vimos como foram capazes de combinações e de allianças. Nada portanto ha que confirme a opinião dos que hoje entendem foram victimas inoffensivas, frageis ovelhas immoladas á crueldade simplesmente.

Os conquistadores, com effeito, fizeram o papel das milicias nos confins dos babaros em guarda á civisação. D'elles pendia a segurança publica ; e d'ahi consideração que mereciam, tendo voto no governo e constituindo uma verdadeira olygarchia de acto.

Em opposição aos abusos e crueldades, que a situação facilitava em demasia, o Rei promulgou os casos, em que por excepção podiam os indios ser escravisados; e eram: 1.º si aprisionados em guerra justa; 2.º si tomados aos anthropophagos, presos para serem comidos; 3.º si em crianças compradas aos paes; 4.º si pertenciam á tribus proscriptas, e estas foram todas que praticaram a anthropophagia por habito. A tribu por exemplo dos *Caeté* ficou decretada ao captiveiro e ao exterminio em desaffronta á maldade commettida contra o primeiro Bispo e seus companheiros de naufragio. Contra as tribus desta classe toda guerra, portanto, era justa.

E' facil emtanto adevinhar como todas as guerras coravam-se de justas, e como todo o trafico apparentou-se de resgate.

Eregiram-se então os vastos latifundios dos potentados, fazendas e aldeamentos enormes. Sahindo ao sertão, voltavam á frente de rebanhos numerosos. Si os indios resistiam, eram escravisados, si se entregavam, consideravam-se neophitos sob a tutela do conquistador. Padres relapsos acompanhavam a expedição para attestarem o *resgate*, as mais vezes ficticio, das victimas. As fazendas eram então vastas officinas de trabalho, organisado com feitores, tendo plantações de todos os generos, criações de todas as castas de animaes. Cada potentado tinha o seu corpo de armas, disciplinado e prompto, sob uma bandeira symbolica, de onde veio o nome de *Bandeiras* ás expedições, como já temos dito.

Apaixonados pela vida aventureira, em troca das violencias, compensaram a historia discortinando o continente: «... entranhando-se (diz Pedro Tacques aos sertões de Guayazes, uns entranharam-se até o rio das Amazonas, no Estado do Pará, outros aos

da costa do mar, desd'o rio dos Patos ate o Rio da Prata; entranhando-se pelo centro até o rio Tabagy ou Uruguay, e subindo pelo Paraguay até o Paraná, onde desagua o Anambahy ou Tieté. Atravessaram muitas vezes o sertão vastissimo, além do Paraguay, e cortando a sua cordilheira, se acharam no reino do Perú ».

Os potentados por luxo recebiam do Perú as baixelas de prata e as alfaias riquissimas de suas copas e capellas. Antonio Nogueira da Silva chegou mesmo a possuir minas em Potosi, onde falleceu em 1622.

Depois, porem, que se estabeleceu o trafico de africanos, as peças ficaram mais baratas e commodas, com serem mais resistentes e resignadas. Os indios cada dia mais escassos e ariscos, afundaram-se longe no pégo de sertões inhospitos. Os potentados degeneraram então, perdendo o gosto com o interesse das aventuras, deixando-as á plebe infima dos mamelucos e capitães do matto.

Na epocha dos descobrimentos das Minas Geraes havia cessado o genio dos conquistadores para dar logar ás aventuras mais nobres da pesquisa sobre metaes e pedras preciosas, unicas no caso de attrahirem a cobiça dos fidalgos e opulentos paulistas.

2.º

Não convém esquecer como, em virtude desta transformação, os indios ficaram mais expostos. Os mamelucos e indios mansos, que compunham as levas, eram os seus mais rancorosos e encarniçados perseguidores, lei atavica das antigas guerras.

Com os successos já narrados, o territorio mineiro ficou em demasia povoado de refugiarios do

littoral e do recinto de S. Paulo. A guerra dos *Tamoio* no Rio, acabando pela dispersão destes, impelliu das regiões do Parahyba, que os derrotados occupavam, as tribus humildes oriundas do tupi, os puri, os croatos e outros, que se installaram no valle do Pomba e, atacados ás vezes pelos *Goitacá* de Muriahé, vinham-se occultar sobre a serra nos valles do Guara-Piranga (passaro vermelho) e do Sipótána (sipó amarello). Uma horda de *Carijó* subiu o Parahybuna e se installou nos campos de Queluz e das Congonhas, mas n'esse meio tempo os *tupinaki* do Espirito Santo e de Porto Seguro, fugindo á perseguição dos colonos, transpuzeram a serra e depararam com os *botocudos,* insaciaveis de carne humana, senhores do Rio Doce. « Infelizes, dizia o chronista, fugiam e morriam de fome, ou se mettiam com seus inimigos e morriam a mãos violentas ».

Nesta cruel alternativa, corriam alem e vinham se estabelecer no rio das Velhas. Foi o Rio bemfazejo, em que dominavam os *goianá,* que do Araguaya passaram ao S. Francisco, e subirão o *Uaimïi*. Da mesma familia os *Tupinaki* acharam agazalho, e ahi esperaram por uma d'essas voltas da historia que se não adivinham, a chegada de Fernão Dias.

Formados os arraiaes de Sant'Anna e do Sumidouro, os *goianá* paulistas da comitiva chamaram á confraternisação os parentes sertanejos, e com elles emergiu o fóco civilisador mais antigo de Minas no Anhonhecanha.

Com o correr dos tempos, os aventureiros, separando-se cada dia mais do povoado, e afastad sempre nos sertões, chegaram á pintura, que d'ell achamos nos chronistas : « Eram homens ousad que se entranhavam pelos sertões. Para elles n

havia bosques impenetraveis, rios caudalosos, precipicios e nem abysmos. Si não tinham que comer, serviam-se de lagartos, sapos e cobras, que encontravam pelo caminho. Si não tinham que beber, sugavam o sangue de animaes que matavam; mascavam as folhas silvestres e os fructos acres do campo. Já eram homens semi-barbaros, falando a mesma linguagem dos indios, adoptando muitos de seus costumes, seguindo muitas de suas crenças, admirando a sua vida e procurando imital-a ».

Esta pintura recorda-nos as hordas dos antigos ciganos, genuina descendencia dos mamelucos, e que ainda em nosssa infancia vimos errantes de povoação em povoação, comendo de tudo, menos o sal, vestidos de algodão e de pelles, cheios de superstições, e todo o povo temendo que lhe raptassem as creanças. Usavam da tatuagem, de gargantilhos de ossos e dentes de animaes, e professavam o christianismo impuro da catechese transitiva dos primeiros tempos

D'essa gente nada resta nos bandos de scelerados que hoje adoptaram o seu nome e que d'elles só conservam o exercicio da vagabundagem.

Perpetuados pelas uniões endogamicas, os velhos, ciganos retrahiram-se aos sertões do S. Francisco e fundidos com os jagunços (*Zargunchos*), fazem uma nação á parte.

IV

DESAPPARECIMENTO

Escusado é dizer que a maxima parte das tribus *tupi* foram as primeiras que desappareceram. As nações organisadas resistiram mais tempo. Dos ferozes restam os botocudos, a familia decadente dos Aymoré, e os *Puchichá* em pequeno numero. A va-

riola nas *tribus* foi o principio mais violento do exicio.

Extinguiram-se os indios, é certo, mas por diversas causas. Tirados da liberdade para a escravidão, do ocio para os trabalhos forçados, da incuria para as obrigações, da ignavia para a catechese, degeneraram de forças, e succumbiram á nostalgia. E' pura verdade que a vida civil iniciou os selvagens na prostituição e nos abusos do alcool. Os vicios fizeram o que as molestias não completaram.

A mortalidade nas aldeias foi tanta, que percorreu nos sertões o panico do baptismo. Pregando os Padres que com elle se ganhava a vida eterna, os *Pagé* tomaram a imagem ao pé da letra; e fizeram d'isto com o exemplo *post hoc* o maior obstaculo á reducção E demais, como o selvagem domesticado, livre de procurar o alimento em montarias e canseiras, dava-se á preguiça, enfraquecia-se; e a fraqueza era a ultima deshonra.

A principio os Jesuitas, conservando os moldes do santo Fundador, de cujas mãos sahia o instituto, obraram prodigios, foram apostolos, que se honraram com as virtudes do Padre Nobrega, de Navarro, de Paiva, de Anchieta, de tantos anjos da fé, que illuminaram a conquista. A descoberta das Minas, porem, coincidiu com a degeneração da Companhia; e sabemos pelo officio de D. Braz Balthazar da Silveira, de 4 de Setembro de 1718, ser tão dura e desregrada a administração d'elles nas aldeias, deixadas ao collegio de S. Paulo nas Minas pelo Padre Guilherme Pompeo de Almeida, que o Governador pedia ao Rei interviesse energico para mitigar tamanha escravidão e tantas violencias.

As outras Ordens Religiosas não procediam de melhormente nas Aldieas do Real Padroado, e nas proprias, como se vê da Ordem Regia de 6 de Abril

de 1715, em que mandou o Soberano cohibir energicamente os abusos dos Benedictinos, dos Franciscanos, e dos Carmelitas, commettidos contra os administrados reduzidos á escravidão.

Entretanto, escravidão em termos nunca tal houve nas Minas, fundada em lei contra os indios.

O Regimento de 18 de Agosto de 1618, reiterado nas leis e Alvarás, mandava repartir os indios pelos mineiros, como livres, ganhando salario, e com direito a tratamento regular, ao vestuario, e á educação.

Si, os escravos ao menos custavam dinheiro, obvio é que os infelizes administrados comtudo ficavam mais expostos á morte pelo abandono.

Em summa, por uma estatistica ecclesiastica, sabemos que em 1786 o numero de indios domesticados era de 30.851; e no anno de 1828 era de 2.681. Estes algarismos, retroagindo-se aos primeiros tempos dos trabalhos das minas, darão idéa approximada á pavorosa differença.

Entretanto, como a historia não transige, antes compensa as grandes dores da realidade, é mister não esquecer da fusão dos indigenas no sangue dos colonos. Os livros das antigas parochias registram nos primeiros tempos, de 1700 a 1715 a proporção de 10 nascimenios legitimos para cem illegitimos. O desapparecimento dos indios é pois um phenomeno, que teve muitas causas, mas a principal foi com certeza, a lei das raças desiguaes, pela qual a superior absorve necessariamente as inferiores. E nem por outro modo se explica em dous seculos um povo de 4 milhões.

V

OS NOMES DO TERRITORIO

As comitivas dos conquistadores, e a tropa dos aventureiros, compostas em grosso de mamelucos e indios domesticos, falavam a lingua materna; e como as expedições tinham que tratar com os incolas do sertão, a portugueza não havia como ser empregada nas relações triviaes e diarias.

A nomenclatura dos logares, pois, vem na maior parte, dos invasores e não dos habitantes, salvo em regiões, como a do Rio das Velhas, em que se encontrou população indigena, com a qual se entabolaram relações permanentes.

Admiravelmente fusiveis, os termos indigenas prestavam-se a palavras compostas, que descreviam os logares segundo os accidentes mais notaveis, como foram as serras e rios, a começar da *Ibituruna* Serra Negra, *Itaverava* Pedra brilhante, *Pirahipeba* Rio do Peixe chato.

Penetrando nos sertões ignotos, os aventureiros iam denominando os principaes sitios do caminho; e com isto os roteiros ficavam traçados de maneira a guiarem os subsequentes invasores.

Denominação geral que se désse ao territorio, nenhuma houve, eis que dominações geraes tambem faltaram; e nem os indios demoravam-se nas reregiões o tempo necessario para perpetuarem o nome de seus ephemeros reinos.

Entretanto, como a parte mais conhecida, foi a limitrophe de S. Paulo e pertencia á nação dos *C taguá,* o nome d'elles generalisou-se para todo o s tão ao norte da Mantiqueira e sem limites apont dos sobre o interior do continente.

Quando porem, removidos os *Cataguá*, penetraram as expedições, reconheceu-se o paiz por dividido em tres zonas distinctas, segundo a cobertura vegetal.

A primeira corria da Mantiqueira á serra da Borda do Campo, conhecido paiz dos *Cataguá*, bacia do Rio Grande, coberta de campos e mattos alternados; a segunda era a região dos campos, e corria das serras da Borda á Itatiaia, vasto concavo de um lago mediterraneo extincto vendo-se ainda o vestigio das ilhas e golfos. Coberta de campos, com pequenas fachas de matto enfezado, era a zona mais bella, a que chamavam das *Congonhas*, nome que passou á erva, de que faziam os antigos a principal potagem (*luxemburgia polyandria*). A terceira zona finalmente era a do sertão do *Caheté* (2) mattos sem mistura alguma de campo. Era o paiz das serranias impenetraveis, dos rios enormes, das riquezas mineraes, das feras e dos monstros, uma especie das Uesperidas antigas guardadas por dragões. Ouro Preto foi o arraial do *Caheté* mais proximo dos campos, como nos diz o itinerario de Antonil. A região das Congonhas começava no virar da serra, em que o arraial de Ouro Preto foi collocado.

(2) Devemos definir:

Auá significava o macho, e significando o homem, tinha de ser unida á uma outra raiz, e valia por pronome impessoal. Por isso traduzimos *Catu-auá* (gente boa). O *u* sendo guttural, os portuguezes diziam *gu Itatiaia, ita* pedra *tiaia* que sua, era nome commum á todas as serras de vertentes por um e por outro lado — suando os rios.

Caha-ete, traduzimos as mattas, melhor que matto serrado. Região da Matta. O signal de plural *ete* vale o nosso *s*. E' sem numero. A multidão numeravel exprimia-se por *tiba*, Multidão numeravel exprimia-se por ceiia. *Áitá. eté, itá, tiba, diba, tuba*, esta-se vendo, são variantes dos dous mesmos termos por diversa pronunciação. *Caheté* mattos; *Curitiba* coqueiral.

O nome de *Cataguá* dado á principio ao sertão serviu até 1710 para designar tambem as minas dos *Cataguazes*, inclusive o districto das Minas Geraes. Antonil no Capitulo — PRIMEIRO DESCOBRIDOR, diz: « Ha poucos annos que se começaram a descobrir as Minas Geraes dos Cataguazes » e no da — ABUNDANCIA DE OURO, diz: « Das Minas Geraes dos Cataguazes as melhores e de mais rendimento foram até agora, as do ribeiro de Ouro Preto; as do ribeiro de N. S. do Carmo; e as do ribeiro de Bento Rodrigues. Tambem o Rio das Velhas é abundante ».

Por estas citações vemos que não houve distincção alguma de districtos para a denominação geral do paiz.

Com o povoamento, o ambito de Ouro Preto, Marianna e Sabará, chamou-se *Districto do Ouro*, afim de se não confundir com os demais districtos de outros productos, como foi o dos *diamantes*, e o dos *Couros*, nome este que se dava á região pastoril.

Em consequencia dos conflictos e discordias de paulistas e emboabas, o Governo Regio destacou da Capitania do Rio os districtos de S. Paulo e Minas para formarem uma nova Capitania (Alvará de 9 de Novembro de 1709), sendo nomeado primeiro Governador o inolvidavel Capitão General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, vulto notabilissimo do Brasil-Colonia.

Mas o povoamento attingiu a tão alto, que o districto das Minas em 1720 contava já cerca de 80 mil habitantes, domiciliados em villas e arraiaes opulentos. Dada a revolta de Villa Rica, pouco depois da do Pitanguy, o Conde de Assumar informou ao Rei não ser mais possivel contemporisar sem se crear um centro de autoridade forte e vigilante; pelo que foi creada a Capitania independente das Minas

Geraes (Alvará de 2 de Dezembro de 1720), sendo nomeado primeiro Governador D. Lourenço de Almeida, que a installou com a sua posse a 21 de Agosto de 1721.

Foi o golpe derradeiro dado na denominação dos *Cataguá*. O districto que por autonomasia chamou-se das Minas Geraes alargou seu nome a todo o territorio. Actualmente existe um arraial antigo, quasi extincto, na região da Lagoa Dourada, com o nome de *Cataué*. E' a memoria unica e final que relembra o poder outr'ora terrivel, e o nome bellicoso dos senhores do sertão.

CAPITULO SEGUNDO

DESCOBRIMENTOS

I

O TRIPUHY

Nenhum resultado pratico se obteve da expedição de Fernão Dias, terminada pela entrega das esmeraldas a 11 de Dezembro de 1681. Apenas ficou descortinado o sertão do Rio das Velhas, e fundados os primeiros arraiaes, fortalezas (*arces*) que defendiam as respectivas regiões e guarneciam os caminhos. Não se conheciam então as turmalinas verdes do Brasil, tão proximas das esmeraldas; e pois a Côrte de Lisbôa, mandando examinal-as, rejeitou-as por depreciadas, como de facto havia já succedido com as pedras colhidas por Marcos de Aseredo e seus filhos. Entretanto, si umas eram melhores que outras, e si a especie differia das turmalinas extrangeiras, sendo estas mais grossas e turvas, nasceu dos naturalistas d'aquella metropole a conjectura, que a

de Fernão Dias, pelo açodamento com que foram extrahidas, e urgencia de voltar a comitiva, presa de febres, não teriam sido buscadas ao amago da jazida; e neste caso o sol as havia tostado e offendido no melhor de sua lucidez e formosura.

Em consequencia, mandou o Rei a Garcia Rodrigues em 1683 que sahisse de novo ao sertão para cavar mais fundo as jazidas e colher melhores. Desta nova expedição apenas sabemos que andou sem resultados pelo sertão e voltou em 1687. E' de se crer, que receioso das febres terriveis do Guaicuhy (Uaimii) e das formidaveis serras que atravessou na primeira expedição, tentasse novo caminho e se perdesse no desconhecido, obrigando-se a retroceder.

Estes factos levaram o desanimo ao espirito dos aventureiros. De tão numerosas comitivas, raros tinham chegado ao destino, e rarissimos tornado a S. Paulo, estes mesmos trazendo nos semblantes o estigma dos soffrimentos.

Desastres e guerras, doenças e fomes, brenhas e rios insalubres, canibaes e feras, um mundo em summa entregue á lucta selvagem e universal da natureza anarchica, eis o quadro de tão funestas e duvidosas aventuras.

O mesmo Borba Gatto, que se figurou menos desditoso, em ponto de apprehender o fructo de suas fadigas no rico descoberto, acabou por mais infeliz de todos, foragido em meio de bugres, e rente com o espectro da lesa-Magestade!

O sertão, visto se crer que demonios o defendiam, acabara no tenebroso de seu ser, si os caçadores de indios não continuassem a percorrel-o nas diligencias da execranda profissão.

Dous factos attestam o que dizemos. O ouro do Sabará-buçú ficou perdido, sem ninguem mais o

achar até que, 24 annos depois, o mesmo Borba o fosse descobrir de novo; e as esmeraldas, essas nunca mais foram encontradas. As pedras eram legitimas na crença do tempo, os caminhos apontados, as jazidas possantes, mas acima da paixão pela riqueza falaram os instinctos pela vida.

Nestas conjuncturas, cousa foi que a todos surprehendeu, a descoberta das Minas Geraes. Em menos de dous lustros o territorio abriu-se de lado a lado, surgiram como que por encanto as povoações; completou-se a conquista. E não foi somente o phenomeno, mas a novidade dos meios, o que mais se admirou. Já não foi com effeito de S. Paulo, sim de Taubaté, que partiu o movimento; e nem para algum districto dos até então perlustrados, mas para outro distante, impenetravel, deserto de indios, sobre o qual nunca se lançou um olhar siquer de suspeita. Além d'isso, não foram bandeirantes na genuina extensão da palavra os descobridores; porque não subiram armados de privilegios, investidos de autoridade, tão pouco animados pelos favores e subsidios do governo. Pelo contrario, subiram ás caladas, á custa da propria fazenda, aos poucos, e disfarçados em traficantes de gentios, cousa então que passava sem dar na vista.

E' bem de se lembrar que os exploradores das esmeraldas, quando se metteram sertão a dentro, não o fizeram ás tontas, porque tiveram noticias e provas de existirem n'uma região indigitada pelos naturaes. Os Taubatenos tambem é de crer não se enveredassem ás cegas, buscando um ouro hypothetico debaixo do solo ou nos ribeiros de florestas e serranias sem fim. E' o que vamos ver.

Conta Antonil o seguinte:

« Ha poucos annos que se começaram a descobrir as Minas Geraes dos Cataguazes, governando o Rio de Janeiro Arthur de Sá e Menezes; e o primeiro descobridor, dizem, foi um mulato, que já havia entrado nas minas de Parnaguá e Curitiba. Este, indo ao sertão com alguns paulistas a buscar indios, e chegando ao serro do Tripuhy, desceu abaixo para tomar agua no ribeiro a que chamam agora do Ouro Preto: e mettendo a gamella na ribanceira para tirar a agua e roçando-a pela margem do rio, viu que n'ella depois ficaram uns granitos da côr do aço, sem saber o que eram, e nem os companheiros souberam conhecer e estimar o que tinham achado tão facilmente: e só cuidaram que alli haveria um metal não bem formado e por isso não conhecido. Chegando, porem, a Taubaté, não deixaram de perguntar que casta de metal era aquelle: E sem mais exame venderam alguns granitos por meia pataca á oitava a Miguel de Souza, sem saber o que vendiam e nem o comprador saber que cousa comprava: até que resolveram mandar alguns granitos ao Governador Arthur de Sá, e fazendo o exame se achou ser ouro finissimo».

Esta tradição, que Antonil colheu na fonte, é em substancia a mesma que o Dr. Claudio Manoel da Costa, no seu *Fundamento Historico*, registra nos seguintes termos: « Buscando as cousas em sua origem, segue o Autor, por mais certa e prudente opinião, não se poder averiguar indubitavelmente qual fosse o primeiro paulista que descobriu as Minas Geraes..... E' sem controversia qne o primeiro objecto dos conquistadores de S Paulo foi o captiveiro dos indios..... Desd'o estabelecimento d'aquella povoação, que foi a 25 de Janeiro de 1554, se deve

presumir, que giravam muitos conquistadores pelo sertão e atravessavam as Minas Geraes ».

Desta transcripção assim vemos, que ainda no tempo do Dr. Claudio sentiam a necessidade de explicar o phenomeno, embora o tempo tivesse apagado as circumstancias accidentaes, que Antonil conseguiu recolher.

André João Antonil, Jesuita, nasceu em Florença por 1650, e falleceu em Portugal em 1716, tendo viajado em Minas pelos annos de 1709. A sua obra foi editada em 1711.

O Governo Regio, porem, arrependido de consentir na edição, perseguiu-a, causa porque os antigos escriptores não a conheceram. Nós a temos da segunda edição de 1826 no Rio de Janeiro.

A divulgação das riquezas das Minas temeu-se que provocasse a cobiça de nações extrangeiras e, perigo maior, que estimulasse a crise actuante do despovoamento do Reino. O Alvará de 4 de Setembro de 1704 já havia tomado medidas severas no sentido de attenuar tamanha calamidade. O paizano encontrado sem licença nas minas seria encarcerado; o militar, deportado para Angola, e os extrangeiros, a não serem casados com mulheres nacionaes, teriam os bens confiscados, e seriam expulsos.

Deixando de conhecer a obra de Antonil, os historiadores começaram a narrativa de factos já consecutivos ao primeiro descobrimento; e nos deram um drama sem unidade, sem ordem, e monotono, figuras invariaveis ás tontas e acaso, como os cavalleiros andantes, sem ao menos a emotividade das bellas aventuras.

Antonil, viajando na primeira decada das Minas e ouvindo testemunhas vivas dos descobrimentos, reveste a sua narração de autoridade inconcussa; e se

impõe á critica a mais exigente. Era o facto mais estrondoso n'aquella phase o apparecimento das minas mais ricas do globo; e pois bem natural foi se conservar a tradição do evento, que lhes deu a origem na historia. Mencionando o mulato da comitiva, Antonil o trata-primeiro descobridor, e falando dos descobrimentos que se lhe seguiram, o faz como encadeamento logico, banal, de factos que se derivaram d'aquelle

Não ha, pois, duvidar, que foram os paulistas do Tripuhy os conquistadores que atravessaram as Minas Geraes e fizeram o primeiro descobrimento.

II

ITAVERAVA

Conhecido o primeiro descobrimento, é facil dizer como as cousas encadearam-se. O nome de Miguel de Souza mencionado é sufficiente, e nenhuma obscuridade haveria, si Antonil escrevesse que elle comprou sem dizer que cousa comprava, como era logico. E tanto foi esse o pensamento, que fóra d'isso o incidente nenhuma razão de ser teria para ser apontado. Supposto porem não fosse, a simples analyse convence que Miguel de Souza teve a chave dos acontecimentos.

Meia pataca d'aquelle tempo, equivalente a mais de 3$000 hoje, não seria uma somma tão desprezivel que se jogasse ao azar contra uma oitava de minerio de apparencia vil como o aço ou o ferro; e nem o comprador um estulto para comprar os granitos sem a intenção de os mandar ao cadinho, caso não os conhecesse. Para os guardar inutilmente ou deital-os pela janella é que de todo não se comprehende.

Por muito que se imagine o atrazo d'aquelles tempos, incrivel é que em qualquer povoação não houvesse um pratico de ourivesaria, que por instincto ao menos experimentasse os granitos ao fogo; e sabemos que a mais vivo calor a fuligem desapparece e a côr natural rivindica o brilho do precioso metal.

Era costume os sertanistas, em chegando de suas longas viagens, contarem aos curiosos as proprias façanhas, e as novidades dos paizes perlustrados, os incidentes e maravilhas, e as terras que descobriram, não raro exagerando, e ferindo a imaginação dos ouvintes Miguel de Souza, portanto, não precisou de se tornar suspeito para indagar as particularidades do itinerario, que apontava ao Tripuhy.

Da Mantiqueira á Borda e aos Campos Geraes o caminho estava aberto; e pouco era avistar da serra das Taipas o pico da Itaverava (*Ita-berab* pedra relampo). Da Itaverava os vendedores contaram que, não tendo achado indios, quizeram buscal-os ao Rio das Velhas, e, pensando encontrar este rio na vertente opposta da Itatiaia, puzeram-se em marcha. Entretanto, a cordilheira braceja ao norte em muitos ramos; e só depois de alguns dias, subindo e descendo serras, chegaram ao Tripuhy, na posição central dominada por um pico, sobre o qual figura um grupo de penhascos, ao qual deram o nome de Itacolomy (*Ita-curumi* pedra menino), por lhes parecer mãe e filha ao pé uma da outra. Era este pico o pharol do Tripuhy. Quanto ao local, era este um valle enorme de serras fragosas cobertas de florestas, um ribeiro claro e frio a que chamaram *tipiii* (*tipi*-i-*i* agua de fundo sujo), por correr n'um leito de pedras e areias negras. As ribanceiras, as margens, e os proprios montes eram todos cravados de blocos de minerio côr de aço.

Inutil é figurar agora o que se agitou na phantasia de Miguel de Souza. Era afinal o famoso El-Dorado do sertão surprehendido e posto em suas mãos. Conhecido o roteiro, convocou os parentes, apresentou-lhes a prova, e n'esse momento ficou assentada a invasão Taubatena.

A maior difficuldade não era a falta de meios nem de coragem; e sim de segurança. O segredo impunha-se por condição absoluta ao bom exito. Publicada a natureza dos granitos, os proprios vendedores, gente insana e irreflectida, divulgariam a noticia, e o sertão seria assaltado pelos malfeitores da epocha semibarbara, como ainda hoje fôra certo, e se tem visto em garimpos. Referida, por outra, ao Governo, as minas pertenciam ao Rei, e no caso vertente ridicula seria a compensação. O Rei mandava dar 20 cruzados e duas datas de terreno aos descobridores; e ainda neste caso o beneficio pertenceria aos primeiros invasores (Reg. 1616, art. 1º). O silencio foi consequentemente o partido unico.

Segundo observaram, os aventureiros tinham entrado e sahido do Tripuhy sem estorvos. Os caminhos eram poucos até á Itaverava; e d'ahi em deante o roteiro facil, tendo a balisa do Itacolomy tão bem figurada, que não havia como se confundir. Deliberaram, pois, sahirem aos poucos, disfarçados em traficantes de indios; e o que primeiro chegasse daria o aviso.

Nesta ordem partiu José Gomes de Oliveira em Março de 1691, tendo por ajudante da leva Vicente Lopes, convencidos ambos, que seria expedito chegarem logo ao destino; e de facto nada se lhes oppoz até á Itaverava. D'ahi em deante, porem, os horisontes fecharam-se na incognita: o sertão deu fundo no vago immenso das florestas e serranias

brutas ; e o Itacolomy desejado, com a sua allegoria pittoresca, baralhado nos montes longinquos, não se deixou conhecer. Em vão pesquizaram os arredores desertos de indios, á nada respondia a solidão melancolica das mattas ; e largo o desanimo os envolvia de cada passo que adeantavam. Eram paizes alpestres, sem grandes aguas, paizes portanto sem commodidades para a vida servicola, que se nutre de fructos e de viandas prodigalisadas pela natureza. Os aventureiros, caçadores de indios, guiavam-se pelo pico das serras ; e pois perdida uma balisa, o roteiro engrenha-se no labyrintho dos sertões.

Consoante o que haviam combinado, José Gomes despachou o seu Ajudante para Taubaté com ordem de dar contas da occurrencia e pedir soccorros. Para se achar o Itacolomy, o necessario era que se preparassem outras diligencias para o atacar, cada uma por seu lado ; pois só se vendo se acreditava na confusão, que as serras formavam, onde parecia estar o nó que as enfeixava, batalhão de pincaros indecifraveis.

A viagem de Vicente Lopes, os escriptores dizem, foi determinada para dar aos amigos noticia de se haver descoberto a Itaverava. Mas nem ouro, nem prata, nem pedrarias, acaso descobertas, justificaram então aquelles sacrificios, que serra por serra, cousa banal, não aconselharia. E demais, si esses mesmos escriptores dizem que a Itaverava já era antes conhecida pelos conquistadores, que por ella entravam nos sertões do Rio Doce, nem ao menos a novidade foi parte da missão confiada ao Ajudante.

Nada, pois, mais absurda qua a viagem dest para denunciar aos amigos uma serra como tante outras e, ao demais, já de antes descoberta.

III

O RIO DA CASCA

Consequencia da exposição feita por Vicente Lopes, subiu sem demora em 1692 Antonio Rodrigues Arzão com cincoenta companheiros em marcha para a Itaverava. Era neto de Braz Rodrigues Arzão, oriundo este da Bahia, sertanista dos antigos, que andavam nas Esmeraldas. Chegando á Itaverava, porem, as mesmas duvidas cercaram a nova diligencia; e pois decidiu o chefe proseguir na fórma combinada, e foi ter á serra do Guara-Piranga, chamada agora do Sanches, de onde pela manhã avistou os pincaros agudos de Arripiados, por effeito da luz oriental, parecendo mais proximos. Descendo n'essa direcção, encontrou Arzão o rio Piranga em seu melhor braço, descendente das serras auriferas e com indicios esperançosos, quando tambem deparou com alguns indios da nação *puri*, que lhe deram noticias de mais rico manancial, o do Casca, originario da cordilheira que o vinha attrahindo. No ramo superior desta, chamado Serra do Brigadeiro, ha um pico denominado *Pedra Menina*, semelhança do Itaculumi, por cuja illusão o aventureiro avançou chegando ao Casca, em cujas areias achou effectivamente as pintas do ouro. Examinando entretanto a região, viu-se enganado. Era, porem, tarde. Sua comitiva quasi toda havia desapparecido, morta de febres, de cansaço e de combates. Os *puri*, que por alli andavam espavoridos, por um lado pelos conquistadores, por outro pelos *botocudos* do Rio Doce, apenas experimentaram a boa amisade de Arzão, tornaram-se affectuosos no interesse mesmo de serem defendidos por elle, que, trazendo armas de fogo, espantou com a noticia os canibaes Tomado tambem

por sua vez de febres, considerou-se perdido e quiz voltar, mas os seus novos indios não quizeram acompanhal-o, temendo os conquistadores no valle do Sipotana (Xipotó), e só quizeram seguil-o para o povoado do Espirito Santo, villa então mais perto que a de Taubaté. Era de lá que haviam subido para se esconderem da perseguição dos colonos. Mas o caminho, sendo livre de botocudos, levariam, não obstante, o hospede até ás immediações do littoral. Acceita esta proposta, Arzão foi ter á villa, onde se apresentou ao Capitão Mór Regente da Capitania. A versão, que esta jornada fez-se pelo Cuieté, não se admitte, em vista das distancias e mais ainda pela impossibilidade de affrontar os indios ferozes, que dominavam o Rio Doce, a menos que o aventureiro dispozesse de um exercito bem apparelhado.

Accolhido com benevolencia pelo Capitão Mór e pela Camara da Villa, recebeu os subsidios, que por ordem do Rei se ministravam aos descobridores; e tendo offerecido ao mesmo Guarda Mór as três oitavas de ouro extrahidas do Casca, mandou este fazer dous anneis, dos quaes um lhe foi dado.

Reparadas as forças, e melhor das febres, quiz o intrepido sertanista voltar aos descobrimentos; mas ainda que auxiliado pelo Capitão Mór e pela Camara, que lhe forneceu mantimentos, roupas e armas, o seu só exemplo foi mote para desanimar a todos. Mallogrado na tentativa de levantar gente, aproveitou-se da primeira monção e mareou para o Rio, de onde tornou a S Paulo por Santos. Em chegando, porem, á terra natal, foi feliz unicamente em ter lhe a sorte concedido morrer e n'ella descansar d tantas fadigas e sacrificios inuteis. Dous annos tinha errado nos sertões, desde 1692 a fins de 93 quando falleceu.

IV

O GUALAXO DO SUL

Antes de expirar, Antonio Rodrigues Arzão chamou por Bartholomeu Bueno de Siqueira, irmão de sua mulher, e, lhe confiando o segredo das minas, o concitou a proseguir nos descobrimentos, sobre os quaes lhe deu as necessarias instrucções.

Procedente das mais nobres familias da colonia, era Bueno filho de Lourenço de Siqueira Mendonça e de D. Maria Bueno, a qual por sua vez era filha de Jeronymo Bueno de Rivera e de Clara Parente. O pae de Clara Parente, Manoel Preto, portuguez, havia-se feito aventureiro famoso nos sertões do Uruguay e do Paraná; e Jeronymo Bueno filho do Sevilhano, foi morto pelos *Guarany* no sertão do Paraguay. Já se vê, portanto, Bartholomeu Bueno, de Siqueira foi sertanista de raça, tendo feito as primeiras armas sob o commando de seu pae.

Havia elle em jogos de parar e tafularias de moço dissipado os cabedaes herdados, achando-se no meio dos parentes humilhado e desgostoso. Não tendo porem perdido com os bens a consciencia de sua posição, ardia por angariar novos; e n'esse tempo o campo unico aberto á fortuna era o das aventuras pelo sertão.

Alvoroçado, consequentemente, pelo que ouvira ao moribundo, seu amigo, aprestou-se em principios de 94, e foi ter-se a Taubaté com os parentes, que o receberam de braços abertos, contando com a sua capacidade para o desenlace da empresa, que já os trazia apprehensivos contra as difficuldades inesperadas que haviam surgido.

Actuava emtanto que os bandeirantes empenhados no commettimento, sendo mais ou menos

abastados, dispunham de meios e equipavam as suas tropas sem exigirem dos amigos grandes desembolsos, ao passo que Bueno appareceu-lhes de mãos vasias, nada podendo emprehender sem que primeiro lhe adeantassem o necessario. A' esta objecção atalhou Carlos Pedroso da Silveira, o mais rico dos associados, fornecendo-lhe prompta e bem municiada a leva , que devia conduzir. Além disto, o Capitão Miguel Garcia de Almeida e Cunha apresentou-se com um terço de tropas suas e armadas á sua custa para se reunir ao Chefe no caracter de seu ajudante, como era costume. Feitos assim os preparativos, a expedição partiu para a Itaverava em Abril de 1694.

Chegados, porem, que foram á serra, começaram inutilmente a devassar os arredores; e como o terreno figurou-se para deante na mesma escacez de viveres, amontoado de serras, temeu Bueno embrenhar-se na epocha em que se approximavam as aguas. Deliberou então em conselho com o seu ajudante e os mais amigos, que plantassem na serra uma seara de milho, tendente a abastecer a comitiva no anno seguinte, quando ficaram certos de poderem penetrar então sem receios e perigos o amago do districto.

A Itaverava exhausta, e já em demasia assolada pelas expedições antecedentes, não tinha forças para sustentar mais que a gente de Miguel Garcia ; e pois a este convinha permanecer no cuidado da sementeira, ao tempo que Bueno, conduzindo a Bandeira para o Rio das Velhas, ahi, em valles mais ferteis, aguardasse a epocha da colheita.

Chamavam então Rio das Velhas a todo o paiz estante a noroeste das Congonhas, inclusivamente o valle, tambem uberrimo, do Paraopeba, a cujos productos naturaes crescia de augmento o celleiro do

arraial de Sant'Anna em plena florescencia. Fundado por Fernão Dias, e convertido em centro de relações com os indios mansuetos da zona, a vida alli facil, supprida a mais de peixes, fructos e caças na abundancia nunca desmentida dos grandes rios. Foi este o paiz escolhido por Bueno para invernar e conhecer de conjuncto o sertão que explorava. Sahindo pois da Itaverava para a região das Congonhas, tomou a encruzilhada das antigas expedições na altura do Suassuhy.

Entrementes, Miguel Garcia, que por seu lado esforçava-se para obter os alimentos necessarios, deixando vigias á plantação, sahia á caça nos logares visinhos ; e, de uma vez que avançou mais longe, deu com um curso d'aguas volumoso, pelo qual descendo entendeu que acertaria com viveiros de melhor pescado. Nenhuma aguada emtanto já foi mais pobre no genero ; e assim teria perdido o seu tempo, si em compensação o rio não fosse alli tambem o mais bello e farto em signaes de ouro. Na barra com effeito de um corrego, á flor do cascalho, que convidava a experiencia, os aventureiros, aguçando cavadeiras de páo, e lavando em pratos de estanho as areias, colheram ainda assim faiscas as mais bellas do precioso metal, e que excederam á toda espectativa pelo deslumbrante da côr e tamanho dos granitos. A torrente de limpidez immaculada corria sobre o leito de crystaes redondos e alvos ; e toda a margem, sublevado o banco de terra vegetal, apresentava o lastro auspicioso da mesma formação, causando alegria.

Apertando-lhe emtanto os cuidados a lembança da roça, Miguel Garcia voltou ao arraial ; mas com a idéa firme de tornar ao descoberto, trazendo já então instrumentos apropriados e em melhor occa-

sião. Os acontecimentos, porem, que o esperavam, tinham de dar ás cousas uma outra maneira.

V

PRIMEIRO MANIFESTO

Havia n'aquelle comenos chegado á Itaverava o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, conduzindo uma nova columna, que tinha sahido de Taubaté em Janeiro de 1695 com vistas de soccorrer as expedições antecedentes e de auxiliar o descobrimento, caso não estivesse já realisado. Primava o Coronel por sua capacidade e grande pratica em materias do sertão. Era filho de Manoel Fernandes Yedra, natural de S. Paulo; mas elle já nascido em Taubaté, onde se casou com D. Maria Cardoso de Siqueira, prima de Bartholomeu Bueno e de Carlos Pedroso; pois é de ver que toda esta gente descendia de um tronco commum, de Garcia Rodrigues e Catharina Dias, fundadores de S. Vicente.

Partindo do povoado depois de Bueno, trazia o Coronel armas novas, bem assim uma espingarda e uma catana de feitio moderno, que invitavam a inveja de todos.

Miguel Garcia, de volta do ribeiro aurifero, deparou com a nova comitiva, e o mesmo foi ver as armas que desejal-as. Propoz em virtude ao dono trocal-as pelas suas, dando-lhe de retorno para igualar preços todo o ouro que se achasse com a sua gente.

Acceitando o Coronel a proposta, realizou-s negocio, e recebeu de volta 12 oitavas de ou quanto Miguel Garcia obteve dos companheiros, q o haviam extrahido.

Passados alguns dias, Bartholomeu Bueno, que se recolhia do Paraopeba, surgiu na Itaverava; mas o prazer da surpreza, vendo os amigos, desbotou-se ao saber da transacção. Arguiu elle a Garcia, que as Bandeiras, sendo corpos collectivos, disciplinados, nem mesmo o Chefe tinha poder de extraviar o objecto para o qual se associavam. Tinham vindo a descobrir ouro no sertão; o ouro pois que apparecesse, fosse qual fosse o inventor, pertencia a todos em commum; e n'aquelle caso o abuso foi maior, porque se haviam obrigado a enviar as primicias da diligencia a Carlos Pedroso.

Estas exprobrações, supposto justas em principio, feitas em tom acerbo, irritaram os animos; e á exigencia que se distractasse o negocio, oppuzeram-se os complicados. A discordia crescendo quasi dava em lucta de ferro e fogo, ponto em que o Coronel interveio. Redarguiu Miguel Garcia que andava no sertão á sua custa e propria conta, não a cargo de Carlos Pedroso, tanto mais que o compromisso com este tomado foi quanto ao ouro esperado no Tripuhy, não ao que elle havia achado, sem o querer, em diligencia mui distincta, procurando alimento para sua tropa.

Intervindo, porem, o Coronel para socegar os espiritos, quão era um perigo arrostar desordens estereis no sertão, que poriam mesmo a perder a esperança dos amigos, propoz, que não se humilhasse a Garcia, como elle proprio não se humilharia; e que no sentido de um desenlace honroso, cedia o ouro; mas com a condição que fosse levado por um terceiro para este, como dono, apresental-o a Carlos Pedroso, com quem se entenderia, como quizesse.

Este novo dono foi o Capitão Manoel Garcia de Almeida, seu ajudante, irmão de Miguel Garcia.

Voltando a si do impeto, Bartholomeu Bueno acceitou o alvitre; e Manoel Garcia partiu para Taubaté com o ouro, sendo acompanhado por um positivo com ordem de prevenir a Carlos Pedroso das occurrencias do sertão.

Effectivamente, chegando Garcia á villa, foi logo visitado por Pedroso, a quem minuciosamente informou da posição das *Bandeiras*, e lhe transmittiu as amostras, que trouxera; o que feito, regressou para o Coronel, aonde se achava, já longe da Itaverava. Por sua parte Carlos Pedroso, tendo purificado em 5 oitavas o ouro, partiu immediamente para o Rio de Janeiro, e o manifestou solemnemente ao Governador Sebastião de Castro Caldas(Junho de 1695).

Ainda que outras amostras tenham se extrahido do territorio de Minas por anteriores sertanistas, esta de Miguel Garcia foi a primeira dada em manifesto, na forma do Regimento; e por isso foi tambem a primeira enviada officialmente ao Rei. O manifesto não era propriamente do ouro, e sim do ribeiro; pelo que o manifestante tinha de jurar e certificar não ser um embuste a denuncia, que fazia, do manancial de onde o tirou. Aqui temos a razão por que este ouro, assignalado pelo formal descobrimento de um ribeiro digno de exploração, e definitivamente reconhecido, foi registrado na historia por primeiro, que se tirou das Minas Geraes, apezar que porções avulsas, mas sem manifesto, já se houvessem apresentado a outros Governadores

VI

RIBEIRÃO DO PITANGUY

Do que temos exposto vemos como os bandeirantes revezaram-se na Itaverava: José Gomes em 91, Arzão em 92, Bueno em 94 e Furtado em 95

Mas, si o logar não dispunha de viveres, menos ainda de minerios preciosos, forçoso é que se lhe averigue o motivo, pelo qual constituiu-se o encontro d'aquelles aventureiros.

Não queremos contestar que a Itaverava de mais tempo fosse conhecida; pois á uma os escriptores referem que os conquistadores a frequentavam. Mas si já estava devassada, e si tantas expedições a tinham reconhecido, não se encontrando ouro algum no seu ribeiro, difficil é justificar a coincidencia dos bandeirantes Taubatenos, nesta epocha, uns após outros, sem que tivessem por movel um plano assentado na Itaverava como ponto principal da execução.

Affirmam outros, sem discrepancia, que Bueno serviu-se do roteiro de Arzão. O Dr. Claudio diz: « Romperam os mattos geraes e servindo-lhes de norte o pico de algumas serras, que eram os pharoes na penetração dos densissimos mattos, vieram estes generosos aventureiros sahir finalmente sobre a Itaverava ».

E esses aventureiros, diz o mesmo Dr. Claudio: « convocados (por Bueno) e guiados pelo roteiro, que lhe deixara o fallecido (Arzão), sahiram de S. Paulo pelos annos de 1697 ».

Deixando de lado o anachronismo e o erro do ponto da partida, pois esta foi de Taubaté e em 1694, o aproveitavel é que o roteiro de Arzão os guiou para Itaverava, e assim confirma-se que este lá tambem fez o seu ponto.

O Dr. Diogo de Vasconcellos, por seu turno, affirma que a Bandeira caminhou *com os olhos fitos no roteiro de Arzão.*

Entretanto, si isso foi certo até á Itaverava, Bueno tomou rumo inteiramente opposto d'ahi para deante. O ouro achado por Arzão não foi portanto

o que Bueno vinha buscar guiado pelo roteiro, eis que não se enveredou para as minas do Casca. Parece pelo contrario que Arzão forneceu-lhe o roteiro para evitar, sahindo da Itaverava, a perda tambem de seus passos. Não ha todavia negar que a diligencia de Bueno, sequioso de ouro, foi continuação da do cunhado; assim como que o Coronel Furtado subiu para a mesma Itaverava em ordem a proseguir em rumo totalmente diverso d'aquelle, que Bueno escolhesse.

Effectivamente, colhida a sementeira, e passada a estação desfavoravel das aguas, os dous chefes concertaram-se no plano das pesquizas. O sul era por demais conhecido; e o leste já o havia descortinado o intrepido Arzão. Achavam-se assim intactos os horisontes do oeste e os do norte. Parece que a Providencia desvelava-se em fazer do Itacolomi occulto o ponto ambicionado para dispersar os aventureiros, e que esses desvendassem o territorio ao mesmo tempo, e assim se improvisasse de lado a lado a grandeza das Minas.

Bueno havia perlustrado em parte as paragens do oeste; e da serra divisoria das aguas do Paraopeba tinha avistado os pincaros do Sabará-buçú. Não podia ser outro o seu rumo. O Coronel Furtado, temendo prejudicar o amigo, ficou destinado para o norte.

Logo pois que raiaram os dias do outono, despediram-se os compatriotas e partiram. Foi o momento decisivo da historia.

Bueno sahindo na região dos Campos em frente á Itatiaia, fronteira ignota do Tripuhy, subiu para os altos do Pires, desceu nas fraldas da Itabira (*Ita-bir* pedra aguda) e, parecendo-lhe ver nos recortes do Morro Velho o da Pedra com Filho, só

conseguiu certificar-se de andar errado quando reparou no incremento do rio, de modo nenhum parecido com o de Fundo Sujo. Recordou-se então que em Sant'Anna circulava entre os naturaes a noticia de uma serra chamada Itatiaia (3); e, como a largueza dos plainos, do alto da serra do Curral, deixava ao longe avistal-a, engrenhada na mesma cordilheira da outra Itatiaia, continuada pela Itabira e pela Moeda, julgou ser aquella só e unica a denominação correspondente á mesma serra o motivo porque andava confundido. Chegando porem ao Itatiaiussú, cahiu em si do engano ; e desanimado então acertou de se convencer como foi Miguel de Souza victima de toda a fabula, que os arrastava ao desconhecido.

Entretanto, no arraial de Sant'Anna ouvia tambem a noticia de um ribeiro, que dava aos pedaços o ouro de suas areias ; e pedaços elle os viu em ornato das indias. Feitas as indagações, o ribeiro ficava ao norte, quatro jornadas além do arraial. Esta nova deliberação de se compensar n'esses mananciaes foi a sua gloria. Posto em marcha, guiado pelos indios de Sant'Anna, quando foi se approximando ao ribeiro, as indigenas que se banhavam presentiram o tropel e, pensando serem traficantes, fugiram aterradas, deixando algumas crianças de peito na margem. O rio tomou por isso o nome de «Pitang-y», rio das crianças (1696).

VII

O RIBEIRÃO DO CARMO

O Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, partindo por sua vez da Itaverava, tomou o rumo do norte, que lhe convinha, em companhia de

(3) Da Carta de sesmaria do Borba de 3 de Dezembro de 1710 se vê que o Itatiaiussú chamava-se serra da Itatiaia.

Miguel Garcia da Cunha, já estando este desligado, como vimos de Bueno, em consequencia da questão do ouro. O descoberto de Garcia ficava a seis leguas da Itaverava e não era cousa para se desprezar; pelo que deliberou o mesmo descobridor senhoreal-o, visto não ter bastante gente para por si adeantar maiores diligencias, cuja execução ao demais não lhe foram confiadas em primeiro logar. Em chegando, pois, ao ribeiro de Garcia, o Coronel Furtado acertou de auxilial-o na exploração regular, e no estabelecimenro do arraial, que, embora pauperrimo hoje, esteve riquissimo nos primeiros tempos, e com a sorte de dar o berço ao Dr. Claudio Manoel da Costa, baptizado em sua capella a 29 de Junho de 1729. Esquecida mesmo e relegada em sua profunda humildade actual, a Vargem, ninguem lhe pode contestar a gloria de ter sido o primeiro domicilio erecto nas Minas Geraes.

Além do ribeiro de Miguel Garcia, foram então descortinados outros até ás cabeceiras defluentes do Itacolomy; e desde logo muitos companheiros foram se apoderando dos melhores mananciaes, como Belchior da Cunha Barregão e Bento Leite da Silva, que ficaram em pontos continuados do caminho seguido pelo Coronel. (4)

Concorrendo para a formação do arraial de Miguel Garcia, teve o mesmo Coronel em vistas crear uma base de operações, propria para lhe dar soccorros em qualquer eventualidade desastrosa no sertão, que ia perlustrar. Satisfeita assim esta necessidade, levantou o acampamento e proseguiu pela costa do Gualaxo, entrou no valle do ribeiro, que tem o nome

(4) Belchior da Cunha era concunhado do Coronel Salvador, pois tinha por esposa D. Margarida Cardoso de Siqueira. O mesmo Belchior falleceu em 17 de Março de 1718 e jaz na Matriz do Carmo.

ainda de Belchior, e começou a subir a serra de Bento Leite, cujas encostas e cabeças mostraram-se mais suavis, como se pode observar.

Apenas bastam para se compararem a este os mais bellos panoramas do mundo. D'alli se abriu o quasi infinito horisonte de Matto Dentro; e nunca os aventureiros haviam contemplado ambito mais vasto de serranias longinquas. Baralhados n'um batalhão de nuvens, os penhascos do Tripuhy bem perto escondiam comtudo a balisa, que procuravam, a meta dos aventureiros.

Fitando d'esse alto o mundo, extendido a seus pés e que sómente esperava a sua voz para emergir da barbaria, o Coronel arrancou-se do extase e deu o signal de marcha. Os companheiros, erguendo então os machados, fizeram retumbar o concavo das florestas aos golpes da posse; e desceram para as fraldas da serra, de onde começaram a ouvir o estrepito soturno das aguas. Perlongando em seguida animadamente sobre os espigões até S. Gonçalo, n'essa mesma tarde acamparam nas margens do ribeirão do Carmo. Foi um domingo, 16 de Julho de 1696, festa da VIRGEM.

VIII

OURO PRETO

Descoberto o ribeirão do Carmo, declarado riquissimo, o Coronel Salvador d'elle apossou-se para sua comitiva; e prompto erigiu as primeiras cabanas do arraial ao longo da praia, chamada agora— Matta-Cavallos. No ouro das bateias fervilhavam granitos côr de aço; e o lastro da correnteza todo denegrido (*tipi*-i-*y*), tanto como a feição dos rochedos e das mattas, si não eram, davam longes do

sitio que Miguel de Souza descrevera. Por um canal cortado a prumo sobre o rio, meia legua acima, rompia a clareira luminosa da Passagem, esbatida no panno fusco da Serra eriçada de penhascos, em cujo cimo o Itacolumi apresentava-se, mas ainda desfigurado, como se avista de Marianna.

Deixando, pois, no arraial a comitiva para se manter na posse e desbravar a matta, tornou á Pindamonhangaba, onde residia a sua familia (1697); e d'ahi foi á Villa de S. Paulo a se entender com o Guarda Mór das Minas Garcia Rodrigues Paes, seu parente e amigo intimo. O descoberto de Miguel Garcia e agora o do Carmo decidiram da sufficiencia do sertão, que merecia ser demarcado e repartido. Era, porem, necessario que alguem de maior supposição, pessoa fidedigna, fosse attestar como não se tratava de ribeiros enganados por falsas apparencias (bromados), ou de minas inconstantes, como as de Jaguamimbaba; e sim de paiz no caso de compensar os sacrificios e fadigas de jornadas como as que custava o sertão. A noticia dada pelo Coronel satisfazia a todas as exigencias; e, segundo o relatorio, que apresentava com as amostras do ouro, acabaram todos por crer, que os aventureiros do Tripuhy, primeiros descobridores, exagerando, como de costume, as proporções do *El-dourado*, não haviam passado além do Carmo. Já não havia rumo intacto por onde se buscasse o grupo da *Pedra com Filho*; e só esta agora faltava, isso mesmo na precisão das imagens, ao passo que as distancias da Itaverava para dentro, as vertentes cortadas, a inclinação do Rio Doce, a grande serra, que se deveria por ultimo transpor, as mattas, os penhascos, o ribeiro de *fundo sujo*, tudo o mais em summa alli se ajustava com o indicio essencial dos granitos côr de aço, não obstante fos-

sem mais finos e pouco abundantes. Não faltava, porem, o raciocinio, que rolados nas aguas seriam encontrados mais grossos e amontoados nas fragas superiores do ribeiro.

Entretanto, Arthur de Sá, tendo deliberado cumprir as Ordens Regias, que mandavam subisse elle em pessoa ao sertão a effeito de animar os descobrimentos e de entabolar as novas minas, acertou de vir a S. Paulo, em Outubro de 1697, para, antes de tudo, apparelhar a expedição, que havia mister fosse poderosa e bem equipada em contraste com o tumulto de flibusteiros e guerrilhas, que já infestavam os descobertos, assaltando violentamente os ribeiros, em que a flux o ouro exorbitava. Passou o mesmo Governador por Taubaté em Novembro, quando retumbava o estrondo dos descobrimentos, e o turbilhão migratorio embocava nas vereas do Embaú. Aturdiam os espiritos as noticias do Carmo, e os granitos côr de aço gyravam de bocca em bocca, a ponto que Arthur de Sá mandou que lh'os trouxessem; e, como foram-lhe apresentados, os que se acharam no Tripuhy, trincando-os nos dentes, eis que mostraram a côr natural da preciosa substancia. Rasgado por esta fórma, em publico, o segredo, foi neste momento e d'este logar que primeiro se ouviu o nome de — Ouro Preto.

Já dissemos que casta de gente era a que então se occupava nas correrias pelo sertão em busca de indios, gente ignara, sem cohesão, semibarbara. As matilhas compunham-se de facinoras, que ao terminar das jornadas ficavam nos covis das serras, longe das villas, ao tempo que os demais sequazes mamelucos ou indios mansos, em chegando aos povoados, recolhiam-se licenciados aos tugurios em que tinham as mulheres. Os capatazes, com a presa

que haviam colhido, seguiam com pequenas escoltas para negociarem o seu trafico e voltarem então com dinheiro e pagarem as soldadas. Divulgado, pois, o incidente dos granitos com Arthur de Sá, ainda que o descoberto do Carmo tirou todo o encanto dos thesouros imaginarios, os poucos aventureiros do Tripuhy, que restavam em Taubaté, ouvindo a descripção do sitio, reconheceram a divergencia de alguns signaes ; e na duvida procuraram a Antonio Dias de Oliveira, que se achava prompto para subir em demanda ás novas minas : e pois propozeram guial-o na diligencia de recobrarem o primitivo descoberto. Feito o accordo, partiu Antonio Dias em Abril de 1698.

Foi então que se comprehendeu a causa de tantos esforços perdidos. Os primeiros descobridores, tendo entrado pela Itaverava, em busca do Rio das Velhas, esperavam encontral-o na virada da Itataia, mas não lograram o intento ; porque a serra ramifica-se e deixa correr mais de um fluente para o Rio Doce antes de separar os dous valles. Só depois de muitas marchas é que, descendo sobre o serro do Tripuhy, avistaram a cordilheira que se extendendo de sul a norte, indicava positivamente o divorcio das aguas e logo a proxima vertente do desejado rio Saltando, pois, o Tripuhy, subiram pela serra em ordem a transpol-a na depressão do Campo Grande ; e deste, effectivamente achando as novas aguas, proseguiram sobre os espigões de Catharina Mendes ; mas com surpreza reconheceram o circulo vicioso, que os guiou de novo á região dos campos. Avistaram então as serras da Borda e todo o paiz que haviam atravessado na vinda para a Itaverava. Observando o curso das aguas, viram que seguia para o sul, como que entrando para as Congonhas; e o Rio das

Velhas emtanto era sabido que corria para o norte. Desconhecendo assim o rio, e temendo que a estação das aguas colhesse-os em paizes escassos de mantimento, resolveram tornar ao povoado e cortaram em linha recta ao encontro da encruzilhada de Fernão Dias. Postos assim no caminho de S. Paulo, chegaram a Taubaté com os granitos côr de aço achados no Tripuhy.

Como bem se pode averiguar, não foi na entrada, mas na sahida do valle do Tripuhy, que elles avistaram a *Pedra com Filho*; e como, descrevendo o itinerario a Miguel de Souza, relataram apenas a vinda, e não a ida, os bandeirantes tentaram o impossivel, vindo da Itaverava e querendo ver o *Itacolomi* de onde não se figura;. pois a Pedra só do recinto do Tripuhy deixa-se retratar. De outro qualquer lado, por menos que se afaste o viajante, o grupo confunde-se de todo e perde a fórma nos recortes da montanha. Aterrada, parece que, victima do medonho cataclysma que afogou a natureza em sua infancia, a pobre Mãe ficou petrificada no momento justo em que subia para esconder à filha; e nesta idea o commovente episodio suscita em nossa alma a piedade que até nos monstros e nos penhascos o phenomeno maternal incute.

Conhecido portanto o caminho, Antonio Dias entrou por onde os aventureiros haviam sahido Da serra da Borda, avistando a Itatiaia, veio em direitura ao Rodeio (5) e, transpondo ahi a serra do Pires, alcançou o ribeirão das Congonhas, chamado hoje da Cachoeira, de onde subiu para o Campo Grande. Foi esta a jornada decisiva, a memoravel vigilia da historia

(5) Rodeio é o resultado da pronuncia, alterada de *Bordejo*, como os antigos chamavam o logar da serra em frente a S. Julião.

No dia seguinte, alvorecendo, sexta-feira 24 de Junho de 1698, os bandeirantes ergueram-se e deram mais alguns passos: todo o panorama estupendo do Tripuhy, illuminado então pela aurora, rasgou-se d'alli aos olhos avidos; e o Itacolomi, soberano da cordilheira, estampou-se nitido e firme no ceruleo do céo, que á luz recamava de purpura e ouro, de anil e rosas. Tomado o santo do dia, S. João Baptista foi o patrono da nova terra, *vox clamantis in deserto*; e essa voz, resoando nos echos da solidão, despertou a natureza ouvindo a saudação do Anjo: *Ave Maria!* Foi essa a madrugada em que realmente se fixou a éra christã das Minas Geraes. Estava descoberto o Ouro Preto.

IX

SABARA'-BUÇU'

Duas Cartas Regias, como já mencionamos, recebeu Arthur de Sá e Menezes para se passar ao sertão.

Depois de gastar mais de um anno em S. Paulo, no empenho de preparar a expedição, grangeou a estima e a confiança dos paulistas, por seu genio affavel e politico, tomando por principal confidente a Garcia Rodrigues Paes, amigo prestimoso do Rei, a quem o Soberano havia agraciado, em 19 de Abril de 1693, com a patente vitalicia e hereditaria, por cinco gerações, de Guarda Mór Geral das Minas, em attenção aos proprios serviços e aos de seu pae Fernão Dias Paes Leme. Em taes condições, facil offereceu-se a Garcia ensejo de insinuar no animo do Governador a questão de seu cunhado, o foragido Borba. Aparentado com as principaes linhagens de S. Paulo, por elle interessavam-se tambem os magnatas de que Arthur de Sá dependia, graças á orga-

nisação da epocha, em que nenhum serviço do Rei foi exequivel sem o liberal concurso dos potentados, os ricos homens, poderosos em arcos.

O Governador, accessivel ao pedido, comprehendeu que partido era proprio tirar da situação e prometteu solicitar do Rei o esquecimento da culpa a bem dos culpados, tanto mais que a largas se provou como o Coronel Borba Gatto não contribuiu para o exicio do Fidalgo, morto por um repente dos pagens, sendo aliás quem salvou a vida aos dous sequazes do mesmo D. Rodrigo. Si armou, é certo, a defesa contra a gente deste, quando ella quiz tomar vingança, é que não podia ser indifferente á sorte propria e á de seus sequazes. Convicto das allegações, Arthur de Sá, que era homem cubiçoso de glorias e de riquezas, concedeu, acto continuo, ao foragido a Comarca por menagem, tendo-se-lhe afiançado que, uma vez livre, o Coronel sahiria para acompanhal-o no dever de lhe indicar o sitio mil vezes desejado e famoso do Sabará-buçú A Comarca então se extendia do littoral ao Perú, e do Rio da Prata aos sertões da Bahia e de Pernambuco. Era, portanto, mais que ser livre tel-a por menagem.

Achava-se por esse tempo o Coronel homisiado no sertão de Parahytinga entre a serra do Mar e as Villas do norte de S. Paulo. Tendo vivido muitos annos no sertão do Piracicaba, fez-se o maioral dos indios, aos quaes industriou quanto poude nas artes da guerra e da paz. Começou por defendel-os com armas de fogo contra os botocudos, terror das florestas do Rio Doce; e com isto alçou a tribu amiga na mais temida fortaleza do mundo selvagem. Escusado é dizer que o adoravam os indios. Entretanto. passados os primeiros annos, venceu a nostalgia; e pois, enviou dous bastardos seus, na-

turaes da Parnahyba, com ordem de procurarem os parentes, que lhe dessem noticias do processo. A resposta não se fez esperar, dizendo que poderia approximar-se do povoado, mas não provocar os animos, bem que arrefecidos e já inclinados á benevolencia. Não convinha sobretudo affrontar a justiça, que seria tolerante, mas não perdoaria o ensejo de adular o Rei n'aquelle caso de lesa-magestade. Despediu-se então o generoso aventureiro de seus indios; e, pondo os pés a caminho, uma noite chegou á casa inesperadamente. As duas filhas que deixara na infancia estavam casadas e mães, e já não o conheceram; e os netos, aos quaes quiz cariciar, pasmaram de medo. Era um phantasma do passado; e maior purgação de seus erros não podia experimentar.

Obrigado, como se disse, ao refugio no Parahytinga, por ficar mais perto de Taubaté, para onde veio a familia morar, no interesse de se entreverem, recebeu alli a noticia da mercê feita por Arthur de Sá, pelo que veio ás pressas agradecer-lhe, affirmando estar ás ordens para subir ao sertão; e passou logo a auxiliar os preparativos, emquanto o Governador ia ao Rio instado por negocios urgentes, nada menos que boatos de extrangeiros á costa.

Em março do anno seguinte partiu Artur de Sá pela segunda vez ao Rio e se apresentou em Taubaté com uma boa escolta de soldados, achando tambem em pé de marcha os indios do Padroado Regio, e numerosa tropa de sequazes conduzidos por varios potentados, que tomariam parte na diligencia. Hospedou-se o mesmo Governador em casa de Carlos Pedroso, onde o Borba compareceu acompanhado de seus genros Antonio Tavares e Francisco de Arruda, e de uma tropa equipada por estes do la-

tifundio da Parnahyba, pertencente á D. Maria Betim, viuva do Governador das Esmeraldas, que em extremo estimava o genro pela fidelidade com que se houve com o sogro nos desamparos do sertão.

A expedição poz-se de marcha em Abril de 1700; e foi a mais apparatosa que se tinha visto, graças á certeza de viveres em abundancia nos arraiaes e roças do caminho e ao conhecimento inteiro destes. Em chegando á zona dos Campos, quando na Encruzilhada, onde se bifurcavam as veredas da Itaverava e da Itabira, o Borba seguiu por esta no intento de avivar o picadão aberto por Bartholomeu Bueno de Siqueira, o qual, embora o tempo o houvesse cegado, tinha, como era de costume, as guias nas arvores cortadas e nos velhos troncos golpeados. Era então indispensavel reparal-o de modo que désse passagem aos animaes de sella e de cargas trazidos pela comitiva.

E assim, dentro em poucas semanas, o Borba tornou a ver o velho descoberto de 1678.

CAPITULO TERCEIRO

I

PRIMEIRAS AUTORIDADES

Segundo Antonil, o Governador Arthur de Sá veio ás Minas por duas vezes; mas é versão esta que se não abona por factos. O Governador sahiu, é certo, duas vezes do Rio e nisto, cremos, está o engano do historiador. Da primeira vez em 1697, veio elle a S. Paulo afim de preparar a sua expedição, tanto no concernente ao pessoal e armas, quanto ao bastecimento e concerto dos caminhos. Era costume em casos de expedições semelhantes um anno antecedente mandar-se plantar em distancias os mantimentos e marcar as pousadas. O caminho que ia do campo ao Ribeirão do Carmo pela Itaverava, mormente neste ultimo trecho de serras e mattas, não estava ainda bem seguro para uma franca jornada, como convinha a cavalleiros.

Além d'isso, é sabido que de 16 de Julho de 99 a 15 de Março de 700 o Governador esteve no Rio. Ora, as primeiras minas desd'o rio de Miguel Garcia ao ribeirão do Carmo, sendo as unicas descobertas e então manifestadas, foram medidas e repartidas de 99 em deante. Antes desta data não ha memoria de facto pelo sertão em que o Governador tomasse parte; e absurdo seria que andasse ocioso, nada deixando aqui em abono de sua actividade. O que se sabe ao certo em virtude é que elle á primeira cousa a que ligou seu nome foi assistir a medição e repartição das datas mineraes do ribeirão do Carmo, em 1700, anno em que pela segunda vez sahiu do Rio de Janeiro.

Vindo a S. Paulo em 97, entre as demais providencias que ordenou a effeito de satisfazer as recommendações constantes dictadas pelo Rei, foi certa a de apressar a vinda do Guarda Mór Garcia Rodrigues no serviço de regularizar as concessões de terreno mineral descoberto, expurgando desde cedo o exemplo das posses violentas e tumultuarias, que se estavam praticando, sem preceitos nem consideração aos direitos regios.

Consequentemente, subiu o Guarda Mór em 1699, combinado já com o Coronel Salvador Fernandes, que o acompanharia no caracter de Escrivão das minas, como já temos narrado, devendo o descoberto do Carmo ser medido em nome de Manoel Garcia de Almeida, e o seguinte no de João Lopes de Lima. Effectivamente, em chegando ao districto, o Guarda Mór estreou as suas diligencias no ribeiro de Miguel Garcia, que primeiro estava na ordem do caminho; o que feito passou-se para o ribeirão do Carmo, onde o foi encontrar Arthur de Sá, quando, concluida ahi a diligencia em Agosto de 1700, o

Guarda Mór tratava de marchar para o de João Lopes de Lima, que por ser no mesmo ribeirão, abaixo legua e meia, os escriptores têm confundido com o de cima.

A' esta repartição, terceira na ordem do tempo e da jornada, assistiu Arthur de Sá de principio a fim.

Não deixaremos de, n'uma digressão necessaria, lembrar que si na Itaverava com effeito, se houvesse descoberto algum ouro, a diligencia teria por alli começado; mas, começando pelo ribeiro de Miguel Garcia, confirma-se a nossa narrativa. Todos passaram pela Iiaverava e todos a deixaram á margem. O facto de se ter chamado ouro da Itaverava o ouro do Gualaxo, é claro, provém sómente do costume ou da necessidade que havia de se nomear todo um districto pelo titulo do logar dominante e mais conhecido.

Voltando do Ribeirão do Carmo, o Governador Arthur de Sá chamou para sua companhia o Guarda Mór: e seguiu para o Sabará-buçú, deixando no districto do Carmo com as funcções da Guarda-moria o Coronel Salvador Fernandes, em ordem a satisfazer as exigencias do serviço, que já então era consideravel, graças aos esforços do Capitão Manoel Garcia de Almeida, que, tendo voltado de Taubaté em 1696, ficára no arraial em substituição da autoridade como Ajudante do chefe da Bandeira, emquanto este ausentára-se em 1697, como dissemos.

Houve, diz Antonil, uma peninsula no Rio das Velhas, em que elle viu tirar-se a secco, antes da lavagem, ouro em folhetas e pepitas, e depois da lavagem viu que dava o minerio até 80 oitavas, nunc menos de 6 cada bateada. A configuração do rio nã se presta á fórma descripta senão acima da volta er

que achamos os arraiaes velhos de Santo Antonio e de Sant'Anna, que foram exactamente os que reunidos formaram o primitivo arraial do Rio das Velhas, na parte do Sabará-mirim. Ora, não ha duvidar como foi este o arraial fundado pelo Borba; e nem seria razoavel se crer que elle acampasse n'um sitio e fundasse o arraial em outro, tanto mais que *arraial* era justamente o acampamento das comitivas. Parece fóra de questão, neste caso, que o logar do descobrimento foi na volta do rio, si não é essa mesma volta a peninsula de que Antonil nos fala.

Alludindo aos cabedaes, que se ajuntavam n'essa primeira phase das Minas, o mesmo escriptor diz: «*não se falando do grande cabedal, que tirou Arthur de Sá*» e esse cabedal foi de trinta arrobas, consoante á enorme riqueza do descoberto, que o Borba havia feito.

Satisfeito por maneira tão leal o compromisso tomado pelo aventureiro, e vindo o indulto requerido a seu favor, Arthur de Sá nomeou-o Guarda Mór do districto, Provedor dos Quintos, Inspector das estradas e barreiras, com jurisdicção nos confiscos e contrabandos da Bahia. O Rei, festejando por sua vez a auspiciosa noticia de tantos serviços, e grato ao descobridor de tão desejado Sabará, enviou-lhe a patente de Tenente-General do Matto, que era então a mais elevada na ordem das milicias, commandante supremo de todos os postos e companhias militares.

Approximando-se o termo de seu governo, que foi o mais longo de todos na governança das Minas, Arthur de Sá organisou a administração do territorio, dividindo-o em dous districtos, o do Rio das Velhas e o do Carmo, comprehendendo a serra do Ouro Preto. A superintendencia do civel e do crime no Rio

das Velhas ficou com o Desembargador José Vaz Pinto; e no Carmo com o Mestre de Campo de S. Vicente, Domingos Bueno da Silva, irmão de Anhanguéra e de Francisco Bueno. Além disto, o mesmo Dr. Vaz Pinto ficou revestido do poder judicial em segunda e ultima instancia, sendo pois a primeira toga que praticou a justiça em nossa patria. Domingos Bueno, sobre as funcções referidas, foi tambem nomeado Guarda Mór das Minas de Ouro Preto.

Instituindo todas as repartições tocantes ao fisco, e mais conveniencias, deu o Governador por terminada a sua tarefa; e partiu para o Rio, onde chegou a 8 de Junho de 1702. A 16 passou as redeas da Capitania ás mãos de D. Alvaro da Silveira e velejou para o Reino, onde com certeza tanto ouro estribou para todas as altas posições aquelle homem realmente notavel e talentoso.

O organismo official, porem, nenhuma raiz lançou na terra anarchica das minas. Os intendentes e superintendentes sómente aproveitaram o ensejo de se tornarem regulos absolutos, potentados de facto, soberanos do paiz.

CAPITULO QUARTO

O POVOAMENTO

I

PRIMEIROS POVOADORES

O descobrimento de Ouro Preto, vimos, foi o ponto culminante da historia antiga. Com elle a epocha das aventuras e fabulas extinguiu-se; os bandeirantes perderam a razão de ser; removeu-se o sertão, raiou a ordem civil. Antonio Dias foi em verdade o derradeiro conquistador. Não menos valentes e apreciados caudilhos ao depois appareceram; mas já não penetravam o mysterio, prolongavam o conhecido.

Descendo, porem, Antonio Dias em seguida ás margens do ribeiro famoso, completa e cruel foi a sua desillusão. As enchentes de tantos annos passados, como sóe acontecer nos valles fundos, desaguadouros de serras alcantiladas, haviam socavado as ribanceiras e lavado as margens, arrojando para baixo o calleirão dos granitos.

Percorreu todo o vallado profundo e frio desd'o serro do Tripuhy até o Padre Faria, e nada achou da especie que procurava. Em compensação, porem, a riqueza do metal commum não teve maior pujança em outra parte do sertão ; e contente por isto expediu para Taubaté a noticia do descobrimento, avisando os parentes que quizessem vir a seu encontro. No anno seguinte de 1699 puzeram-se logo a caminho para a serra, e aqui chegaram o Alcaide Mór José de Camargo Pimentel, e seus parentes Thomaz e João Lopes de Camargo, naturaes da Villa da Cutia, Francisco Bueno da Silva e seu irmão Antonio Bueno, primos de Bartholomeu Bueno de Siqueira; Felix de Gusmão de Mendonça e Bueno, o Padre João de Faria Fialho, capellão da comitiva, todos, como se vê, consanguineos dos descobridores.

Como era de praxe n'aquelles casos, o Padre Faria trouxe o seu altar portatil ; e pois construindose a cabana conveniente, no alto da serra, celebrou a primeira Missa (Junho de 1699). Ora, o mais para n'isto se admirar foi que a Capella, situada no dorso exacto da montanha, expelle do telhado á direita as aguas para o Rio das Velhas, e do opposto para o Rio Doce. No meio do altar, portanto, levantando a hostia, os braços do Padre uniram n'aquelle momento, e para sempre redimidos, os dous rios historicos de nossa patria.

As pesquizas de Antonio Dias passaram ao de leve, mas quando os recemchegados atacaram e feriram os barrancos, as aguas começaram a correr turvas á vista do arraial do Carmo, alarmando os habitantes para conhecerem quaes outros mineiros haviam chegado ás cabeceiras, que elles em balde haviam tentado devassar contra obstaculos invenciveis. O Coronel Salvador, em consequencia, subiu ao alto do

Bento Leite, e d'alli, seguindo á direita sobre os espigões, veio ter á explanada do Itacolomi. Avistando d'alli um como longe de fumarada, que subia do valle, desceu, e topou o ribeirão ainda barrento, e por elle acima conseguiu encontrar a gente de Antonio Dias. Eram amigos e conterraneos, circumstancia que deu ao sitio o nome de Bom Successo, pela alegria do momento, nome que tanto mais agradou quanto era a invocação da Virgem Padroeira de Pindamonhangaba (1700).

Em razão do frio, das brenhas, dos penhascos, que impeciam a margem e o profundo sulco do rio, os mineiros vinham trabalhar de dia, nunca mais de 4 horas, á força do sol; e á tarde recolhiam-se ao arraial afim de passarem juntos em maior segurança as noites e descansarem. Tal foi com effeito o terror que inspirou a natureza bravia e aspera d'estas montanhas em sua originalidade, que erigiram o arraial n'aquelle alto, seguro ao menos de toda emboscada.

Para lá conduziram o Coronel, a quem agazalharam do melhor possivel, e não é difficil imaginar as emoções dos sertanistas n'essas noites longas, ao redor do fogo, conferindo cada qual o seu projecto e a sua esperança.

Tendo o Coronel Furtado ficado com a vara da Guarda-moria em ausencia do Guarda Mór Geral, aproveitou o ensejo e passou a repartir os ribeiros da Serra, dando aos primeiros povoadores o caracter de descobridores para os galardoar com os privilegios e beneficios d'essa eventualidade. Aos Camargo concedeu as cabeceiras e abas do corrego de Antonio Dias; ao Padre Faria o ribeiro de seu nome; a Felix de Gusmão o Passa-dez de cima; a Francisco Bueno o corrego do Ouro Bueno atraz da serra e

perto de S. João. O descobridor Antonio Dias ficou aquinhoado com as datas da Barra, extremamente ferteis.

Concluida esta diligencia, o Coronel, que já havia perlustrado todo o circuito do Campo Grande, e avistado de um tope da serra a chã do ribeirão e as cabanas do Carmo, abriu a primeira picada que ligou os dous povos descendo pelo Piriquito.

II

NOVOS ESTABELECIMENTOS

Entretanto, a mania dos descobrimentos, si era de propriamente bastante, muitas outras causas reuniram-se para determinarem no repente de tres annos apenas a dilatação do povoado a tão longe que nem se poderia imaginar. O descoberto de Ouro Preto, com ser por excellencia o esperançoso, ficou em poucos annos deserto. A estreiteza do ribeiro, o profundo das catas, as brenhas intractaveis, o frio excessivo, as distancias da serra, deram no desanimo, tendo-se exgottado com as lavagens o deposito alluvioso. Thomaz Lopes de Camargo e seus irmãos João e Gonçalo foram os primeiros que abandonaram a sua lavra e passaram além do Carmo a descobrir o novo ribeiro a que deram o seu nome — Os Camargos, fundando o arraial. (1701). Por esse mesmo tempo, igualmente abandonando a sua, Francisco Bueno foi installar-se no Rio de Pedras. O proprio Antonio Dias de Oliveira, recordando-se de ter ouvido ao Borba a noticia de minas po- este encontradas, quando foragido no Piracicaba, en tranhou-se para o norte e foi erigir o seu segund arraial de Antonio Dias Abaixo, onde viveu e est sepultado.

Entretanto, como si as cousas conspirassem para a dispersão do povo e fundações novas, o flagello da fome, consequencia forçosa do descuido ou da ambição, com que se desprezou a cultura de mantimentos, declarou-se contra os arraiaes do Carmo, situados, como temos dito, em paizes safaros, devastados, obrigando os moradores a desertarem das lavras. O milho, a principio, custando 30 e 40 oitavas, o feijão 50 e 60, afinal faltaram de todo; e o remedio foi suspender-se a laboriação, e os mineiros procurarem as mattas onde pudessem achar a provisão dos generos naturaes. Começaram d'ahi as roças, que em compensação ficaram estabelecidas, dando origem ás Fazendas do districto do Carmo, e dos Gualaxos.

Outros, tendo negocios, ou desejando ver as familias, retiraram-se para S. Paulo, á espera que se fizesse a abundancia; e deste numero foi o Alcaide Mór José de Camargo Pimentel. O mesmo Padre Faria, desgostoso, retirou-se para Guaratinguetá, onde morava, e lá falleceu pouco tempo depois.

A epocha exacta desta crise nós a podemos verificar da tabella dos quintos, na qual vemos como começou a carestia em 1701 e a fome em 1702. Só em 1706 cessou realmente, quando o nivel dos quintos de 1701 readquiriu a sua casa de mais de uma arroba de ouro. Além de não haver em 1703 arrecadação alguma, nem um só confisco tambem se fez, prova certa de não ter havido contrabandos, e de se ter desorganisado o serviço na phase calamitosa.

O Coronel Salvador Fernandes, que resistia galhardamente á carestia, afinal confessou tambem a fraqueza, e foi assentar a sua roça no Morro Grande, a 3 leguas do Carmo, ribeirão abaixo; e ahi erigiu a sua segunda Capella sob a invocação de Nossa

Senhora de Loreto (1703). Ao mesmo tempo João de Siqueira Affonso, atravessando a serra de leste do Carmo, dascobriu o Sumidouro; uma legua para deante João Pedroso descobrio o ribeiro que, por não corresponder á riqueza pintada, ficou se chamando, como era costume, o *Bromado,* isto é, o mentido. Sebastião Fagundes Varella erigiu o arraial de S. Sebastião, e Antonio Furquim da Luz o de seu nome; e como feitas as roças passavam a pesquizar as faisqueiras, de cada ponto emergiram os ricos fócos, que se desenvolveram nas mais prosperas povoações do districto.

Por outro lado, iguaes senão maiores foram os resultados. Bento Rodrigues, antigo proprietario de terras, nas fraldas da Mantiqueira, tendo subido para o Carmo, descobriu em 1702 o incomparavel Ribeiro de seu nome, que em cinco braças de terreno deulhe cinco arrobas de ouro, com as quaes acertou de se tornar para a patria, logo que viu o seu descoberto por theatro de sangrentos e irreprimiveis conflictos.

O Sargento Mór Salvador de Faria Albernaz, que exercia no Carmo a pratica da medicina, descobriu por esse mesmo tempo (I702—3) o ribeiro do Passa-dez de Coatinga, e pouco adeante o admiravel ribeirão do Inficionado, nome que lhe veio dos desordeiros que o infestaram. O Licenceado Domingos Borges, examinando as fraldas do Caraça, descobriu as Cattas Altas; e Antonio Bueno, irmão de Francisco Bueno, querendo ter tambem o seu quinhão em descobrimentos. conseguiu o do *Brumado*, que apezar do nome foi rico. Descontente com este, o mesmo descobridor proseguiu e foi deparar com os pingues mananciaes do ribeirão de Santa Barbara (4 de Dezembro de 1704), berço da bella cidade, que hoje talvez nem mais recorde o seu nome.

Quando o Coronel Furtado visitou os patricios na serra de S. João, e repartiu os descobertos de Ouro Preto, observou as riquezas do Passa-dez, do Padre Faria, e de Antonio Dias, assim como julgou, que igualmente ferteis seriam os arroios, que desembocavam no ribeirão do Bom Successo; e com isto na mente, voltando para o Carmo, enviou seu filho Antonio Fernandes em ordem a explorar toda a região de Bom Successo até a Passagem, diligencia que se concluiu, não obstante os enormes embaraços do leito das aguas atravez os canaes e cachoeiras (1701). Voltando de S. Paulo em 1703 o Alcaide Mór Camargo Pimentel, e sabendo disto, instou com o Guarda Mór Domingos Bueno, que medisse o terreno; e de facto, executada a diligencia, pediu e obteve por arrematação a data regia, que foi de nunca vista prodigalidade.

Emquanto o Coronel Furtado formava a sua roça, e no interesse de dividir a sua gente em busca de alimento, mandou seus filhos Antonio Fernandes e Feliciano Cardoso com ordem de perlustrarem o sertão, que ficava ao sul do Carmo, por onde descobriram as minas do Pinheiro, do Bacalhau, do Rocha (Oliveira) e do Prepetinga, outros tantos nucleos que attrahiram o povoamento da zona, menos rica talvez que a do Ribeirão, mas todavia sufficiente para as bellas Fazendas, que alli se multiplicaram (1703—4).

Rival do Coronel, não quiz ficar segundo o Capitão João de Siqueira Affonso, e do Sumidouro entranhou-se no sertão, por onde foi descobrir as minas do Guarapiranga, no sitio em que se formou o arraial, hoje cidade.

Entrementes, Miguel Rodrigues Garcia fundava o arraial de seu nome na margem do rio Miguel

Garcia ; os Mainardi a Capella de S. Guilherme e S. Jorge ; Manoel Pereira Ramos installava-se na Bocaina, atraz do Itacolomi, assim como João Baptista Bonito, José Ferreira Cibrão, e muitos outros que colonisaram o Gualaxo ; ao mesmo tempo que Roque Soares Medella, Salvador Martins Negrão, Domingos Velho Cabral, Manoel Affonso Gaia e outros, as margens do ribeirão do Carmo. No Gualaxo do Norte, Antonio Pereira Machado erigiu o arraial de Bomfim de Matto Dentro, mais tarde arraial de Antonio Pereira; Claudio Gayon e Bento Fromentiere (francezes), e Sebastião Rodrigues da Gama estabeleceram roças e erigiram Capellas. Bem de ver é que a historia não conseguiu perpetuar a maioria de nomes que figuraram na epocha; mas não deixaremos de lembrar dous fundadores, cuja obra persiste florescente, Paulo Moreira da Silva e Mathias Barbosa da Silva, o primeiro fundador do arraial de seu nome, hoje Alvinopolis, no confim outr'ora dos indios, aos quaes oppoz barreira e conteve · e o segundo que se tornou immortal por suas muitas diligencias e grandes cabedaes, fundador da Barra Longa.

Finalmente, o Alcaide Mór José de Camargo Pimentel, tendo-se desgostado de sua residencia em Ouro Preto, procurou o arraial de seus sobrinhos e d'ahi, seguindo a pista de Antonio Dias de Oliveira, descobriu na margem do Piracicaba (5), perto da barra do ribeirão que desce do Morro Agudo, as lavras riquissimas que deram começo ao arraial de S. Miguel (1706), onde, verdadeiro patriarcha, finou-se aos 90 annos, cheio de bens e cabeça de numerosa geração.

(5) O rio tomou o nome de um sitio de cachoeiras até onde o peixe podia chegar. *Pira* (peixe) *ci* (chegar). Caabo (monte). Piracicaba, pois, significa — monte em que pára o peixe.

III
ULTIMOS DESCOBRIMENTOS

Emquanto se passavam estas cousas no Carmo, com igual furor dilatavam-se os descobrimentos na zona do Rio das Velhas. O Sargento Mór Domingos Rodrigues da Fonseca Leme foi o primeiro que aventou diligencias no deserto do Sabará-buçú, regiões do Caheté, por onde descobriu o famoso Ribeiro do Campo, que tão grossas rendas deu á Corôa. O Sargento Mór Leonardo Nardes Sizão de Souza descobriu as minas do Caheté (1701) e os irmãos Guerra, descendentes da Condessa D. Marianna de Souza Guerra, donataria de Itanhaen, fundaram o arraial, que tão emotivo theatro de acontecimentos deveria ser, tão grande tambem na fertilidade de suas minas, como na nobreza das familias que o povoaram e que ainda illustram o berço mineiro. A mais consideravel diligencia, porem, que prolongou os descobrimentos d'esse lado foi a de Antonio Corrêa Arzão, sobrinho do inolvidavel sertanista do Casca, e de seu companheiro Antonio Soares. O primeiro descobriu o Serro do Frio (Ibitirui) e o segundo o Morro de Gaspar Soares, successos estes que reabriram o paiz das pedras preciosas, além das innumeras jazidas auriferas, que tão alto levaram a producção nos tempos da magnificencia colonial (1704).

Entretanto o Rio das Velhas, por este tempo, povoava-se: os Raposos fundavam o seu arraial, que se tornou opulento, como bem poucos: a Roça Grande recebia dos Penteados a força creadora.

A zona dos Campos, a seu turno, como temos dito, representa a vasta bacia de um lago mediterraneo visivelmente exgottado sobre o estuario do S. Francisco. A Itatiaia foi o dique separador, o *divortium aquarum* dos dous districtos proto-historicos

das Minas. As massas diluvianas, e o vortice das correntezas, que se abateram precipitadas, deixaram nos logares fundos os sedimentos da riqueza desaggregada e das serras deluidas, formando os caldeirões famosos na primeira epocha, e que tantos ainda ha que esperam o exame dos mineralogistas. Os cascalhos da região das Congonhas até hoje são o que de mais rico pode-se conceber. Entretanto, o singular e digno de nota foi que não só essa parte, como a do Rio das Mortes, deixaram-se ficar intactas, senão quando os descobridores de Matto Dentro voltaram e deram a conhecer as faceis riquezas que tambem continham. Foi mister a comparação dos ribeiros conhecidos no Carmo para se denunciar a igualdade dos cascalhos que em tanto assoalhavam o caminho trilhado pelos bandeirantes. Perpassaram estes, as mais expedições da mesma sorte atravessaram todo o paiz dos Cataguá, e não menos o dos Campos, em busca de sertões remotos, abafados de florestas, cortados de serranias, inhospitos, e todos a faro de ouro; ao passo que ouro havia lá por todo o longo percurso de seu itinerario.

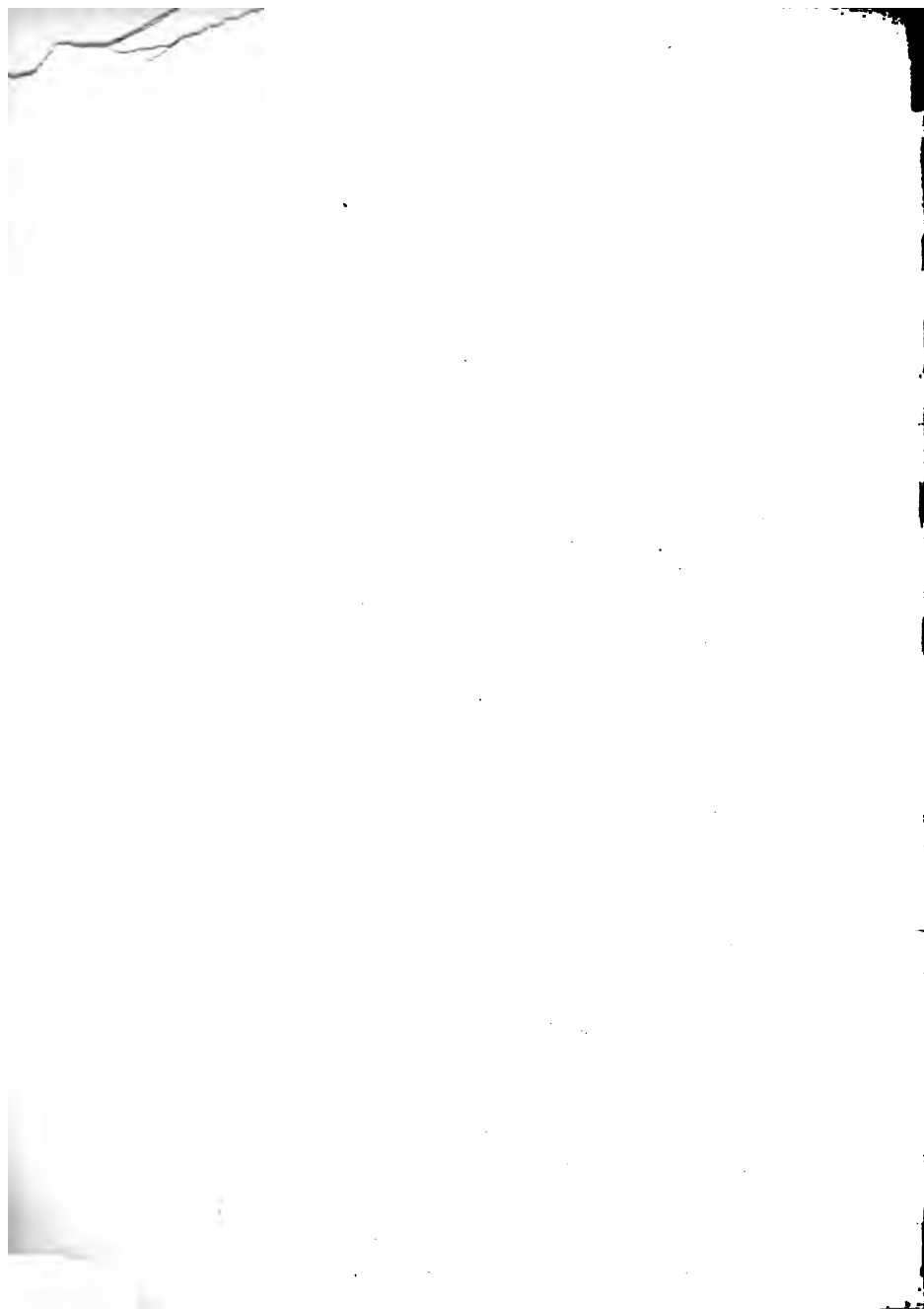
Foi preciso que João de Siqueira Affonso, quando regressava para S. Paulo, hospedando-se em casa de Thomé Portes d'El-Rey, na passagem do Rio das Mortes, pesquizasse as areias, e visse no lastro das aguas a mesma formação de seus outros descobrimentos, deixando ao proprietario as instrucções, cuja boa fortuna deu de resultado o inicio auspicioso de S. João d'El-Rey, ao mesmo tempo que nas mesmas circumstancias Antonio Bueno desvendava os veeiros da Ponta do Morro, preparando o berço da famosa villa de S. José.

Em summa, o cyclo dos primeiros doscobrimentos ficou encerrado pelo mesmo João de Siqueira

Affonso nas minas da Ayuruoca, fraldas da Mantiqueira, em 1706. A' pequena distancia de Taubaté, foi mister que primeiro se descortinasse o ambito immenso das Minas Geraes, que a luz e a palavra dos bandeirantes circulassem de Pitanguy ao Casca, da Itaverava ao Serro, para que se finalizasse, quasi a dentro do ponto de partida, a epopéa dos bandeirantes.

Sombras errantes da historia, quasi esquecidas, tempos remotos que deram em nossa alma o fulgor placido, como de um luar cadente, nas horas silenciosas, esses homens e essas cousas confirmam em tudo a nossa narrativa. A unidade do caminho até á Itaverava, a diversidade por avante, cada um no seu rumo; a indifferença para com o solo rico de paizes conhecidos em demanda de paizes nem sequer indicados, totalmente escondidos; o circulo que fizeram de longe para mais perto; são cousas que só um plano preconcebido moveria: e que só podemos explicar por um supposto polo magnetico da vontade e das ambições. O Itacolomi, rebuscado no pego nebuloso do sertão, entrevisto no dedalo das cordilheiras longinquas, foi, em verdade, o centro de gravitação, o pharol da conquista e da posse em todo o territorio.

No momento em que pomos estas ultimas palavras em nosso escripto, o avistamos, como que suspenso, cortado por uma nuvem branca, que se extende sobre a cidade, nesta hora do crepusculo já ponteado de estrellas.

Bello monumento de Deus, posto no centro de nossa terra, como dos homens, no centro de nossa historia; depois de ter attrahido os fundadores de nossa patria — presides e presidirás a romaria das gerações ao archivo de nossas tradições! Mago, que trouxeste o ouro á Bethlem da civilisação!

ORIGEM HISTORICA DAS MINAS GERAES

TERCEIRA PARTE

ADDITIVOS E NOTAS

I

O PRIMEIRO OURO

A respeito do primeiro ouro, escreveu o Dr. Claudio Manoel da Costa: « Quiz o Capitão Miguel « Garcia, um dos companheiros de Bueno, melhorar « de armas, e propoz ao Coronel Salvador a troca de « uma clavina, dando-lhe por avanço todo o ouro, « que se achasse na comitiva; acceitou o Coronel a « offerta, e dando-se busca ao ouro, se não achou « entre todos mais de 12 oitavas. »

Este episodio, que se tornou caracteristico da historia dos bandeirantes, narrado por todos os escriptores que tomaram por guia o Dr. Claudio, convem seja recebido com algumas reservas.

O compilador M. J. Pires da Silva Pontes narra-o quasi do mesmo modo, dizendo: « Como o Co-
« ronel trazia uma espada e uma espingarda de bons
« feitios, Miguel de Almeida mostrou desejos de tro-
« car essas armas por outras inferiores, que possuia,
« compensando a differença dos valores com a somma
« de 12 oitavas, que a Bandeira tinha até então ex-
« trahido. »

O Dr. Claudio, afiançando esta noticia como haurida nos apontamentos de Bento Fernandes Furtado de Mendonça, filho do Coronel Furtado, e Silva Pontes dizendo-se compilador de taes apontamentos, mereceram fé no mesmo gráo de autoridade; mas a verdade é que não a mereceram tanto quanto seria justo, si taes apontamentos fossem irrecusaveis. E ainda mesmo que elles fielmente os seguissem, o Dr. Claudio cahiu em um engano, que debilita a nossa confiança. Acreditou o Dr. Claudio, que Bento Fernandes foi testemunha e ajudante do Coronel, seu pae, no periodo dos primeiros descobrimentos; e Silva Pontes, igualmente illudido, apresenta-nos o mesmo Bento por descobridor proprio do ribeirão do Bom Successo em 1700, e das minas do sertão do Guarapiranga em 1704—1706. Bento Fernandes, porem, nascido em 1689 ou 90, é claro que andava na primeira puericia quando seu pae partiu para a Itaverava em 1695. Os seus apontamentos, portanto, pertencem á classe das tradições auriculares; e no seu caso escriptas 65 annos depois dos acontecimentos.

Além disto, o Dr. Claudio, inverteu os papeis, escrevendo uma historia para o poema, e não um poema para a historia, razão pela qual enxertou ficções, que seus plagiarios têm perpetuado até hoje, como que pezarosos de corrigirem a licença do Mestre.

O compilador Silva Pontes principalmente é censuravel; porque, não tendo visto o original dos apontamentos, recorreu ás narrativas do Dr. Claudio, querendo supprir quaesquer lacunas; e neste proposito serviu-se das ficções, pensando serem estas fragmentos escapos á integra do mesmo original.

O que fica exposto é muito essencial que se tenha em vista; pois que são os proprios factos principaes, que se apresentam adulterados, como os que se referem a Carlos Pedroso da Silveira.

Bento Fernandes Furtado de Mendonça casou-se em S. Caetano pelos annos de 1729 a 30 com D. Barbara Moreira de Castilhos, neta de Carlos Pedroso por D. Thomazia Pedroso da Silveira, sua filha casada com Domingos Alves Ferreira Filho. Não obstante, por conta do mesmo Bento Fernandes, disse o Dr. Claudio: «... entrando na Villa de Taubaté (Manoel Garcia), ahi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira; e porque não lhe faltava habilidade e engenho para se conciliar com os patricios, houve a si as 12 oitavas de ouro e com ellas se passou ao Rio de Janeiro, apresentou-as ao Governador, e foi premiado com a patente de Capitão Mór de Taubaté. Consequentemente o nomeou o mesmo Governador por Provedor dos Quintos, concedendo-lhe ordens necessarias para estabelecer fundição na mesma Villa, por ser ella a povoação onde desembocavam primeiro os conquistadores. Por este modo se vê que, posto que Antonio Rodrigues Arzão denunciasse, primeiro que Carlos Pedroso da Silveira, as tres oitavas de ouro, que descobriu nas Minas Geraes, a sua morte impediu o progresso desta denunciação; e ficou Carlos Pedroso conseguindo a gloria de apresentar o ouro, que elle não descobriu».

Nada menos exacto; e nem Bento Fernandes tel-o-ia dito, como em seu nome o disseram. O Mestre de Campo Carlos Pedroso da Silveira assistiu por algum tempo em S. Caetano; e D. Thomazia, vivendo muitos annos casada com o mesmo Bento Fernandes, não lhe teria relatado papel tão indigno do seu ascendente.

Silva Pontes, no caracter, como se inculca, de simples compilador, quasi litteralmente seguiu a narrativa do Dr. Claudio. A verdade historica, porem, é outra muito diversa. Dos conselhos de Antonio Rodrigues Arzão inspirou-se Bartholomeu Bueno de Siqueira para subir aos descobrimentos; e se não lhe acudisse com a bolsa aberta Carlos Pedroso, é bem provavel que a diligencia se désse por adiada.

A este respeito, o seguinte trecho da *Nobliarchia* de Pedro Tacques é terminante:

« Vendo empenhado Portugal no descobrimento das minas de ouro e prata, para que tinha sido mandado com apparato de extraordinarias despesas a S. Paulo D. Rodrigo de Castello Branco... *se animou* (Carlos Pedroso) .. á custa de sua fazenda, sem a menor ajuda de custo, nem interesse de futuras mercês, que por alvarás de lembrança com elle se praticasse .. *a fazer* penetrar o sertão dos barbaros indios Cataguazes... Teve a gloria de ser o primeiro, que, com o cabo da tropa, Bartholomeu Bueno de Siqueira, conseguisse o descobrimento das minas de ouro. D'ellas entregou as primeiras amostras a Sebastião de Castro Caldas, que por fallecimento de Antonio Paes de Sande se achava no Governo do Rio de Janeiro».

E mais adeante:

« Descobertas assim foram por Carlos Pedroso da Silveira as novas minas dos Cataguazes, que, extendidas depois de 1695 a muitos descobrimentos

foram conhecidas por minas do Sabará-buçú, que se diz—Sabará das Minas Geraes ».

E tão certo o Dr Claudio conhecia este ponto, que, não obstante haver escripto aquelle topico, tambem escreceu este:

« Gloriam-se os paulistas de que fossem Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira os primeiros que apresentaram as primeiras amostras de ouro ao Governador do Rio Antonio Paes de Sande pelos annos de 1695 ».

Cremos ter demonstrado á toda a luz a injustiça feita ao Mestre de Campo Carlos Pedroso, ficando tambem confirmada a nossa narrativa.

Não ha negar que os episodios da Itaverava, a não serem os apontamentos fornecidos pelo Coronel Bento Fernandes, seriam completamente ignorados; pois em nenhum outro manancial se encontrou a noticia d'elles. Episodios, a bem dizer, localisados e circumscriptos, gravaram-se na memoria sómente dos actores; e até hoje não teriamos quem nos referisse a invenção do primeiro ouro por Miguel Garcia, si effectivamente os apontamentos deixados em familia pelo Coronel Salvador, ou seus filhos Antonio e Feliciano, companheiros da expedição, cahissem no olvido. Mas o Dr. Claudio foi todavia facil em referir cousas incoherentes, anachronismos, e nomes trocados. Em sua narrativa entretanto escapou a phrase —*conciliar com os patricios* — pela qual bem se reconstrue a verdade dos factos.

Dada a discordia na Itaverava por causa da permuta das armas, entrando o primeiro ouro na transacção, Manoel Garcia o levou, como seu, para Taubaté, onde Carlos Pedroso interveio e acalmou quaesquer susceptibilidades, mostrando como Bueno teve razão. Os compradores de ouro não se consi-

deravam descobridores; e assim a vantagem para todos os amigos seria que o *manifesto* fosse feito por elle Pedroso, socio de Bueno e de Miguel Garcia. O verbo *conciliar-se* empregado por Bento Fernandes exprimiria necessariamente a conclusão de uma desavença; nunca o principio de uma usurpação; tanto mais que Manoel Garcia não seria tão rematado imbecil, que se deixasse lograr sem protestos em materia cheia de tantas esperanças e propria de recompensas.

Documento ainda mais terminante foi a Carta Regia de 16 de Dezembro de 1695, verdadeira acta destes acontecimentos; diz ella: « Arthur de Sá e Menezes &..... Viu-se a carta que escreveu Sebastião de Castro Caldas, a cujo cargo estava esse Governo, a 16 de Junho deste anno, em que me deu conta de umas novas minas, que se haviam descoberto no sertão da Villa de Taubaté; e de que lhe haviam trazido cinco oitavas de amostras, que remetteu com a noticia de que se haviam descobrido outros ribeiros, como lhe haviam representado em suas petições os descobridores Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira, a quem proveu nos officios d'ellas por ficar duzentas leguas distantes das de Parnaguá, e não poderem os officiaes d'ellas acudir ás novas minas chamadas dos Cataguazes. Me pareceu dizer-vos que obrou bem Sebastião de Castro Caldas nesses provimentos. »

Esta Carta baixou com outra do mesmo dia, condecorando a Carlos Pedroso com o habito de Christo, e concedendo a Bueno a pensão de 80$000 annuaes.

Com relação a outros pontos dignos da critica occuparemos adiante

II

SEBASTIÃO DE CASTRO CALDAS

Outro erro a se corrigir é o que o Dr. Claudio seguiu, de Pedro Tacques, com respeito a Antonio Paes de Sande, erro para o qual arrastou os seus plagiarios, não obstante dizer que consultou os archivos na formação do seu *Fundamento Historico*. Paes de Sande adoeceu gravemente em Outubro de 1694, e falleceu em principios de 95. O estatuto então era que nos impedimentos temporarios do Governador assumisse a administração o Provedor Mór da Fazenda Real; mas nas vagas fosse chamado o Almirante do Sul.

Consequentemente Antonio Curaco esteve no governo de 7 de Outubro até 19 de Abril seguinte, data esta em que Sebastião de Castro Caldas veio assumir as redeas da Capitania na vaga aberta pelo obito de Sande.

Desde Salvador Corrêa competia este provimento ao Almirante do Sul; e ainda em 1710 vimos o mesmo Caldas governar Pernambuco, visto a fuga do respectivo Governador, batido pelos *Mascates*.

O primeiro ouro das Minas, portanto, coube á gloria de Caldas remettel-o ao Soberano.

Anteriormente a Arthur de Sá e Menezes a patente honorifica deferida aos Governadores foi a de Capitães Móres. As cidades e portos brasileiros porem cresceram de importancia; e, como vinham governar as praças de guerra e as esquadras officiaes superiores, frequentes conflictos occorreram na ordem militar entre os commandantes e os Governadores. O Rei então no fito de atalhar o inconveniente elevou os Governadores a Capitães-Generaes Arthur de Sá foi o primeiro a receber o novo posto.

Não procede por isso a duvida que a Revista do Archivo Publico Mineiro achou (Anno I, Fasc. I, pag. 4), dizendo em uma nota:

« Diversos escriptores têm mencionado para a posse de Arthur de Sá e Menezes o dia 16 de Outubro de 1695. Ha nisto engano manifesto. A patente do Governador Arthur de Sá registrada no Livro 10 dos Registros da Camara do Rio de Janeiro tem a data de 12 de Janeiro de 1697. Isto diz tudo. »

O engano está na *Revista.*

Arthur de Sá começou a governar em Outubro de 1695; mas registrou a Carta de sua nova patente de Capitão General em 12 de Novembro de 1697. A *Revista*, pois, confundiu duas cousas diversas.

A Carta Regia citada de 16 de Dezembro de 1695, dirigida a Arthur de Sá, mostra como nesse mez já elle havia assumido as redeas do governo das mãos de Castro Caldas.

A Carta Regia de 17 de Dezembro de 1695 (dia seguinte) mandou que elle Arthur de Sá fizesse uso dos alvarás de promessas e mercês facultadas a Paes de Sande em beneficio dos paulistas que quizessem intervir nos descobrimentos.

A de 27 de Janeiro de 1697, finalmente, ordenou que Arthur de Sá viesse em pessoa ao sertão para animar os descobrimentos, entabolar as novas minas, installar o governo, e prover á cobrança dos quintos, concedendo-lhe entre outros favores a ajuda de custo annual de 600$000, além do soldo.

São datas, pois, que confirmam a sua posse em 1695.

Outros igualmente notam, que Castro Caldas não esteja mencionado na lista chronologica dos Governadores; mas não se lembram que n'essa lista

foi uso, que continúa a ser, não ficarem contemplados os servidores interinos.

*
* *

A discussão destas datas faz-se de necessidade para se justificar a nossa exposição. Poderiam objectar que si foi o evento do Tripuhy que deu causa aos descobrimentos começados pela invasão Taubatena; tal invasão teve começo em 1691 pela jornada de José Gomes; logo, muito antes de governar Arthur de Sá. Pelo que já andavam os Taubatenos em diligencias quando os granitos côr de aço appareceram. Si esta objecção procedesse, cahiria por terra, como se conclue, toda a logica de nossas deducções.

Mas é facil responder. Antonil registrou duas cousas separadas: o primeiro achado, e o começo effectivo dos descobrimentos; e só esta phase coincidiu com o governo de Arthur de Sá.

Si o facto causador de uma guerra precede, e póde preceder muitos annos ao começo das hostilidades, a campanha dos descobrimentos está no mesmo caso, mormente naquelle tempo, em que tão demoradamente se resolviam e se executavam os projectos. O evento do Tripuhy causou a invasão Taubatena, e esta os descobrimentos. Ora, estes não começaram senão com a expedição de Bueno, e com a do Coronel Furtado, ambas no lapso de 95 a 96, na epocha logo de Arthur de Sá.

Ora, o evento dos granitos completa além de tudo o phenomeno dos descobrimentos, mostrando-lhe a causa. Sem elle a serie de factos ficaria tomada já em meio, truncada no elo principal, que significaria a sua razão de ser. Os factos de valor

secundario, já em movimento, se apresentariam sem a origem que os determinou e moveu. Com o facto do Tripuhy, porem, toda a serie se organisa, adquirindo o numero que lhe faltava, o seu primeiro elo.

Manda a boa critica, que logo que se averigue um facto da mesma natureza e ordem dos phenomenos em tempo de lhes servir de causa sufficiente, seja como tal reconhecido; porque não ha duas causas sufficientes para o mesmo phenomeno. A invasão dos Taubatenos nenhuma ligação teve com a das Esmeraldas, operou-se em tempo, logares, e com pessoal todo distincto, relacionado unicamente com os conquistadores do gentio, residentes em Taubaté. Neste sentido os descobridores succederam em linha directa com os conquistadores, e a historia anterior aos descobrimentos confunde-os a todos na mesma classe, pois somente a Bueno as tradições uniformes apresentam como partindo de Taubaté, no proposito de reconhecer as minas que Antonio Rodrigues Arzão achou fortuitamente em caminho do Espirito Santo.

Qualquer, pois, que seja a versão preferivel, o certo é que o movimento do phenomeno foi continuado de uma phase para outra: e, tomando uma nova direcção, teve necessariamente um ponto que o desviou para outro fim.

O evento do Tripuhy preenche a lacuna que se sentia neste ponto, e solda as duas phases. Sem aquella aventura o phenomeno perde o objectivo de seu esforço; e desapparece a unidade dramatica do emprehendimento, homens e cousas reproduzindo diligencias acaso e sem ordem por todo o territorio da Itaverava ao Serro, do Pitanguy ao Casca!

Já o dissemos e repetimos: Si fosse o ouro d Arzão que Bueno andava a rebuscar, teria prose

guido na direcção do Casca; si fosse um ouro qualquer ignoto, que procurasse a esmo da propria fortuna, não teria deixado de proseguir no rumo do Gualaxo, e tão pouco se apartado do Rio das Velhas, onde os lençóes mais ricos do mundo afloravam aos olhos, como o Borba mais tarde demonstrou.

Não teria em summa deixado um ambito já conhecido, mais ou menos, para ir onde se não esperava acampar, depois de voltas e jornadas penosissimas, nas longinquas ribas do Pitanguy.

III

CARLOS PEDROSO DA SILVEIRA

D. Simão de Toledo Piza e D. Maria Pedroso casaram-se em S. Paulo a 12 de Fevereiro de 1640. Em Novembro de 1644 nasceu-lhes D. Gracia da Fonseca Rodovalho, que se casou com Gaspar Cardoso Gutierre. Carlos Pedroso da Silveira foi o segundo fructo deste consorcio, nascido em S. Paulo em 1662.

Apezar de muito moço, quando se associou á empresa dos bandeirantes, já tinha exercido o cargo de Capitão Mór e Ouvidor de S. Paulo; e estava casado com D. Izabel de Souza Evanos Pereira, natural do Rio de Janeiro; a qual era filha de Gibaldo Evanos Pereira e D. Ignez de Moura Lopes, natural de S. Vicente.

Gibaldo era filho de Heliodoro Evanos e D. Maria de Souza Brito, esta por sua vez filha de João Pereira de Souza Botafogo (dono que deu seu nome á formosa praia) e de D. Maria da Luz Escossia Drumond, oriunda da Madeira, ilha na qual seus

ascendentes refugiaram-se da perseguição que devastou os catholicos da Escossia. Eram parentes de Maria Stuart.

Heliodoro Evanos veio para o Rio com Estacio de Sá, seu primo irmão.

Em 1713, passando por Taubaté D. Braz Balthazar da Silveira, nomeou Mestre de Campo a Carlos Pedroso, das milicias reformadas deste districto, e logo em 1714, para corrigir os desregramentos que se desenvolviam na região com a frequencia de entradas e sahidas das Minas, o elevou a Capitão Mór Regente das tres Villas de Taubaté, Guaratinguetá e Pindamonhangaba.

O Rei muitas e repetidas vezes escreveu a Carlos Pedroso, de quem se fez amigo, depois principalmente que por seu esforço descobriram-se as minas geraes dos Cataguazes.

No cargo de Provedor dos Quintos o seu procedimento foi sempre exemplar e honestissimo, dando fieis contas de suas arrecadações.

A severidade com que exercia e praticava a justiça o inimisou com os poderosos, que conheceram a firmeza de seu caracter; e pois irritados o fizeram matar aos 17 de Agosto de 1720.

O Conde de Assumar dirigiu então á D. Izabel a seguinte carta, em que se espelha o temperamento serio e resoluto do velho regimen:

«Minha senhora. Sendo em Vmc. as obrigações de sentir o desastrado successo do Mestre de Campo Carlos Pedroso, não foi menos em mim o sentimento. quando me chegou esta noticia; porque considerava nelle um bom vassallo, servidor de S. M por cujo motivo ainda é mais a minha impacienci de não poder desembaraçar-me dos negocios des governo para dar promptamente a satisfação q

deste caso se deve a Deus, a El-Rei, e ao mundo, e a Vmc ; mas do modo que posso remetto á Vmc. as ordens inclusas para o Juiz Ordinario d'essa Comarca procurar tirar devassa, prender os delinquentes, e castigal-os, como merece a atrocidade ; e Vmc. póde usar de ambas, quando lhe pareça; e no mais deve Vmc. conformar-se com as disposições do Altissimo, ainda que justa a sua magua e a sua pena, não podem voltar atraz este successo, e para tudo que eu prestar me terá prompto Villa do Carmo, 20 de Outubro de 1720. — D. Pedro de Almeida »

Pelas cartas do Conde dirigidas ao Juiz Ordinario de Taubaté, e ao Ouvidor de S. Paulo, verificamos a energia com que mandou formar o processo e punir os delinquentes ; mas tambem o que ficou fóra de duvida foi a negligencia d'essas autoridades, senão o constrangimento, em que se viram, aterrorisadas por certo deante dos mandantes e executores do crime. A viuva D. Izabel viu-se mesmo obrigada a se retirar para as terras que tinha no Rio Verde, onde falleceu.

A carta ao Ouvidor é do teor seguinte :

« Mui admirado me tem a noticia, que me chega do assassinato feito no Mestre de Campo Carlos Pedroso, e que, em estando por Juiz n'essa villa, não procurasse logo tirar devassa e prender os delinquentes, remettendo-os para onde estivessem seguros, porque, além de ser este um caso mui aggravante da Justiça, e o morto uma pessoa principal, devendo-se por uma e outra causa dar satisfação á esta queixa, para que servisse de exemplo, e não continuassem esses districtos a ser o covil de todos os assassinos, Vmc. tem passado este caso, como se fosse uma leve culpa, temendo talvez mais a indignação

dos homens, que a de Deus: assim lhe ordeno que logo que receber esta procure tirar devassa e prender os matadores, remettendo-os para S. Paulo ao Ouvidor Geral, e quando nisto haja a menor duvida, Vmc. ha de responder d'ella e então procederei com Vmc. como melhor me parecer. Deus guarde a Vmc. Villa do Carmo, 20 de Outubro de 1720.—D. Pedro de Almeida. »

Feito o descobrimento das minas, e estabelecidas as Casas de Fundição nos varios centros de producção, decahiu até ser abolida a Casa de Taubaté.

Para S. Caetano do Ribeirão Abaixo vieram residir duas filhas do Mestre de Campo, D. Maria Pedroso da Silveira, casada com Francisco Alves Corrêa, e D. Thomazia Pedroso, casada com Domingos Alves Ferreira Filho. Além d'essas duas filhas, tambem veio para alli o Padre Leonel Pedroso da Silveira.

De D. Maria Pedroso os filhos que mais se distinguiram nas Minas foram o Sargento Mór Estanislau da Silveira e Souza, e os Padres Floriano de Toledo Piza, José Bento da Silveira e Carlos Pedroso da Silveira; estes quatro residentes em S. Caetano, e Patricio Corrêa da Silveira, que morou em Santa Barbara, casado com D. Rita Maria.

De D. Thomazia, as filhas D. Izabel de Souza Evanos, e D. Barbara Moreira de Castilhos, casadas, residiram em S. Caetano, e D. Leonor Domingues da Cunha, casada com Antonio de Faria Sudré, em Pitanguy.

O proprio Mestre de Campo algum tempo morou em S. Caetano, como se verifica da seguinte verba do testamento do Coronel Salvador Fernandes: « Declaro que tanto a minha filha Marianna Furtado, ca-

sada com João Pereira, como as minhas filhas solteiras se recolherão nas minhas capoeiras e casas, que foram do Mestre de Campo Carlos Pedroso... »

Com o que temos dito a respeito deste homem notavel, ficará resgatada na historia a sua figura, digna de apreço, limpa de toda a macula. Foi, como vimos, a alma dos descobridores.

IV

RIBEIRÃO DO CARMO

(DESCOBRIMENTO)

A respeito do Ribeirão do Carmo, o ponto embora culminante da invasão Taubatena, é para se extranhar a omissão das circumstancias. O Ribeirão foi quem fixou as ideas no valor geologico do paiz, e quem generalisou a confiança nos descobrimentos. Entretanto, escreveu o Dr. Claudio: « 1699. Miguel Garcia, natural de Taubaté, foi o primeiro que descobriu e manifestou um corrego, que faz barra no Ribeirão do Carmo, e se comprehende no districto da cidade de Marianna: fez a repartição o Guarda Mór Garcia Rodrigues Velho, com assistencia do Escrivão das datas Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça. O Ribeirão chamado do Carmo o descobriu pelo mesmo tempo João Lopes de Lima, em 1700. »

Por esta mesma forma succinta e deficiente, escreveu Silva Pontes: « Miguel Garcia, da villa de Taubaté, foi o primeiro que, adoptando a medida de explorar outras minas, descobriu e manifestou as de um ribeiro, que por isso adquiriu o seu nome, em um rio, que entra no Ribeirão do Carmo com a denominação actual de Gualaxo do Sul (1699).

....

« João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, tendo começado a exploração das areias do Ribeirão do Carmo, noan no de 1699 continuou o seu reconhecimento; e, achando distancias nobres e capazes de repartição, as deu em manifesto em 1700. »

Os demais historiadores, até hoje, seguiram servilmente estas duas versões, que em tanto não resistem ao sopro mais leve do raciocinio.

Era o Dr. Claudio natural do Fundão, á margem do rio de Miguel Garcia, tres leguas cerca de Marianna, e pois não se desculpa a incuria de não investigar por si mesmo e directamente memorias que lhe affluiram na propria infancia, contemporaneo como foi dos primeiros povoadores.

E, de mais, nos apontamentos de Bento Fernandes o Dr. Claudio deveria ter notado a omissão do descobrimento principal do Ribeirão (Marianna): porque, segundo Silva Pontes, a diligencia de João Lopes de Lima já era continuada do ponto em que, começando a explorar as areias, foi descobrir as distancias nobres que deu á repartição.

Silva Pontes com certeza, afastou-se dos apontamentos, quando attribuiu a Miguel Garcia o pensamento de procurar novas minas; porque foi Miguel quem descobriu o primeiro ouro negociado na Itaverava; mas em compensação conservou intacta a memoria de João Lopes de Lima no que concerne ao justo papel secundario que representou.

O ponto principal-descobrimento de Marianna-, que fugia de todo á nossa indagação, um acaso nol-o restituiu em mãos de um amigo, o sr Pedı José da Silveira, residente no Pomba, e curioso collecionador de cousas antigas, mostrando-nos un caderno de apontamentos de seu avô, que nasceu n

villa do Carmo, e que entre outras noticias guardou a seguinte: « *Os paulistas entraram para este logar, 1696* ». O velho chronista, sendo filho de Vicente Ferreira de Souza, representava a tradição viva dos bandeirantes; porque este, baptizado na Capella do Carmo em 1704, foi necessariamente um dos primogenitos da povoação.

A data de 1696 está com effeito no mais perfeito accôrdo com os factos; porque si o Coronel Furtado partiu da Itaverava ao mesmo tempo que Bueno, bem claro vê-se que este não chegaria a Pitanguy, dando voltas por Sabará-buçú, no mesmo anno de 1696, emquanto o Coronel gastava cerca de 4 annos para attingir as margens do Ribeirão, caminho de 12 leguas, quando muito.

E demais, si a mania da epocha foi a dos descobrimentos, já estando o sertão invadido, e os ribeiros inficionados, a ponto de exigirem a presença do Guarda Mór, e do proprio Arthur de Sá, não se comprehende que o Ribeirão, o mais opulento foco das novas minas, ficasse ocioso nas brenhas por 4 annos mais que o rio de Miguel Garcia, eis que lhe corre este a uma legua e meia de distancia, atraz da serra que separa as duas bacias.

Os escriptores até chegarem a taes incoherencias tiveram de esquecer a significação e valor do processo que os descobridores seguiam. Descobrir, denunciar, manifestar, medir e repartir, foram em verdade termos, que não couberam em um só anno; sobretudo n'aquella phase do sertão, quando a jornada de S. Paulo á Itaverava exigia pelo menos tres mezes de marchas a pé, carregando-se o mantimento ás costas.

Descobrir e repartir o Ribeirão foram extremos, que não havia como fossem executados simultanea-

mente, na mesma instancia de 99 a 700, salvo si o Guarda Mór andou ás tontas, elle mesmo, a descobrir: o que não se deu.

A data de 96, portanto, é a certa e verdadeira que presidiu a descoberta de Marianna.

*

Dizem os escriptores que o Guarda Mór mediu e repartiu logo ao chegar tres primeiras datas em favor de Miguel Garcia, de Manoel de Almeida e de João Lopes de Lima. Até hoje prevaleceu tal disparate, como si o Guarda Mór viesse com tantas despesas e fadigas ao sertão inhospito para favorecer a tres individuos somente, contrasenso, que em tanto se remove applicando-se aos tres descobertos o nome proprio de seus descobridores, conforme é o expediente nas paragens desertas e incultas que se povoam.

A viagem da Itaverava se fazia passando por Miguel Garcia (Vargem), Manoel de Almeida (Marianna) e se chegava em terceiro logar a João Lopes de Lima (Ponte Grande). O Guarda Mór, em verdade, effectuou as diligencias n'essa ordem.

O difficil n'essa questão foi sabermos onde esteve o sitio de João Lopes de Lima, ponto que todavia cremos esclarecido por Antonil. Em sua obra, Cap. *Abundancia de ouro*, mencionando os millionarios que se improvisaram na phase dos descobridores, diz: « Garcia Rodrigues e João Lopes de Lima tiraram de seu ribeirão cinco arrobas ». O ribeirão de João Lopes era portanto o mesmo que o de Garcia. Ora, sabemos que este foi o ribeirão do Carmo no trecho que vae da Ponte Grande a S. Sebastião.

Ahi residia o Guarda Mór, quando se achava nas Minas, logares em que, já o dissemos, collocou os parentes mais diletos.

Diz Antonil que essas cinco arrobas as tiveram antes de partirem, Garcia para o Caminho Novo, e Lima para S. Paulo, o que indica uma partilha de sociedade. E o que mais é, foi ouro tirado em menos de dous annos! (700 a 702).

Além d'isso, mencionando as distancias, que separavam as primitivas povoações do arraial de Ouro Preto, diz Antonil:

« De Ourc Preto a Antonio Dias, meia legua; de Antonio Dias ao Padre Faria, meia legua. De Ouro Preto ao Ribeirão do Carmo, tres dias de viagem, descoberto por João Lopes de Lima. »

O caminho primitivamente, sabemos, foi a prumo pela serra de S. João, descendo sobre o arraial do Carmo, e d'ahi subindo-se de novo á serra de Marianna para descer na praia da Ponte Grande, trajecto por florestas e despenhadeiros; diligencia, pois, que custaria os tres dias. E si de Ouro Preto a Antonio Dias o espaço foi de meia legua, facil é calcular quantas leguas corriam até aquelle sitio.

O que não se póde todavia admittir é que se gastassem tres dias para se chegar ao sitio do arraial do Carmo.

A disposição legal vigente na epocha dos descobrimentos, cremos, foi que contribuiu para a lacuna que tratamos de esclarecer. Segundo o artigo 52 do Regimento de 15 de Agosto de 1603: « O Provedor, o Thesoureiro, o Escrivão, e mais Officiaes não podiam ter parte, nem companhia nas minas, nem tratarem de metal algum, nem por si, nem por outrem, sob pena de perdimento de sua fazenda e privação de seu officio; e nas mesmas penas incorriam,

de perdimento de sua fazenda, os que déssem parte ou tivessem companhia, uns e outros devendo ser embarcados para o Reino, sem poderem tornar mais a estas partes » (Sic)

Aqui temos, pois, a chave do enigma.

Vindo o Guarda Mór a distribuir os descobertos, cuja opulencia emergia á flor das aguas, sendo litteralmente veraz a tradição, que o ouro sacudia-se das raizes da vossoura, claro é que o mesmo seria repartir as datas que fazer millionarios. O Regimento de 1618 artigo 4.º dispunha tambem que nas minas de lavagem, que as invernadas trazem nas correntezas dos rios, o Provedor poderia assignar a cada data as vasas que lhe aprouvesse. Estava logo nas mãos de Garcia a fortuna dos extranhos, e não a propria.

Conferenciando com o Coronel Salvador Furtado, em S. Paulo, quando este lá foi em seguida ao descobrimento do Carmo (1698), o Guarda Mór ficou informado a respeito da espantosa riqueza do Ribeirão; e da capacidade, que se esperava descobrir ainda em todo o seu leito de praias abaixo.

Subindo, em resultado, o mesmo Guarda Mór com o Coronel para o sertão em 1699, foi este nomeado Escrivão das datas, e repartiram-se então os descobertos, o de Marianna em nome de Manoel Garcia de Almeida, ajudante e amigo intimo do mesmo Coronel Salvador; e o de Santa Thereza em nome de João Lopes de Lima, parente e amigo intimo de Garcia Rodrigues, vindo em sua companhia.

Chegados que foram todos ao ribeiro de M·guel Garcia em 1699, proseguiu na viagem João L pes de Lima e começou a exploração tendente a d parar com as distancias desejadas; como de fa se lhe mostraram na formosa paragem da Po

Grande, onde o rio espraia-se, e depositado havia as mais copiosas alluviões.

Segundo os favores das leis, a questão do tempo era ser descobridor para se obterem as maiores e melhores datas. E' bem provavel, que os companheiros do Coronel, que ficaram sob o commando de Manoel de Almeida, no arraial do Carmo, emquanto o mesmo Coronel ausentou-se para S. Paulo, já conhecessem a zona da Ponte Grande; mas a João Lopes de Lima por amor de Garcia, cederam a denunciação.

Ulteriormente o Rei, não obstante ter consolidado no Regimento de 1702 as mesmas disposições prohibitivas de 1603, reconheceu a impossibilidade de mantel-as, pois não haveria quem quizesse exercer os officios das minas sob o pavor d'aquellas penas; e por Carta de 7 de Maio de 1703, dirigida ao Desembargador José Vaz Pinto, Regente das Minas, revogou-as, permittindo aos funccionarios da guardamoria que lavrassem e tirassem da mineração a vantagem que quizessem, emquanto licita. Em virtude desta nova Ordem, Garcia Rodrigues e o Coronel Salvador ficaram livres, e assumiram francamente a possessão de suas respectivas lavras.

V

GARCIA RODRIGUES PAES LEME (*)

Primogenito do Governador das Esmeraldas Fernão Dias Paes Leme e de sua mulher D. Maria Garcia Betim, foi o homem que ligou seu nome a toda a historia de Minas nos primeiros tempos, desd'a expedição de seu pae em 1674 até o anno de 1738

(*) Leme é alteração do sobrenome flamengo Lems (argila) de um antepassado, familia nobre de Bruges.

quando morreu aos 7 de Março em S. Paulo. E' por isso que merece, além do que já temos escripto a seu respeito, mais particular noticia.

Sua mãe D. Maria Garcia Betim era filha de Garcia Rodrigues Velho (paulista) e de D. Maria Betim: aquelle filho de Garcia Rodrigues Velho (portuguez) e de D. Catharina Dias; e D. Maria Betim, filha de Gibaldo de Bemtink, allemão, da casa dos senhores mediatizados (Condes de Bemtink) no reino de Wurtemberg, casado em S. Paulo com D. Custodia Dias, que era filha de Manoel Fernandes Ramos e de Suzana Dias, neta do Regulo brasilico Tibiriçá pela filha deste Izabel, esposa de João Ramalho. Garcia Rodrigues Velho (o portuguez) era filho de Garcia Rodrigues e de D. Izabel Velho, procedentes das mais nobres linhagens dos Ricos-Homens da Peninsula, engarfados á genealogia dos antigos reis proclamados na reconquista da Hespanha.

Diz Pedro Tacques que D. Maria Garcia nascera a 16 de Dezembro de 1642; mas é manifesto erro de composição talvez. Garcia Rodrigues Paes, primogenito de D. Maria, quando partiu em 1674 para o sertão das Esmeraldas com seu pae Fernão Dias, já era maior. Demais, D. Maria Leite, casada com o Coronel Borba Gatto, sendo 7.ª filha de D. Maria Garcia, já era mãe de duas filhas nessa mesma occasião, em que o marido tambem partiu na comitiva. A prevalecer, portanto, a data de 1642, teremos que D. Maria foi da mesma idade mais ou menos dos filhos. Attendendo que o Governador das Esmeraldas nasceu por 1611 ou 12, cremos que deverá D. Maria ter nascido por 1622 ou 24, data que corrige o lapso e põe a historia em seus termos razoaveis.

Garcia Rodrigues Paes casou-se com sua prima D. Maria Antonia Pinheiro da Fonseca, e teve os seguintes filhos: 1.º Pedro Dias Paes Leme (2.º guarda mór geral), alcaide mór da Bahia, mestre de campo, e commendador de Christo por tres vidas; 2.º Fernão Dias Paes Leme; 3.º Ignacio Dias Paes Leme; 4.º D. Lucrecia Leme Borges, casada com Manoel de Sá e Figueiredo.

Tendo-se verificado que as famosas esmeraldas não preenchiam as condições de pedras preciosas, pois na realidade foram tormalinas verdes, posto de especie que só no Brasil se encontrara, explica-se a constante procura d'ellas, dado o engano em que todos estavam, como dependeria de melhores pesquisas o invento das de primeira qualidade.

Neste intuito nomeou o Rei a Garcia Rodrigues, por Carta de 3 de Dezembro de 1683, Capitão Mór de uma segunda expedição, que effectivamente se poz a caminho, diligencia que durou 4 annos, como se verifica da biographia de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, que nella teve parte.

Posteriormente, por Carta patente de 3 de Fevereiro de 1711, o Governador Antonio de Albuquerque, estando em Caethé, o nomeou ainda uma vez Governador de terceira diligencia no mesmo sentido, como abaixo mostraremos.

Em remuneração de tantos serviços, o Rei por acto de 19 de Abril de 1693, ja estando em andamento a descoberta das terras de ouro, enviou-lhe a Provisão de guarda mór geral das minas por cinco vidas.

A *Ephemerides Mineira*, como Pedro Dias, filho de Garcia, teve a Commenda de Christo por tres vidas, enganou-se, dando a mercê da guarda-moria por igual prazo; mas nós sabemos que este privilegio extinguiu-

se em 1858 pela renuncia de Pedro Betim Paes Leme, filho do Marquez de S. João Marcos, que era neto de Carcia Rodrigues.

A Pedro Betim conhecemos nós em 1852, hospede de nossa casa paterna em Marianna, quando passou pela ultima vez para a Itabira em exercicio de suas funcções.

Em seguida aos descobrimentos das Minas Geraes, sahindo do seu Ribeirão em 1701, foi Garcia Rodrigues á Borda do Campo, e d'ahi começou, como já vimos, a picada do Caminho Novo para o Rio de Janeiro, obra que foi concluida por Domingos Rodrigues da Fonseca.

Por Carta de 14 de Julho de 1709, o Rei agradeceu a Garcia Rodrigues os serviços prestados n'essa empresa, que attestará perpetuamente a dedicação dos homens antigos.

Em remuneração concedeu-lhe o Rei, por Carta de 14 de Novembro de 1718, quatro sesmarias, e mais uma a cada filho, escolhidas ao longo da estrada; e foram as da Borda do Campo (Registro Velho), berço de Barbacena; a de Mathias Barbosa, berço de Juiz de Fóra; a de Parahyba do Sul, onde está situada a cidade; e a de Macacos, a sopé da serra, por onde desceu com a estrada, a qual, depois de renovada ha poucos annos, tomou o nome de Presidente Pedreira.

As sesmarias que pertenceram aos filhos situaram-se em varios pontos, dos quaes o principal foi o de S. João Marcos. Além disso, obteve Garcia Rodrigues o padrão de 5.000 cruzados annuaes.

Em Minas preferia, como se disse, residir em S. Sebastião do Ribeirão Abaixo, por onde estabelece

seus parentes; e não cessava de vir á Villa do Carmo, tendo voto sempre ouvido nas deliberações do Governador D. Braz, de quem foi amigo.

Na Patente acima citada de 3 de Fevereiro de 1711 encontramos a justificação do caracter de Garcia Rodrigues nos seguintes termos:

« Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho &. Faço saber &... que, porquanto S. M., a q. Ds Guarde, me ordena que faça continuar os descobrimentos de ouro, prata e esmeraldas; e o destas tenha verdadeira noticia o Capitão Garcia Rodrigues Velho, por haver andado por todos estes sertões, ha muitos annos, e ter d'elles experiencia; e se faça conveniente repetir a mesma diligencia por pessoa de toda a sufficiencia, verdade e talento, requisitos que se acham no dito Garcia Rodrigues; e o ser elle natural da Villa de S. Paulo, das principaes familias d'ella, de respeito, prudente, e amado de todos; e attendendo eu ás referidas circumstancias, e á boa vontade com que se offerece o dito Garcia Rodrigues Velho para ir fazer tão grande serviço á S M, não reparando nos seus muitos annos, trabalhos e despesas que succedem em semelhantes jornadas por sertões asperos, sem caminho, nem povoado, em que se ache o sustento necessario; e á utilidade que se poderá seguir do dito descobrimento; e que convem levar o dito Garcia Rodrigues Velho toda a jurisdicção e autoridade conveniente para ser respeitado e obedecido em tudo, e poder dispôr a seu arbitrio o que entender .. Hei por bem &. »

Por outra Patente de 6 de Fevereiro, o mesmo Governador o investiu de poderes absolutos com a jurisdicção de Regente do districto do Serro, para em sua passagem por alli socegar os tumultos e desordens sanguinolentas, que se empenhavam en-

tre o Coronel Antonio Corrêa Arzão e Gerardo Domingues, por causa da posse do Rio do Peixe.

E' de crer que demorado no Serro desistisse de proseguir contra o sertão das Esmeraldas; pois em 1715 o vimos na Villa do Carmo.

*
* *

Com respeito ás esmeraldas, D. Braz Balthazar da Silveira, tomando-as a peito, encarregou por Carta Patente de 13 de Janeiro de 1717 ao Capitão Mór Lucas de Freitas Azevedo qne as fosse descobrir; e o Conde d'Assumar, por outra Patente de 7 de Março de 1718, confirmando aquellas ordens, ampliou os poderes do mesmo Capitão Mór, cujas diligencias alcançaram o mais brilhante resultado pela descoberta dos terrenos diamantinos.

Cessou a mania das esmeraldas com a fascinação dos diamantes, que tomaram todo o logar na cobiça dos aventureiros. Falsas, como foram, as esmeraldas, todavia precursaram as gemmas da natureza.

Por officio de 22 de Julho de 1729, enviara á Côrte o Governador das Minas D. Lourenço de Almeida a noticia de se ter descoberto nas lavras do Sargento Mór Bernardo da Fonseca Lobo uma porção de pedrinhas brancas, sendo Ouvidor do Serro o Dr. Antonio Rodrigues Banha, a quem se deve a notificação; pedras, que se encontraram da mesma especie no Caethé-mirim, e nos Ribeirões da Areia e S. João, e que pesavam umas pelas outras de 20 a 6 grãos, predicados dos diamantes.

Os descobridores pediam por algumas pedras 3 mil cruzados; e a descoberta datava de 1727, já tendo a simples noticia augmentado consideravel-

mente o Serro e as povoações filiaes, como se exprimia o officio.

O Serro, a bella metropole do norte, tão fecunda em riquezas quão em genios, que a natureza lhe tem prodigalisado, vê ainda correr em seus muros o corrego do Lucas. E assim o povo perpetua o nome de Lucas de Asevedo, quasi esquecido entre nós, e que no emtanto foi quem primeiro engastou na fronte de nossa patria o diadema rutilante dos mais bellos e peregrinos diamantes do mundo.

VI

DOMINGOS RODRIGUES DA FONSECA LEME

Pertencente á familia do Governador das Esmeraldas, o que quer dizer, oriundo das grandes estirpes da Colonia, Domingos Rodrigues é dos paulistas o que mais fez para ter logar na primeira linha da historia de Minas, apezar de quasi esquecido até hoje no anonymato dos primeiros sertanistas. Acompanhou as primeiras expedições, e se reuniu á turma dos chefes que auxiliaram os descobrimentos de Arthur de Sá, penetrando, antes de todos os outros, no amago do Sabará-buçú, por onde achou o Ribeiro do Campo e outros de grandes rendimentos. No primeiro a data do Rei foi arrematada por 10 libras de ouro, preço que indica o seu immenso valor.

Em 1701 o Guarda Mór Garcia Rodrigues Paes tomou a si abrir o caminho novo de Minas para o Rio de Janeiro, mas no fim de quatro annos de trabalho sentiu-se exhausto de meios para concluil-o; e teria assim ficado, si o Coronel Domingos Rodrigues não lhe emendasse a mão, concorrendo com os

seus escravos, e acabando a obra á custa de grandes cabedaes.

Este caminho, que, partindo da Borda do Campo, atravessou a Mantiqueira na Garganta de João Ayres, passava em João Gomes, Chapéo d'Uvas. Juiz de Fóra, Mathias Barbosa, Simão Pereira, Serraria, Entre Rios, Barra do Pirahy; e descia a serra do Mar sobre Macacos, Inhauma, Pavuna, Penha e Rio de Janeiro; foi a demonstração cabal da orientação pratica d'esses homens incomparaveis.

Garcia Rodrigues seria hoje acclamado principe dos engenheiros, como deverá sel-o dos homens generosos, que sem um ceitil dos cofres publicos realisam os grandes commettimentos. O traçado do Caminho Novo é com raras variantes o mesmo da Estrada de Ferro Central, coincidencia que se nota igualmente na Estrada de Ferro *Minas* e *Rio*, e no Ramal de Ouro Preto, linhas ambas, que perfilaram sobre as picadas dos bandeirantes.

Em honra a tantos e tão assignalados serviços, foi Domingos Rodrigues da Fonseca nomeado Cobrador das Estradas e Provedor dos Quintos, estabelecendo para isto o Registro da Borda do Campo, na sesmaria doada por D. Fernando Martins Mascarenhas. E ahi fundou um estabelecimento de cultura e creação, tornando-se opulentissimo.

Tempos adiante fez-se necessario ao fisco erigir-se em distancia a Igreja Nova (Barbacena), para o culto publico que se celebrava na Capella do Registro, uma das mais sumptuosas que houve na antiguidade.

Quando em Setembro de 1711 o Governador Antonio de Albuquerque desceu com um exercito no pé de 6.000 homens para combater os francezes, hospedou-se no Registro Velho, e não só a elle, como

a todo o exercito Domingos Rodrigues sustentou com liberalidade e grandeza, não olhando sacrificios.

VII

O CORONEL SALVADOR FERNANDES FURTADO DE MENDONÇA

O Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça teve por patria a Villa de S. Francisco das Chagas de Taubaté, e era filho de Manoel Fernandes Yedra e D. Maria Cubas, naturaes de S. Paulo.

A esposa do Coronel Salvador, D. Maria Cardoso de Siqueira foi natural de Taubaté e filha de Antonio Cardoso e de D. Maria Rodrigues de Siqueira. Do thalamo de D. Maria Cardoso nasceram 7 filhos:

1º) Antonio Fernandes Furtado, nascido em Taubaté pelos annos de 1680.

2º) Feliciano Cardoso de Mendonça, de 1683, fallecido em 1721, deixando viuva sua prima D. Maria Rodrigues de Siqueira, com duas filhas, Branca e Maria. A primeira casou-se com Leonardo de Asevedo Castro e morou no Brumado, a segunda com Gonçalo de Souza Costa e morou no Escalvado.

3º) D. Maria de Freitas Cardoso, de 1688, a qual enviuvou a 30 de Abril de 1725 do S. M. João de Souza Taveira, homem de muita consideração, que lhe deixou filhos: José, Josepha, Salvador, Rosa, Maria, Joanna e uma posthuma.

4º) Coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça, muito notavel, de quem damos particular noticia.

5º) D. Comba Furtado de Santa Rosa, nascida em 1692, e casada com o Capitão Antonio Pereira Rego.

6º) Boaventura Furtado de Mendonça, nascido em 1694.

7º) Padre Salvador Fernandes Furtado, em 1698.

Alguns destes foram dados á luz em Pindamonhangaba, villa visinha a Taubaté, dia e meio de viagem, para onde o Coronel veio residir.

* * *

A Carta de sesmaria concedida ao Coronel em 23 de Março de 1711 expressa-se com o seguinte teor:

« Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho &. Faço saber &, que, havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, que elle supplicante tinha assistido nas minas ha 7 annos, e em todo este tempo e nos mais do principio do descobrimento das ditas minas, sempre cercando mattos e mandando fazer por seus filhos e escravos a buscar descobrimentos de lavras de ouro, como consta das que tem descoberto de grandes lucros; e agora queria mandar buscar sua familia e parentes para morar nas minas e não tinha largueza de terras para os accommodar; e porquanto estavam devolutas as cabeceiras de uma sesmaria, que eu fui servido dar-lhe no sitio do Morro Grande para a parte do Brumado, me pedia lhe fizesse mercê dar-lhe as ditas cabeceiras com uma legua de sertão para Guarápiranga, mandando-lhe passar Carta de sesmaria d'ellas. E visto o requerimento &. Hei por bem &. »

Dada no Arraial do Ribeirão do Carmo aos 23 de Março de 1711.

Consequentemente, vemos como o Coronel declarou justo o que a nossa narrativa expõe a seu respeito. Entrando elle em 1703 para o Morro Grande

ahi assistia em 1711, que são os 7 annos contados de mez a mez para a data do requerimento. Além d'esses 7 annos, declara que assistiu nas Minas nos mais tempos do principio do descobrimento, e estes não podem ser outros senão os de 1695 a 700, periodo em que se fizeram os descortinos da região do Carmo, ou em que se começaram a descobrir as Minas Geraes, segundo Antonil.

Em 1695 o Coronel esteve effectivamente na Itaverava e tomou parte no episodio do primeiro ouro. Si tivesse partido para S. Paulo n'essa occasião, como diz Silva Pontes, e voltado em 1699 com o Guarda-Mór para medir e repartir as datas no caracter de Escrivão, outro episodio incontestavel, neste caso não teria assistido nas Minas no principio dos descobrimentos, tanto mais que, tendo descoberto o Bom Successo em 1700 na região de Ouro Preto, foi essa diligencia continuada de seus outros descobertos. As minas do Pinheiro, Bacalhau, Rocha, Prepetinga e Prazeres, todas no sertão, entre Carmo e Guarápiranga, essas foram seus filhos e escravos que as descobriram durante a crise da fome pelos annos de 1704 a 6.

Allegando elle que deu origem á lavras de grandes lucros no principio dos mesmos descobrimentos, não resta para lhe ser attribuido senão o do Ribeirão do Carmo, em 1696, região em que para logo se abriram numerosos serviços de grandes rendimentos. Não nomeou o Coronel quaes foram os seus descobrimentos, ou porque eram sabidos e muitos, ou porque nomear o Carmo, si bem que então lici-), não lhe parecia decente, visto como, sendo Esrivão, a Manoel de Almeida attribuiu o caracter de imeiro descobridor.

A sua lavra do Carmo foi tão rica que resistiu galhardamente á carestia, pagando os generos por preços fabulosos, e só á força da crise a suspendeu; mas passada a intemperie continuou na laboriação até exgottal-a.

A sua casa na Villa, das primeiras construidas, era sita na rua Direita, que foi a mais antiga rua tambem do arraial.

Mudando-se para o Morro Grande, o Coronel erigiu em 1703 a Capella de N. S. de Loreto, que se conhece tambem sob o titulo da Encarnação; e de seu testamento colhige-se quão devoto foi d'esse titulo.

As Capellas, como já temos dito, faziam-se essenciaes á conquista das Minas, ora por effectiva piedade religiosa, que era muita, ora por interesses maximos da colonisação.

Mandando o Regimento das Minas que se repartissem os indios pelos proprietarios de datas, mas debaixo de condições, cuja principal era a catechese, a Capella impunha-se ao inicio de todo o povoamento. E as houve sumptuosas, em certos pontos mais ricas que as proprias matrizes, fazendo o orgulho dos mineiros opulentos.

Os amigos que pelas mesmas causas seguiram ao Coronel e se espalharam, construiram Capellas ao longo do Ribeirão, que ainda subsistem filiadas com importancia ás Igrejas parochiaes. Em todas officiou o Padre Francisco Gonçalves Lopes, Capellão do Coronel, a quem era immensamente dedicado, sacerdote inolvidavel, que sagrou o Ribeirão do Carmo. Antes d'elle, não se falando dos Padres que acompanharam as antigas expedições de Porto Seguro, só Padre João Dias Leite, irmão de Fernão Dias Paes havia officiado nestes sertões dos *Cataguá* com a comitiva das Esmeraldas.

*
* *

Em 1711 casou-se na Capella do Carmo D. Monica Fernandes com Domingos Nogueira Vargas, sendo presentes D. Juliana Furtado, Jacintho Barbosa e Francisco Fernandes Cubas. D. Monica era sobrinha do Coronel, filha de seu irmão Manoel Fernandes Cubas, e assim tambem filho deste Francisco Fernandes. D. Juliana Furtado era sobrinha, filha de Anna Fernandes: e Jacintho Barbosa, esposo de D. Julianna, era irmão de Mathias Barbosa, parente chegado. Servem estas minudencias para attestarem a consanguinidade dos primeiros povoadores chamados pelos Bandeirantes.

A esposa do Coronel, D. Maria Cardoso, tendo ficado em Pindamonhangaba, logar em que moravam, só veio para as Minas depois de 1711, como se vê da Carta de sesmaria, mas muito antes d'ella, e pouco mais tarde que o pae, entrou para S. Caetano D. Maria de Freitas com seu marido o Sargento Mór João de Souza Taveira, que ainda aproveitou a epocha dos cascalhos virgens do Ribeirão. Tornou-se este homem rico, e, sendo estimado, sua morte causou geral sentimento.

Pela idade dos filhos verificamos que só os dous mais velhos, Antonio Fernandes e Feliciano Cardoso puderam acompanhar o Coronel; isto mesmo em sua segunda viagem de 1695. Elles, pois, e não Bento, fizeram a diligencia das minas de Guarápiranga e a exploração do Bom Successo até á Passagem, que lhes deve o manifesto.

Alem da familia, teve o Coronel estabelecidos em sua visinhança na região de S. Caetano innumeros parentes, que deram nome aos logares em que moraram, como foram Boaventura Furtado de Mo-

raes (sobrinho), Pedro Paes de Barros, João de Souza Castelhanos, e outros, dos quaes notavelmente Affonso Gaya, fundador do respectivo arraial.

*
* *

A figura do Coronel particularisa-se por ser a que mais nitidamente conseguimos trazer á rampa da historia. Por ella é dado aferir-se o typo d'esses homens possantes, que descortinaram o sertão e crearam a nossa patria.

Entretanto, para os que amam a legenda povoada de mythos e nutrem a imaginação no leite da fabula, tão propria aliás de façanhas inauditas, como foram as que encheram o scenario de uma terra bravia, consequencia é que em nossa propria mente arrefeçam-se as emoçoes romanescas. Os Borba, os Anhanguera, os Hercules, em summa, do sertão voltam para dentro do seu natural; e se apresentam quaes na realidade foram, homens como em geral os homens, cheios de valor e de fraquezas, de abnegações e de egoismo.

O Coronel Salvador Fernandes, observado de perto, não foi menos que o Borba, que Arzão, e que os Buenos. mas todavia se fez maior, como Antonio Dias de Oliveira, que de inferior a todos collocou-se na primeira plana, attento o valor e o resultado de seus descobrimentos.

O arraial do Carmo, o maior fóco de riquezas descobertas, centro de onde se irradiou a definitiva conquista do territorio, devendo ao Coronel Furtado o lume, que o resgatou do selvagismo, emquanto ribeirão espelhar a cidade, proclamará portanto a sua gloria.

*
* *

No Livro 1.º de obitos, á fl. 38, lê-se: « Aos 21 de Julho de 1725 sepultei na capella mór desta matriz o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, filho legitimo de Manoel Fernandes Yedra, e de Maria Cubas, casado com D. Maria Cardoso, filha de Antonio Cardoso e de Maria Rodrigues. Falleceu com todos os sacramentos e deixou testamento.—O vigario Francisco Xavier. »

O seu testamento não é de um heroe, como já o dissemos; e sim o de um moribundo vulgar, que só tem de melhor o cuidado de sahir bem, ancia que se infere dos suffragios que ordenou.

Cousa, que nos revela as idéas do tempo, foi o que succedeu em relação a certos escravos, que alforriou. « Declaro (diz) que, entre os escravos que possuo, é bem assim uma mulata por nome Barbara, a qual, pelos bons serviços que d'ella tenho recebido, e porque, casando-a, prometti que a deixaria, por minha morte, fôrra, agora, com o consentimento e beneplacito de meus filhos, a quem dei parte da minha ultima vontade, no que concordaram todos, e tambem de minha mulher, a fórro e dou liberdade, assim a ella, como a seus filhos, a saber: Nuno e Josepha que dizem ser filhos de meu filho Antonio Fernandes, e assim mais aos filhos do marido com quem era casada, e são Paschoa, Quiteria e Marcos, aos quaes todos os fórro, e hei por libertos para todo o sempre, como livres, e isentos se poderão ir para onde quizerem, sem impedimento de pessoa alguma. »

Não obstante, os filhos todos, sem excepção, requereram no inventario, que se annullasse a verba testamentaria, por exceder as forças da terça, e assim se decidiu.

As liberdades eram legados, que não preferiam; pelo que ficaram prejudicadas ainda que em outros e em obras pias e suffragios se despenderam mais de 8.000 oitavas!

Parece emtanto que para se não deixar em falso a vontade do pae, combinaram os filhos do melhor modo, assignando-se ao quinhão de Antonio Fernandes o seu filho Nuno; e á meação da Viuva, Barbara e as filhas.

Merecem transcripção tambem as seguintes disposições:

« Item, declaro que tenho debaixo da minha administração do gentio da terra ou descendente d'elle as pessoas seguintes: João, filho de Sebastiana, que, por entender ser filho de meu filho Bento Fernandes, lhe deixo a sua administração ao dito meu filho. Item, Lauriana, Pedro, Salvador e a dita Sebastiana, acima nomeada, e seu filho Carlos e Francisco, e João mulato, deixo a meu filho o Padre Salvador Fernandes Furtado, com a condição de acompanhar e assistir com sua mãe; para que com o serviço destes escravos ajude o monte do casal e será obrigado a doutrinal-os e a vestil-os com a caridade de bom administrador, e sendo caso que o dito meu filho trate mal a estes escravos, maltratando-os com rigor e menos caridade, ou deixe de acompanhar sua mãe, ou queira vender, doar ou alienar algum destes escravos, já desde agora substituo a dita administração no dito meu filho Antonio Fernandes; e peço e rogo a meus testamenteiros o mettam logo de posse dos ditos escravos pela substituição, valendo-se, [illegible] necessario fôr, da autoridade da justiça de S. Mage[illegible] tade, que Deus Guarde; e caso que o segundo adn[illegible] nistrador tambem trate mal ou aliene os escravos alguns d'elles ou deixe a companhia de sua m[illegible]

passará a administração a meu filho Boaventura Furtado, e se cahir em o mesmo excesso, passará a administração com a mesma condição o que fôr administrador á sua mãe, mas se tirando esta administração de meus filhos varões, passará com a mesma substituição para meu neto Joseph de Souza Taveira com o mesmo encargo, e não satisfazendo passará a seu irmão, e assim irá correndo a linha de meus descendentes mais proximos com o mesmo encargo. »

Neste trecho transluz o caracter inteiro do Coronel, bondoso e previdente, remediando contra os proprios filhos, um sacerdote inclusivé, o mau trato de seus indios administrados. Aqui se colhe tambem a differença entre estes e os escravos, cuja sorte não se poderia prevenir. Os indios ou seus derivados não entravam em inventario.

A viuva D. Maria Cardoso pouco sobreviveu ao marido, como se vê do seguinte: « A nove de Março de 1726 foi Deus servido levar da presente vida á D. Maria Cardoso de Siqueira, viuva do Coronel Salvador Fernandes Furtado. Falleceu com todos os sacramentos e com testamento, em que instituiu herdeiro o Padre Salvador Furtado; e deixou varios legados, e foi sepultada em uma das covas do S. S., por gosar como mulher de um irmão, do que fiz este assento. —O vigario João de Carvalho Alves. »

Perlustramos e não deparamos no inventario de D. Maria Cardoso com as escravas Barbara e suas filhas; o que leva a crer fossem alforriadas como o Coronel dispunha, mas por liberalidade da meeira.

O Padre Salvador Fernandes foi o testamenteiro herdeiro da terça. Nasceu em 1698, quando o Coronel, depois que descobriu o Carmo, foi a S. Paulo. O nascimento d'esse filho prova a exactidão da nossa narrativa.

Antes de conhecermos o testamento do Coronel, haviamos examinado o archivo parochial de S. Caetano, e já d'ahi tinhamos adivinhado os pormenores, que o Dr. Claudio dizia seguirem-se da historia. Achamos com effeito quatro filhas do Coronel: 1ª) Maria Cubas Furtado, casada na Villa do Carmo em 1716 com Antonio Cabral da Gamboa, paulista; 2ª) Marianna de Freitas, casada com João Pereira Lisbôa, em S. Caetano, a 18 de fevereiro de 1725; 3ª) Anna Maria Cubas, tambem casada em S. Caetano com Pedro da Silva e Souza, a 22 de Novembro de 1725; 4ª) Izabel Cubas Furtado, casada com José Mendes da Costa, a 15 de Agosto de 1726. Lisboa e Mendes eram ilheus da Terceira; e Pedro Silva já era mineiro, natural da Villa do Carmo, bastardo do Mestre de Campo, o conhecido Raphael da Silva e Souza, então Juiz Ordinario, que indo fazer os inventarios, tratou deste casamento.

O Coronel no seu testamento disse:

« Declaro que casei minha filha illegitima Maria Furtado com Antonio Cabral da Gamboa, e lhe dei cinco escravos, dos quaes devo duzentas oitavas.

« Declaro que casei minha filha illegitima Marianna de Freitas com João Pereira, e lhe prometti dous mil cruzados, os quaes ordeno se paguem das oitocentas oitavas que me devem os que compraram a Cachoeira.

« Declaro que se dará á minha filha illegitima Izabel Cubas um conto de réis para dote, e duzentos mil réis para vestuario.

« Declaro que se dará á minha filha illegitima Anna Maria um conto de réis para dote e duzentos mil réis para vestuario. »

Das quatro filhas illegitimas, a primeira, Maria Cubas, a quem o Coronel deu o nome de sua pro-

pria mãe, nasceu no arraial do Carmo pelos annos da fundação.

Das filhas de Andreza de Castilhos, a mais velha, Marianna, nasceu em 1704, já em S. Caetano.

Em relação a esta concubina, o Coronel, depois da verba testamentaria, em que lhe consignou de legado 200 oitavas, exprimiu no codicillo: « Declaro, que Andreza de Castilhos, mulher parda, que tem assistido commigo ha muitos annos, de quem tive tres filhas, é fôrra por tres sentenças e por uma carta de alforria, que lhe passou o Excellentissimo Senhor Governador D. Lourenço de Almeida, em nome de Sua Magestade, a quem Deus Guarde, por ser esta mulher por uma parte descendente do gentio da terra, e eu ter dado a Antonio Delgado de Oliveira, como administrador das ditas, seiscentas e oitenta oitavas de tresentos e vinte réis, que fazem duzentos e dezesete mil e seiscentos réis. »

Além de tal declaração, o Coronel, apprehensivo, recommendou a seus testamenteiros, que defendessem essa liberdade, e a sustentassem a todo transe, gastando quanto fosse necessario contra qualquer demanda, á custa de sua fazenda; e concluiu, para melhor affirmar a qualidade ingenua de Andreza:

« Declaro que a dita Andreza de Castilhos é filha de homem branco e de mulher neophita. »

Por estas declarações verificamos a luta, que se estabeleceu pela posse da Mameluca, e que não se terminou antes de intervir o Governador, em nome do Rei.

Sabemos quaes eram as leis a favor dos indios, cujos filhos de nenhum modo nasciam escravos; e, quando algum era a isso reduzido, intervinham os Delegados Regios. A fraude, porem, recorria a fazer baptizar, como nascidos de africanas, os filhos de

indias, principalmente os que não eram gerados de brancos, e por isso confundiam-se mais facilmente na côr (os cafuzos).

Da liberdade de Andreza dependia a das filhas do Coronel ; e por isso morria este assustado, e com razão ; porque, segundo a organisação judicial do tempo, cabiam embargos á execução das proprias Cartas e Alvarás Regios, si envolviam relações de materia civil.

Era então de costume os indios principalmente tomarem o nome das madrinhas, e os bastardos d'essa origem o das familias a que pertenciam.

Andreza de Castilhos tomou o nome de D. Andreza de Castilhos, senhora nobilissima, da familia avoenga de Carlos Pedroso da Silveira, e esposa de Domingos Alves Ferreira, antigos moradores de Pindamonhangaba, que se mudaram para S. Caetano do Ribeirão-Abaixo nos primeiros annos do povoamento. E pois a Mameluca deve ter nascido onde morava a sua madrinha, cria de Antonio Delgado de Oliveira, cujo nôme se encontra nos antigos documentos do Arraial do Carmo.

A respeito de Maria Cubas, mulher de Antonio Cabral da Gamboa, nenhuma directa noticia temos de quem foi sua mãe. Entretanto, o episodio das duas indias nenhum interesse mostraria, a não se haver ligado á vida intima do Coronel; e, dizendo-se que ella morreu em Pitanguy, em casa de uma filha casada do mesmo, nem das duas legitimas, nem das tres de Andreza podemos admittir se tratasse; porque todas permaneceram na região de S. Caetano, como se verifica dos respectivos livros, em . apparecem pelos annos adeante ; ao passo que Ma Cubas, a ultima vez que alli figura, está nos regist de 1721. Como já vimos, casou-se ella no Ribei

do Carmo em 1716, nascida portanto em epoca mais ou menos approximada ao episodio do primeiro ouro. Em 1709, a 6 de Novembro, o Coronel Salvador serviu de padrinho na pia do Ribeirão do Carmo a Francisco, filho legitimo de Manoel Ribeiro (portuguez) e de Antonia Cubas, gentio da terra. Ainda que em historia não se conjecture, parece-nos aqui estarem restituidas a seus nomes verdadeiros as poeticas Aurora e Celia do Dr. Claudio Manoel da Costa.

*
* *

O Capitão Mór Silva Pontes, que não se impõe á credulidade senão com reserva, escreveu que o Coronel Salvador Furtado, quando se encontrou com Bartholomeu Bueno de Siqueira na Itaverava, em 1695, vinha sahindo dos sertoes do Rio Doce e Cuiethé com indios prisionados n'essa incursão ; e completando o episodio diz tambem que as duas indias pertenciam a Manoel Garcia de Almeida, companheiro da jornada.

Feita na Itaverava a transacção do ouro, accrescenta Silva Pontes, ambos os conquistadores Furtado e Almeida proseguiram sahindo da mesma Itaverava em direcção a Taubaté.

A verdade, porem, está longe de ser essa.

Si o historiador desenvolveu tal episodio do que leu no *Fundamento Historico*, deixou de conferil-o com o poema e com as respectivas notas ; porque no enredo d'aquelle as indias figuram como procedentes -- Parahyba, e na nota 18 ao canto 2.º escreveu o Claudio : « Voltou (Bueno) no anno de 1698 a her a pequena sementeira ; e foi por esse tempo ontrado de novos descobridores que desciam de Paulo, e eram estes o Coronel Salvador Fernan-

des Furtado de Mendonça, o Capitão Manoel Garcia Velho e outros, de que não ha individual memoria. »

Salvo, pois, o anachronismo de 98 por 95 (pois em 95 deu-se a negociação do ouro), a verdade é aquella que se contém na nota 18, tanto mais que se demonstra á folga pela decorrencia logica dos factos que d'alli continuaram.

Com effeito, já o dissemos, si o Coronel seguisse para Taubaté, não teria assistido nas Minas *em todos os tempos do principio do descobrimento d'ellas*; porque só ha noticia de segunda viagem sua em 1699, na comitiva do Guarda Mór; e nesta éra, já os descobrimentos estavam feitos em tal numero, que mereceram a vinda do mesmo funccionario para os repartir.

Demais, si foi em 1699 que subiu para o sertão em mira a emprehendimentos de ouro, nada tendo no Ribeirão do Carmo, teria, como Escrivão, acompanhado ao Guarda Mór e ao Governador Arthur de Sá, em 1700, com suas vistas para o Sabará-buçú, cuja fama de riquezas, apregoada desde muito, recebia do Borba a ultima demão para se verificar.

Entretanto, permaneceu no Arraial do Carmo, e d'ahi veio descobrir em 1700 o Bom Successo e repartir as primeiras datas da serra de Ouro Preto a seus compatriotas entrados em 98 e 99, operação que praticou no caracter de substituto da Guarda-moria.

Convém julgar tambem a inverosimilhança do exposto sobre e Rio Doce; pois não vale a verdade o que os historiadores tão facilmente narram das proezas dos aventureiros n'esses sertões.

A Itaverava, o que de seguro lembra é sómente passagem de conquistadores contra os valles do Gu rápiranga e do Sipotáua (Xipotó); pois nunca descera mais longe. Pelo que sabemos, os Taubatenos encc

traram a região exhausta e despovoada. Do Campo Alegre dos Carijós (Queluz), penetravam e tinham um ponto de encontro (Espera), onde as varias turmas, que se espalhavam, afinal se ajuntavam para voltarem. O que, porem, procuravam n'essas paragens eram os indios de boa indole e medrosos (os *puris*), que, apertados por inimigos de todos os lados, convergiam para tal districto, embora pouco vantajoso para um longo reinado de tribus, terrenos alpestres, frios e baldos de rios e lagos piscosos. O Rio Doce era em verdade magnifico e populoso ; mas intractavel, assim por effeito das febres terriveis que assaltavam a todo e qualquer advena, como dos canibaes, acaso mais intolerantes, botocudos, ferocissimos, ultima expressão dos Aymoré decadentes.

Ainda hoje, ao passo que a civilisação amplia o seu arrebol sobre as mais remotas plagas de Minas, o Rio Doce persevera nos limbos de sua natureza prepotente e insidiosa. Não lhe valem os thesouros metallarios, nem o mais fecundo e generoso solo do mundo, para nos attrahir. A luz do seu sol é como a ironia do Anjo rebelde, fascina para cegar, sorri para immolar os que lá andam atraz da fortuna.

O districto das Minas já regorgitava de povo, e as villas subiam ao zenith de sua grandeza; mas os estragos causados por essa gente atrocissima por tal maneira aterraram a freguezia do Forquim, que Antonio Forquim da Luz, o seu fundador, desgostoso acertou, de melhor que resistir a semelhantes inquietações, regressar em 1728 para S. Paulo, acautelando os annos da ultima velhice.

De 1731 a 33 os terriveis barbaros fizeram tres rasouras completas, matando e roubando o que encontravam na Barra Longa e no Forquim ; sendo necessario que em 1734 o Conde das Galveas encarre-

gasse o Coronel Mathias Barbosa da Silva, de armar uma expedição fortissima, com a qual o famoso chefe entrou pelas florestas em viva guerra e deu combates até á Natividade. Só assim o povoado respirou.

Em 1808, sendo a nação dos botocudos reconstituida, graças ás tregoas e á fecundidade exuberante das regiões dominadas, o seu atrevimento foi tanto, que com infrenes devastações chegaram até o Rio Sem Peixe, pelos lados do Fonseca, a cinco leguas de Marianna. Foi então preciso que o Capitão General Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello convocasse a Junta Governativa, e tomasse providencias energicas. Mandou batel-os e afastal-os para longe; e fortificou os presidios do Cuieté e Abre Campo, já outr'ora levantados contra elles por Martinho de Mendonça e Proença e por D. Antonio de Noronha. O que tudo demonstra a luta, mais temivel de nossa historia, havida com os selvagens.

Sendo assim, nada ha menos para se crer, que aventureiros em grupos, e espalhados, penetrassem alguma vez em taes regiões.

*
* *

Uma outra perspectiva, que nos apresenta o Coronel, é a maneira trivial como viveu. Dos bandeirantes, alguns desappareceram do scenario da historia no momento grandioso de suas façanhas; outros, como o Borba, que até os dias de morrer a fortuna o sustentou nos rasgos da propria heroicidade. O Anhanguera erigiu-se n'um phantasma. O Coronel Furtado, porem, adaptou-se á sociedade, em que viveu, foi pacifico e morreu tranquillamente.

Nenhum dos bandeirantes, cremos, confiava em livros. O Coronel os tinha, e folheava as Ordenações do Reino, encadernadas em pasta com frisos de

ouro. Além d'isso, tinha o Repertorio das mesmas Ordenações; tinha a Historia Social em seis volumes, e mais vinte e sete livros de varias obras, todas encadernadas em pergaminho. Tinha louça de porcellana, talheres de prata, copos do mesmo metal e de vidro. Montava o seu cavallo alazão arreiado com a sella de pelle de onça, coxim de marroquim, xarel e bolsão de velludo verde bordado a retrós amarello; freio de prata, em occasiões solemnes para vir á missa no Arraial, ou pàra andar na Villa, aonde varias vezes serviu de Juiz Ordinario. Nos coldres trazia o seu par de pistolas, canos de bronze e apparelhadas de prata.

Nas festas apparecia trajado com esmero, calções de limiste e meias de seda, véstia de velludo, e chapeu de tres quinas finissimo, todo de preto, a lhe reluzirem nas meias e sapatos as fivellas de ouro e pedras; apoiado no bastão encastoado de prata. Dous outros fatos, e um capote de camellão vermelho, prefaziam o seu guarda-roupa, além de outras peças inferiores.

O seu trem bellico dispunha de 14 armas de fogo, algumas apparelhadas de prata, catanas e lanças, o que não era todavia de mais. Os indios selvagens e os negros enchiam de sobresaltos as fazendas e povoações. Em 1712 descobriu-se uma vasta conspiração de escravos; e em 1718 uma outra, esta ramificada em todas as Minas para rebentar na quinta-feira santa, quando longe de seus domicilios os senhores estivessem divertidos nas matrizes.

Mas, nem eram somente estes os perigos de caracter geral. Os *quilombos* multiplicavam-se, e os negros, fugidos em grande numero, aqui sahiam do matto para depredarem os estabelecimentos, alli assaltavam os viandantes. Uma phase portanto agitada.

a dos primeiros tempos, em que cada um por inilludivel tinha de se afiançar nas proprias armas e coragem O que valia é que prétos e indios, as infelizes classes opprimidas, tinham comsigo e entre si o seu maior inimigo: porque, de raças divergentes e rancorosas, raramente se combinavam e sempre se trahiam. E demais, como n'Africa a escravidão foi congenita, e ficou por attavismo das tribus, a resignação fatalista contribuia em muito para a obediencia, e nunca maiores dedicações tambem houve, como de escravos aos senhores.

Entretanto, a vida que passavam não era invejavel. Semi-nús, grosseiramente alimentados, trabalhando de sol a sol, a maioria com agua até á cintura, morriam aos centos, ora de doenças adquiridas, ora de desastres frequentes nas lavras.

* * *

Em 1724 foi o Coronel Furtado eleito provedor do Sacramento para fazer a Semana Santa de 1725, que foi solemnissima. Domingos Paes de Barros, seu parente, havia instituido annos antes esta solemnidade, para a qual organisou a orchestra, o que foi toda a difficuldade. A musica era uma arte despresivel, e exercida em parte por escravos. Quando um qualquer destes valia 180 oitavas no maximo, o trombeteiro não se conseguia por menos de 500 e mil, prova comtudo de sua estimação.

Por termo de 15 de Outubro de 24, os officiaes nomeados da Irmandade comprometteram-se a dar 1403 oitavas para a Semana Santa. E o Coronel assignou as 500 que lhe competiam. N'esse mesmo dia auctorizaram a compra dos ornamentos que faltavam, devendo-se pagar a importancia *pro rata*.

No mesmo anno, em que fez a grande festa, vindo com sua familia, filhos e filhas, cada qual com o seu sequito de escravos e dependentes, para as casas que tinha no arraial, contrahiu ou antes se lhe manifestou a doença que o finalisou. Havia muito que morava na sua fazenda do Rio do Peixe, caminho do Gama, cujo ambito abrangia as Cachoeiras de Lavras Velhas. Por estabelecer alli, onde as terras foram melhores, um grande engenho de canna, o sitio do Morro Grande, em que primeiro morou, adquiriu até o presente o nome de Engenho Pequeno. Além d'isso, teve mineração de roda no ribeirão de S. Caetano, terras e propriedades na Boa Vista. (*)

A seu pedido, deram-lhe sepultura debaixo do arco cruzeiro da matriz. D. Maria Cardoso, que não se demorou muito em partir tambem, recommendou no seu testamento a enterrassem no mesmo logar, e assim a virtuosa esposa, tão lesada em vida, quiz compensar-se na morte, aguardando as promessas junto ao amado.

A igreja de S. Caetano, monumento soberbo e fastigioso de nossos antepassados, subsiste como foi desde aquelles tempos. Facil é pois achar a sepultura dos Provedores. Ahi jaz o Coronel, mas em memoria vive, e em sombra paira, inolvidavel fundador de nossa saudosa patria.

VIII

CORONEL BENTO FERNANDES FURTADO DE MENDONÇA

Era o quarto filho, na ordem do nascimento, do Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça.

(*) A roda foi inventada em 1710, por um padre chamado Bonino.

Figura com 36 annos no inventario de sua mãe D. Maria Cardoso, feito em 1726.

Casou-se em S. Caetano com sua prima D. Barbara Moreira de Castilhos, filha de D. Thomazia Pedroso da Silveira e de Domingos Alves Ferreira Junior, neta portanto do Mestre de Campo Carlos Pedroso.

Do casal de Bento Fernandes nasceram:

1 Anna, baptisada a 26 de Novembro de 1731.
2 Thomazia, idem a 3 de Fevereiro de 1733.
3 Francisca, idem a 18 de Abril de 1734.
4 Escolastica, idem a 26 de Dezembro de 1735.
5 Justa, idem a 12 de Agosto de 1737.
6 Maria Magdalena Pazzi, idem......... 1739.
7 Barbara, idem a 2 de Janeiro de 1741.
8 Gertrudes, idem a 29 de Maio de 1749.
9 José, idem a 31 de Dezembro de 1751.

Residia o Coronel Bento Fernandes em Aguas Claras e depois da morte de seu pae teve em sua companhia o Padre Francisco Gonçalves Lopes, que só deixou o velho amigo n'essa occasião.

Segundo as alternativas do tempo, Bento Fernandes procurou fortuna, que lhe não sorriu, no districto de S. Caetano; e foi a descobrir ouro na Campanha do Rio Verde, e no Serro, adquirindo propriedades em uma e outra parte. Achava-se no Serro quando falleceu a 19 de Outubro de 1765. Por seu testamento se collige que todavia dispunha de cabedal.

Ficando por tutor de suas sobrinhas filhas, de Feliciano Cardoso, foi intimado a prestar contas e a entrar com o dinheiro dos orphãos para o cofre (3864 oitavas), e não o tendo feito foram seus bens sequestrados e elle preso na cadêa da Villa do Carmo, á ordem do Juiz José Pereira de Moura. Já entretanto se

achavam contractadas para se casarem as tuteladas; e como se casaram, deram quitação de suas legitimas, e o tio foi solto. Este facto, muito commum na antiguidade, revela cousa ainda mais generalisada, que era a decadencia das grandes familias.

Foi o Coronel Bento Furtado quem forneceu ao Dr. Claudio os apontamentos para o poema *Villa Rica*, e como este foi escripto pelos annos de 1763, é provavel que aquelles fossem dados muito antes. Comtudo, é para se louvar a memoria do Coronel, guardando com fidelidade mais ou menos segura a historia de factos que succederam em sua infancia.

A estima de que gosou Bento Fernandes representa-se no sem-numero de afilhados de baptismo, que teve, sendo que D. Barbara de Castilhos, sua mulher, nenhuma pagina do livro se perlustra sem ler o seu nome.

IX

ANTONIO DIAS DE OLIVEIRA

A patente expedida a 11 de Janeiro de 1711 pelo Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a favor de Antonio Dias, já então morador no Piracicava, é fundamentada nos seguintes termos:

« Havendo respeito aos grandes serviços, que Antonio Dias de Oliveira tem feito á S. Magestade, a q. D. g', em muitos descobrimentos, como foram os do Ouro Preto, e ribeiros de Antonio Dias e Padre Faria, pela grande intelligencia e conhecimento que tem e zelo em que se ha empregado em semelhantes diligencias, ha mais de 12 annos a esta parte, á sua custa, sem ajuda alguma da Fazenda Real, gastando muito da sua..... etc. »

Por esta Carta verificamos: 1.º que a data de 1698 é a propria do descobrimento de Ouro Preto;

2.º que Antonio Dias, assim como os demais Taubatenos, vieram descobrir o sertão á propria custa, sem titulos nem autoridade alguma; 3.º que foi elle quem descobriu todo o ambito da cidade inclusivamente o ribeiro do Padre Faria.

Fica assim justificada a nossa narrativa. O bairro do Padre Faria tomou este nome depois de descoberto, quando foi o ribeiro concedido ao Padre pelo Coronel Furtado em 1700. A Capella, em que o Padre Faria funccionou, foi a de S. João, primeiro arraial dos bandeirantes, que por ahi entraram. A Capella dita do Padre Faria foi erecta depois que o Padre retirou-se para Guaratinguetá, e por uma circumstancia singular. O arraial do Bom Successo de antes povoou-se mais que o do Padre Faria. Tendo a Capella d'alli ficado polluida, foi interdicta; e então os habitantes trasladaram a imagem de N. S. do Bom Successo para uma nova Capella erecta no bairro do Padre Faria, e cuja antiguidade remonta ao anno de 1710.

Um quadro do milagre de S. Braz, alli conservado, traz a éra de 1717.

*
* *

Pelos annos de 1740, mais ou menos, a Irmandade dos brancos do Rosario foi obrigada, pelos pretos de Santa Iphigenia, a se retirar da Capella, que era destes, no Alto da Cruz, e foram se acolher á de N. S. do Bom Successo. Reedificaram-na e enriqueceram-na, mudando o Padroado para a invocação do Rosario, e ficando a Senhora do Parto (Bom Successo) como patrona da Capella. E' a mesma imagem que se venera no centro do retabulo. Estas cousas do Rosario tiveram logar por meados do

nosso 1.º seculo. O sino grande traz a data de 1750; a ponte concluiu-se em Abril de 1751; e o estupendo cruzeiro, por ventura o mais bello monolytho das Minas, em 1756. Assignala certamente o remate das obras do templo este formoso symbolo.

X

PASCHOAL DA SILVA GUIMARÃES

Ignorantes em materia de mineração, os paulistas, logo que extrahiam a flôr de um ribeiro, passavam a outro, e assim em pouco tempo desanimavam. Os reinicolas, porem, que entraram depois dos descobrimentos, traziam comsigo a noticia do methodo usado na nova Hespanha, de conduzirem as aguas em regos para se desbancar a terra vegetal e os montes a talho aberto. O primeiro que iniciou este modo de minerar em Ouro Preto foi Paschoal da Silva Guimarães.

Novato, de caixeiro no Rio passou a mascate nas Minas, como a esse tempo convinha, quando se não fazia questão de preços, nem de ouro. Enriqueceu-se pois de improviso no Rio das Velhas, o que val dizer no El-dourado, cujas lavras nem a fome conseguiu interromper.

Em 1704, depois que aos paulistas figurou-se exgottado o ribeiro de Ouro Preto, Paschoal da Silva, que o havia conhecido, considerou que as abas da serra continham forçosamente as madres de tão maravilhosos sedimentos, e com vistas perspicazes concluindo que as cabeceiras do corrego de Antonio Dias seriam as mais ferteis, n'ellas installou-se. O producto foi de mancheias. Invejosos os Camarg[illegible] primeiros donatarios, quizeram rehaver o terr[illegible] mas o astuto novato rechaçou-os com o ar-

tigo do Regimento que fazia caducar a mina despovoada, e, mais crente na força da polvora que da logica, manteve-se na posse.

Foi desta corrida que o Alcaide Mór José de Camargos, desgostoso inteiramente, virou de rosto ás minas de Ouro Preto e foi se estabelecer em S. Miguel do Piracicava. Resarcia então a natureza perdularia, em qualquer parte, quantas fallencias houvesse nos descobrimentos; mas destes e de outros incidentes nasceu o despeito de Paulistas a Reinós.

A primeira casa de Paschoal da Silva, ainda agora se lhe admiram as ruinas, era abaixo do socavão chamado das Gameleiras, subindo para o caminho das Lages, fundos da rua dos Paulistas. Esta rua é o fragmento que resta do arraial dos Paulistas, iniciado pelos Camargos, visinhos do de Antonio Dias.

Tendo Paschoal da Silva atinado alli com um veeiro na fralda da montanha, o povo induziu que se dirigiria para o alto; e pois o atacou sobre as Lages, como se deixa ver no rasgão enorme da serra, á direita da estrada que vae para S. Sebastião. Ferida apenas a terra, foi tal o deposito ahi accumulado, que esfarelou á vista toda a montanha, e attrahiu em tumulto os flibusteiros, derramando na povoação uma verdadeira avalanche de ouro. Deve-se a esta aventura o rapido e pasmoso repovoamento da serra, prodromos da Villa Rica, de que Paschoal da Silva foi portanto incontestavel e real precursor.

Tamando para si os terrenos, depois que o povo devastou a superficie, proseguiu na exploração, e formou o arraial do Ouro Podre, nome que veio da referida aventura; e toda a serra de alto a baixo se chamou do Paschoal.

Em 1708 trabalhava ja com 300 escravos, e dobrando a serra tinha se apoderado de toda a encosta da

Itapenhoacanga, onde se confirmou por sesmaria em 1711.

Odiado pelos paulistas, de sua parte correspondeu, tornando-se alma dos conflictos de 1708; e foi para se acolher á sua sombra, que o dictador Nunes Vianna, acclamado no Sabará, veio incontinenti estabelecer a séde de seu governo revolucionario no arraial de Ouro Preto. Paschoal da Silva poude então lhe fornecer, além dos escravos, numerosos sequazes, adherentes de seu ouro, cerca de dous mil homens armados, aos quaes sustentava e sustentou emquanto a campanha houve mister.

Em 1709 Antonio de Albuquerque, vindo pela primeira vez ás Minas, homem conciliador e habil, acariciou o poder do Regulo, confirmando-lhe a nomeação feita por Vianna, de Superintendente do Ouro Preto das Minas Geraes, como então se conhecia o arraial de Ouro Preto, cargo que o potentado exerceu com todo o siso e boa razão, como vemos de autos que existem, nos quaes despachou sempre com discernimento e justiça. A sua redacção e calligraphia parecem de um guarda-livros moderno. Datava os despachos do Serro, nome que, pois, era o do sitio em que morava. Do arraial de Ouro Podre resta-nos o bairro de S. Sebastião, que se salvou por ser o caminho antigo para S. Bartholomeu e o Campo, assim como para Antonio Pereira e o Matto Dentro.

Em 1720, no levante de Villa Rica, Paschoal da Silva foi cabeça principal, porem mais esperto conservou-se em penumbra, se bem que não illudisse ao Conde de Assumar. Tudo se verificou, foi arte de seu ouro reputado em mais de cem arrobas, sem se contar a Fazenda, as lavras, os escravos.

Abafado o movimento, foi preso Paschoal e remettido para Lisboa, tendo o Conde mandado quei-

mar o seu arraial, desd'esse tremendo dia chamado o Morro da Queimada. Em Lisboa, graças á sua enorme riqueza, não foi um criminoso, senão um principe; e promovia bem advogado contra o Conde um processo de responsabilidade, só atalhado pela morte do autor.

Simão Ferreira Machado, no *Triumpho Eucharistico* (em 1733), diz que a illuminação do Morro do Paschoal subia da base a se confundir com as estrellas. O incendio não foi portanto o motivo, como se diz, das ruinas totaes, que cobrem a serra.

XI

O CAPITÃO MÓR MANOEL JOSE' PIRES DA SILVA PONTES

Homem de lettras, correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que não devemos confundir, como alguns fazem, com seu tio, o Capitão General do Espirito Santo Dr. Antonio Marciano da Silva Pontes Leme; o qual era formado em mathematicas, distinctissimo varão, com quem o Conde de Sarzedas, Bernardo José de Lorena, celebrou no Porto de Souza, sobre o Rio Doce, o accôrdo de limites entre as duas Capitanias; auto de 8 de Outubro de 1800.

A compilação que o Capitão Mór M. J. P. da Silva Pontes nos deixou dos apontamentos de Bento Fernandes, já o dissemos, dá-lhe todo o direito de ser mencionado neste nosso estudo, mas não se impõe á credibilidade historica, de maneira que se haja por irrecusavel fonte de informações em alguns pontos. Silva Pontes calcou-a evidentemente sobre fragmentos, que completou arbitrariamente, fiado no *Fundamento Historico*, inçado embora de muitos erros,

que illudiram ao Dr. Claudio. Conhecemos alguns escriptos do Coronel Bento Fernandes, homem intelligente, mas illetrado. Comtudo, o seu original seria melhor que fosse conservado, que desfigurado, como foi, no estylo dos compiladores.

O Capitão Mór M. J. P. da Silva Pontes provinha da preclara e nobilissima linhagem do Governador das Esmeraldas, Fernão Dias Paes Leme, e de D. Maria Garcia Betim, por sua filha D. Marianna Paes, casada com o Coronel Francisco Paes de Oliveira. Deste casal de Francisco Paes nasceu em Parnahyba (S. Paulo) o Coronel Maximiano de Oliveira Leite, que casou com D. Ignacia Pires de Arruda, sua prima, os quaes vieram para as Minas, onde o Guarda Mór Garcia Rodrigues Paes, seu tio, os installou no descoberto de João Lopes de Lima, e foram os fundadores da Capella de Santa Thereza. Ahi se crearam as mais illustres gerações do 1.º seculo de nossa patria. A filha do Coronel Maximiano D. Marianna Paes casou-se com o Capitão Mór José da Silva Pontes, pae do Dr. Antonio Marciano, e tambem de D. Maria Catharina. D'esta, em consorcio com o Capitão Mór Manoel José Pires, nasceu o nosso litterato M. J. Pires da Silva Pontes.

Quando o Guarda Mór Garcia Rodrigues e João Lopes de Lima retiraram-se de seu ribeirão, este para S. Paulo, aquelle para fazer o Caminho Novo, começado em 1701 na Borda do Campo (Registro Velho) e terminado em 1707, o Coronel Maximiano, que já era um vulto importantissimo no districto, assumiu o majorato da familia, e foi o mais generoso potentado da região, e mesmo de toda a colonia do Carmo.

Pelos annos de 1715, achava-se o mesmo Garcia Rodrigues no Ribeirão do Carmo, quando con-

tractou o casamento de sua irmã D. Francisca Paes com o Coronel Caetano Rodrigues Alvares, filho de José Alvares d'Orta e D. Maria Rodrigues (*), natuturaes de Lisboa, fidalgos de lei, casamento que se realisou por procuração do noivo apresentada pelo tio da noiva Gaspar de Araujo, na Villa do Parnahyba, solar dos Paes Leme. Vindo D. Francisca em Março de 1716, foi o casal installar-se atraz da collina opposta á de Santa Thereza, no valle do corrego que ainda corre com o nome de José Caetano, seu primogenito; o qual José Caetano Rodrigues Horta representou na Villa do Carmo o estado da primeira nobreza na entrada solemne do primeiro Bispo, a 28 de Novembro de 1748. Este notavel varão foi o tronco da grande familia dos Horta, que alteraram o cognome dos *Orta*, desfigurando com isto a genealogia acaso mais illustre das Minas.

De D. Juliana Pires, filha do Coronel Maximiano de Oliveira Leite, casada com o Capitão Mór José Alves Maciel, nasceram filhos notaveis, como foram o Dr. José Alves Maciel (Inconfidente), o Coronel Domingos Alves Maciel, o Dr. Theotonio Alves Maciel, D. Izabel Alves Maciel, que se casou com o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade (Inconfidente). O Coronel Domingos Alves Maciel foi pae de D. Joanna Theodora Ignacia Xavier, mãe do Conselheiro Josè Joaquim da Rocha e irmã do Marquez de Queluz João Severiano Maciel da Costa, signatario da Constituição do Imperio. O Conselheiro Rocha, casado com D. Maria Joaquina de Souza, foi pae de D. Henriqueta Firmina, mulher do Coronel

(*) O livro editado em 1856—*Genealogias*, está errado quanto aos paes do Coronel Caetano, como verificamos no 1.º Livro de Notas do Escrivão Pilo, na Villa do Carmo.

Joaquim José de Almeida e mãe de D. Luiza de Almeida, viuva de Diogo Antonio, neto do Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos.

VII

O PADRE DR. GUILHERME POMPEU DE ALMEIDA

Quando Philippe 2.º, já Rei de Portugal, mandou D. Francisco de Souza a S. Paulo, em 1598, com ordem de entabolar as minas da serra de Jaguámimbaba, descobertas pelos paulistas Affonso e Pedro Sardinha, com o mesmo Governador veio da Europa, no caracter de seu Secretario, Pedro Tacques Pompeu, que era filho de um flamengo, Francisco Tacceu, que veio a Lisboa attrahido pelo commercio e ahi se casou com D. Ignez Rodrigues, em Setubal, onde se havia estabelecido. O Secretario de D. Francisco, em S. Paulo, casou-se com D. Anna de Proença, filha de Antonio de Proença e de D. Maria Castanho. Do consorcio nasceram:

1.º) Pedro Tacques de Almeida, que se casou com D. Potencia Leite, irmã do Governador das Esmeraldas Fernão Dias Paes Leme; 2.º) Guilherme Pompeu de Almeida; 3.º) Lourenço Castanho Tacques, conquistador dos Cataguá; 4.º) D. Sebastiana Tacques; 5.º) D. Marianna Pompeu, que se casou com Manoel de Goes Raposo, cuja familia estabeleceu-se no sitio em que fundaram a freguezia de Raposos; 6.º) Antonio Pompeu de Almeida.

O 2.º Guilherme Pompeu de Almeida casou-se com D. Maria de Lima Pedroso. Não cessaremos de indicar estas estirpes afim, de se observar como se relacionavam os consanguineos, fundadores de Minas, ancestres principaes das grandes familias que

ainda illustram as nossas povoações, muitas já tocando á obscuridade, mas nem por isso dispensadas de honrar origens que são as gloriosas de nossa patria.

O Capitão Mór Guilherme Pompeu foi certamente o mais rico dos potentados de seu tempo, senhor de latifundios vastissimos, de fazendas, aldeamentos e capellas, onde o serviam escravos e administrados, indios sem conta. A seu respeito escreveu na *Nobliarchia* o seu neto Pedro Tacques de Almeida Paes Leme:

« Foi Guilherme Pompeu Capitão Mór da Villa do Parnahyba, por El-Rei D. Pedro, sendo regente. Viveu abundante de cabedaes, com grande tratamento e opulencia em sua casa. A copa de prata, que possuiu, excedeu a 40 arrobas; porque os antigos paulistas costumavam penetrar os vastissimos sertões do rio Paraguay, e atravessando suas serras, conquistando os barbaros indios seus habitadores, chegavam ao reino do Perú e minas de Potosi, e se aproveitavam da riqueza das minas, de que ennobreceram suas casas, com copa de muitas arrobas, de cuja grandeza ao presente tempo nada existe pela ambição de mineradores e Governadores, que no decurso de 63 annos attrahiram a si esta grandeza, porque nenhum se recolheu para o Reino que não levasse boas arrobas. »

Seu filho Guilherme Pompeu de Almeida, mandado a estudos na Bahia, quiz metter-se frade franciscano, mas, por opposição dos paes á essa profissão, teimou em ser presbytero. Fundou a Capella da Conceição de Araçariguama, ornada de talha dourada e paramentada com magnificencia; e n'essa Capella celebrava a festa de 8 de Dezembro, com oitavario de missas canta[illegible] De S. Paulo concorria en-

tão a maior parte da nobreza e os religiosos de grande nomeada. Em sua casa tinha effectivamente armadas com todo o apparato cem camas para hospedes. Cada hospede dispunha de um pagem particular para guarda dos arreios, animaes e outros serviços. Era a mesa profusa em toda a casta de iguarias e vinhos, e estava posta á toda hora do dia para os que chegavam. Plantava e colhia cereaes, uvas para vinho, linho, cevada, trigo; e tinha rebanhos para a tosquia da lã. Os moveis eram todos ricos e de primor; e a copa de muitas arrobas de prata, que mandou refundir em Lisboa.

Em Roma, tendo-se relacionado com muitos Cardeaes, conseguiu por elles uma *bulla* nomeando-o Bispo missionario, que lhe chegou estando já enfermo e não lhe serviu senão para os funeraes pomposos, que lhe fez a Companhia de Jesus no Collegio, onde jaz. Toda a escravatura e terras de cultura deixou-as á Capella de Araçáriguama. As quatro aldeias, que tinha em Minas, ficaram para a Companhia de Jesus e bem assim as alfaias, lampadas e castiçaes de prata, em peso de 14 arrobas.

Falleceu a 7 de Janeiro de 1713 na Villa de Parnahyba, e foi transportado para S. Paulo, sendo o feretro conduzido a mão por milhares de pessoas. A historia diz que não tem limites a falta que fez á pobreza. Era formado em theologia e dispunha de grande livraria.

A' uma legua de Sabará existe o arraial de Pompeu, do qual, como dos outros, lhe foram remettidas as colheitas do ouro, que mais engrossaram os seus immensos cabedaes.

Visitamos o arraial de Pompeu, reduzido hoje a mui poucas casas, pauperrimas. A Capella dedicada a Santo Antonio resiste á ira do tempo, em sua pri-

mitiva estructura, e, ainda que muito estragada, vimos a pintura, que representa em quadros pelas paredes e pelo tecto — os feitos do glorioso Thaumaturgo. As imagens do altar são as mesmas que os primeiros habitantes veneraram. As pias de baptismo e d'agua benta são ainda de madeira bellamente esculpida, e recordavam-nos os primitivos tempos da Igreja.

Respira-se n'aquelle ambiente a lembrança de um povo, que o ouro illudiu em sua ephemera alacridade.

Quando estavamos no recinto em meio de nossas impressões, pensativos e silenciosos, um bando de andorinhas esvoejava, entrando e sahindo. Umas pousavam nas cimalhas, outras nos florões e nas cornijas do altar, todas em chilros alegres. Mais felizes que a geração humana, as mimosas aligeras foram e voltaram das primaveras longinquas !

XIII

O ANHNAGUERA

Não devemos confundir, já o dissemos, Bartholomeu Bueno de Siqueira com o Bueno da Silva. Este era filho de Francisco Bueno e D. Philippa Vaz, irmão de Francisco Bueno, descobridor de Ouro Preto; de Antonio Bueno, descobridor de Santa Barbara; e' do Mestre de Campo Domingos Bueno, governador instituido por Arthur de Sá para administrar as Minas Geraes.

O appellido de Anhanguera não provém do estratagema do fogo ateiado na cachaça, como se tem dito, e nem significa velho diabo. O artificio, pelo menos, foi usado primeiro por Francisco Pires Ribeiro, nas mattas do Paraná, onde reduziu pelo ter-

ror os indios ameaçados de verem seus rios incendiados. O appellido foi dado por haver se feito caudilho da tribu dos *Anhanguera*, aos quaes disciplinou e dirigiu na guerra contra os demais selvicolas.

Violento, energico e astuto, Bueno da Silva fez-se potentado temivel no districto do Rio das Velhas, dominando como regulo a região do Pará. Quando se installou a Villa Real do Sabará. sentindo o declinio de seu poder e a preponderancia dos reinós, irou-se e partiu para os sertões além do S. Francisco, e d'ahi para Goyaz, levando comsigo toda a familia e a numerosa escravatura, pelos annos de 1716 a 17.

Seu genro e cunhado João Leite da Silva Ortiz, casado com a sua filha Izabel, acertou de largar tambem as Fazendas e lavras que tinha no Curral d'El-Rey, e de se retirar para S. Paulo. Ahi o Governador D. Rodrigo Cesar de Menezes, já tendo noticias do que fazia o Anhanguera, entendeu-se com Ortiz, animou com toda a sorte de auxilios a organisação de uma *bandeira*, e Ortiz á frente d'ella foi reunir-se ao sogro. E assim se fez a conquista definitiva das minas de Goyaz, cujo rapido incremento deu origem á Capitania. A cidade da Meia-Ponte foi o berço das povoações iniciadas por estes bandeirantes.

Muitos têm confundido com o Anhanguera o seu primo, o nosso Bartholomeu Bueno de Siqueira, descobridor e bandeirante das Minas Geraes. Este Siqueira era filho de Lourenço de Siqueira de Mendonça e de D. Maria Bueno ; e esta D. Maria Bueno era filha de Jeronymo Bueno, irmão do pae do Anhanguera Francisco Bueno. Jeronymo era irmão tambem do celebre Amador Bueno, e ambos Jeronymo e Francisco, eram filhos de Bartholomeu Bueno de Rivéra, o famoso nobre castelhano, que se casou em S. Paulo com D. Maria Pires, bisneta do portuguez Antonio

Rodrigues e de Antonia, filha do Rei gentio Piquirόbi.

XIV

O TENENTE GENERAL MANOEL DE BORBA GATTO

A Carta de sesmaria de 3 de Dezembro de 1710, datada das Minas Geraes pelo Governador Antonio de Albuquerque, é do teor seguinte: « Faço saber &... que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer o Tenente General Manoel de Borba Gatto, que ha muitos annos está em mansa e pacifica posse de uma sorte de terras entre o rio Parahypeba e a cordilheira da Itatiaia e de Matheus Leme até fechar na barra do ultimo ribeirão d'elle, que terá de comprimento 5 leguas e de largo 3, aonde tem feito seu principio, sem prejuizo ou contradicção de pessoa alguma, que até o presente intentasse perturbar-lhe a dita posse, por ser o supplicante o primeiro descobridor das ditas terras desd'os tempos em que por estas partes começou os seus descobrimentos em serviço de Sua Magestade; e porque o supplicante se acha com obrigação de muito numerosa familia, lhe são necessarias as ditas terras para criar gado e cultivar mantimentos para melhor commodo não só de sua familia, senão de todos que quizerem povoar aquelles sertões..., me pedia fosse servido mandar-lhe dar posse de quatro leguas em quadro &... E visto o seu requerimento e informações, que tomei, attendendo a sua qualidade e merecimentos do dito Tenente General pelo bem que tem servido á Sua Magestade n'esta conquista, fazendo-se merecedor de sua real grandeza lh'o mandar agradecer por varias vezes por cartas assignadas pela sua real mão; e se achar com grandes obrigações de fami-

lia e parentes, a quem costuma amparar &. Hei por bem &. »

A Carta de sesmaria de 19 de Janeiro de 1711, dada em Caethé pelo mesmo Governador, é do teor seguinte: « Saibam &... que havendo respeito ao que me enviou a dizer o Tenente General Manoel de Borba Gatto, que elle estava possuindo desd'o tempo que se principiou a povoar estas Minas um sitio junto ao ribeirão que vem do *Sercado* e da barra que faz n'elle o ribeirão do Tombadouro, e porquanto o quer possuir com bom titulo de sesmaria &, me pedia lhe fizesse mercê conceder... meia legua de terra correndo da barra que faz o ribeirão do Tombadouro no dito ribeirão para cima pelo dito ribeirão de uma e outra parte d'elle. E visto o seu requerimento &. Hei por bem & »

Por estas duas cartas se vê a consideração de que gozava o Tenente General. O cercado fica á meia legua do Sumidouro (Anhanhonhecanha) e o Tombadouro. Este rio se acha na Carta com o nome trocado, porque Matadouro é o nome verdadeiro. Cercado era o logar, em que os indios tinham os prisioneiros a engordarem, destinados aos festins e orgias canibalescas. Matadouro éra o sitio destinado a essas matanças. O Borba declarou que possuia essas terras, desd'o principio do povoamento, isto é, desd'a fundação do arraial do Sumidouro, quando vencidos e conquistados os indios, os reduziu á lavoura, e se estabeleceu no ambito da propria taba domesticada.

Pela Carta patente passada no Sabará aos 2 de Fevereiro de 1711, o Governador Albuquerque enumera os serviços prestados pelo Tenente General Borba Gatto. Foi elle quem encaminhou o serviço muito importante de descobrir ouro e minas de prata na paragem e districto do Sabará-buçú: expressões es-

tas da Carta que justificam a nossa narrativa em accôrdo com as tradições e outras fontes historicas. Os descobrimentos foram feitos por elle como guia, e nem só no districto como na região. Foi elle quem suggeriu os descobertos do Rio das Velhas, do Sabará e do Caethé, e quem mediu e repartiu as respectivas datas, accommodando partes, evitando contendas e desordens; solicito e zeloso em todas as diligencias que lhe eram recommendadas pelos Governadores. O Desembargador José Vaz Pinto, superintendente das Minas, toda vez que se ausentava, servia-se do Tenente General para lhe passar a jurisdicção do alto cargo.

Provedor de defunctos e ausentes, e administrador das estradas, desempenhou sempre os seus deveres, como não se conta houvesse quem mais n'aquella epocha. Denodado e severo, justiceiro e probo, o rigor com que reprimiu os contrabandos, e cortou pelos abusos, creou-lhe desaffectos; e a sua qualidade de paulista, ao passo que lhe trouxe o rancor dos portuguezes, não lhe grangeou a estima dos compatriotas pela isenção com que os julgava.

A fama que encontramos deste homem extraordinario foi uma injusta creação de odios; passaria á historia na figura de um medonho Smilodon, ancestre dos animaes sanguinarios, que o desastrado fim de D. Rodrigo Castello Branco havia-lhe suscitado. Diversamente, porem, será julgado de hoje em diante, em vista dos documentos, que o restituem á luz serena de sua incomparavel actividade nos fastos mais honrosos da primeira epocha, origem historica de nossa patria.

Por officio de 7 de Agosto de 1712 o Governador Albuquerque deu parte á Sua Magestade, que se achava restabelecido o socego das Minas; e que os

Paulistas foragidos para S. Paulo já estavam regressando, e se iam contentando com sesmarias, como lhes eram concedidas por informações do Tenente General Manoel de Borba Gatto, fiel ao serviço Real. Quantas recordações, portanto, se avivam deste grande homem, tantas attestam e honram a sua cooperatividade prodigiosa no estabelecimento das Minas.

Riquissimo em ouro, quando rebentou a guerra dos Emboabas, consentiu que seus genros Francisco Tavares e Francisco de Arruda se repatriassem; accrescentou-lhes o cabedal em ouro ao que já tinham e recommendou-os ao Rei. Na Ilha de S. Miguel, sua patria, compraram ambos ricas propriedades, e fundaram Morgadios. Por ultimo, um sobrinho, que deixaram, casou-se com a filha mais moça do mesmo Tenente General, e tomou igual destino regressando á Ilha natal.

Segundo Silva Pontes, o Tenente General falleceu aos 90 annos de idade em sua Fazenda do Paraopeba.

Entretanto o que nos parece mais certo é que o obito verificou-se em 1817, anno em que ainda exercia o cargo de Juiz Ordinario na Villa Real.

Esta tradição nós a colhemos de pessoas antigas e fidedignas, e a esforços de um descendente seu, o nosso amigo Commendador Francisco Ovidio, natural e residente do Sabará.

Todavia, dizem uns que a sepultura está na Capella de Santo Antonio, outros que na de Sant'Anna, ambas pertencentes ao chamado Arraial Velho.

Como quer que fosse, pelo que de mais certo ouvimos, visitamos nesta crença a Capella de Sant'Anna. Emoção igual só teriamos quando visitassemos uma necropole de cidade extincta.

Pelas inscripções do sino grande, fundido no Sabará em 1751, e pela do Portal gravada em 1747, a Capella não é a mesma da primitiva epocha; mas as cinzas, que contém, valem toda a antiguidade. Iamos em companhia de nosso bom amigo, o Dr. Carlino Pinto, tão prematuramente deplorado agóra.

Fazia então a mais bella tarde de Março (28 de 1898). Ruas e calçadas inteiras desappareciam alli no matagal enredado; e paredões derrocados sem numero jaziam no degredo absoluto das grotas.

O silencio nos abafava, interrompido apenas pelo soido dos insectos e o tropel dos cavallos. Apeamo-nos no adro, unico ponto em que restavam algumas casas fechadas, como tumulos, albergues em que todavia se occultam os ultimos descendentes dos que viram Arthur de Sá, no auge de sua gloria, estrear n'aquelle berço o imperio das Minas!

Um menino appareceu-nos e, amavel, a nosso pedido foi avisar ao pae, e este com a bondade officiosa dos que se pagam pelas visitas á sua patria de todos esquecida, trouxe-nos a chave da Capella, que só do arco cruzeiro para cima subsiste coberta. Lembramo-nos de Wolney: « Je vous salue, ruines solitaires, tombeaux saints, murs silencieux! » E na verdade, a solidão era sem exemplo!

Absorvidos em profunda melancolia, ajoelhamo-nos, e fitamos a imagem de Sant'Anna. Estava a Santa na idade em que conhecemos a nossa avó, a mesma carinhosa expressão, imagem dulcissima da nossa mais pungitiva saudade. Um clarão mavioso embebia-se do sol ardente no dourado velho do altar, e dava-lhe um tom de divindade, que não se sente nos marmores soberbos e nas grandezas materialistas do culto na Candelaria. Aos olhos internos d'alma a Santa parecia allegar com ternura o serviço que nos

presta, vivendo e guardando os nossos mortos; mas, indifferente ás mudanças do destino operadas no povoado, figurou-se-nos que ouvia, com o seu sorriso de ironia, as preces pela paz dos mortos, si quem as fazia não a tinha assaz no coração entre os vivos!

Ao sahirmos, tocamos as trindades no sino grande. O bronze, que, havia muito, não se ouvia, echoou por todo o valle do antigo Sabarábuçú; e as aves nocturnas, como que se recordando de alguma afflicção, atroando saltaram das paredes esburacadas.

Evocamos então a epocha dos bandeirantes, a primeira tarde do descobrimento. A noite descia impregnada dos aromas acres de aroeiras e alecrins selvagens, e a memoria do Borba, ligando as duas éras das esmeraldas e do ouro, como aquelle rio que tinhamos ao lado, gemendo e passando, mas sem se extinguir jamais, reflectia os phantasmas da historia!

XV

FAMILIAS FUNDADORAS

Tratando-se das Origens historicas das Minas Geraes, é bom se inscrever o numero de familias, que entraram de S. Paulo no povoamento dos primeiros arraiaes, ou, pelo menos, d'aquellas cuja noticia encontramos, eis que de todas nem foi possivel averiguar, nem caberia n'um livro a sua nomenclatura. E' facto particular de Minas, que pela sua posição no interior das terras, tendo-se povoado do centro para as extremidades, constituiu-se independente de massas xenogenicas, e se multiplicou á custa do proprio attavismo, razão pela qual a unidade ethnica preenche o phenomeno, como em nenhuma outra provincia, de uma tal somma de sangue affin, que bem se póde dizer a maior de toda a America.

Concorrendo as primeiras familias para se installarem em poucos logares, o parentesco insistiu na formação das segundas, e o entrelaçamento deste modo ampliou-se. D'ahi a razão porque apenas uma casa existe, que em mais ou menos proximo grau, não seja consanguinea das outras.

Era costume dos antigos darem aos filhos sobrenomes diversos, lembrando em cada um os avós ou parentes notaveis. Além d'isso, as novas familias, tomando sempre o appellido dos paes, que faz esquecer o das mães, conseguiram quasi abolir os sobrenomes dos fundadores; e com isto a noticia dos parentescos tem-se tornado difficil. Entretanto, a verdade é que das Origens, unidas pelo sangue, provém a identidade moral, e os caracteres, que definem o povo mineiro, e o distinguem em todo o Brasil. Com tudo, muitas familias conservam a memoria de seus avós, e na LISTA, que vamos dar, é facil a qualquer procurar a casa de que procede oriunda dos fundadores de nossa patria, cujos primordios, em dous seculos apenas, não é provavel se tenham esquecido inteiramente.

I

Zona do Carmo

1

Pedro Corrêa de Godoy, casado com Anna Borba, irmã do Tenente General Manoel de Borba Gatto, foram povoadores do Ribeirão do Carmo. Na crise da fome, installaram-se á margem do Rio de Miguel Garcia, no sitio chamado Gualaxo, a uma legua da Capella de Miguel Rodrigues. O nome Gualaxo foi corrupção de Yguarachue, que quer dizer — *poço do carumbé quebrado*. (*Iguá* poço, *chüe* carumbé, *rá* quebrado). Carumbé era uma especie de tartaruga, que os indios comiam quebrando-lhe a casca; e as colhiam e depositavam n'um poço cercado.

Miguel Garcia da Cunha, afastando-se do seu arraial sobre o sertão do Guarápiranga, foi surprehendido e morto pelos indios. Com a morte muito pouco depois do seu estabelecimento foi-se-lhe adelgaçando a memoria, e o nome de Gualaxo, sitio que se tornou mais falado nas povoações importantes que se crearam em derredor, foi-se extendendo a todo o rio.

A Fazenda do Gualaxo pertence ainda aos descendentes de Pedro Corrêa.

2

Claudio Gayon e Bento Fromentiere foram os dous francezes que primeiro pisaram a terra das Minas. Moravam juntos e reciprocamente se tratavam de *Monsieur*; pelo que o povo chamou o bairro dos Monsus, como ainda em Marianna se conserva. Claudio installou-se no Gualaxo do Norte, entre Antonio Pereira e Bento Rodrigues; e Fromentiere nas Aguas Claras, entre o Inficionado e S. Caetano, pela mesma occasião da calamidade.

3

Antonio Lopes Chaves e D. Helena Maria de Jesus estabeleceram-se no Sumidouro e ahi tiveram lavras.

4

Paulo Rodrigues Durão, primeiro installou-se no Morro Vermelho; mas logo se passou para o Inficionado, cuja Matriz erigiu. Em sua Fazenda da Catta Preta nasceu-lhe Frei José de Santa Rita Durão, em 1717, o primeiro poeta epico do Brazil. D. Anna Garcez de Moraes foi a esposa de Paulo Rodrigues Durão.

5

João Lopes de Lima, o descobridor do Ribeirão do Carmo, na Ponte Grande, era filho de Domingos Lopes de Lima e D. Barbara Cardoso. Esta de Manoel Cardoso de Almeida e de D. Ignez Furtado. Era pois irmã do Mestre de Campo Mathias Cardoso.

6

Sebastião Fagundes Varella, fundador de S. Sebastião, era casado com D. Clara dos Anjos, e Caetano Pinto de Castro com D. Maria dos Anjos, irmã de D. Clara.

7

Diogo Bueno da Fonseca, casado com D. Joanna Baptista Bueno, foi o primeiro Guarda Mór de Lavras do Funil. D. Joanna era filha do Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme e de sua mulher D. Izabel Bueno de Moraes.

8

D. Izabel de Souza Castelhano e seu marido Manoel Monteiro da Veiga; seu irmão João de Souza Castelhanos; e sua prima D. Francisca da Fonseca Rodovalho, casada com Antonio Gomes Ferreira, povoaram S. Caetano.

9

Leopoldo da Silveira e Souza, casado com sua prima D. Helena da Silva Rosa, filha esta de Domingos Ferreira Alves e de D. Barbara Moreira de Castilhos, tambem S. Caetano. D. Barbara foi tia da mulher de Bento Fernandes.

10

D. Joanna Rendon, filha de D. João Matheus Rendon, descendentes de D. Maria Alves Cabral, irmã do descobridor do Brazil, foi casada com Pedro Alvares Pereira, linhagem do Condestavel, tambem S. Caetano.

11

Pedro Frazão de Brito, Regente do Carmo, casado com D. Izabel Bueno, filha de Simão Bueno da Silva e sobrinha do Anhanguera, foi homem do tanta supposição, que serviu de arbitro demarcador das tres primeiras comarcas.

12

D. Escholastica Forquim, filha de Antonio Forquim da Luz e seu marido José da Silva Magalhães, installaram-se na Chapada do Ribeirão do Carmo.

13

Domingos Velho Cabral, povoador do Carmo, cujo ribeirão socavou, nomeado Guarda Mór interino, esteve em 1702 encarregado de pacificar em Bento Rodrigues os sanguinolentos motins, que as immensas riquezas produziram,

14

Manoel Pereira Ramos, povoador do Carmo, foi o primeiro dono da sesmaria da Bocaina, perto de Miguel Garcia.

15

Manoel Monteiro Chassim e D. Catharina de Godoy Moreira povoaram S. Caetano.

16

O Coronel José de Souza Moura e D. Eugenia Maria do Carmo povoaram a Taquara Queimada. Foram avós de D. Maria do Carmo Barradas, esposa do Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos.

17

Manoel Pereira de Souza e D. Anna Cardoso, filha esta de Manoel Cardoso de Almeida, povoaram o Morro de Sant'Anna de Marianna.

18

Antonio de Freitas da Silva, Bartholomeu Fernandes, Pedro Teixeira de Siqueira, José Rabello Perdigão, os irmãos Campos, José, Francisdo e Felippe, José de Almeida Neves, Manoel Gonçalves Fraga, Bernardo Xaves Cabral, Manoel Ferreira Vilence, Caetano Muniz da Costa, Manoel da Silva Leme, Ignacio de S. Paio, Francisco de Lucena Mont'Arroy, José de Barros d'Affonseca, Torquato Teixeira de Carvalho, Jacintho Nogueira Pinto, Francisco de Moraes, Bento Vieira de Souza (pae do povoador do Pomba) e o S. Mór José de Queiroz, fundador do Bomfim de Antonio Pereira, foram tambem fundadores do Carmo. O padre Jacomo de Grado Forte (trinitario), foi o primeiro sacerdote que se enterrou em Marianna (9 de Novembro de 1709).

II

Pitanguy

1

O Mestre de Campo Antonio Pires de Avila, povoador do Pitanguy, foi a quem D. Braz Batlhazar da Silveira incumbiu de erigir a Villa.

2

Antonio do Prado da Cunha, companheiro de Fernão Dias na expedição das Esmeraldas, estabelceu-se no Pitanguy e de sua mulher D. Maria Pires Camargo provém descendentes illustres.

3

Antonio Pompeu Tacques, casado com D. Escholastica Betim, fundou a Capella Nova do Betim, e foi celebre pelas suas prodigalidades e riquezas colossaes.

4

De S. Caetano sahiu Gaspar Gutierrez da Silveira para Pitanguy, onde se casou com sua prima D. Feliciana dos Santos Barbosa Lima.

5

Fernando Dias Falcão, casado com D. Lucrecia Pedroso de Barros, foi povoador de Pitanguy e creou a villa.

6

D. Catharina Paes Leite, casada com João da Silva Rabello; e D. Potencia Leite com Manoel Cabral Teixeixa, tambem foram povoadores de Pitanguy.

III

Rio das Velhas

1

José de Seixas Borges, bandeirante, companheiro de Fernão Dias, entranhou-se em 1680 pelo sertão do *Uiamii* e fundou o Jequitibá, senhoreando-se de vastas superficies de terras entre aquelle rio e o Paraupava (Paraopeba).

2

Manoel Affonso Gaya encetou a laboriação das minas do ribeirão do Gaya, affluente do Sabará-buçú; e seu filho Manoel Gonçalves de Siqueira installou-se no Ouro Bueno, serra de Ouro Preto. Expulso este pelos Emboabas, reuniu-se ao paê e foram ambos residir no sertão do S. Francisco.

3

D. Maria Pimenta, neta de D. José Rendon de Quevedo, e seu marido Jacyntho de Sá Barbosa, troncos de illustre geração, povoaram o Sabará.

D. Maria Coitinho, irmã de D. Maria Pimenta e casada com João Ferreira Coitinho, a Roça Grande.

4

Francisco Rodrigues Penteado e seus irmãos fundaram a Roça Grande.

D. Maria de Magalhães e seu marido Faustino Pereira da Silva, o mesmo arraial.

5

D. Victoria de Magalhães e Manoel Pereira Jardim installaram-se em Raposos.

6

José Rodrigues Betim, sua mulher, filhos, irmãos e cunhados fundaram o arraial do Betim.

7

Antonio de Araujo Santos fundou o Curralinho.

8

Fructuoso Nunes do Rego installou-se no ribeirão do Sabarábuçú.

9

Sebastião Pereira de Aguilar, bahiano, famoso pelas suas riquezas no Caethé, onde hospedou em 1709 o Capitão General Antonio de Albuquerque, senhoreou toda a vasta região que se extende de Bento Pires até as mattas do Anhanhonhecanha (Sumidouro do Rio das Velhas), incluido o ribeirão das Aboboras, onde fundou o arraial da Contagem. Como importador de gados dos curraes da Bahia e do districto dos Couros, tinha alli as pastagens; e o arraial tomou o nome de Contagem, por ser onde eram as rezes contadas para a taxa das entradas.

10

O Sargento Mór Bento do Amaral da Silva tornou-se riquissimo no Caethé.

11

No Caethé se estabeleceu Maria Borba, casada com Manoel Rodrigues Góes, irmã do Tenente General Manoel de Borba Gatto.

12

Foram povoadores tambem de Sabará José Corrêa de Miranda, Pedro Gomes Ferreira, José Borges Pinto, Braz Ribeiro Manilho, Domingos Martins de Siqueira, José Soares de Miranda, Lucas de Andrade Pereira, Antonio José Braz Fernandes, Lourenço Pereira de

Aseredo Coitinho, Braz Rabello Marinho, Antonio Leme Guerra, Braz Esteves de Queiroz, Joaquim Teixeira de Lima, Simão Passos, João Velloso Brandão, Antonio da Fonseca Barcellos, Jeronymo da Costa, Francisco Alves da Veiga, João Rosa de Araujo, Francisco de Sá Ferreira de Menezes, Frei Quaresma Franco e outros.

IV

Ouro Preto

1

Logar de onde foram expulsos os paulistas foi, dominado exclusivamente pelos *reinós*, motivo principalmente porque foi sempre amotinado. Antes porem da Dictadura de Vianna muitos paulistas floresceram, e sobre todos o Mestre de Campo Domingos Dias da Silva, que acompanhou o General Albuquerque na expedição contra os francezes, commandando o seu troço de 200 homens, que armou e sustentou. Deixando tudo quanto nas Minas tinha a cargo de seu filho Manoel Dias da Silva, retirou-se para S- Paulo, e ahi falleceu a 22 de Março de 1719.

2

Foram povoadores tambem de Ouro Preto, Manoel de Figueiredo Mascarenhas, Antonio Francisco da Silva, Francisco Viegas Barbosa, José Eduardo Passos Rodrigues, Jorge da Fonseca Freire, Manoel do Nascimento Fraga, João de Carvalho de Oliveira, Francisco Maciel da Costa, Manoel de Figueiredo Macedo, José Gomes de Mello, Roberto Neves de Brito, Lourenço Rodrigues Graça, Manoel d'Almeida Costa, Manoel da Silva Borges, além dos muitos já mencionados no corpo da historia.

3

O primeiro Vigario de Ouro Preto (1705) foi o Padre Francisco de Castro.

4

O Capitão Simão de Mendonça Allemão, nobre paulista, da familia dos Lemes, possuiu parte do Campo de Ouro Preto, onde tinha roças. D'elle foi a Capella e o logar chamado Chiqueiro do Allemão.

5

O Capitão Antonio Rodrigues de Medeiros no Tripuhy.

V

Outros logares

1

D. Diogo de Lara Moraes foi primeiro Capitão Mór Regente do Guara-piranga.

2

Fernando Bicudo de Andrade e sua mulher D. Maria Leite do Rosario, installaram-se no Rio das Mortes.

3

Rodrigo Bicudo Chassim era filho de Simão Chassim e D. Maria Leite de Brito, esta de Antonio Bicudo de Brito e D. Maria Leite de Alvarenga, e esta de Diogo Pires e de D. Izabel de Brito. Diogo Pires era filho do nobre Salvador Pires e de Mecia Fernandes, neta de Antonio Rodrigues e de Antonia, filha do Rei gentilico Piquirobi de Ururahy.

Em 1711 Rodrigo Bicudo, residente na zona do Carmo, foi dos potentados que concorreram com 200 homens para o exercito de Albuquerque contra os francezes, marchando á frente do seu terço.

4

José Marques povoou o ribeirão dos Macacos, e suas terras confinavam com as de João Leite da Silva Ortiz, indo da região da Lagoa Dourada á do Curral d'El-Rey.

Jeronymo Pimentel Salgado possuiu o Campo dos Carijós; e confinava com Amaro Ribeiro, fundador da Capella e Arraial de Santo Amaro.

5

Fernando Bicudo do Andrade, vindo do Rio das Mortes, installou-se em Santa Barbara; e d'ahi foi descobrir a Conceição. Em 1712 mandou vir da Ilha Grande sua familia e grande numero de parentes, aos quaes estabeleceu em vastas extenções, que senhoreou no Ribeirão de Santo Antonio, onde Albuquerque lhe concedeu as sesmarias.

6

Domingos da Costa Lage e D. Luiza Rodrigues, povoadores de Santa Barbara.

7

O primeiro Guarda Mór das minas do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde foi Salvador Corrêa Bocarro, casado com

D. Anna Ferreira de Toledo, filha de D. João de Toledo Piza e Castelhanos.

8

Francisco de Almeida Lara foi povoador de Paracatú.

9

José Pires de Almeida Lara, idem. Eram filhos de D. Branca; da qual foram progenitores Lourenço Castanho Tacques (conquistador dos Cataguá), e D. Maria Lara, que foi filha de D. Magdalena Feijó, da casa dos Condes de Paço d'Antas e da do Conde D. Pedro de Moraes; e de D. Diogo de Lara, da casa patricia dos Ordonhez de Zamora. De José Pires de Almeida nasceu já em Paracatú D. Branca Pires, que se casou com o famoso Coronel Felisberto Caldeira Brant,, cujas riquezas collossaes e aventuras dir-se-iam mais um drama de imaginação, que de realidade como de facto foram. Brant é contracção do apellido *Brabant*, pertencente a nobres flamengos, que vindo na cruzada ajudaram libertar Lisboa do poder mahometano.

Existe em Minas illustre progenitura destes primeiros povoadores.

10

João Baptista de Carvalho foi o primeiro dono das terras do Caxambú.

11

Domingos Duarte Galvão idem de Macahubas, onde tambem se estabeleceram os alagoanos Manoel da Costa Soares e sua familia, e Felix da Costa fundador do Recolhimento installado em 1715.

12

Bartholomeu Godinho da Costa e D. Maria Leme de Brito estabelecerem-se em Antonio Dias-Abaixo.

13

D. Maria Leme de Brito (mãe) casada com Romão de Oliveira Gago, em Cattas Altas de Matto Dentro.

14

Theodosio Leme de Oliveira e o Capitão Luiz Fernandes de Oliveira, em Santa Barbara.

D. Anna Maria de Oliveira e o Alferes João Martins do Couto, idem idem.

15

D. Ignez Monteiro de Godoy e João Lucas da Silva, em Barra Longa.

16

Joaquim de Godoy Moreira e seu irmão João Bicudo de Brito, em S. Miguel do Piracicaba.

17

Notabilissimo foi o Dr. Luiz Lobo Leite Pereira, primeiro dono das minas da Passagem de Ouro Branco. Foi o primeiro Juiz pedaneo e Presidente da Camara, que installou a Villa Rica. Existe illustre descendente deste primeiro magistrado das Minas. Os Juizes das outras duas Villas (Carmo e Sabara), irmãs de Villa Rica, foram leigos.

18

O Coronel Leonel da Gama Belles, fidalgo e grande servidor de alta patente na Colonia do Sacramento, onde em 1680 casou-se com D. Maria Josepha Corrêa.

Em 1703 veio com a familia para Ouro Preto; e aqui casou sua filha, natural da Colonia, com o Capitão de Cavallaria Luiz de Almeida Ramos, dos quaes nasceu D. Quiteria Ignacia da Gama. Esta senhora casou-se á sua vez com o Capitão Manoel Gomes Villas Boas. Este descendia de D. Diogo Rodrigues. senhor de Villas Boas, e nasceu no solar de Ayró, districto de Barcellos. Tem illustre descendencia.

19

Romualdo de Toledo Leme, casado com D. Maria da Conceição Moreira de Castilhos, installou-se em S. Gonçalo do Sapucahy.

20

Antonio Moreira de Godoy, casado com D. Maria de Lima e Moraes, estabeleceu-se no Sobrá-buçú, para onde subiu com Arthur de Sá, a quem prestou relevantissimos serviços no preparo da expedição e no desempenho dos descobrimentos.

D. Escholastica de Godoy, sua irmã, foi casada com Bento Amaral da Silva, que se tornou riquissimo no Caethé.

21

Innocencio Preto Moreira com a sua mulher D. Joanna Franco, installou-se no Carmo, e prestou ao mesmo Arthur de Sá iguaes serviços. Não só este como Antonio Moreira receberam do Rei D. Pedro 2.º Cartas autographas de agradecimento. Arthur de Sá recommendou a D. Pedro 2.º que escrevesse a estes e a mais 23 paulistas neste

sentido; e o Rei não se forrou á esta distincção, que era n'aquelle tempo a maior para se desejar. (As Cartas foram datadas de 20 de Outubro de 1698).

22

O Dr. Claudio reuniu nestes versos do poema *Villa Rica* os nomes principaes:

Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,
Alvarengas, Godoys, Cabraes, Cardosos,
Lemes, Toledos, Paes, Guerra, Furtados
E outros que primeiro assignalados
Se fizeram no arrojo da conquista.

INDICE

Errata

Pag.	Linha	Erro	Leia-se
20	9	R. Grande do Ceará — e do Ceará.	
23	29	Vuturema	Voturuna.
23	(nota)	Armantikira	Amantikira.
32	17	Começavam	Começaram.
41	11	Albaependi	Mbaependi.
42	(nota)	Guainicuhy	Guaxim.
57	14	galerias	galena.
58	8	flota	frota.
68	...	Serenando	Semeiando.
72	3	á seguirem	á regimen.
75	18	Crovéas	Corvéas.
78	9	Descobrimentos de ouro	de minas de ouro.
84	4	Abaixo	Acima.
100	12	Piquiriboi	Piquirobi.
102	1	Lacrimœ verum	Lacrimœ rerum.
112	9	Sipotána	Sipotáua.
127	23	poucos	francos.
186	15	vasas	varas.
199	26	1696	1699.

Ha outros erros que a benevolencia do leitor emendará.